A CHEGADA DOS GUARDIÕES

UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÓMENO
DOS 'DISCOS VOADORES'
APRESENTADA PELO OUTRO LADO DA VIDA

MEADE LAYNE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

Meade Layne

A CHEGADA DOS GUARDIÕES

UMA INTERPRETAÇÃO DO FENÓMENO DOS "DISCOS VOADORES" CONFORME APRESENTADA DO OUTRO LADO DA VIDA

— TERCEIRA EDIÇÃO —

Compilado por MEADE LAYNE, M.A. DIRETOR NACIONAL

THE BORDERLAND SCIENCES RESEARCH ASSOCIATES TERCEIRA EDIÇÃO 1957 SAN DIEGO 16, CALIFÓRNIA.

TODO O MATERIAL AQUI CITADO COMO PROVENIENTE DOS CONTROLADORES DE MARK PROBERT, E IMPRESSO COM AUTORIZAÇÃO DE MARK

PROBERT. NOTAS BIOGRÁFICAS RELATIVAS AOS CONTROLADORES DE MARK PROBERT

OS CONTROLADORES:

CHARLES LINGFORD: Um dos primeiros Controladores. 'Partiu' na viragem do presente século, quando era ainda um jovem. Em tempos, foi bailarino e artista de variedades. Solteiro. Possui uma inteligência astuta e ativa e um apurado sentido de humor. Ocupa-se com a música e a pintura, e também com assuntos científicos e filosóficos — como as suas observações citadas indicam.

EDISON, THOMAS: Demasiado bem conhecido para necessitar de comentários aqui. Tem-se comunicado através de muitos médiuns diferentes e mantém o seu interesse e trabalho científico.

LAO-TSÉ ou Lao-Tzu: 604 a.C. (encicl.), mas "viveu entre 550-500 a.C. numa cidade chamada K'uhsien. Pertencia a uma família rica e instruída, e não tinha necessidade de trabalhar para a Biblioteca Imperial, contudo passava lá muito tempo debruçado sobre os livros.

Mais tarde, tornou-se um sábio errante. Na verdade, não escreveu absolutamente nada, mas os seus ensinamentos foram compilados pelos seus discípulos. Tinha esposa e sete filhos e, de acordo com o costume, várias concubinas. Por volta dos cinquenta anos de idade, abandonou a sua família e os seus seguidores e foi acolhido na escola mística da Fraternidade

Branca. Morreu a sorrir feliz, com a idade de oitenta e dois anos."* (uma inteligência extraordinária e um filósofo verdadeiramente grande; uma figura central no Taoísmo.)

Meade Layne

LO SUN YAT: "No ano de 1650 d.C., nasceu um menino numa família muito pobre de nome Chui Fu Yang. Ele tinha uma constituição tão delicada que se pensou que deveria ter sido uma menina, até se descobrir que o seu corpo continha ambos os sexos. Isto foi considerado um mau presságio e o seu pai pretendia afogá-lo, mas a sua mãe escondeu-o. Um dia, enquanto deambulava pelo campo com ele, ela cruzou-se com um sacerdote bondoso que se ofereceu para cuidar bem dele. Aos dez anos de idade foi levado para o Tibete, onde permaneceu até aos vinte, tornando-se um lama da Túnica Amarela. Incapaz de tolerar a corrupção dos lamastérios, fugiu para a Índia, onde foi acolhido na Escola de Mistérios da Luz, e onde morreu sessenta anos mais tarde, como um venerado e muito amado Mestre da Ordem."

PROFESSOR (DR.) ALFRED LUNTZ: "Esta personalidade nasceu em 1812 e morreu em 1893. Era de ascendência inglesa e alemã e nasceu no norte de Londres. Depois de concluir a sua educação secundária em Eton, matriculou-se na Universidade de Heidelberg, onde estudou filosofia e religião comparada, e em Oxford, onde recebeu o seu grau de Ph.D. Foi ordenado sacerdote por volta dos 30 anos na comunhão anglicana. Não ficou surpreendido ao descobrir que tinha sobrevivido à morte, mas ficou chocado com a constatação de que não havia céu nem inferno como ele tão eloquentemente tinha ensinado e acreditado. Tornou-se membro do Círculo Interno dos controladores do Mark Probert no ano de 1916."

NOTA: As frases entre aspas foram recentemente ditadas a o Mark Probert para fins deste livro. Todos os dados, no entanto, vieram dos Controladores numa altura ou noutra.

Meade Layne

RAMOND NATALLI: “Esta personalidade nasceu em 1598 e morreu in 1652. Era astrónomo e pertenceu à Real Casa de Astronomia em Roma, Itália” (Astrónomo Real? n.). “Era estudante de direito, um amigo próximo do famoso Galileu, e combateu secretamente a mão sangrenta da Inquisição. Ele próprio era agnóstico. Ficou agradavelmente surpreendido ao descobrir que tinha sobrevivido à morte física, e continuou a prosseguir os seus estudos astronómicos no astral. Depois de estar no astral por cerca de dois anos, descobriu duas coisas de grande interesse:

(1) que as manchas solares eram tempestades atómicas e que

(2) os átomos consistem em fotões de variados níveis de frequência que se movem numa série de arcos quânticos.”

ARAKASHI: Muito pouco parece saber-se sobre esta personalidade. Tudo o que o Círculo Interno pode ou quer dizer é que ele foi um Guru (homem santo), que viveu e morreu no distrito do Punjab, na Índia, c. 1320-98 d.C. — os ensinamentos eram budistas.

RAMA KALOHA: Muito pouca informação foi dada sobre esta personalidade, para além do facto de que foi um Guru e um hindu de grande idade, que aparecia de tempos a tempos no Parlamento Indiano quando estavam em jogo questões críticas. A sua primeira aparição notória foi na segunda metade do séc. XVII, e a última quando o Mahatma Gandhi foi assassinado e o Nehru subiu ao poder.

O YADA DI SHI'ITE: O título de Yada significa Sumo Sacerdote, e também "vida espiritual"; Shi'ite significa clã, também "Ordem mística". "Esta personalidade nasceu na cidade de Kaoti (Cidade dos Templos) numa civilização chamada YU (ou Yuga, Vasto Corpo), constituída por cerca de 180 milhões de pessoas, e que existia nas montanhas dos Himalaias há meio milhão de anos. O Yada foi retirado à sua mãe quando era bebé e criado no templo para se tornar um Kata (Sacerdote) e, mais tarde, um Yada. Foi morto num terramoto violento que destruiu a civilização YU e 80 milhões do seu povo. O Yada tinha então cerca de 31 anos e a civilização YU tinha 1025 anos."

O MAHARAJAH KATCHA TRAMALAKI: "A história relativa a esta personalidade é que nasceu de mãe inglesa e pai indiano, no ano de 1818, em Dacca, na Índia. Os seus pais eram ricos e possuíam uma grande propriedade, e o filho foi enviado para estudar medicina na Universidade de Oxford. Mas ele era poeta e filósofo, e depois de tirar o seu diploma final em medicina (para agradar ao seu pai) desapareceu subitamente. Diz-se que passou cerca de dez anos em viagens por regiões remotas do mundo, e morreu na sua casa em Bombaim por volta de 1915."

'Todas as perguntas colocam mais perguntas! (diz o Rajah) — 'e todas as respostas são opiniões pessoais — e a única regra e resposta sensata para os problemas da vida é nada questionar, mas encarar todas as situações com desapego…!'

Tem sido repetidamente salientado pelos Controladores que a identificação completa e perfeita de qualquer comunicador é impossível, pela própria natureza do caso. Envolve o conceito do que constitui a identidade, e mesmo no nosso próprio plano o melhor que se pode fazer é estabelecer uma 'convicção razoável'. Os Controladores afirmam que está ao alcance do Eu Superior de cada indivíduo reproduzir "cada traço, memória e característica" de qualquer pessoa falecida e, embora as probabilidades possam

ser avassaladoras, elas devem ainda assim, pelo menos em teoria, ficar aquém duma ‘prova’ final e inquestionável.

Meade Layne

AS COMUNICAÇÕES DO CÍRCULO INTERNO

MEDIUNIDADE DE TRANSE PROFUNDO

DE MARK PROBERT

Charles Lingford, Controlador (1947)

Quando é que vocês, pessoas, aprenderão que existem mundos dentro de mundos — que os mundos etéricos se interpenetram com o vosso plano e uns com os outros? Eu sei que não me deveria estar a expor ao falar tanto sobre estes discos, como vocês lhes chamam, pelo menos até ter investigado mais a fundo. Mas eles não são artefactos construídos no vosso planeta*, nem é necessário assumir que venham de qualquer outro planeta. Parece impossível meter-vos na cabeça que os objetos podem passar de um nível etérico para outro nível de matéria e que irão então parecer materializar-se ali. Depois desaparecem por desmaterialização, regressando a uma condição etérica.

Isto é um análogo perfeito das materializações testemunhadas na sala de sessões, das quais muitos dos vossos homens cultos dão testemunho. Não só as formas humanas se materializam, mas objetos sólidos aparecem 'milagrosamente', e frequentemente estes são trazidos de longas distâncias. Vocês chamam-lhes aportes, mas um aporte é desmaterializado de modo a que apenas reste o padrão etérico, e então os átomos originais são reunidos no padrão ou molde e passa-se a ter um objeto materializado. Bem,

estes 'discos' que tanto vos intrigam vêm também de um mundo etérico, e podem regressar a ele. O propósito destes visitantes é simplesmente forçar a vossa atenção, para vos acordar!"

(* Atualmente muito acreditado — janeiro de 1957. À data em que escrevo, o 'propósito' parece ser uma 'ação reguladora' de algum tipo, relativa aos nossos assuntos planetários, e provavelmente ligada também a condições sísmicas.)

Mead. L.

Haverá muitos aparecimentos estranhos no céu, como já vos dissemos frequentemente antes nestas reuniões. Fiquem atentos a eles. Estes 'discos' alcançam a sua grande velocidade em parte devido ao seu formato peculiar de carcaça e ao seu movimento peculiar... A ignorância voluntária e a hostilidade do vosso tempo em relação aos estudos etéricos e astrais são assustadoras. Estes visitantes não são humanos desencarnados, mas vivem no seu próprio mundo, feito de uma substância que os vossos sentidos não conseguem perceber diretamente, e que por isso vocês, infantilmente, imaginam que não pode sequer existir.

Charles Lingford, Controlador. Nov., 1953
Independentemente do que venha a ser posteriormente descoberto em relação a este género particular de fenómenos celestes, um facto marcante será que o espaço não é a coisa vácua que há muito se considera.

Também um outro tipo de fenómeno, perfeitamente impensável aos olhos da maioria dos vossos cientistas físicos, chamado teleportação, terá de ser estudado de forma mais ampla e séria. Os factos são que, por mais distante que um corpo possa estar de outro nos espaços estelares, a "Natureza" tem um método de mover toda a espécie de coisas de um desses corpos para outro — chamado teleportação — tudo o qual refuta a afirmação de que 'o que sobe tem de descer.'

Parece-me bastante estranho que tão poucas pessoas se tenham lembrado de ligar os 'discos' aos intermináveis outros fenómenos celestes, tais como os que se encontram em grande número nos livros do 'irónico' Charles Fort. Quando se menciona que estas coisas caem, voam, caminham ou rastejam para fora de outros espaços-tempos a que se referem como os éteres, todos gritam — "mas eles são sólidos!" Bem, aleluia, abençoado sejas, meu filho! Claro que são! E assim é também a vossa terra e os milhares de milhões de outros corpos que vão constituir os muitos universos-ilhas. Mas, mais uma vez, tudo depende do que se entende pela palavra 'sólido'.

O termo refere-se simplesmente a um de muitos estados daquilo a que se chama latamente matéria num determinado momento. Nem a vossa terra nem qualquer outro corpo no espaço surgiram de um 'vazio' ou estado de nada. E dizer que qualquer parte disso foi gerada a partir de um campo de 'poeira astral primordial' (ciência), ou que o Senhor o fez em seis dias e terminou no sétimo (religião) é suficiente para deixar alguém com uma crise de riso histérico. Essa 'poeira primordial', não obstante se lhe possa chamar energia pura, ainda tem de vir de alguma coisa, e essa coisa precisa de ser de natureza tornada partícula, e assim é.

O facto de o estudo daquilo a que se chama luz e quanta ter parecido afastar a teoria particulada e acrescentar algo chamado onda não altera o facto de que TUDO é de natureza tornada partícula, ou a lei da mudança seria inválida. Penso, contudo, que o maior problema no campo da física é o significado atual atribuído à palavra átomo. Um átomo não é algo em si mesmo que possa ser partido em pedaços.

Disparar uma corrente de balas de neutrões contra um átomo de urânio não o esmaga nem lhe arranca um pedaço, pois na verdade, embora eu afirme de uma maneira muito definitiva que

tudo é tornado partícula, não devemos pensar nessa palavra como implicando um pedaço final de algo, mas sim como um campo de movimento e grau de frequência expandido ou contraído num determinado raio — como, por exemplo, podemos dizer quando uma bomba atómica explode:

"Uma estrela anã no sistema solar do universo do urânio tornou-se uma nova gigante" — o que significa simplesmente que um campo de energia se tornou mais expandido no seu modo de movimento, e necessita de um volume maior de espaço para operar. No entanto, qualquer que seja a extensão mensurável em que um corpo possa estar a operar, ele está a descarregar de si mesmo outras faixas de energia num raio cada vez mais amplo ad infinitum, e até ao presente as vossas mentes científicas não conceberam um instrumento suficientemente sensível para detetar estes campos de ação.

É a partir destes que não só os Discos fazem a sua aparição nas vossas vibrações mais baixas, mas também coisas como quedas de gelo, chuvas de sangue, e materializações de objetos e materializações de seres outrora vivos.

Lingford, cont., Julho, 1947 (Perguntas e Respostas)

Lingford: Sim, ouvi a opinião do FGH. No decurso do tempo descobrirão que estas coisas (os Discos) contarão a sua própria história. Vocês sabem, pelas vossas leituras e estudos, que tem havido muitos desses fenómenos. Neste momento estão a tê-los em grande número e numa vasta região, porque o mundo está, num certo sentido, preparado para eles. Tudo o que precisamos agora é de ser empurrados um bocadinho e acordaremos.

(Pergunta: Não tem razões nesta altura, então, para alterar a sua interpretação deles?)

Não, não tenho. Julgam por um momento que qualquer coisa material real, tal como a conhecem, poderia rasgar e romper o céu sem se queimar? Não quero dizer que não seja material, mas o material é tal que pode resistir ao calor e à velocidade.

(Pergunta: Este material de construção existe no nosso plano? Uma liga, talvez?)

Sim, uma espécie de liga. Haverá mais deles, e talvez de vários tipos.

(P. Está familiarizado com a doutrina dos Lokas?) Não. A única coisa que posso dizer sobre estas coisas (os Discos) é que a condição ou estado de onde vêm é etérico. É uma materialização e desmaterialização.

(P. Existe alguma relação entre os discos e as coisas que têm sido encontradas (caídas)?)

Existem várias formas de gerir as coisas por controlo remoto para além daquelas que conhecem. Existem energias ainda desconhecidas para a ciência. Lembram-se das fotografias que o Dr. Cosman tinha? Recordam-se de ver aquelas coisas no céu? São o mesmo género de seres que criaram estes fenómenos (dos discos). Notaram nas fotografias quão gigantes em tamanho eles são? Estes são habitantes etéricos que não conheceram a vida física. Refiro-me aos vossos 'discos voadores'. Eles vêm desse plano de existência.

(P. Alguns dos discos transportam tripulação?)

Os grandes, sim; os pequenos, não.

(P). Sim, estes são controlados a partir da nave que transporta a tripulação. Alguns desprendem-se e depois ficam inertes como papel e desaparecem.

(P). Não, eles não regressam a outra taxa de vibração nesse caso. A energia volta para de onde veio; eles desintegram-se, perdem a identidade. Isto explica o que acontece àqueles que aparentam aterrar. A força e a estrutura desintegram-se.

(P). Se existirem seres num disco que se desintegra, eles simplesmente regressam ao mundo etérico de onde emergiram.

(P). Não, não obterão qualquer informação dos vossos "superiores". Não, eles não estão a ser retirados, estão a ser explicados de forma a desvalorizá-los!! No entanto, eles continuarão até que as explicações se esgotem e as pessoas fiquem curiosas novamente.

(P. Nenhum relato há vários dias...?)

Eles mudaram o seu campo de operação. Têm o mundo para cobrir. Há uma razão para tudo e acredito que uma das razões para os discos é mostrar às pessoas do mundo que existem formas de viajar mais rápido e eliminar a fricção. Eles podem permitir que uma ou duas destas coisas aterrem para que possam ser examinadas e testadas. Dessa forma descobrirão como construir naves que viajarão pelo espaço e talvez consigam encontrar um novo planeta para começar novas guerras.

Sim, acredito que o homem abandonará este planeta, mas não nos próximos anos. A Natureza é vasta e o homem integra-se como parte dela. Ele pode tentar destruir-se a si mesmo, mas não será bem-sucedido e isso fá-lo-á infeliz. Mas chegará um tempo, e a Ciência sabe-o, em que se a raça humana espera sobreviver terá de ter um novo planeta para sobreviver nele.

(P. Reconhece a existência de planetas etéricos?)

Ah sim, existem planetas etéricos, e depois planetas gasosos que se estão apenas a formar em matéria sólida. Estão sempre a ser feitos novos. Sim, poder-se-á dizer que têm origem nos

Lokas... Sabem, estou a ficar cansado. O problema no meu mundo é o mesmo que no vosso — imensa conversa e nada de realmente satisfatório. Encontrarão essa condição em todos os mundos e em todos os estados de consciência.

(P. Nenhum céu, então, Lingford?)

Se existisse, vocês não seriam felizes lá. Sem o tédio, haveria um estado de inércia. O homem tem de ser infeliz para poder existir. No momento em que se torna perfeitamente feliz, passa a ser inexistente...

Há algum tempo, um dos vossos Controladores insinuou que o homem era uma criatura espantosa em muitos aspetos. Eu nunca conseguiria começar a dizer-vos o quão espantoso ele realmente é. Horror sobre horror habita nele — e também uma beleza além da conceção — a sua multilateralidade é assustadora... Quero acrescentar sobre os discos que não demos nenhuma informação errada. As previsões daquela mulher, acerca de os discos serem de origem russa, estão incorretas. Não há nova informação de momento, mas a origem russa é ridícula.

Eu sei, de facto, que eles vêm do mundo etérico.

(O leitor notará novamente a data desta última secção precedente. O Controlador Lingford não tinha evidentemente compreendido a magnitude da incursão dos Discos ou o seu significado mais profundo — pelo menos tal como estes são agora parcialmente compreendidos. Mas nada na sua afirmação anterior foi desacreditado por eventos posteriores, e a sua afirmação posterior de 1953 confirma-o.

(Repito aqui um ponto focado noutro local — que a possibilidade de obter informação fiável por meios paranormais, tais como a mediunidade de transe profundo, é quase tão importante quanto a própria incursão dos Guardiões. A totalidade

deste opúsculo é um argumento irrespondível a favor desta tremenda certeza. Não é uma coisa nova no mundo, decerto, e contudo improvável e fantástica para a nossa pseudociência e sapiente cultura ocidental).

Meade. L.

THOMAS EDISON, Controlador 1947

Bem, como me estou a sair agora? (referindo-se à dificuldade no controlo). Não, eu nunca tinha falado através de um médium desta maneira antes, mas falei uma vez através de uma trombeta em Lily Dale (um centro espiritualista no estado de Nova Iorque). Eu fui o Thomas Edison durante a minha vida no vosso plano. Fiz muitas experiências secretas no esforço de recapturar e reproduzir sons produzidos no tempo passado, e preservados no éter. Continuo a acreditar que isto é possível e que será feito. Na altura, eu tinha apenas uma hipótese para trabalhar, mas muitas vezes tem de se usar uma hipótese para se ter um ponto de partida.

(P. -- quanto a como aconteceu ele vir ter com o médium) -- Bem, vocês têm um grupo muito invulgar por cá, que está interessado no tipo particular de sessão que vocês realizam. Continuem com este trabalho e provavelmente obterão algumas notícias muito estranhas. Se o tornarem público serão ridicularizados, mas eu também fui ridicularizado.

Sobre estes discos que estão a suscitar tantos comentários — tenho um pouco de medo que venham a causar problemas.

(P.) Quero dizer que podem iniciar um pânico. As minhas ideias sobre eles são muito semelhantes às apresentadas por o Lingford. São de natureza etérica, e materializam-se espontaneamente ao entrarem na taxa de vibração do vosso mundo de matéria densa. Penso que isto vai suscitar uma quantidade infernal de problemas. O grande problema, claro, está

nos vossos cientistas — eles não conseguem entrar na forma correta de pensar sobre tais problemas.

(P.) Acontece que estão a aparecer justamente agora porque o vosso mundo se encontra agora nessa fase de pensamento. Compreendem onde quero chegar? Haverá muitos outros tipos de naves celestes estranhas também. Aquela Corrida (Kareeta) sobre a qual escreveu no ano passado era do mesmo tipo, de construção etérica. Era uma nave experimental.

(P.) Estas pessoas são muito parecidas convosco, mas são muito maiores.

(P.) Sim, penso que seria correto dizer que vêm dos Lokas. Não, não são astrais, e não são de nenhum dos planetas que conhecem. Vêm de um planeta etérico que os vossos sentidos não percebem. Alguns dos discos transportam tripulação, mas outros são geridos por controlo remoto.....

LAO-TSÉ, Controlador 1948

"Eles têm vindo frequentemente apenas em busca de conhecimento, tal como vocês fazem expedições a locais distantes, às regiões polares ou à Ásia Central —

"Eles não estão aqui com a intenção de interferir nos vossos assuntos — no entanto, se houver outra guerra mundial, empregando energias nucleares, eles podem ser forçados a intervir. A libertação de forças atómicas perturbou a esfera de existência deles de forma bastante séria.

"Fique compreendido que, se alguma vez tal intervenção se tornar necessária, ela será inteiramente impessoal. Não haverá

tomada de partidos. É contrário à Lei que um plano interfira nos processos através dos quais outro edifica o seu destino.

"Eles são amplamente os vossos superiores em ciência — embora cada plano tenha as suas formas especiais de desenvolvimento e progresso, de modo que falamos de diferenças, mas não frequentemente de superioridade ou inferioridade.

"Os Etéreos são gente de porte grande, de até quinze pés de altura (4,5m)*. Eu diria que pertencem à ordem humana de evolução — isto é, não lhes chamariam Devas ou Espíritos da Natureza. Contudo, as grandes formas que têm visto e fotografado, nas nuvens e também na superfície da terra, assemelham-se-lhes um pouco.

**(NT: Estou convencido que esta informação e análoga à divulgada por Lazaris com relação ao que chama de Reino dos Arquétipos. De resto toda aquela relacionada com o átomo e a teoria quântica, partículas e ondas, é similar e antecedeu-a.)*

"Perguntam por que razão estão eles agora subitamente presentes em grandes números. Eu dir-vos-ei. Sempre que uma civilização, uma cultura atingiu o seu auge e está destinada a colapsar, os Etéreos têm aparecido em número. Vêm fazer um exame e um registo final, para seu próprio conhecimento, do estado dessa civilização — um pouco como vocês poderiam fazer com tribos e raças em vias de desaparecimento. E é verdade também que eles foram alertados e perturbados pela vossa libertação de energias atómicas. Mas todas as civilizações e raças passadas tiveram o seu momento, e falharam de alguma forma, e passaram para fora da existência terrena. O mesmo acontece com a vossa civilização. O povo etéreo veio, e observou, e fez os seus registos históricos. Da mesma forma vêm agora."

LO SUN YAT, Controlador Agosto, 1948

(P.) Estava a falar das regiões etéricas — quer falar mais sobre isso? Sabe provavelmente que estamos a ter aparecimentos celestes estranhos que, segundo nos foi dito, originam em níveis etéricos. Dizem-nos que existem raças inteiras, civilizações, etc., nestes níveis, mas parece haver muito pouca informação definida sobre estas regiões.)

Para mim, as regiões etéricas são a região da vida; as regiões astrais daquilo a que chamam morte são a sala de espera. Se o homem desejar, pode deixar o astral após um período de tempo e entrar na vida etérica, e não precisa de voltar aqui ao vosso mundo físico se não quiser, mas pode seguir para os reinos mais elevados deste mundo etérico. Isto a que designo por 'etérico' é o lar de onde provêm todas as manifestações físicas; por isso não é de admirar que, de vez em quando, quando necessário, existam projeções de várias formas no vosso estado físico de consciência.

(P. Diria que os elementais, os devas, etc., vivem na região etérica?)

Sim, mas de um tipo diferente. Também não é correto chamar-lhe 'baixo' — é meramente um plano diferente de existência, que a Natureza concebeu para eles.

(P. Estas regiões interpenetram-se com a nossa? Resposta: Sim.)

(P. Qual é a natureza dos Etéreos? Resposta: Exatamente como o vosso mundo físico — não uma réplica, mas em linhas semelhantes.)

(P. Mas eles não têm estado no nosso plano?)

Não aqueles no etérico mais elevado. Não sei se nalgum momento alguns deles possam desejar entrar no vosso plano de existência física; mas não penso que venham através da vossa forma de nascimento, mas sim através de projeção.

(P. Dir-nos-á mais sobre o astral e o etérico; e também por que razão haveria alguém de querer voltar à terra? Além disso, não compreendemos o uso da palavra 'morte' para o astral.)

É, na minha opinião, um termo mau; é desmoralizador para a pessoa comum — mas não é nada daquilo que a palavra implica. 'Morte' — não; é meramente uma forma diferente de viver. Mas esta porta entre o astral e o etérico e o físico é sempre deixada aberta, porque o homem assim o deseja. Ele deve ter canais entre os seus mundos se há de aprender e progredir no conhecimento.

É apenas porque o corpo físico ou químico parece passar por estados tão penosos que se diz frequentemente: 'Não tenho desejo de voltar ao físico.' Ora, eu sinto que se as condições fossem tais que as substâncias químicas do corpo não estivessem sujeitas a estas condições penosas, a pessoa desfrutaria do viver físico tanto quanto nos outros planos. É apenas o desejo de escapar à dor, à carência e à pobreza.

(P. Sem dúvida; mas as nossas condições provavelmente nunca serão tão boas quanto isso.)

Não — não para as pessoas em geral; mas depois de terem aprendido a ter controlo completo e a governar o corpo, então tornam-se uma pessoa alegre em qualquer plano de existência, porque todos os planos têm de facto as suas desvantagens e dificuldades. Portanto, traz grandes dividendos tornar-se familiarizado com o corpo físico.

(P. Diria que os planos etéricos de que temos estado a falar correspondem aos 'lokas' da filosofia oriental? Resposta: Sim.)

(P. Existem sete ou oito lokas como eles dizem? Sim, existem. Como vê, o homem entra nestes vários estados de consciência de acordo com os seus desejos.)

(P. Mas nós tínhamos entendido que o homem não entra de todo no etérico, mas sim no astral? Resposta: Ele entra, no entanto, no seu regresso.)

(P. Ele tem um corpo etérico, então? Sim. É nesse estado de consciência que ele começa a construir as tensões de pensamento para a sua manifestação física.)

(P. Também nos é ensinado que, ao deixar este plano, a entidade entra num corpo etérico por um curto período de tempo e depois este é descartado. Está correto?)

Este corpo etérico é descartado, mas não como pensam. Desintegra-se instantaneamente. Não fica nenhuma casca, nenhum período de tempo em que flutue sem rumo.

(P. Mas existe este tempo em que ele está num corpo etérico? Sim, mas é neste estado que ele frequentemente adormece.)

(P. As materializações da sala de sessões dependem aparentemente do ectoplasma — existe algo como o ectoplasma que possa ser extraído de toda a matéria orgânica? Resposta: Sim.)

(P. E da matéria inorgânica também? Resposta: Sim, toda a matéria contém isto.)

(P. Toda a matéria tem o que chamaria de uma força etérica dinâmica? Resposta: Sim.)

(P. É isto o que chamaria de um duplo etérico? Resposta: Vou pedir que me desculpem agora. Responderei à vossa pergunta noutra altura.)

(Incluído aqui porque as referências ao mundo e aos corpos Etéricos são obviamente relevantes. - M.L.)

Professor Alfred Luntz - 1948

"Voltemos com as nossas mentes naquilo que percebem como tempo, até aos primórdios do mundo. Se estivessem a olhar com o olho físico, não veriam nada senão o que vos pareceria um vasto e infindável vazio; mas utilizemos um olho que é de uma taxa de vibração mais elevada e olhemos de novo. Agora o que veriam? Uma visão tão assombrosa, tão majestosa que, se a vissem enquanto estivessem no corpo físico e impreparados, ficariam de facto completamente loucos. Pois agora estão a olhar para o mundo Etérico. Só o tamanho de tudo o que nele existe estontearia a vossa imaginação.

As cores vibrantes, pulsantes, iridescentes, fervilhando de vida vegetal, os animais e as aves; o tamanho e a beleza dos edifícios, bibliotecas, salas de conferências, escolas de aprendizagem, vastas catedrais, órgãos gigantes, orquestras constituídas por cada instrumento conhecido no vosso plano terreno e muitos, muitos mais de que vocês, até agora, nada sabem — dezenas de milhares a tocar ao mesmo tempo e a música vinda deles far-vos-ia querer chorar a vossa vida fora com o seu poder e doçura de tom e harmonia perfeita; homens e mulheres de grande altura e estatura, perfeitos de corpo e mente, deslocando-se em vestes fluidas de cores brilhantes - - - alguns com poderosas cabeleiras de cabelo loiro, cabelo ruivo e cabelo preto fluindo pelas suas costas em ondas vivas e cintilantes, e ricas barbas compridas que parecem seda finamente fiada; mulheres estatais com pele como cetim vivo e radiantes de saúde.

"O ar que respirariam seria mais puro do que o sopro de um bebé, pois o ar neste mundo não é tornado partícula, conforme os vossos Cientistas sentem que conhecem essa palavra. As coisas não se movem ao redor da maneira a que se pode chamar movimento direcional, mas apenas por movimento de vibração. Talvez eu possa tornar essa condição um pouco mais clara dizendo: 'Sendo que em essência todas as forças são realmente

uma força, quando uma coisa ou pessoa deseja mover-se, o desejo funde automaticamente a força de energia dessa coisa ou pessoa na coisa para a qual ela deseja mover-se; por outras palavras, é o movimento do neutrão e do protão — uma troca completa de energias, tornando-se uma coisa na outra coisa.

"É apenas ao descer para o etérico inferior que se começa a deparar com as primeiras etapas de substâncias tornadas partículas ou movimento direcional. No físico, para que uma substância se torne outra coisa, há uma mudança ou um rearranjo do padrão atómico. Este é o início daquilo a que chamo movimento direcional. É num período ligeiramente anterior ao movimento direcional que o homem físico, na sua maior parte, perdeu a sua capacidade de controlar a substância com energia mental e deve, por necessidade, recorrer às suas mãos — sendo as mãos extensões da mente.

"Notem que eu digo 'na sua maior parte' e não completamente; pois é um facto conhecido que existem na Índia, mesmo no vosso tempo, homens que se masterizaram de tal forma que conseguem fazer com que flores e outras plantas cresçam e floresçam mesmo diante dos vossos olhos. Notem o método empregado por estes homens para realizar isto: um estado de transe completo. E porquê um estado de transe? Simplesmente para que eles se possam tornar a planta. Com isto quero dizer que a substância da sua mente pode entrar na substância da mente da semente da planta.

"Talvez vos fosse mais claro se eu explicasse desta forma: Quando você, meu amigo, entra em transe para que possamos usar o seu corpo físico, você está na realidade a tornar-se aquele que aparenta falar através de si."

-- ("Magic Bag" — Parte I, páginas 1-5).

Prof. Luntz, 1948 - Controlador

Sim, há uma noite ou duas escrevi através do rapaz um pouco sobre a vida etérica, mas é um assunto demasiado longo para aprofundar de momento. Posso tocar nele, e isso é tudo.

(P. Foquei o ponto aqui há pouco de que esperamos muitas investigações quanto às pessoas dos reinos etéricos. Ficaremos gratos se nos puder dizer algo sobre elas — a sua cultura, se houver, etc.)

Sem dúvida que já viram imagens e leram muitas histórias das 'pequenas pessoas', as fadas, os espíritos da natureza. Eles são do Etérico Inferior. No Etérico Superior encontrarão pessoas muito parecidas convosco, mas de proporções mais grandiosas. Os seus corpos são muito parecidos com os vossos no plano físico.

(P. É-lhes dado um nome? Resposta: Não tanto quanto eu saiba agora. Terei de fazer um pouco de pesquisa sobre isso.)

(P. Parece estranho que em todas as bibliotecas de pensamento oculto haja tão pouco sobre eles. Alguma vez foram investigados do nosso lado?)

Sim, por alguns que sabem algo do lado mais profundo da vida oculta. As referências na escrita são muito poucas, mas penso que encontrarão algumas delas na Índia.

P. Esta é uma questão importante, parece-nos.

Sim, é. Na minha pesquisa sobre o assunto, considero-o um mundo absolutamente glorioso, e que toda a vida — os vossos vastos sistemas de estrelas e sóis e tudo o mais — brota dele. Há uma grande quantidade de coisas sobre as quais eu poderia escrever, mas por vezes tenho quase medo de expor este assunto, porque para a mente das pessoas da terra isto é tão fantástico. É, tenho a certeza, quase incompreensível.

(P.) Agora que estamos a lidar com 'discos voadores' e outros fenómenos etéricos semelhantes, precisaremos de muito conhecimento para responder a perguntas.

Quero dizer uma coisa: esta coisa que os vossos cientistas têm procurado e a que chamaram éter não existe nem no vosso plano nem no meu, mas sim neste plano etérico.

(P. Mas o éter permeia o nosso mundo denso? Todos os éteres são tornados partículas, e não homogéneos?)

Essa é uma das vossas dificuldades — porque neste plano particular de consciência — quero dizer, o mundo etérico — ele não é tornado partícula conforme concebem o termo.

(P. Quer dizer que é aquilo a que chamamos homogéneo? Resposta: Sim.)

(P. Perguntei se existe um continuum e recebi um 'não' redondo. Resposta: Porque eles não sabem.)

(P. O movimento será possível num meio homogéneo? Resposta: É. O que estou a tentar dizer é que ele é tornado partícula conforme vocês o veem.)

(P. Fala deste mundo etérico — será apenas mais um plano de consciência acima do vosso? Resposta: Não é aquilo a que chamariam acima; é meramente um nível diferente de consciência...)

(P. Há movimento e há entidades vivas num continuum de substância energética?)

Sim. Quando escrevi através do rapaz (o Mark Probert) sobre a vasta orquestra sinfónica de dez mil instrumentos — isso não vos estonteia a mente? Onde quero chegar é que tem de haver movimento para se tocarem tais instrumentos.

(P. Perguntei isso porque nós não vemos como um continuum se pode mover; pensamos apenas em partes a moverem-se.)

Exatamente assim. Em todos os estados de consciência há movimento. Sem movimento não há nada. Falando também da luz — a luz é uma constante. No nosso campo, o astral ou o etérico, ela não viaja a velocidade nenhuma, mas é uma constante, uma constante agora — uma vibração interior.

(P. A nossa matemática não pode levar em conta um continuum que se move.)

É uma vibração interior, não um movimento exterior. Estes dois, a ciência de laboratório e a metafísica, são na verdade um só, mas parecem funcionar um contra o outro. O movimento de laboratório assemelha-se mais àquilo a que chamariam — deixem-me ver — movimento por pontos, em vez de por linhas; compreendem?

(P. Sim, mas o assunto é talvez demasiado vasto ---)

(P. Pode falar-nos um pouco mais sobre os pontos e as linhas? Resposta: No movimento por linhas, temos a luz a ser, ou a parecer ser, projetada de um ponto para outro. Na vibração por pontos, temos corpos individuais a brilharem dentro de si mesmos periodicamente; ou talvez isso entrasse na teoria quântica.)

(P. A teoria quântica é utilizada na televisão, devido ao uso dos pontos vivos e brilhantes — é isso que está a tentar transmitir? Resposta: É uma coisa muito difícil de explicar.)

(P. Mas será mais fácil à medida que a televisão se tornar compreensível. Resposta: Sim, será.)

Prof. Luntz, Controlador (cont.) Vou mudar de assunto por um momento e, visto que o Rama Ka Lo não pode vir esta noite, direi algumas palavras sobre os 'discos voadores'. Espero que vos seja interessante, porque é importante. Foi-vos dito pelas vossas

autoridades que vocês têm 'vistas cansadas', e penso que este deve ser um bom momento para o negócio dos oculistas. 'Razão, pura razão!' exigem os vossos cientistas.

Se tivessem deixado de fora esse 'pura', teria sido ótimo! Discos, naves espaciais — ou talvez ilusões, histeria de massas, histeria coletiva! Até eles aparecerem, ninguém tinha histeria. Ora, eu não estou a criticar o vosso Governo; mas neste país supõe-se que o povo é o governo. Estarão a ser protegidos por não serem suficientemente fortes para encarar o verdadeiro conhecimento?

Seria bastante fácil dizer que estas coisas vêm todas dos planetas. Claro que isso daria aos vossos astrónomos uma ligeira dor de cabeça, visto que os colocaram a distâncias tão grandes — milhares e milhares daquilo a que chamam 'anos-luz'. Não haverá algo mais perto do que os planetas? A imaginação? (Eu disse isso primeiro porque sabia que vocês logo diriam 'imaginação'!). Se não estão preocupados com estas coisas, não há qualquer problema — porque certamente já têm o suficiente com que se preocupar. Mas estas grandes naves vêm daquilo a que nós, do 'Círculo Interno', chamamos o Etérico.

Parece que os incidentes dos Discos estão a chegar a uma espécie de desfecho, e pode parecer-vos que algumas das nossas afirmações estão prestes a ser desacreditadas. Nós não nos importaríamos com qualquer aparente perda de prestígio para nós próprios, mas lamentá-la-íamos por vós. Por isso, reiteramos mais uma vez que, embora o Dr. Williamson ou o Sr. Adamski possam ter falado com um ser de algum outro planeta, e que o Dr. Williamson esteja em contacto radiofónico com tais seres, a maioria dos fenómenos dos Discos é de natureza etérica, ou não pertence à vossa dimensão temporal.

Estes seres podem revelar-se bastante sólidos e capazes de caminhar sobre a terra, e podem alegar que existem em Vénus ou em qualquer outro planeta, dentro ou fora do vosso sistema solar — mas isto não implica que sejam, nas suas unidades estruturais, humanos da mesma ordem que vós, pessoas da terra, ou que careçam da capacidade de converter os seus aparentes sólidos em substância invisível à vontade. Nem isso refuta que sejam Guardiões não apenas da terra, mas de todo o sistema solar em que o vosso planeta existe.

Ao falar de cultura etérica, sabeis perfeitamente que devemos fazê-lo de uma forma metafísica. Existe um conhecimento considerável dos mundos etéricos entre as Ordens ocultas secretas, mas a mente leiga nada sabe sobre isso e nunca poderá saber.

A cultura etérea pode significar pouco mais do que uma fantasia para vós, mas se perseguirem o assunto compreenderão que o vosso mundo de matéria é realmente uma rarefação do éter, gerada à existência pelas forças da Involução, e não da Evolução, e que proveio do Etérico. O próprio homem é um ser etérico e um ser do espaço. Muito antes de a vossa terra tomar forma, o homem já se deslocava de um planeta e de um sistema solar para outro.

Os símbolos têm muitos significados. Aqueles nas sandálias têm todos os significados encontrados por vós, e no entanto muitos mais.

Estas pessoas são Guardiões e deslocam-se de um planeta para outro. Se alguém disse que 'veio de Vénus', estava a dar uma espécie de direção geral — tal como vós poderíeis dizer: 'Eu vim do Médio Oeste'. As suas formas são diferentes enquanto em trânsito, por conta de atrações gravitacionais e outras condições.

Ora, se conseguem sentar-se aqui e ouvir a minha voz a falar-vos através deste instrumento a quem chamamos 'O Rapaz'

(porque somos todos tantos, tantos anos mais velhos do que ele), e acham que está tudo bem, nada de demasiado fora do comum, então como podem considerar essa grande civilização chamada o Etérico como fantástica, impossível? O que é impossível?

(Resposta dos ouvintes, "Nada!")

É a essa compreensão que queremos chegar: que o que quer que o homem deseje, ele pode fazer.

Estas naves vêm com que propósito? Primordialmente para tomar notas sobre a própria condição física da Terra, bem como sobre o estado de adiantamento da vossa abordagem científica da vida. Sempre que uma civilização atinge um grande estado de adiantamento em todas as linhas, essa civilização atingiu o seu auge — e não sei por que razão a presente civilização haveria de pensar que é diferente de qualquer outra civilização e escapar à decadência — ou, para melhor dizer — à mudança.

Quando estes Etéreos reúnem tanta informação quanta a necessária, eles guardam-na até ao momento em que essa civilização cai. E quando outra começa a erguer-se novamente e depois de ter atingido um certo grau de adiantamento, estas coisas são transmitidas ao povo da Terra novamente através dos canais de organizações místicas.

Há muito para aprender, amigos — muito! Um grande filósofo disse uma vez (e não pretendo ser cliché com isto) — 'É mais tarde do que pensam!' Soa isto a algo ominoso? Não o digo nesse sentido; é apenas que cada um de vós não tem muito tempo para despertar para a vossa própria grandeza.

Para vos dar apenas um curto resumo: estas naves são operadas pelas leis pouco conhecidas da ação molecular chamadas calor e frio. Estão a observar uma neste preciso momento. Por que razão movemos o corpo deste rapaz para a

frente e para trás desta maneira? Porque todos os corpos que se movem criam calor. Cada mínimo movimento cria calor até um certo grau. Nós usamos essa energia e podemos, quando terminarmos, devolvê-la, em grande parte, para que o rapaz não sofra nenhum dano particular. A energia da sua esposa nós usamos também, pois há sempre uma força positiva e uma negativa na vida. Algum de vós tem perguntas a fazer?

(P. A nossa física atual combina o movimento ondulatório com o antigo movimento molecular.)

Nós dizemos que a luz não viaja, mas que certas partículas mudam as suas taxas de movimento em certos momentos, e estas mudanças criam uma taxa vibratória que causa aquilo a que só posso chamar um reflexo. Não sei se me faço entender?

(P. A luz é um estado contínuo nos éteres? Resposta: Sim, é.)

(P. O que é a escuridão, então? Resposta: Um estado diferente de movimento molecular. Sim, coexistindo com a luz.)

(P. E a ideia de dia e noite é meramente psicológica?)

É. Suponhamos que há uma molécula aqui — num momento a sua vibração é baixa; não cria luz. Depois, através da libertação de uma espécie de radiação, produz o que se chama calor. Existem dois tipos de calor — o branco e o preto.

(P. Faz isso por si mesma, ou é controlada por outra coisa?)

Meu senhor, se eu tivesse um cérebro físico, ele rebentaria com essa pergunta. Receio que teria de dedicar algum pensamento ponderado a isso e conferenciar com o 'Círculo Interno'. Eu próprio não estou inteiramente seguro disso.

(No que diz respeito ao uso confuso de sóis, planetas, estrelas e outras imprecisões verbais, devemos ter em mente que muito disto é uma troca conversacional bastante rápida, e que o

Professor Luntz não está a tentar falar com precisão científica, pelo menos de momento).

M. Layne

Ramon Natalli, Controlador **1949**

Eis algo mais sobre o qual desejamos que pensem: há já muitos anos que a maioria dos vossos cientistas que se dedicam à investigação de fenómenos físicos parece não se dar conta de que a "matéria" que vai constituir a configuração e as formas no nível invisível é muito mais densa do que a matéria no plano físico. Assume-se que, pelo facto de os vossos sólidos poderem ser transformados em líquidos, e depois em gases, e de alguns destes gases se tornarem invisíveis ao olho físico — devido à maior separação das suas partes componentes e à maior oscilação do seu movimento atómico — uma condição semelhante existe noutros planos de consciência.

Se assim fosse, como poderia uma entidade desencarnada pegar na vossa matéria física e espalhá-la sobre o seu corpo? Não, isto não poderia ser feito se a vossa matéria fosse mais pesada e mais densa do que a nossa. Não se poderia espalhar matéria mais pesada e mais densa sobre outra matéria que fosse menos densa do que ela própria. Ela não aguentaria sob o esforço.....

O facto é, contudo, que os corpos eletrónicos que giram em torno do átomo ou núcleo da nossa matéria estão reunidos mais perto do núcleo, devido à diminuição da radiação de calor do núcleo. Esta constrição do campo eletrónico do nosso átomo confere aos nossos corpos uma maior densidade e elasticidade em comparação com os vossos. Também explica por que razão o nosso átomo de matéria pode passar diretamente através do

campo eletrónico do átomo da vossa matéria sem perturbar o seu campo.

A teleportação da matéria e o ato de trazer uma forma de matéria através de outra parece causar uma grande quantidade de espanto entre vós. Os factos são, contudo, que ambas as formas de atividade são funções normais na natureza. Quando descobrirem, como descobrirão com o tempo, quão intimamente inter-relacionados estão a mente e a matéria, ou os vários planos do invisível e o vosso mundo físico-químico, compreenderão então os muitos métodos de teleportação.

Um destes métodos é a redução de um corpo físico, animado ou inanimado, ao seu estado etérico através da condensação da sua estrutura atómica. Nesta forma ele pode ser transportado para qualquer ponto no ou por todo o vasto universo. Como regra, a teleportação é obra de seres etéricos, embora por vezes de um espírito desencarnado avançado, e noutras alturas é realizada por seres espirituais insensatos que aprenderam a manipular a matéria física e que, não sabendo o grande bem que poderiam fazer com esse conhecimento, esbanjam a sua energia usando-a para assustar ou divertir aqueles que ainda estão no corpo. O vosso "espírito" no "Caso da Bruxa dos Bell", contudo, não era uma entidade desencarnada, mas sim um ser etérico que tinha sido lançado para o Etérico Inferior a partir do plano do Etérico Superior.

Ele tinha uma grande quantidade de bem, bem como de mal em si. Tinha cometido alguns atos imperdoáveis e foi, por isso, expulso do seu elevado estado por um determinado período de tempo. Daí que ele tenha falado a verdade quando disse que tinha percorrido o Céu e o Inferno durante milhões de anos. O seu "Inferno" foi a descida ao Etérico Inferior.

O homem, em qualquer estado, é um filho do impulso. Todos agimos no e pelo impulso, mas por vezes descuidamo-nos e

permitimos que estes pequenos movimentos em pensamento nos conduzam àquilo que eventualmente se revela a nossa ruína.

Ora, voltemos ao tema da matéria e de algumas das suas diferentes formas de atividade. Ao reduzirem a matéria formada a um estado sem forma, estão meramente a enviá-la de volta algumas etapas à sua condição original, mas não há cientista físico que saiba como levá-la de volta à sua condição original; pois se ele conseguisse realizar isto, o pedaço de substância que ele assim reduzisse escapar-lhe-ia inteiramente, e a única máquina que poderia trazê-la de volta ao local onde ele pudesse entrar em contacto físico com ela novamente seria através da mente de certos indivíduos, trabalhando em conjunção com o cérebro.

Ao reduzirem um sólido a um gás não estão a fazer com que essa substância seja outra coisa senão o que era antes; estão meramente a quebrar e a dispersar as suas partes componentes, dando-lhe assim uma configuração ou forma diferente. O gelo e o vapor invisível não são duas coisas diferentes, mas sim a mesma coisa numa taxa diferente de movimento das suas partes.

Quanto mais uma substância físico-química é dividida, mais densas se tornam as suas partes restantes e, portanto, maior deve ser a força ou o trabalho realizado sobre ela para a cindir novamente. A razão para esta condição parece ser que a pressão gravitacional do éter, no qual toda a matéria flutua, se torna maior à medida que as partes são divididas. O aumento desta pressão é sempre igual às partes retiradas. É por isso que tem sido necessária uma força tão tremenda para cindir o vosso átomo.

Deve também saber-se que quanto mais a matéria é dividida e subdividida, maior é a radiação de calor que ela cria dentro de si mesma. Nunca a matéria pode ser reduzida ao ponto de um. Toda a natureza funciona com duas ou mais energias e forças a trabalharem em harmonia — e quando uso a palavra "duas" faço-

o figurativamente; pois verdadeiramente o ato de divisão, no seu sentido mais profundo, é maya, ou ilusão, porque nunca podemos realmente dividir ou acrescentar nada a nada. Tudo o que podemos fazer é provocar uma condição alterada de atividade. E se provocarmos esta mudança antes do seu tempo natural, teremos de nos agarrar constantemente ao método que utilizámos para fazer essa mudança, ou aquilo que foi assim alterado reverterá automaticamente ao seu estado original.

Um dos mistérios mais profundos que confronta as mentes científicas é a origem da matéria. Receio que este não seja um problema que possa ser respondido pela vossa ciência física, mas sim pela ciência metafísica; e estou seguro de que esta última diria que a matéria não tem um ponto de origem, conforme o homem compreende essa palavra origem. A matéria simplesmente é. Suponhamos, contudo, que existia tal coisa como um ponto no espaço a partir do qual a matéria foi gerada: o próprio ponto teria de ser de algum tipo de matéria que o homem pudesse reconhecer e compreender.

E, mais uma vez, quer este ponto fosse de tamanho submicroscópico ou de cem mil milhões de milhas estendendo-se em todas as direções, não se poderia dizer que a sua localização no espaço era aqui ou ali, a menos que houvesse outro corpo posicionado algures em relação a ele. Quando consideramos isto, podemos então compreender num melhor grau por que razão um ponto ou uma marca não pode, por si só, ter uma existência.

Contudo, isto é verdade também para uma linha ou um plano, pois uma linha consiste numa série de pontos, e um plano numa série de linhas que são feitas de pontos. Se, então, um ponto ou uma marca é inexistente em si mesmo, o mesmo deve ser verdade para uma linha ou um plano. Portanto, a matéria só pode ser uma produção da mente.

Ramon Natalli, Controlador **-1950-**

(P. Importar-se-ia de falar sobre o que nos pareceu uma grande explosão em Marte há um dia ou dois?)

Foi — uma grande e terrível explosão. Veio de um vulcão gigantesco que não estava ativo há centenas e centenas de anos. Houve uma erupção ao longo de cerca de 9000 milhas de terra, e um terrível, terrível sismo.

(P. Houve habitantes que ficaram feridos ou que foram mortos por causa disso?)

Não habitantes como vós, mas formas de vida de uma natureza inferior. Tem havido alguma conversa sobre fenómenos celestes, sobre coisas que voam nos vossos céus; alguns parecem pensar que estas vêm de Marte ou de Vénus — vêm, mas não do Marte ou do Vénus terrestres. Existe em redor de cada planeta — e, já agora, em redor de cada corpo nos vastos céus — um mundo etérico. Estes corpos governam, ou são governados por aqueles no mundo etérico. Estão sob o seu olho direto e vigilante.

(P. Está a dizer que aquilo a que chamamos o planeta Marte e o planeta Vénus estão sob o controlo das suas contrapartes etéricas? — Resposta: Sim, estão.)

(P. E isso é verdade para o nosso planeta? Resposta: Sim — a estas inteligências, creio eu, alguns de vós chamam a Alma do Grupo. Não é uma expressão muito boa; não explica as coisas.)

(P. Diria que todas estas naves celestes vêm da região etérica de algum planeta em particular? Resposta: Com toda a certeza que sim.)

(P. E dir-nos-á qual planeta? Resposta: Penso que Vénus — na verdade, aqueles que construíram estas chamadas 'naves-Discos' copiaram o desenho das suas naves baseando-se no corpo de Vénus com o seu disco ou anel vibratório exterior.)

(P. Devemos inferir que as naves do tipo disco vieram, então, da região etérica de Vénus? Resposta: Sim.)

(P. E as outras vêm de outros planetas? Marte, por exemplo? Resposta: Sim, dos planetas ---)

(P. E a nossa Terra, da região etérica da nossa Terra? Resposta: Elas têm de passar pela região etérica da vossa Terra, decerto, e para o fazerem devem ter a permissão dos Etéreos. Cada uma vem da sua própria taxa particular de vibração, que é um padrão invisível do corpo visível.)

(P. Portanto, embora não seja correto dizer que algumas das naves vêm de Marte, é correto dizer que algumas delas vêm do duplicado etérico de Marte? Resposta: Sim, isso está correto.)

(P. Elas vêm de todos os planetas do nosso sistema? Resposta: Sim, vêm muito prontamente. Estas naves cruzaram frequentemente aquilo a que chamam a Via Láctea.)

(P. Isso significa que as distâncias que viajam são de milhares de anos-luz — como pode ser isso? Resposta: Penso que o meu honrado colega Rama Ka Lo tentou salientar que estas naves não são aquilo que se possa designar por um sólido. A sua solidez é formada de acordo com para onde vão, qual é a sua missão, e o corpo particular nos céus do qual se estão a aproximar. À medida que entram na esfera de atração desse corpo, têm de fazer com que a sua vibração conforme com a do corpo.)

(P. Sim, pequenas partículas que pesam muito pouco num planeta poderiam pesar uma tonelada noutro —)

(P. Posso perguntar outra coisa sobre estas 'naves etéricas'? Suponha que uma destas naves deixa, digamos, Arcturus ou Órion e transita para o nosso etérico — o que é que passa? Não é nenhuma substância que nós conheçamos.)

Com toda a certeza que não. É matéria de tal forma constituída que o seu, poderei dizer, comportamentismo, o seu padrão de movimento pode ser e é conduzido à velocidade da luz, e mais além. A luz não é a coisa mais rápida. Vós dizeis que a luz viaja a 186 000 milhas por segundo; adicionai 500 a isso e tê-la-eis ainda mais perto. Contudo, sob a direção da — à falta de outra palavra — força operativa da mente, o aqui e o ali não existem. 186 000 milhas, e depois digo mais 500 por segundo! Não prova isso que se trata de um agora sempre contínuo? Poderá alguém conceber tal velocidade, realmente? Mas mesmo assim vós estabeleceis uma lei, e todo o vosso povo aprende essa lei. Como é evidente, deveis ter uma teoria de algum tipo — mas ser dogmático, como alguns dos vossos cientistas são, a respeito de qualquer lei demonstra falta de inteligência por parte desse Cientista. Meu senhor, se não houvesse ninguém aqui e ninguém ali e isto fosse um vasto vazio, onde estariam o aqui e o ali?

Os fenómenos dos 'discos voadores' continuarão e provavelmente aumentarão. E sem dúvida haverá alguns dos vossos audazes e dedicados pilotos que perseguirão estes fantasmas dos céus — de forma muito insensata, claro.

(Pergunta). Não, não ouvi a história do homem voador.

(P.) Não, não alteramos a nossa interpretação dos 'discos' tal como vo-la apresentámos da primeira vez. Eles vêm, de facto, dos mundos Etéricos. Isso não significa o meu plano, ou qualquer mundo de Espíritos que tenham vivido na vossa terra, e não significa nenhum planeta do vosso sistema solar. O mundo etérico da sua origem interpenetra-se com o vosso.

Quando retomarmos as nossas reuniões, falarei mais detalhadamente sobre a materialização, que consiste em reunir partículas de matéria densa através do uso da força do pensamento.

(P. Está a sugerir que os 'discos' têm a sua primeira existência material do nosso lado, que o protótipo etérico deles é apenas uma forma-pensamento, e que esta forma-pensamento atua de modo a trazê-los à existência em matéria densa no nosso plano de perceção?)

Isso é exatamente o que estou a sugerir.

Ramon Natalli -1953 -

(Relativamente aos "pequenos homens" observados nas aterragens de 'discos' em Brush Creek (e noutros locais. Ver "Round Robin" IX-2, últimas 3 páginas.):

"O universo fervilha de vida de muitos tipos. Alguns planetas têm habitantes muito parecidos convosco, mas noutros eles diferem muito em tamanho, peso, densidade e outras características. Existem gigantes e pigmeus e todos os tamanhos intermédios. Entre os vossos visitantes celestes há alguns que vêm de planetas e outros que vêm do espaço. (Por 'espaço' o comunicador não quer dizer vacuidade, mas sim os éteres enormemente densos que se equiparam ao espaço.)

É minha crença que por volta de 1955 sereis capazes de aterrar um foguetão na lua. A conquista da lua é o vosso próximo grande projeto - e compete-vos fazê-lo bem-sucedido. A sua apropriação por outra potência significaria a dominação do planeta por parte desta - (a nossa Terra.) Ao fazer aterrar seres humanos na lua, existem dois problemas principais: (a) O da proteção contra a radiação cósmica, (b) O da propulsão.

Seriam necessários pelo menos 15 pés de chumbo para vos proteger dos raios cósmicos. Estes não seriam imediatamente fatais, mas a vida seria muito curta depois disso - cinco ou dez anos, talvez. - Surgiriam formações do tipo cancerígenas por todo o corpo. Mas um escudo de chumbo tão pesado seria impraticável. Portanto, não podeis usar nenhum material que possuais atualmente - ou da forma que o possuís atualmente. Mas encontrareis uma forma de alinhar os átomos e as moléculas. Penso que isto será feito por meio de poderosos impulsos ou choques elétricos. Na teia de energia assim criada, os campos magnéticos não se fundirão - i.e., o objeto assim blindado ficará sem peso. E a grande densidade da blindagem protegerá dos raios cósmicos. Não haverá limite para a velocidade de um objeto assim sem peso.

A primeira propulsão utilizada por vós será a atómica. Mas existe uma forma de utilizar as taxas vibratórias dos éteres, através de uma espécie de ressonância ou harmónicas. As pessoas dos 'Discos' poderiam ensinar-vos todas estas coisas.

Existe já tanta apreensão entre vós que não quero aumentá-la.* . . . . Bem, direi que o vosso mundo, o vosso planeta como um todo sofrerá um grande terramoto. Este será um sismo etérico na sua origem. Haverá uma espécie de rutura dos campos magnéticos ou etéricos. O céu parecerá cheio de fogo. Grandes massas de terra serão deslocadas; haverá enormes inundações . . . . isto virá em poucos anos - não tardará muitos anos. Mais do que isto me é dito que não devo dizer."

-- (* O último parágrafo acima foi apresentado por o Natalli apenas sob um questionamento bastante insistente.)

Arakashi, Controlador **= 1950 =**

"A vossa física convencional levou o homem a acreditar que a forma tridimensional é real e substancial. Mas o vosso físico mais erudito dir-vos-á que um objeto físico-químico é rarefeito ao ponto de ser noventa por cento espaço, ou aquilo que é conhecido como o nada, e que aquilo a que se chama espaço ou o éter é extremamente mais denso do que qualquer substância conhecida. A razão para isto parece residir no facto de que nenhuns dois átomos dos quais a forma é feita se tocam, e que, comparativamente falando, as suas distâncias uns dos outros podem ser comparadas com aquelas que separam os vossos corpos celestes. E aquilo que os mantém unidos ou os afasta ainda mais é chamado o campo de atração e repulsão, ou polos positivos e negativos. Ora, podeis pegar numa barra de ferro que pode parecer real e muito sólida aos vossos olhos e ao sentido do tato, mas que é tão porosa quanto um pedaço de esponja, e se aquecerdes esta barra, descobrireis que ela começará primeiro a dobrar e depois a correr como água. Porquê? Simplesmente porque o calor intensifica a taxa vibratória das suas moléculas, criando assim um campo negativo maior do que o que existia nela enquanto fria. Isto afasta as moléculas ainda mais.

Ora, embora tenhais mudado a forma chamada uma "barra" de ferro, não mudastes de modo algum a substância chamada ferro pelo facto de ela se ter tornado líquida. Podeis transformá-la toda em vapor, mas ela continuará a permanecer vapor de "ferro". Ora, tudo isto último é bem conhecido até pelo rapaz da escola; desejo apenas deixar claro que um corpo humano contém todos os elementos conhecidos; e a mente em profunda meditação sabe como, com a ajuda da respiração e das forças da kundalini, segregar os químicos necessários do corpo e projetá-los no molde da forma-pensamento, criando assim um objeto tridimensional.

"Se os vossos homens de ciência esperam compreender mais claramente os fenómenos da vida, terão de chegar mais cedo ou

mais tarde à perceção de que esta coisa a que chamamos 'espaço-tempo' não é, na sua verdadeira natureza, um elemento objetivo global, mas sim uma atividade personificada muito subjetiva que é projetada a partir do próprio ser em impulsos compactos, extremamente diminutos. No plano bruto da terra, estes impulsos são o que chamais partículas químicas — chamadas assim simplesmente porque a estrutura nuclear destes impulsos pode ser organizada de forma a constituir aquilo em que pensais como matéria — contudo, apenas o tipo que é adequado para a vossa forma tridimensional de pensar. Mas bem no fundo do campo da matéria bruta reside um campo mais subtil conhecido como o plano etérico. É a partir desta taxa vibratória imediatamente superior que a matéria solidificada extrai a sua energia que a mantém a funcionar no mundo físico.

Quando um corpo físico de qualquer tipo começa a deteriorar-se e a passar pelo estado a que chamais "morte", é porque os canais através dos quais ele absorve esta energia etérica falharam, por uma causa ou outra. A energia-matéria que foi constituir esse corpo particular passará por muitas formas antes de fluir novamente para o seu estado original de matéria sem forma.

"Tudo o que o homem vê é matéria em movimento, e mesmo assim quase sempre apenas uma fase disso.

"Quando fenómenos aparentemente estranhos, tais como aeronaves de aspeto bizarro e inúmeras outras coisas chegam ao vosso conhecimento, podeis ter a certeza de que se trata de uma forma de matéria a fundir-se com outra que tem uma afinidade ou forte força de atração por ela. Por vezes a força de atração é tão grande que a velocidade a que se encontram faz com que façam aquilo a que chamais explodir. Uma explosão não é senão uma das muitas formas que uma dimensão tem de se fundir com outra por meio de uma rutura súbita e violenta, ou deterioração, e reagrupamento quase instantâneo para formar nova substância."

RAMA-KA-LO, Controlador **= 1950 =**

Na semana passada estávamos a falar sobre os 'discos voadores' — gostaria de continuar. Quero dizer que a tração, ou o que seria designado como a pressão do exterior para o interior, ou como acontece com as rodas numa estrada, é criada pelo campo magnético que eles libertam — que é libertado pelos corpos destes discos. Isto é verdade para todos eles, incluindo aquilo a que chamais uma bola de fogo.

(P. Estes discos, conforme os vemos, são o que chamamos materializados. Eles operam ou têm existência como objetos materializados fora da nossa atmosfera? Resposta: Sim, operam.)

(P. Nesse caso, existe uma forma diferente de propulsão? Resposta: Não — taxas inferiores e superiores da mesma.)

(P. A propulsão, então, não é assegurada pela tração nos gases da atmosfera, mas sim no éter?)

De acordo com a condição em que entram. Ora, os átomos não são átomos únicos; é melhor dizer um campo, ou um padrão, ou uma onda, ou um comportamentismo de superfície. Existe sempre superfície. Entrando nos éteres superiores ou lokas, existe um campo mais denso; vindo para a atmosfera do vosso mundo, a densidade torna-se cada vez menor. O vosso mundo é um dos menos densos.

(P. Estas naves, então, poderiam ser utilizadas pelos Etéreos para voos interplanetários? Resposta: Sim, com toda a certeza — e têm sido assim utilizadas em todo o que chamais tempo, desde que a matéria no vosso plano de consciência passou a existir.)

(P. Isto implica uma aceleração das taxas vibratórias de moléculas e átomos; como é efetuado este aumento nas taxas vibratórias?)

Talvez eu consiga colocá-lo em palavras que sejam compreensíveis — não sei. Não que vós não compreendêsseis, mas estou, como estais cientes, a trabalhar com um cérebro físico que nada sabe de tais coisas — mas tentarei. Para começar, a radiação a partir da qual estas coisas são construídas é provocada pela atividade da mente. Baseia-se na mesma ordem daquilo a que se chama, no mundo espiritualista, teleportação.

A teleportação traz sempre consigo ou frio ou calor extremo. Ao trazer estas manifestações para o vosso mundo, o calor é utilizado primeiro. Depois do corpo se tornar denso para a vossa densidade — aquilo a que chamais densidade — ele começa a libertar radiações de calor, energia térmica a uma taxa de velocidade terrível. Este calor choca contra os átomos de hidrogénio e oxigénio em redor do objeto, criando o que se pode chamar uma forma de combustão. Esta combustão faz baixar a temperatura do objeto mesmo enquanto esta está a subir novamente. Isto cria um campo magnético em redor do objeto, uma tração para ele, uma estrada para ele.

(P. Parecerá possível que, se parte de um objeto é subitamente elevada a uma temperatura muito alta, haveria um empuxo ou recuo contra a parte não aquecida. O nosso Associado, John Hilliard, calcula que uma barra de aço com um pé de comprimento e um quarto de polegada de diâmetro, aquecida a 1000 graus três milhões de vezes por segundo, se o estiramento pudesse ser tornado unidirecional, levantaria voo a cerca de 1200 milhas por hora — mas presumo que não seja disso que está a falar. Está a falar de um empuxo externo, não é?)

Externo de certa forma, porque o objeto aquecido atua tanto como um íman quanto como um repulsor. Meu senhor, é extremamente difícil para mim colocá-lo em palavras ---

(P. Existirá alguma onda de calor que passa pelo exterior do disco?

Existe, por ao longo de toda a superfície do disco existe esta onda de calor. Pergunto-me se algum de vós notou o brilho intenso em redor destes objetos? Alguns deles atingem aquilo a que chamais calor branco. Ora, isto é aquecido e arrefecido a uma taxa de velocidade extremamente elevada. Precisaremos da teoria quântica para explicar isto.

(P. Esta "onda de calor" não afetará o interior dos discos e as pessoas neles? Resposta: Não, não afeta.)

(P. É um movimento de erguer-e-pousar, como o de uma lagarta ou lagarta? Resposta: Sim, a expansão e contração a taxas quânticas.)

(P. Permita-me citar um pouco mais do que diz o Associado Hilliard: 'É um processo de erguer e pousar no qual toda a substância do mecanismo de propulsão flui literalmente para a frente.' Imagino que o material de que o bloco de propulsão é composto (pode ser uma barra ou a carcaça da nave) tem uma propriedade peculiar que se poderia chamar transferência de calor localizada. Se for aquecido e arrefecido rapidamente numa extremidade, os pontos quentes e frios deslocar-se-ão ao longo da barra.

O processo não é tanto molecular quanto é um processo de espaço-tempo. O calor, a luz, etc., são ondas ou vibrações no éter absoluto, por assim dizer. Este é infinito, pelo que não há um 'onde' nele. Com efeito, as ondas na barra ficam paradas; a forma ilusória ou substância etérica flui ao longo delas através do processo, num sentido molecular. E o efeito luminoso é a descarga radiante na extremidade, onde a configuração desliza para fora da forma da onda.)

RAMA-KA-LO: Excelente! Excelente! Estou fascinado com a explicação. Não me consigo sair bem com o cérebro deste rapaz, porque ele nada sabe de todo sobre tais coisas.

(P. Poderíamos usar um método de propulsão assim?

Penso que sim — mas no estado atual do mundo o custo seria de longe demasiado grande — muito além dos lucros obtidos — para produzir esse tipo de calor e para se ser capaz de ter o tipo de material que resistisse sob tal calor. Teria de ser um material extremamente ténue, e não conheço nenhum desse género no mundo hoje..... Sim, seria um material sintético.

(P. Qual seria a linha de investigação mais proveitosa para os nossos físicos seguirem a este respeito?

O esforço para compreender o que é o etérico, à parte daquilo a que se chama gases. Essa seria a primeira abordagem — ser capaz de compreender este espaço invisível ao vosso redor. Também ser capaz de compreender o que é chamado movimento molecular. Não penso que mesmo os vossos cientistas mais avançados hoje compreendam o movimento molecular.

(P. Encontra movimento molecular no éter? Resposta: Sim, aplica-se ao movimento etérico. Não se pode ir a lado nenhum sem encontrar movimento molecular.)

(P. Toda a substância no vosso plano é composta de partícula? Resposta: Sim, não conheço tal coisa como um meio homogéneo em nenhum plano.)

**NOTA: Este conceito foi desenvolvido por o Assoc. John A. Hilliard (Engenheiro). Ver The Ethership Mystery, por Meade Layne.*

(Comunicações Recentes

Palavras do Yada)

Fez-me a seguinte pergunta: Visto que a 'travessia do espaço' — de distâncias medidas em termos de anos-luz, é impraticável mesmo à velocidade da luz, contudo, se diz que as Kareetas ou Discos vêm (alguns deles) até mesmo de além das galáxias — que explicação poderá ser dada para indicar essa travessia?

Respondo que a única palavra que posso sugerir é emergência. É utilizada por vós em filosofia, e penso que na vossa ciência também. Considerai este conjunto de bolas de marfim, uma dentro de outra, dentro de outra — dez ao todo. Cada qual é livre de se mover dentro de outra e fora de outra. Digamos que não há espaço de todo entre elas (e na verdade não existe tal coisa como espaço desocupado). Ora, em cada bola existem pontos correspondentes.

Qualquer ponto, isto é, qualquer lugar, lugar de espaço-tempo, digamos, na bola exterior (chamaremos a isso o vosso mundo-terra?) tem um ponto que lhe corresponde no seu interior, e também no exterior da segunda bola — e assim sucessivamente através de todas as bolas concêntricas ou encaixadas. Ora, aquilo que ESTÁ na superfície de qualquer uma das bolas pode emergir em qualquer uma das outras, sem ser impedido por qualquer 'travessia do espaço'. Se não há travessia do espaço, então o fator do tempo não tem significado. Esta ilustração, como todas as outras, é naturalmente inadequada, mas pode ser útil.

A 'materialização' de entidades no vosso mundo é da natureza de uma emergência.

(Como será focado mais adiante, a emergência também pode ser descrita como uma conversão de energia ou uma mudança de taxas vibratórias. As "quedas" forteanas* devem ser explicadas de maneira semelhante. Se a taxa vibratória da matéria etérica for abrandada, ela torna-se visível e tangível. Isso equivaleria à

'materialização' do nosso ponto de vista, mas a uma desmaterialização do ponto de vista etérico).

**(NT: Precipitações anómalas de objetos ou seres vivos que, teoricamente, não deveriam cair do céu.)*

Meade Layne.

Também perguntou: Que coisa augura a visita dos Discos? Eu diria que augura, em grande medida, a expansão do vosso sol numa super-nova. As subcamadas da terra estão a ficar mais quentes, devido a uma radiação cósmica crescente. Cada vez mais desta radiação está a passar através da ionosfera. Ela afeta uma mutação na química da terra e uma espécie de cristalização da superfície. Enormes vazios são formados e a crosta exterior frágil colapsa para dentro deles. Estes efeitos físicos e alterações químicas estão a ser estudados pelo Povo do Espaço, e por essa razão eles são frequentemente vistos a recolher amostras de solo e água."

(Uma pergunta ao Controlador: O futuro do nosso planeta será realmente conhecido no vosso plano de existência? Resposta: É, sim.)

(P. Um eminente ocultista disse recentemente que um 'inacreditável descalabro interplanetário' está em preparação. Resposta: Sim, eu concordaria com isso.)

(P. Diria que esse evento ainda será remoto? Resposta: Algumas coisas não nos é permitido dizer e sabeis que essa é uma delas. Por favor, escusai-me de responder).

(Aqueles que objetam que o precedente desloca tanto o 'esquema de tempo' científico quanto o ocultista dos processos evolutivos falham em ter em conta a aceleração, que não é uma constante e é imprevisível).

Meade Layne

(O Yada): Toda esta conversa da terra sobre os Discos! A mera existência desses objetos não é nada de novo nem de notável. O homem tem voado há muitos séculos de uma forma ou de outra. Mas às pessoas da terra não pode ser dado o segredo de construir esses objetos imediatamente, porque se ele caísse nas mãos de qualquer governo isso tornaria a guerra inevitável — embora de qualquer forma o seja.

Sim, os cientistas canadianos conhecem uma forma de operar uma nave em formato de disco, mas não como é feito pelo Povo do Espaço — quase não existe comparação. As substâncias no disco do espaço não são as mesmas que os agrupamentos que tendes na vossa terra. A estrutura molecular é inteiramente diferente — os campos eletrónicos são diferentes. A união de moléculas (no material do disco) é de tal resistência à tração que nenhuma força conhecida por vós as pode separar ou causar um corte ou quebra na substância. . .

Pode pensar-se nas partículas que constituem os éteres como matéria subatómica, e à medida que descemos mais 'sub' do que isso, saímos da existência no que diz respeito ao mundo da matéria mensurável. O éter está 'lá', quer seja para um propósito ou não. Não existe tal coisa como o 'nada' — é uma palavra, um som, porém nem sequer é uma ideia . . . Verdadeiramente, o átomo nunca foi esmagado; apenas um pedaço dele foi expelido, ou deitado fora, que é a casca exterior, ou uma das cascas exteriores. Se alguma vez quebrásseis verdadeiramente o átomo, não só o transformaríeis noutro, mas transformaríeis todo o vosso sistema solar num super-solar. Todo o sistema se tornaria nada mais do que radiação de luz, milhões de vezes mais brilhante do que o vosso sol.

Relativamente aos Seres que operam (algumas das) aeroformas: eles não são tão horríveis na sua natureza quanto a aparência de alguns deles os poderia levar a crer. É verdade que

muitos deles não têm a forma de homem e, sendo de uma mentalidade muito mais elevada, não possuem as vossas respostas emocionais. Eles não são mais propensos a reagir às vossas ideias de bem e mal do que vós reagiríeis às ideias de uma formiga ou de uma barata. No entanto, esses seres não têm intenção maligna — pois, se assim fosse, poderiam ter tomado conta da terra ou destruído a terra há eras atrás.

(À data em que escrevo, 7 de Dezembro de 1953, alguma inquietação foi causada por afirmações que pretendem provir do próprio Povo do Espaço relativas à sua aparência "horrível". Diz-se também que as naves espaciais agora suspensas no céu são literalmente contadas aos milhões, e que alguma espécie de ação de natureza 'reguladora' será de esperar por parte delas. Isto é derivado de alegadas comunicações das Aeroformas — as quais, não obstante, podem ser aceites como válidas. Pela altura em que este manuscrito for publicado, muitas dessas questões poderão estar esclarecidas.

(Meade Layne)

É verdade que os Etéreos têm no passado levado grandes grupos, bem como indivíduos isolados, da terra e os têm colocado noutros corpos no espaço, tanto dentro como fora do vosso sistema solar, e é provável que continuem a fazer isto de tempos a tempos. Eles também têm ocasionalmente utilizado seres humanos para fins experimentais, de forma muito semelhante ao que os vossos homens de ciência fazem com os animais. Em qualquer caso, não tendes fundamentos para censuras morais contra os povos Etéreos.

(Os inúmeros casos alegados de pessoas, animais e objetos a serem "levados", visivelmente e de outra forma, começam agora a parecer medianamente inteligíveis — embora naturalmente não para a ciência dos manuais escolares. A teleportação no seu

sentido mais restrito, bem como a dissolução de objetos em 'torvelinhos atómicos' ou dobras terá de ser levada em conta pela ciência do futuro próximo.

(Meade Layne)

Quanto à pergunta: Por que razão precisarão os seres do espaço de utilizar as naves-discos e outras formas, se são habitantes do espaço? Por que não se poderão deslocar sem uma máquina de qualquer tipo? A isso responde-se melhor com outra pergunta. O próprio homem é um ser do espaço; por que razão considera ele necessário criar uma forma para se deslocar? Tanto os homens quanto os Etéreos são seres puramente mentais e estão em toda a parte na consciência, que é o espaço — mas os fenómenos da vida requerem a construção de formas. Todas as formas são constituídas por graus variados de energia vital universal e são manifestações dela. Quando os Etéreos desejam que saibais da sua presença, eles têm de criar uma forma, para que possais tornar-vos cientes deles através das varas de aferição chamadas os *sentidos* do corpo.

O homem da terra não precisa de ter medo destes seres, a menos que os ataque ou se torne demasiado inquisitivo — caso em que é provável que eles retaliem de maneira semelhante.

QUE COISA AUGURAM OS DISCOS?

Por Yada di Shi'Ite. (1953)

São decorridos cerca de dois mil milhões e um quarto de anos desde que o homem fez a sua primeira tentativa de viver na terra — e cerca de sete mil milhões de anos desde a formação do vórtice primevo a partir do qual a terra surgiu. Ao longo de todo esee enorme período de tempo (pelas vossas medições), o povo

dos Discos, nas suas naves a que chamamos KAREETAS, tem feito visitas periódicas à terra e estudado a sua natureza e ação.

Todas as raças de homens os viram. Há quinhentos mil anos eles eram bem conhecidos dos habitantes de YU, a civilização dos Himalaias.

O que augurará a sua vinda atual? O universo, todo o Cosmos está a expandir-se. É como uma explosão do Cosmos. Sabeis que existem estrelas anãs, e também que existem Super-Novas. Ora, estas passam de uma a outra; cada uma se pode transformar na outra. Isso é verdade igualmente com respeito aos Universos-Ilhas, que podem, e mudam, de um estado para o outro. Esse é o jogo da energia atómica, do magnetismo, da atração e repulsão. Todas as estrelas, os Sóis, são com efeito dínamos gigantes.

Esses Discos sobre os quais estais a perguntar — eles NÃO pertencem ao mundo da matéria tridimensional. Eles vêm de outras e de muito maiores densidades. Vêm de mundos de substância cem mil vezes mais densa do que a matéria que percebeis pelos vossos sentidos.

AS COMUNICAÇÕES DE ROLF TELANO (ditadas ao homónimo Associado da BSR)

OS DISCOS VOADORES por Rolf Telano, Com. Tk.

1. Existem leis muito antigas que declaram todas as entidades inteligentes, em cada planeta e plano, e de qualquer forma, como sendo irmãs; e que tornam cada uma responsável pelo bem-estar da sua irmã. Sob esta lei, as raças superiores assumem a obrigação de ajudar o desenvolvimento material, mental, moral e científico de todas as raças menores com as quais entram em contacto. As raças adâmicas deste planeta têm estado sob observação de, e têm recebido ajuda de várias destas raças superiores desde os seus primórdios. Alguns membros das suas raças guardiãs encarnaram entre elas. Outros vieram aqui de outros locais, utilizando para transporte várias naves que são agora popularmente, mas incorretamente, agrupadas sob a designação de "discos voadores".

2. Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, notou-se que certas forças sinistras estavam a ganhar considerável influência, e eram propensas a criar um desequilíbrio muito perigoso entre o progresso científico e o ético. O conhecimento científico com um elevado potencial de dano estava a ser revelado e impulsionado rapidamente para a frente antes de o desenvolvimento moral ter avançado até um ponto onde tal conhecimento pudesse ser popularmente empregue. A observação e outras atividades foram nitidamente intensificadas para contrariar esta tendência.

3. Um aumento ainda maior na atividade verificou-se com a descoberta prematura da fissão nuclear, que representa uma ameaça muito grande para todas as entidades em todos os planos, e os "discos voadores" começaram a ser vistos com muito mais frequência do que antes. Os resultados das atuais explosões atómicas descontroladas de metais pesados, embora muito incómodos, não são particularmente perigosos exceto do ponto de vista da contaminação atmosférica. É possível, contudo, empregar métodos que reagirão com certos constituintes deste planeta, e assim causar a sua destruição. A atual faixa de asteroides entre Marte e Júpiter são os restos de um antigo planeta que foi destruído por este meio. O resultado foi catastrófico em todos os planetas e planos. Esta fórmula particular ainda não foi descoberta no vosso planeta, e foi determinado que ela não será desenvolvida.

4. Ao contrário dos avisos funestos de certos cultos e de certos habitantes do astral, contudo, não há desejo ou intenção de destruir o vosso planeta. Nem existe qualquer vontade ou intento de o reprovar. Não só o ato de matar é proibido por leis, mas também é totalmente reconhecido que a desencarnação de uma entidade indesejável proporciona apenas um alívio temporário, na melhor das hipóteses, e pode em última análise agravar o problema. Uma vez reorientadas noutro plano, elas dispõem de poderes ainda maiores do que antes e, por conseguinte, de maior poder para o dano. Quaisquer desencarnações individuais do vosso povo serão apenas como um último e desesperado recurso temporário, depois de todos os outros meios terem falhado. Lembrai-vos sempre de que o nosso objetivo é ajudar-vos, não fazer-vos mal.

5. A situação atual bem poderia ser usada numa analogia dizendo que, quando uma criança atinge uma certa idade, ela deve ser ensinada a empregar auxílios tão úteis quanto o fogo e ferramentas de gume afiado. Ela deve ser vigiada, contudo, e talvez por vezes até contida à força, para a impedir, na sua ignorância, de cortar a sua própria garganta ou queimar a casa. No momento, a criança acabou de descobrir algumas coisas muito além da sua capacidade de compreender ou de usar em segurança. A situação é ainda mais complicada pelo facto de que alguns dos seus companheiros de brincadeira mais demoníacos a estão a instar a usar o seu conhecimento recém-descoberto de formas particularmente perigosas. Estes consistem tanto em entidades no astral inferior quanto em pessoas de baixa inteligência que habitam os lares em cavernas das antigas Raças Ancestrais, e fazem uso de aparelhos eletrónicos que foram ali abandonados.

6. É claramente reconhecido que a única solução segura para todos os envolvidos é a educação que elevará a inteligência de massas e o nível ético das raças adâmicas. As contenções não podem ser permanentemente eficazes, pois alguns acabarão por as iludir. Os tabus contra o uso das coisas que foram prematuramente aprendidas são piores do que inúteis. A experiência anterior indica que, devido a alguma perversidade psicológica das raças adâmicas, isto tende meramente a adornar a coisa proibida, e a torná-las mais determinadas do que nunca a fazê-la. Mesmo as contenções temporárias só podem ser empregues com grande discrição. Aprende-se primordialmente através da própria experiência e do erro. Estes erros educacionais devem ser permitidos, e as contenções devem ser utilizadas apenas quando ameaçam tornar-se grandes tragédias.

7. Em última análise, ninguém pode "ensinar" outrem. Pode-se meramente colocar a informação diante de outrem, na sequência adequada e de acordo com a capacidade mental e compreensão do estudante, e depois, por vários estratagemas psicológicos, tentar assegurar a sua aceitação como facto. O medo é um estímulo poderoso, e frequentemente utilizado para canalizar o pensamento para algum campo desejado. Ele também deve ser utilizado com primeiríssima discrição. Se for permitido que um medo se torne demasiado generalizado, ou demasiado intenso, então os temerosos podem, pelo uso inconsciente das leis do pensamento, criar a própria coisa que temem. Algumas supressões de notícias foram o resultado de estupidez e/ou falta de compreensão por parte dos vossos cientistas e funcionários públicos. Outras foram orientadas de modo a reduzir algum medo que estava a ficar fora de controlo.

8. A tarefa das vossas raças guardiãs é tríplice. Primeiro e mais importante é acelerar o despertar espiritual, e o resultante desenvolvimento ético e moral das raças adâmicas. Segundo é vigiar de perto o seu progresso científico, auxiliando aquilo que é benéfico, retardando o que é prejudicial, e detendo temporariamente o que é desastroso. Terceiro é vigiar as influências malignas que possam incitar alguns a tomar ações prejudiciais. A interferência nestas influências só virá se elas ameaçarem causar um dano muito grande. A raças adâmicas devem aprender a reconhecer e a resistir a estas influências por sua própria conta. Para este fim, deve ser-lhes permitido cometer erros de julgamento nestas matérias, e sofrer as consequências naturais dos mesmos, para que possam aprender através das suas próprias experiências desagradáveis.

9. Estas três tarefas diferentes estão a ser geridas por três grupos diferentes, cada um dos quais restringe ordinariamente as suas atividades à sua própria tarefa particular. Eles trabalham, contudo, em estreita harmonia e cooperação, e ajudar-se-ão prontamente uns aos outros se surgir a necessidade. Cada um recebe também ajuda valiosa de muitos grupos e indivíduos diferentes em muitos planos diferentes, incluindo alguns dos pensadores mais avançados do vosso próprio plano. Estes últimos, quer sabendo quer sem o saber, são frequentemente de grande assistência como os "olhos" e as "mãos" daqueles de outros planos que não podem trabalhar diretamente neste.

10. Visto que as fases ética e moral da tarefa envolvem o uso das ciências mentais, elas são dirigidas por aqueles que são os mestres reconhecidos destas ciências, a saber: os Atlantes e os Lemurianos Etéricos. Ambos habitaram outrora no plano material (a) do vosso planeta, e estão agora na contraparte etérica do vosso planeta. Em raras ocasiões eles podem usar alguma forma de transporte mecânico, mas geralmente funcionam por meios não mecânicos. A maioria dos "discos voadores" vistos por vós pertence a outros.

11. Las fases científicas estão nas mãos dos Nors Etéricos, especificamente um sub-ramo conhecido como os "Viknors". Eles são os mestres reconhecidos das ciências físicas e, desde há muitas eras, tem sido costume das outras raças recorrer a eles para obter ajuda em assuntos científicos. Um grupo deles também habitou outrora o plano material do vosso planeta, mas por um período de tempo muito mais curto do que as outras duas raças. Estão agora em Marte e Vénus Etéria, vindo a maior parte daqueles que

estão engajados nas presentes operações deste último local. A maioria dos "discos voadores" é operada por eles.

12. A terceira fase, a de lidar com as influências malignas, é gerida por um grupo misto. A direção real está nas mãos dos Lemurianos, com os Nors a funcionar quando algo de natureza mecânica está envolvido. Muito trabalho é também realizado por os grupos mais avançados nas cavernas, e por grupos nos vários planos astrais.

13. A observação e a ação eficazes em qualquer plano só podem ser realizadas nesse plano. Assim, os discos voadores dos Nors venusianos devem ser capazes de viajar tanto interplanetariamente como interplanos. Devem ser trazidos aqui a partir de Vénus, e convertidos para o nível vibracional deste plano. Qualquer um dos vários tipos de naves que tendes visto poderia ser transportado para aqui individualmente, se desejado. Qualquer um deles poderia também ser convertido para a vossa frequência vibracional individualmente, quer pelo uso do seu próprio mecanismo, quer por influências externas. Como uma questão de conveniência operacional, contudo, eles são habitualmente trazidos para aqui em grandes números numa nave transportadora. Estas transportadoras, pelo uso do seu próprio mecanismo, podem teleportar-se para este planeta e, simultaneamente, converter-se para o nível vibracional desejado. Elas permanecem muito acima da superfície do vosso planeta, a fim de evitar a deteção, e atuam como uma base e centro coordenador para os seus voadores mais pequenos.

14. No método de transporte por teleportação, a nave e tudo o que nela se encontra são convertidos em energia pura, a qual é reconvertida na sua forma original no ponto desejado um instante quase imensurável depois. O controlo

é muito delicado, e é muito difícil posicionar exatamente a nave quando se trabalha a partir de um controlo móvel. Devido a erros muito ligeiros, várias transportadoras foram reconvertidas bastante perto da superfície do vosso planeta, e acredita-se que pelo menos uma destas foi observada a partir da superfície. Para evitar tais incidentes no futuro, o ponto de reconversão é agora a uma distância considerável do vosso planeta, e a transportadora aproxima-se então da altitude desejada por aquilo a que chamaríeis "voo espacial normal".

15. Existem vários tipos de transportadoras, mas a única até agora utilizada nas presentes operações é conhecida como a classe "Voku" (b). Tem cerca de 1000 pés de comprimento e cerca de 500 pés de diâmetro. Transporta normalmente uma tripulação de cerca de 2500 indivíduos, incluindo os técnicos e os pilotos dos voadores mais pequenos. Podem usar vários tipos diferentes de propulsão, de acordo com as circunstâncias. Estão pesadamente armadas.

16. Os voadores mais pequenos usam vários tipos diferentes de propulsão. Uma forma de propulsão a jato, embora muito antiga, é ainda amplamente utilizada. Um raio "dis" muito pequeno, atuando sobre um fluxo de combustível numa câmara fechada, desintegra-o atomicamente. O combustível habitual é o ar, que é recolhido em tomadas de ar pelo movimento de avanço da nave, e automaticamente comprimido até à pressão de injeção. Outros combustíveis, incluindo metais, podem ser utilizados em locais sem ar. Os produtos finais do processo são radioativos, e podem ser detetados por meio de aparelhos de teste habituais. Visto que nenhum elemento do grupo dos metais pesados é alguma vez utilizado como

combustível, contudo, a radioatividade é de vida muito curta, e não causa qualquer contaminação atmosférica permanente.

17. A propulsão eletromagnética opera cortando as linhas magnéticas de força naturais produzidas por um corpo planetário, e só pode ser utilizada relativamente perto da superfície de algum planeta. Quando utilizada a baixas altitudes, tem o efeito de "bloquear" aparelhos de rádio, e de causar variações em bússolas magnéticas e outros aparelhos magnéticos nas proximidades.

18. A "propulsão primária" é uma verdadeira propulsão espacial e, embora possa ser utilizada num planeta, é ordinariamente utilizada apenas quando se deseja viajar a uma taxa de velocidade muito elevada por uma longa distância. O mecanismo de controlo na nave é colocado em frequência síncrona com os fluxos de energia universal que existem em todo o espaço, mas ligeiramente fora de fase com eles. Pode ser utilizada tanto a fase de "atraso" como a de "avanço", dependendo de se deseja viajar com os fluxos ou contra eles. A velocidade depende do grau do ângulo de fase o qual, por sua vez, depende da quantidade de "potência de sombreamento" que o aparelho de controlo pode aplicar. A velocidade potencial máxima nunca é alcançada, visto que os problemas práticos de navegação e controlo limitam habitualmente a velocidade máxima utilizável a cerca de 27 000 milhas por hora. Alguns poucos pilotos excecionalmente habilidosos excederam isto.

19. Além dos três tipos de propulsão listados, todas as naves têm meios de pairar imóveis quando desejado. Um componente do aparelho produz um campo elétrico em formato de cone que desvia o fluxo da "gravidade" ao redor

da nave; tal como um guarda-chuva desvia a chuva, cancelando assim a maior parte do "peso". Outro produz um jato de feixe de eletrões direcionado para baixo que compensa o ligeiro "peso" restante. É bastante comum usar o campo de desvio durante o voo, a fim de reduzir a massa efetiva da nave, tornando-a assim mais manobrável e reduzindo a quantidade de potência necessária para manter o voo. Este campo irá, sob certas condições, produzir uma descarga de coroa que dará à nave a aparência de estar rodeada por um invólucro luminoso ou ígneo. Um efeito de coroa semelhante é também bastante comum em naves que usam a forma eletromagnética de propulsão.

20. Os Viknors têm, até à data, utilizado sete tipos diferentes de voadores:

(1). Classe "Suza". Estes têm o formato de uma "rosca", com cerca de 125 pés de diâmetro exterior, com um "furo" de cerca de 25 pés de diâmetro, e cerca de 30 pés de espessura. São por vezes referidos como "laboratórios voadores", devido à grande quantidade de equipamento de teste que transportam. São uma nave de observação, e utilizada apenas quando são necessárias observações técnicas muito complexas. Tripulação normal: 50. Propulsão eletromagnética.

(2). Classe "Tonton". Em formato de charuto, com cerca de 100 pés de comprimento por 25 pés de diâmetro máximo. Primordialmente uma nave de escolta e de combate. Utilizada apenas se as circunstâncias exigirem proteção para as outras naves. Tripulação normal: 20. Usa tanto a propulsão a jato como a primária.

(3). Tipo "Fakle". Esférico, com cerca de 100 pés de diâmetro. Uma nave de transporte, utilizada para carregar tanto

passageiros como carga. Tripulação normal: 25 ou 30. Propulsão eletromagnética.

(4). Tipo "Olon". Em formato de crescente ou de salto de borracha, com cerca de 145 pés de largura por 18 pés de espessura. Nave de reconhecimento. Tripulação normal: 5. Usa propulsão a jato, estando um jato colocado numa montagem universal em cada uma das pontas do crescente. O controlo é feito alterando a direção destes jatos; não sendo utilizadas superfícies de controlo externas. Este é um tipo de voador muito antigo, mas bem adequado aos requisitos da presente tarefa e, portanto, o tipo visto com mais frequência.

(5). Tipo "Oloner". Semelhante em formato e construção ao tipo "Olon", mas muito mais pequeno, tendo apenas cerca de 14 pés de largura. Um voador de "lugar único", mas pode transportar dois quando requerido.

(6). Tipo "Pomid". Esférico, com cerca de 5 ou 6 feet de diâmetro. Robô e controlado remotamente a partir de alguma outra nave. Utilizado para observação visual onde naves maiores atrairiam demasiada atenção. Propulsão eletromagnética.

(7). Tipo "Pomider". Uma versão mais pequena do "Pomid", tendo apenas cerca de um pé de imagem de diâmetro. Frequentemente confundido com uma "bola de fogo".

21. À parte das naves Viknor descritas, vários outros tipos são vistos em intervalos muito infrequentes. Alguns grupos no vosso planeta e plano encontraram e reativaram voadores muito antigos que foram deixados aqui pelas velhas "Raças Ancestrais". Estes são, na sua maioria, predecessores da classe "Olon". Visitantes de outros sistemas solares vêm ocasionalmente a este por vários propósitos. Se o seu propósito não for malicioso, são permitidos a prosseguir. Caso contrário, são habitualmente

intercetados e repelidos nos limites exteriores deste sistema solar.

22. As naves mais merecedoras do nome "discos voadores" foram trazidas a este planeta em 1949 por uma raça de pigmeus da vossa lua (c). Estas tinham um pouco menos de 100 pés de diâmetro, mas grande parte desta área era superfície aerodinâmica, sendo a cabine real de apenas cerca de 16 pés de diâmetro. Usavam uma propulsão eletromagnética, ou de "indução terrestre", mas diferente na construção daquela utilizada pelas naves Nor. Foi o seu primeiro voo interplanetário, e o seu propósito era a exploração pacífica. Ficaram retidos aqui, sem base ou controlo de supervisão, quando a nave transportadora ficou inutilizada. Os pequenos voadores foram incapazes de regressar a Luna, porque eram incapacitados para o voo espacial.

23. Um dos voadores lunares foi abatido sobre o norte do México por o piloto demasiado ansioso de uma nave de patrulha Nor, quando este falhou em responder aos sinais, ou de outra forma identificar-se. Vários outros foram levados a despenhar-se por radar, ao qual eram particularmente suscetíveis devido à blindagem insuficiente do seu aparelho de propulsão e controlo. Assim que se tornou aparente que o regresso da sua transportadora seria indefinidamente adiado, e que as naves e os pilotos eram incapazes de lidar com as condições neste planeta, foram reunidos e devolvidos a Luna por uma transportadora Viknor. Dos 37 voadores originais, 26 foram devolvidos em segurança à sua base de origem. Sabe-se que oito se despenharam. Assume-se que os 3 restantes se afundaram sem que se notasse.

Nota (a). A palavra "material" é utilizada como uma questão de conveniência para indicar o vosso plano vibracional particular. É, de facto, tecnicamente incorreto, visto que todos os outros planos são também "materiais", habitualmente mais até do que este, mas meramente numa frequência diferente.

Nota (b). Os nomes das classes das várias naves listadas são as grafias inglesas mais próximas dos nomes fonéticos reais.

Nota (c). "A atmosfera e a água em Luna e, consequentemente, a vida, estão principalmente concentradas no lado mais distante, o qual nunca é visto a partir do vosso planeta. A condição é análoga a um balde de água a ser rodado na extremidade de uma corda, com a água a ser mantida na extremidade mais distante pela ação da força centrífuga. Expedições têm vindo ao lado mais próximo para tentar sinalizar a Terra em várias ocasiões. Em vários casos, os sinais foram vistos por os vossos astrónomos, mas foram ignorados devido à sua firme crença de que Luna era sem vida."

Rolf Telano.

NOTA: O Intermediário ou 'Recetor' do material precedente, 'Rolf Telano', é engenheiro eletrónico de profissão e residente no Médio Oeste. Nunca publicitou ou explorou os seus dotes psíquicos. O material acima foi recebido por uma espécie de ditado interior ou clariaudiência, com controlo parcial das mãos na máquina de escrever. Não encontrei nenhuma razão, durante a minha quase década de contacto com ele, para questionar a sua integridade ou a natureza autêntica do psiquismo envolvido. M.L.

COMENTÁRIOS DO YADA DI SHI'ITE

(Controlador de Transe de Mark Probert)

A 21 de janeiro de 1952, o documento recebido através de 'Rolf Telano', e impresso nas páginas precedentes, foi lido ao controlador tibetano Yada di Shi'Ite, estando o Mark Probert em transe profundo na altura. O objetivo, como é óbvio, era obter os comentários, quer a favor quer contra, deste altamente respeitado comunicador, com quem temos estado em contacto quase semanalmente há cerca de cinco anos.

Visto que sempre existiu um acordo básico entre os quinze comunicadores deste grupo, sentimo-nos razoavelmente seguros de que as afirmações do Yada têm também o apoio de outros membros do grupo. Citamos apenas a substância dos seus comentários:

Comentário do Yada:

'Não vejo razão para que essa comunicação do vosso Associado conhecido como Rolf Telano não deva ser tornada pública, dado que alguns lucrarão com ela e outros não serão prejudicados. Deve, contudo, ser apresentada com a máxima circunspeção.

'Antes de mais, os vossos leitores devem ter em mente que a situação e os eventos com que a comunicação de R.T. lida são altamente complexos e relacionam-se não só com o vosso planeta mas, de várias formas, com todo o sistema solar. Afirmações precisas e exatas relativas a assuntos de tal magnitude são quase impossíveis e devem ser tomadas com reserva — não como estando erradas, mas como inadequadas, necessariamente.

'Aproximando-me com esta atitude mental, não encontro erros graves no documento que me leu.

'Relativamente aos "Atlantes e Lemurianos Etéricos... ambos os quais habitaram outrora no vosso planeta e estão agora na contraparte etérica do vosso planeta". Não tomem isto como

implicando que raças inteiras entram no etérico diretamente após deixarem a vida terrena. Mas muitos indivíduos podem e de facto entram nos mundos etéricos, de acordo com o seu estado pessoal e destino. A afirmação sobre os NÓRDICOS etéricos está correta, novamente com referência a um grupo.

'Não tenho conhecimento de qualquer trabalho de construção nas cavernas nem de qualquer nave que emane dessa fonte.'

(Nota: este é o único ponto sobre o qual o Yada mostrou um ceticismo pronunciado. M.L.)

'Os dados sobre as naves transportadoras estão essencialmente corretos. Mas a reconversão mencionada, dessas naves, para o nível vibracional do vosso plano, é uma causa importante das explosões na atmosfera e nos éteres.

'A expressão "pesadamente armadas" não deve ser tomada como significando, contra vós próprios. — Sim, é verdade que existe algo como um policiamento do vosso planeta e de todo o sistema solar. — Sim, a afirmação sobre "raças guardiãs", os seus propósitos, deveres e assim por diante está essencialmente correta. Os vossos visitantes desejam-vos verdadeiramente o bem e anseiam por ajudar-vos e proteger-vos. Será sensato recebê-los com medo e com hostilidade?

'Bem, 27 000 milhas por hora não é muito rápido!!'

(Nota: que esta velocidade se refere ao nosso nível vibracional, não à travessia de distâncias interplanetárias, a qual é realizada por outros meios. M.L.)

'Relativamente à Lua, etc.: Não existe raça que habite permanentemente a Lua. Mas a Lua tem sido utilizada há eras (no seu "lado escuro") como um ponto de encontro, para trabalho científico, e para muitas reuniões de Ordens ocultas ou secretas. Sim, têm sido enviados sinais para a vossa terra a partir da Lua.

Os incidentes descritos (acidentes no voo lunar, a ajuda por a transportadora Viknor, etc.) ocorreram de facto.

‘A enorme nave chamada Kareeta’ (outono de 1946) sobre San Diego, veio da Lua.”*

**(NT: O episódio ocorreu na noite de 9 de outubro de 1946 (pleno outono no hemisfério norte), na região do condado de San Diego, na Califórnia. O protagonista desse avistamento foi George Adamski, um homem que, nos anos seguintes, se tornaria um dos mais célebres — e controversos — "contactados" por extraterrestres da história da ufologia.)*

(O material adicional que se segue foi recebido subsequentemente aos Comentários do Yada citados. Foi facultado ao Associado Rolf Telano, e é a título de resposta a averiguações que lhe foram remetidas pelo Diretor da BSR. A comunicadora é “Borealis Telano”, e ela começa por dizer ao seu amigo terreno que —

‘Estes assuntos são muito complexos para serem tratados numa base de tempo parcial. É melhor que se agarre ao seu próprio trabalho e não incomode demasiado a sua cabeça com tais assuntos. Contudo...!’

Borealis Telano (a) As palavras “planos”, “Terráqueos”, “Etéreos” e assim por diante, são bastante desaconselhadas, embora sejam ocasionalmente utilizadas como uma questão de conveniência. Na mente da maioria das pessoas, contudo, elas constroem demasiado uma imagem de locais definidos, com fronteiras fixas — e talvez até com um serviço de alfândega e imigração.

(b) Todos os planos são na realidade um só. Existe meramente uma frequência vibracional continuamente crescente,

começando com o “subfísico” e elevando-se através do “físico”, “Astral”, e “Etérico” até à Fonte final e original. As entidades simplesmente gravitam para alguma altura particular na escala, de acordo com os seus desejos individuais e capacidades mentais. As faixas inferiores, a partir de e para as quais os habitantes sucessivamente encarnam e desencarnam para e do “físico” são habitualmente chamadas os planos “Astrais”.

As faixas superiores, onde tal retorno ao físico inferior é raro, são comummente referidas como os “Etéricos”. Todas as divisões são arbitrárias. Ninguém pode dizer onde o Astral superior para e o Etérico inferior começa. Todos os nomes e designações são invenções artificiais, e têm apenas o significado que o utilizador individual lhes atribui.

(c) Todas as entidades em todos os planos estiveram provavelmente no plano físico de algum planeta ou outro, em algum momento, embora possa ter sido há eras incontáveis em certos casos. Portanto, todos são provavelmente antigos “terráqueos” no sentido técnico estrito. Quanto mais alto se sobe na escala vibracional, mais fino se torna o cordão que os liga às coisas terrenas ou físicas. Eventualmente, atingem um ponto em que toda a ligação com o “físico” está, para todos os efeitos práticos, rompida. Os seus pensamentos e interesses correm ao longo de linhas inteiramente diferentes, e eles não têm desejo de regressar ao físico. Não existe nenhuma razão real pela qual não pudessem regressar, se assim o desejassem, e tem havido casos em que alguns o fizeram. Talvez após alguns milhões ou biliões de anos uma pessoa possa ficar entediada, até mesmo no Céu.

(d) O grupo particular que ditou o relatório sobre os “Discos Voadores” habitava no Etérico, mas não nos níveis mais elevados.

A quantidade daqueles que encarnam no físico é muito pequena quando comparada com o total, e mesmo esses

voluntariam-se para tal encarnação principalmente por um sentido de obrigação, em vez de qualquer preferência pessoal. O seu único motivo é ajudar as raças adâmicas do vosso planeta e plano. Eles podem, até certo ponto, funcionar meramente materializando-se, ou convertendo-se para a frequência do vosso plano. No entanto, tal requer um esforço mental constante para manter a frequência vibracional adequada, e prejudica o pensamento total eficaz nessa medida. Portanto, uma certa quantidade acha-se efetivamente encarnada em corpos físicos nascidos na terra, e vive uma vida normal.

(e) Para além das suas obrigações sob certas leis cósmicas, os grupos estão ligados às raças adâmicas pelo facto de as terem criado, sendo, pois, particularmente responsáveis por elas. Quando esses grupos vieram pela primeira vez ao plano físico do vosso planeta, descobriram que os seus corpos físicos não se ajustavam inteiramente ao ambiente dele.

Num esforço por melhorar a situação, começaram, através de reprodução seletiva e cruzamento, a desenvolver um corpo físico mais bem adaptado. A escolha final foi a raça ancestral das atuais raças adâmicas, que era um cruzamento entre as próprias Raças Anciãs e um certo animal de aspeto humano nativo do vosso planeta. Esse animal ancestral acha-se agora extinto. Durante a experimentação, essas formas físicas foram habitadas pelos KUIS (“espíritos”) de alguns dos menos avançados de entre as Raças Anciãs, e por certas formas de vida animal. Isso não é reconhecido pelas vossas teologias, mas cada ser vivo tem um KUI (o que vós chamaríeis “alma” ou “espírito”), e estes Kuis diferem apenas no grau do seu avanço.

Eles podem evoluir, e evoluem, por encarnações sucessivas, e podem habitar, e habitam em última análise, corpos físicos de forma humana. Não seria aconselhável publicitar esta afirmação, pois criaria demasiada oposição atualmente.

(f) A intenção de encarnar nos corpos dos Adões foi abandonada muito antes de eles terem sido desenvolvidos até um ponto satisfatório, porque as Raças Anciãs tinham, entretanto, aprendido como avançar para um nível vibracional mais adequado. Os Adões foram deixados para trás no seu estado imperfeito, mas os membros das antigas raças progenitoras ainda reconhecem uma obrigação especial de os ajudar no seu desenvolvimento".

(fim do ditado por Borealis Telano)

* * *

Na noite de 11 de fevereiro de 1952, o Diretor da BSR fez uma consulta ao Controlador de transe LO SUN YAT (um tibetano), que falava através da mediunidade do Mark Probert. As perguntas referiam-se principalmente ao conteúdo dos parágrafos c) e d) acima, e a substância das respostas que ele deu foi a seguinte:

LO SUN YAT: Sim, existem tais Raças Guardiãs, e a sua responsabilidade decorre dos factos descritos. Esse cruzamento ocorreu efetivamente, num passado remoto, mas a raça resultante dessa união chegou ao fim com a Lemúria... O "animal de aspeto humano nativo do vosso planeta" foi originalmente criado pelos "colonizadores" Etéricos... O 'cruzamento' não foi uma verdadeira raça ancestral, mas uma espécie de padrão ancestral que se assemelhava ao homem na forma. O homem teve origem numa experiência posterior....

Numa das suas experiências para se tornarem um com o mundo material, algumas formas que foram criadas assemelhavam-se aos macacos antropoides... Sim, houve acasalamento efetivo entre os Etéricos e esses animais da terra. "Filhos de Deus acasalando com filhas dos homens" - uma bela

afirmação retórica, mas de modo algum uma coisa bonita - se ao menos pudésseis ver a aparência deles...

Sobre os KUIS - esses são os "espíritos servidores" da vossa Huna. Sim, são uma espécie de fragmentação de uma entidade humana. O Mente Superior pode, por várias razões, deixar o Eu Inferior no controlo do corpo. Muitos KUIS estão agora em corpos humanos. Muitíssimos mesmo na Ásia, África, Índia. Eles possuem apenas instintos animais. Aqueles que parecem não ter aura possuem apenas a aura de radiação química. Pode dizer-se que os KUIS são a parte mais baixa ou a mais inferior da mente. São uma parte dissociada.

Sim, existem certamente raças de indivíduos Etéricos que não são humanos desencarnados e que jamais viveram na terra. Alguns dos "discos" e outras naves celestes são verdadeiramente operados por gente desencarnada da terra, mas alguns são operados pelos "verdadeiros" Etéricos. Eles estarão nos vossos céus até que não haja mais ameaça de guerra mundial....

Não quero que pareça que falo por eles, mas se tiverem de atacar, poderá perfeitamente ser por grandes lençóis de chama saídos do céu e por grandes concussões.... O vosso globo é como um átomo no cosmos, mas cada átomo tem os seus contactos, os seus efeitos. Talvez preciseis de ser protegidos de vós próprios e talvez o sistema solar precise de ser protegido de vós.

(fim da comunicação por Lo Sun Yat)

COM RESPEITO ÀS COMUNICAÇÕES

DE ROLF TELANO

Um Memorando Corretivo, pelo o Rolf Telano e os Comunicadores.

(Alguns dos materiais mais notáveis e instrutivos que alguma vez recebemos a respeito dos aeroformas e das entidades que os utilizam vieram através do nosso Associado, o Rolf Telano. O R.T. é um técnico ou engenheiro qualificado em radioeletrónica, e nunca empregou os seus dons psíquicos para fins lucrativos ou de forma pública.

Em outubro de 1952, ele enviou-nos material a partir do qual compilámos uma brochura de 11 páginas (Lançamento "1-B-52") que teve uma terceira impressão em janeiro de 1954). A página introdutória desta afirma que a tese principal era a de que "as naves em forma de disco são operadas por humanos desencarnados que vivem atualmente na Vénus Etérica (não no astral)".

O controlador de transe **Yada Di Shi'ite** aconselhou-nos que a brochura poderia ser lançada "mas com a máxima circunspeção", Ele acrescentou que o assunto era tão complexo que qualquer informação recebida por nós seria inadequada, embora não necessariamente errada.

Mais tarde, em agosto de 1953, ele afirmou que "nenhum dos Discos era operado por humanos desencarnados". Ele não impugnou a veracidade do Rolf Telano, mas sentiu que havia um mal-entendido algures. Esta perceção aguda por parte do o Yada foi agora consubstanciada pelos próprios Comunicadores do R. T., como o documento seguinte testemunha.

Todo o episódio é instrutivo e proveitoso, e estamos grandemente penhorados aos comunicadores etéricos, ao Círculo

Íntimo dos Controladores do Mark Probert, e ao nosso Associado, Rolf Telano, cujos dons singulares e precisão meticulosa tornaram esta informação disponível.

EXCERTOS DA CARTA - ASSOC. ROLF TELANO AO DIRETOR DA B.S.R.:

..... Relativamente aos 'humanos desencarnados' -- parece agora que eles não se descreveram a si próprios como tal mas, antes, que fui eu que os descrevi assim -- e que a descrição está errada. Isto deveu-se parcialmente a um mal-entendido da minha parte, e parcialmente ao meu uso incorreto de certas palavras no meu artigo. A versão corrigida é a seguinte:

Eles não se originaram na Terra, nem em qualquer planeta com um nível vibracional semelhante. Eles sempre foram habitantes de planos elevados. Nunca usaram a palavra "etheria" em nenhuma comunicação, embora eu tenha assumido (e ainda assumo) que o lugar que descrevem é o que vós chamais "etheria". O nome deles para o seu local de habitação sempre foi "heavi'n'".

"Heavi", tal como o nosso "heavy", significa "denso", "'N" é a abreviatura de um conceito de origem. A tradução livre para inglês seria: "Um lugar de grande densidade, do qual nos originámos." Uma vez que uma grande densidade seria também uma frequência vibracional elevada, parecer-me-ia que isto seria a "Etheria", ou algo muito próximo disso. Parece que os mesmos lugares e planos têm vários nomes diferentes em alguns casos.

Eles vieram para a Terra antes de existirem quaisquer terráqueos nativos nela. De facto, vieram com o propósito de trazer a vida, incluindo a humana, para a Terra, e de a guiar até

que ela fosse capaz de se orientar por si própria. Para fazer isto, tiveram de se trazer a si próprios para o nível do plano da Terra.

Eu considerei isto como "encarnar", mas eles, desde então, corrigiram-me, e disseram que não foi uma "encarnação" conforme a palavra é aqui utilizada, visto que não entraram em corpos nascidos na Terra. Os seus corpos eram os mesmos corpos de plano elevado que sempre tinham tido, apenas convertidos para baixo, para este nível, por enquanto, tal como se faz com os aeroformas atualmente. O "por enquanto", segundo entendo, foi de vários milhares de anos, o que é um "longo tempo" para nós, mas apenas um breve interlúdio no conceito de tempo deles.

Houve alguns casos em que alguns do seu número deixaram efetivamente os seus corpos de plano elevado por algum tempo, e entraram em corpos nascidos na Terra. Estes foram os "observadores de superfície", que viveram entre os terráqueos. Parece que é mais difícil para um indivíduo isolado manter-se neste nível do que para um grupo. Ele tem de exercer constantemente poder mental para se manter "sintonizado", o que desvia um poder mental considerável de outros usos. Nesses casos, era anteriormente costume encarnar efetivamente esses poucos.

No entanto, eles apontam que isso não fazia dele um "terráqueo". O corpo material não é o indivíduo, e a verdadeira entidade que estava temporariamente a usar o corpo continuaria a ser um habitante de um plano elevado, e regressaria a um corpo de plano elevado após o seu regresso.

Como eu disse, isto era feito ocasionalmente no passado. Em tempos comparativamente recentes ("recentes" novamente no conceito de tempo deles), eles construíram um mecanismo na sua base Lunar que transmite um raio mental simulado, ao qual chamam "onda de pulso mestre". Esta é a frequência adequada

para os converter para este nível ou plano. Todos os Aeroformas, e observadores de superfície, têm um mecanismo simples que lhes permitirá "fixar-se em sincronismo" com o pulso mestre. Isto mantê-los-á automaticamente neste nível vibracional sem qualquer outro pensamento da sua parte. Eles podem, a qualquer momento desejado, desligar o mecanismo e assumir o controlo mental sobre o seu nível vibracional.

Os meus contactos corrigiram-me sobre este ponto há algum tempo mas, como isso requeria uma explicação um pouco longa e eu estava bastante ocupado, não a transmiti. Na verdade, considerei-o um ponto muito menor. Recentemente, contudo, recebi alguma correspondência de pessoas que parecem sentir que esta é uma diferença básica, e que isso impugna a hipótese Etérica da B.S.R.A. - pelo que me apresso a transmiti-la. Da forma como vejo, a explicação corrigida é perfeitamente compatível e tenderia a confirmar a hipótese Etérica, em vez de a atacar.

Para resumir, eles consideram-se "humanos", mas aparentemente num sentido muito mais amplo do que aquele em que é habitualmente utilizado, porque nunca foram terráqueos, mas sempre foram habitantes de planos elevados. Para eles, um "humano" é um ser em qualquer plano que emprega um processo de pensamento e raciocínio semelhante ao nosso.

Eles também me apontaram recentemente que a sua aparência, na maioria dos casos, não é uma "materialização" e "desmaterialização", na definição que dão às palavras. Eles consideram a "materialização" como a criação de matéria a partir de energia pura. A teleportação emprega efetivamente um processo de "desmaterialização-materialização" -- mas eles consideram que o vosso termo de "emergência" descreve mais corretamente o processo em casos comuns. Isto é, eles estão "lá" todo o tempo -- eles são perfeitamente "sólidos" todo o tempo (para si próprios). Eles descreveram-no com uma analogia

bastante simples, que poderia ser-vos de alguma utilidade ao descrevê-lo a outros:

Se viajares de Nova Iorque para Washington, a tua realidade deixou de "existir", no que diz respeito ao alcance de perceção de Nova Iorque. No entanto, tu és o mesmo "tu" que sempre foste, e és perfeitamente "real" para ti próprio, e para qualquer outra pessoa no alcance de perceção de Washington. É exatamente o mesmo com os Aeroformas, exceto que, em vez de viajarem na superfície horizontal, estão a viajar para cima e para baixo na escala vibracional.

Como eles têm um alcance de perceção muito mais amplo do que nós, é possível para eles elevarem o seu nível apenas ligeiramente acima do limite superior do nosso alcance, mas permanecendo ainda dentro do alcance deles. Assim, podem observar sem serem observados, se desejado. As Aeroformas sobre Washington, que saíram da visão visual, mas permaneceram dentro da "visão" do radar, foram um exemplo disso. O radar tem um alcance muito mais elevado do que os nossos olhos. Eu assumiria que estas mutações relativamente lentas que alguns observaram poderiam ser algum ocupante de Aeroforma a meio que "pescar por" este nível marginal.

(assinado) Associado R. T.

AS PUBLICAÇÕES MIMEOGRAFADAS DA BSRA DURANTE OS ÚLTIMOS DEZ ANOS APRESENTARAM UMA GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL RELEVANTE PARA A NATUREZA DOS AEROFORMAS, E PARA OS CONCEITOS DO ÉTER E DO ESPAÇO-TEMPO ENVOLVIDOS NOS FENÓMENOS. OS ENSAIOS MAIS TÉCNICOS SÃO DE PEQUENO INTERESSE PARA O PÚBLICO E NÃO SÃO APRESENTADOS AQUI, MAS ATREVI-ME A REIMPRIMIR UM NÚMERO DE ARTIGOS

CURTOS DE UM TIPO MAIS POPULAR. UMA BOA PARTE ENVOLVE REPETIÇÃO INDIRETA, COMO TAMBÉM É VERDADE PARA O LIVRO COMO UM TODO, MAS A NATUREZA DO PRÓPRIO MATERIAL TALVEZ JUSTIFIQUE ISTO.

EXCERTOS DE CARTA ROLF TELANO a Meade Layne

. . . "Relativamente ao assunto dos acontecimentos vindouros, não há provavelmente razão para que um grupo avançado como a BSRA não devesse saber a verdade. De facto, poderia ser útil que soubessem, visto que os levaria a fazer quaisquer preparações mentais necessárias.

Primeiro, eu gostaria de deixar claro que o meu povo não são "Deuses" ou qualquer outro tipo de seres sobrenaturais. Eles vivem, sim, num plano vibratório mais elevado. Eles avançaram consideravelmente acima das pessoas deste planeta tanto nas ciências materiais como nas mentais. Eles têm, sim, um tempo de vida muito longo quando comparado com o dos terráqueos, e assim têm tempo para adquirir uma quantidade considerável de conhecimento numa encarnação. Eu gosto de pensar que, em média, eles se elevaram algo mais alto do que os terráqueos na moral, na ética e no desenvolvimento espiritual. No entanto, isto não é invariavelmente verdade numa base individual, pois alguns deles são maus. Em suma, os seus processos mentais e reações emocionais são bastante 'humanos' e estão, portanto, sujeitos a todo o erro humano.

Segundo, eles negam qualquer capacidade de prever verdadeiramente acontecimentos no sentido habitual e místico da palavra. O que eles fazem é pegar em tantos factos quantos os que conseguem obter, analisá-los à luz da história e da experiência, e projetá-los para a frente para descobrir qual é a sequência de acontecimentos mais provável. Eles não só têm muito grandes

capacidades mentais por si próprios, como também se podem sintonizar com a Mente Cósmica para obter informação, se desejado. Assim, a probabilidade da sua análise é habitualmente muito elevada. Pode haver apenas uma oportunidade num milhão de as coisas não serem como eles dizem, mas continua a haver essa oportunidade, e é, portanto, ainda assim, apenas a previsão mais provável, e não uma verdadeira profecia.

Mantendo estas limitações em mente, posso transmitir a previsão de que alguma grande catástrofe é provável que ocorra muito em breve. Eles não podem dizer quão breve nem exatamente quão severa. Ambas dependem de várias variáveis. No entanto, será relativamente em breve, e relativamente severa em perda de vidas e de propriedade. Consistirá, na sua maior parte, numa série de 'calamidades naturais' - sismos, inundações, etc. Elas serão, contudo, 'feitas pelo homem' num sentido básico. Isto é, tanto as experiências atómicas como certas atitudes mentais dos povos estão a causar tensões etéreas que terão este resultado. Os fatores variáveis consistem naquilo que os governos e os povos fizerem no futuro. SE eles cessassem a sua libertação de energia atómica, e SE as massas do povo corrigissem o padrão do seu pensamento, então estes acontecimentos seriam retardados e tornados menos severos. Não há evidência atualmente de que qualquer uma destas coisas vá acontecer.

A razão para não revelar estes factos ao público em geral é que, de um ponto de vista prático, não há nada que eles possam fazer para evitar o resultado final. Eles estão aparentemente condenados, mas seria cruel dizer-lhes isso. Muito poucos acreditariam, em todo o caso, mas aqueles que acreditassem morreriam diariamente a partir daí. Se se permitir que permaneçam na ignorância do seu destino, eles continuarão com as suas ocupações habituais e comuns, e a sua passagem será relativamente breve e com a quantidade mínima de terror. Os

Associados da B.S.R., por outro lado, têm mais compreensão do facto de que o ato de passar deste plano não é trágico ou importante em si mesmo. As razões e as circunstâncias podem ser importantes, mas não o ato per se.

Poderia ser bom que até os Associados da B.S.R. fixassem mais firmemente nas suas mentes que a vida é uma coisa contínua. Ela não pode ser destruída, apenas transformada para algum outro plano. Assim, uma pessoa não perde realmente a sua 111Fe!. Ela perde meramente o seu corpo material, e isto é uma coisa relativamente sem importância e transitória. O que lhe acontece é importante apenas em algumas circunstâncias excecionais. O que acontece à pessoa real que está a habitar esse corpo no momento é muito importante. Há frequentemente momentos em que é melhor perder o corpo mortal, se o verdadeiro e imortal eu interior fosse ser degradado pelas circunstâncias de o reter.

Nos tempos de grande provação que parecem avizinhar-se, acontecerá frequentemente que um homem terá de perder a sua "vida" para ganhar a sua vida.

23 de janeiro de 1956 Fraternalmente --- R. T, «

- O R. T. é engenheiro de profissão e residente no Estado do Ohio.

O texto acima foi emitido como Boletim Pessoal N.º 6, para os Associados da BSR, em fevereiro de 1956.

O PONTO DE VISTA IDEALISTA

(Um dos filósofos mais profundos e brilhantes dos tempos modernos foi o George Berkeley, Bispo de Cloyne, 1685 - 1753. Há muito em comum entre a sua metafísica e a escola da

omniconsciência! da filosofia oriental. A seguinte exposição foi selecionada de Weber; Hist. Philos., 393 ff.)

“Assim como a cor, o cheiro e o sabor existem apenas para a pessoa que os percebe, também a extensão, a forma e o movimento existem apenas numa mente que os percebe. Retirem o sujeito percetivo e retirarão o mundo sensível. A existência consiste em perceber ou ser percebido. Aquilo que não é percebido e não percebe não existe. Os objetos não existem independentemente dos sujeitos que os percebem... Não há diferença real entre as coisas e as nossas ideias sobre elas. As palavras coisa sensível e ideia são sinónimas.

“Na medida em que a mente percebe ideias (coisas), ela produz coisas. As ideias são as próprias coisas. Mas como todos os objetos não dependem da vontade de cada um para serem percebidos, deve haver alguma outra vontade que os produza (Deus). As leis da natureza são as regras estabelecidas pelas quais a Grande Mente produz em nós as ideias (objetos) dos sentidos.

“Não existe um substrato material de "matéria" que suporte as várias qualidades que os nossos sentidos nos reportam. Mas existe uma pluralidade de mentes, e aquilo que não é percebido por uma mente pode ser mantido em existência por outras mentes ou pela Grande Mente.

“Os homens assumem a existência objetiva e independente da matéria porque sentem que não são os autores das suas próprias sensações e, consequentemente, atribuem a sua origem à matéria em vez de à Mente criativa, porque o curso da Natureza parece regular; contudo, a ocorrência de um milagre! perturba-os frequentemente nesta noção contraditória.

"Esta, na minha opinião" (diz Weber) "é a única metafísica que pode ser oposta com sucesso ao materialismo, que supera o

dualismo das substâncias e satisfaz a exigência filosófica de unidade."

Ao ser questionado: Como é que um quarto se parece quando ninguém o vê?, o controlador Natalli respondeu, em efeito: “O oposto da existência é a latência. O objeto não percebido persiste como uma forma de energia, ou como uma potencialidade no Mar do ser cósmico. Se alguém entra no quarto e "vê" os seus objetos, a sua mente está a evocá-los de acordo com as leis naturais da sua ação. A coisa-em-si não existe, a menos que as palavras signifiquem a energia que mantém e evoca as formas. Apenas a mente existe, e o tempo, o espaço e a causalidade não podem existir independentemente da mente.”

É por causa desses factos que, sempre que a Ciência se aventura numa pronúncia sobre a natureza final! de qualquer coisa, ela envolve-se irremediavelmente com a metafísica. A separação das duas é uma dicotomia, um dispositivo artificial e temporário num esforço para pensar um mundo inteligível.

Meade Layne

O QUE QUER DIZER COM - ESPAÇO?

Nada é mais desesperadamente necessário neste momento do que um pouco de atenção à semântica elementar - simplesmente à definição das palavras. Vamos explorar, muito superficialmente, o significado de um único termo - ESPAÇO - mesmo correndo o risco de ser mortalmente maçador.

O ESPAÇO na filosofia do o Aristóteles significa "o contentor de todos os objetos". Se não há objetos, não há contentor. Num Vazio sem objetos, o Espaço não poderia existir.

Num vazio com um único objeto apenas - digamos, um único ponto, a posição não existiria.

Na metafísica kantiana, o Espaço, tal como o tempo e a causalidade, é uma forma de ação da mente, ou consciência. As nossas mentes são feitas de tal modo que hoje só temos consciência do mundo à medida que ele existe no Espaço e no Tempo.

Na matemática moderna, o Espaço é um nome para certos grupos ou conjuntos abstratos. Não é uma entidade objetiva. É um conceito e, como tal, está ligado a outra ideia, a do Tempo. Todos os objetos existem em três dimensões, e também no Tempo. Isto dá-nos o universo quadridimensional chamado omniverso. Minkowski abriu esta linha de pensamento, e o Einstein incorporou tanto a teoria da relatividade restrita como a geral.

Este conceito de Espaço-Tempo baseia-se na ideia de pontos geométricos. Um ponto geométrico tem apenas posição, não tem duração. Se lhe for dada duração, produzirá uma linha geométrica. Espaço-Tempo é um termo para a estrutura geral dos acontecimentos e objetos do mundo == para acontecimentos "quadridimensionais". O Omniverso não se pode mover ou mudar, mas podemos pensar em mudança e movimento se o Espaço e o Tempo forem considerados separadamente. Nenhuma separação absoluta é possível, mas num sistema de coordenadas podemos pensar neles dessa maneira.

O Espaço-Tempo é considerado de forma algo diferente por pensadores como o S. Alexander e o Lloyd Morgan, sob o conceito de Evolução Emergente. De acordo com este, o Espaço-Tempo é a matriz universal da matéria, da vida, da mente e até da Divindade. "Deus" é um Emergente.

Num nível algo místico, o Espaço é por vezes descrito como "aquela forma de realidade que não é percebida pelos nossos sentidos".

Os matemáticos não conseguem passar sem o Espaço - nem com ele. Atribuem-lhe símbolos e propriedades, mas não o conseguem tratar como um existente, nem reconhecer que ele se equivale ao éter. O termo "espaço vazio" não tem significado -- e o mesmo se aplica à afirmação de que o éter "preenche o espaço." A definição do o Russell para um eletrão, como "uma onda de probabilidade sem nada onde ondular", mostra a pobreza metafísica de tal pensamento -- por mais brilhantes que as suas realizações possam, de outro modo, ser. Parece certo que o éter será mais uma vez aceite como a entidade cósmica básica. Saber se o éter (ou espaço, ou éter-espaço) é ou não material, depende da vossa definição de matéria. Peçam sempre definições. Certifiquem-se sempre de que têm uma se vos for pedida.

A FILOSOFIA DOS COMUNICADORES

(Mediunidade do Mark Probert)

(Os comentários filosóficos dos Comunicadores nas Sessões do Mark Probert estão amplamente espalhados por algumas centenas de páginas de memorandos e relatórios, e não podemos apresentar aqui as várias perguntas feitas nem as respostas literais. O interesse neste material, contudo, justifica uma ou duas páginas de Recortes & Citações nesta edição, com breves secções de

continuação em várias edições vindouras. Para os tópicos a serem cobertos, ver a nota no fim deste artigo.)

O Continuum: Pergunta: Existirá tal coisa como um continuum na Natureza - algo que seja homogéneo, não tonado partícula, ou que corresponda ao conceito mais antigo do éter?

Resposta: Essa não é uma pergunta que se responda em termos de sim ou não; ela tem o que os lógicos chamam um Terceiro Excluído *(de Aristóteles).* Depende do que quer dizer com coisa. Não existe nenhuma substância ou matéria homogénea, mas existem vários éteres de variados graus de subtileza e de variadas taxas de frequência.

Lembre-se de que éter é um termo para um existente no espaço. Ora, o Espaço como uma ideia projetada, como algo imaginado como existente por si mesmo, não pode ser um continuum, porque a mente não pode produzir tal conceito sem cair em contradição. Mas a consciência que produz a ideia de espaço é, ela própria, uma espécie de continuum, porque vive num eterno agora e num eterno aqui. Qualquer coisa que exista no tempo e no espaço tem de ser discreta, composta por partes, tais como átomos de matéria, instantes de tempo e pontos de espaço. Mas a consciência não existe no espaço e no tempo.

O espaço e o tempo estão "na" consciência, ou são os modos do seu funcionamento. O que nós temos, e somos, é perceção num presente intemporal, por assim dizer. Quero dizer, a consciência é uma atividade intemporal ou atividade 'pura’!

Nisto estou a falar de mentes individuais distintas, ou pessoas ou indivíduos. Podemos traçar todos os fenómenos do mundo sensorial até ao funcionamento de mentes individuais. Tudo o que sabe sobre um objeto, todas as suas qualidades, reduz-se a estados ou atividade de consciência ou perceção. Mas também estamos conscientes de que existe um número plural de mentes. O "A"

está consciente de que o "B" existe; e o "B" está consciente do o "A", e assim por diante. O "A" está a criar o seu próprio mundo de espaço-tempo, e o "B" está a criar o seu. Além disso, esses dois mundos separados criados pela mente têm muito em comum, sob a forma daquilo a que chamais as "mesmas" experiências ao "mesmo" tempo, muito frequentemente.

Este último facto leva geralmente o filósofo a postular algo para além das mentes individuais. Um postulado é uma assunção necessária.

Ele não consegue pensar o universo sem esse postulado (nem, porventura, com ele também). Se tentar pensar no Absoluto, ou em Deus como uma Causa Primeira, estará a pensar em termos de tempo e de causalidade, e essas são funções ou formas da sua própria mente. E uma "causa primeira" é algo que não tem causa em si mesmo, e isso deita por terra todo o princípio de causalidade ou raciocínio pelo qual está a trabalhar.

A razão comete sempre suicídio quando procura uma primeira explicação ou causa primeira - e, no entanto, não consegue passar sem uma. Tudo o que a razão pode fazer, realmente, é operar no campo da manifestação, e nem afirmar nem negar o Absoluto. ... Claro que, quando fala de emoções, instinto e fé religiosa, está noutro campo de discurso.

Voltando à forma da sua primeira pergunta, lembre-se de que o mundo dos seus sentidos físicos, dos fenómenos, das impressões sensoriais, é um mundo que é projetado pelas ou talvez através das vossas mentes individuais. As vossas mentes são feitas de tal modo que o mundo exterior, como lhe chamais, está sujeito ao tempo, ao espaço e à causalidade. E assim a matéria e a energia também têm de ser discretas ou tornadas partículas. Mas a mente encontra em si mesma as leis que vigoram neste mundo criado pela mente. É a mente a descobrir-se

a si própria. É isso que a ciência é. A Natureza é sempre a Natureza-como-conhecida-pela-consciência. Não há mais nada a que apelar. Não pode dizer absolutamente nada sobre a Natureza-em-si, mas apenas sobre a natureza conforme percebida por si. A intuição e o instinto dar-lhe-ão certas experiências, mas agora estamos a falar sobre razão, lógica e o mundo da perceção sensorial.

A Coisa-em-Si (Ding-an-Sich):

A pergunta sobre se a coisa-em-si existe é como a pergunta sobre o continuum. Não é uma pergunta de sim ou não tal como se apresenta.

A sua mente é uma atividade centralizada ou focalizada. Ela forma ideias e imagens ~ digamos, a imagem de um cubo. Essa energia ou poder que toma a forma de cubo poderia ser chamada o cubo-em-si. Não precisa de dizer que é a sua própria mente a fazer o cubo; mas a energia cósmica ou vida está a funcionar através do seu centro e a fazê-lo.

Claro que é tolice falar como se houvesse algum tipo de 'matéria material! situada 'lá fora! no espaço para fazer um cubo. Isso não é filosofia, mas apenas infantilidade. A matéria e o formato e a distância e a forma são coisas criadas pela mente - como o tempo, o espaço e a causalidade. O cubo-em-si é a força criativa que produz a forma de cubo, e essa força é de ordem mental. Toda a energia é deste mesmo tipo, em última análise.

UM MEMORANDO DE NATALLI:

As NAVES ESPACIAIS não funcionarão por propulsão magnética além da ionosfera. A ionosfera destruiria qualquer escoadouro magnético entre a nave e a terra. Além desse limite, elas operam com energia solar.

Quase não há efeito do campo magnético da terra além da ionosfera. O campo magnético mudará de acordo com a densidade do corpo mais próximo. A nave dependerá quase inteiramente da energia solar. As cores notadas nessas naves não se devem a mudanças de temperatura, mas sim a mudanças eletrónicas.

Nenhum metal da terra poderia suportar tais mudanças de calor sem se tornar demasiado quebradiço. É o jogo de eletrões produzido pela radiação solar no corpo da nave que produz condições similares àquelas que provocam a Aurora Boreal.

(Ditado pelo o controlador Natalli, 3 de novembro de 1954)

A RESPEITO DA MEDIUNIDADE DE MARK PROBERT

O Mark Probert nasceu em Bayonne, Nova Jérsia, em 1907, e frequentou a escola primária lá até ao sexto ano. Foi para a marinha mercante durante dois anos e, mais tarde, veio para a Califórnia, onde foi bailarino e artista durante algum tempo, e exerceu vários empregos temporários! Desenvolveu um talento para a pintura de retratos (sem qualquer instrução) e ainda prefere isso a qualquer outra ocupação. Havia um toque de mediunidade na sua família, e ele próprio teve muitas experiências estranhas ainda em rapaz.

O desenvolvimento mais sistemático da sua mediunidade começou em 1945-46, quando uma série de sessões foi realizada na sua casa em San Diego. Foram marcadas ao início por uma

notável xenoglossia, ou 'dom das línguas!, e durante algumas semanas foi difícil obter quaisquer comunicações em inglês. Cedo, porém, o primeiro dos atuais Controladores assumiu a liderança, e tem havido uma melhoria constante na recetividade - e na saúde física - do médium. A qualidade das 'mensagens' recebidas tem sido uniformemente elevada - focada na sua maior parte em questões de ciência, filosofia, metafísica e assuntos culturais em geral. Nenhum enfoque de cariz religioso ou de seita está envolvido, nem os controladores o permitirão.

Todas as reuniões são realizadas à plena luz e nenhuns 'fenómenos físicos! ocorrem. O Mark simplesmente 'adormece! e os diversos Controladores falam através dele. Eles são personalidades inteiramente integradas, altamente informadas e ansiosas por servir os seus amigos deste lado por todos os modos possíveis.

As comunicações são agora amplamente conhecidas nos Estados Ocidentais, e milhares de páginas de relatórios e transcrições das mesmas foram disponibilizadas em formato mimeografado. O Diretor e os Associados da BSR cooperaram em tudo isto, na medida em que os seus recursos limitados o permitiram. Consideramos o Mark Probert um dos mais notáveis médiuns de transe profundo atualmente vivos, que disponibilizou conhecimento da mais alta importância através dos seus poderes.

M. L.

(EXCERTO DE “FLYING SAUCER PILGRIMAGE”

MARK PROBERT

E O CÍRCULO INTERIOR

Convidamos agora aqueles que não desertaram da nossa peregrinação — após terem tomado conhecimento da nossa intenção de utilizar fontes não convencionais de informação e de sondar os aspetos suprafísicos dos discos voadores — a acompanharem-nos na nossa aventura seguinte, a de nos tornarmos bem familiarizados com Mark Probert e o seu ‘‘Círculo Interior”.

Mark Probert é o famoso e respeitado “sensitivo” de San Diego, Califórnia, com quem Meade Layne trabalhou para trazer a lume o notável livro *A Vinda dos Guardiões*.

É um verdadeiro tesouro para o investigador mais avançado que não tem receio de enfrentar os aspetos mais elevados do espaço exterior. Na verdade, o Mark Probert e o seu “Círculo Interior” apresentam um fenómeno notável por si só, mesmo que não existissem coisas como discos voadores.

Temos falado muitas vezes de C.E.O. (comunicação com o espaço exterior), e já demos ao leitor alguns exemplos de certos tipos. Agora vamos falar-vos de outra variação interessante de C.E.O. — tipificada por esse indivíduo extraordinário, Mark Probert. Vamos inclusive ir mais longe do que isso. Vamos mostrar-vos exatamente o que aconteceu quando pedimos ao seu Círculo Interior de mestres, que vivem numa fase mais elevada da

vida, para responderem a algumas perguntas específicas sobre discos voadores. Vamos mostrar-vos como são essas mensagens de C.E.O. Mas não nos adiantemos. Primeiro, vamos conhecer os Probert e familiarizar-nos com a sua interessante história.

Sabendo que eles viajam extensivamente e estão frequentemente fora de casa, considerámo-nos verdadeiramente afortunados quando descobrimos que estavam na cidade. Não éramos estranhos porque já tínhamos conhecido o Mark e a esposa Irene uma vez antes, mas muito brevemente, em Detroit, Michigan.

O Mark e a Irene Probert são gente muito amigável. Lembraram-se de nós e deram-nos as boas-vindas calorosas. Há um lado humano nos Probert, e tivemos o privilégio de o descobrir através de muitas semanas de estreita convivência durante a nossa estadia prolongada em San Diego. Acompanhámo-los em algumas das suas digressões de palestras.

Não é nossa intenção contar a história detalhada deste incrível fenómeno dos Probert. Seriam necessários volumes para lhe fazer justiça, e esperamos que um dia a história verdadeira e completa seja tornada pública. É uma história das *As Mil e Uma Noites* na vida quotidiana — se é que alguma vez existiu uma. Achamos, entretanto, que algumas notas de enquadramento são pertinentes para mostrar a natureza deste tipo de C.E.O. (comunicação com o espaço exterior).

Primeiro, tracemos brevemente o desenvolvimento das extraordinárias capacidades de Comunicação do Mark Probert, para que o leitor compreenda que tais coisas são muitas vezes um crescimento e não apenas um desenvolvimento súbito. A manifestação externa das suas capacidades começou lá atrás, em 1943, pouco tempo depois do Mark e da Irene Probert se terem

casado. Recebemos permissão para contar algumas coisas um pouco pessoais que aconteceram pouco tempo depois.

O que aconteceu foi que o Mark Probert começou a falar enquanto dormia. Não era apenas um pouco de conversa. Era muita conversa, e persistia e persistia. Isso seria normalmente suficientemente perturbador em qualquer casamento, mas não era nem metade do problema. Ele falava imenso — só que em línguas estranhas que a Irene Probert não conseguia compreender! A situação atingiu um ponto tal que Mark foi finalmente mudado para um quarto especial onde dois amigos, que sabiam falar sete línguas diferentes entre os dois, puderam vigiar e escutar.

Dessa forma, conseguiram identificar categoricamente línguas como o italiano, o português, o espanhol, o alemão e o francês — algumas delas faladas de forma muito fluente pelo Mark durante o sono profundo. Quando acordava, não se lembrava de nada. No seu sono, falava assim de política, acontecimentos históricos, experiências pessoais, pessoas e lugares estranhos, e até recitava poesia em línguas estrangeiras que nunca tinha estudado ou com as quais nunca estivera familiarizado na sua vida desperta.

Contudo, algumas das línguas ainda desafiavam a identificação. Com o tempo, com a ajuda de um perito em línguas antigas e esquecidas, dialetos chineses, mongóis, sânscritos e hindustanis foram adicionados como novos extras ao incrível repertório inconsciente de línguas de Mark Probert. Finalmente, Meade Layne e um grupo de investigadores científicos interessaram-se por Mark Probert e iniciaram um programa ordenado e científico de investigação e desenvolvimento que durou mais de oito anos.

Recontaremos brevemente alguns dos desenvolvimentos que se seguiram, tal como nos foram transmitidos pelo próprio Mark

Probert. A primeira coisa que descobriram foi que Mark era um "sensitivo" de capacidades naturais extraordinárias — um verdadeiro telefone cósmico. Conseguia transmitir mensagens de certos seres noutros planos de vida, quer estivesse acordado quer estivesse a dormir. Ele era tanto clariaudiente como, em menor grau, clarividente.

Conseguia sentar-se a uma máquina de escrever e receber mensagens desses seres mais depressa do que os seus dedos conseguiam coresponder.

Desenvolveu-se gradualmente que as línguas estranhas vinham de um grupo incrível e muito unido de personalidades avançadas numa dimensão diferente de vida, que estavam a desenvolver o Mark Probert como o seu porta-voz ou telefone para este mundo. Estavam a praticar para colocar Mark em boas condições de funcionamento. Tinham um propósito e um programa a cumprir, daí a persistência das suas vozes — que ainda falavam em línguas estrangeiras difíceis de compreender.

A barreira da língua estrangeira revelou-se um obstáculo muito grande para Meade Layne e para os investigadores que tentavam interpretar as mensagens. Fizeram esforços persistentes para ver se os comunicadores não conseguiriam transmitir as mensagens na língua inglesa. Por mais fantástico que possa parecer, isso acabou por ser alcançado — pelo menos num nível de inglês compreensível. No entanto, mesmo hoje em dia, os comunicadores invisíveis começam muitas vezes em chinês ou algo parecido com o sânscrito, ou alguma outra língua muito antiga que representou a "língua materna" do comunicador a dada altura na Terra.

Depois de "aquecerem", por assim dizer, mudam para o inglês. Muitas vezes foi-lhes perguntado como são capazes de fazer isso. A única resposta que dão é que "deslocam o seu padrão

de pensamento" para o inglês. Também afirmaram que toda a atividade representa uma manipulação e controlo muito complicados de energia do seu plano de existência para o nosso. Têm inclusive de extrair energia da Irene Probert, bem como fornecer um pouco da sua própria energia para fazer funcionar a "ligação". Aparentemente, eles próprios consideram tudo isto um pouco como um milagre.

O tipo de inglês transmitido, refira-se de passagem, não pode ser considerado fluente, exceto no caso daqueles mentores cuja língua materna tenha sido o inglês, ou que por uma razão ou outra tenham tido ocasião de o falar fluentemente em algum momento. Caso contrário, assemelha-se a um "estrangeiro a falar inglês" — com um sotaque vincado. Os seus mentores, ou "mestres", como o Mark Probert prefere chamar-lhes, começaram gradualmente a revelar-se e a apresentar-se. O Mark ficou tão maravilhado e estupefacto como qualquer outra pessoa quando este "quem é quem" cósmico se começou a revelar diante dele. Na verdade, ele ainda se surpreende até aos dias de hoje pelo facto de ele, Mark Probert, ser realmente parte de um círculo de tão vasto conhecimento e inteligência cósmica e do seu esforço para trazer certas informações à Terra.

O Círculo Interior é composto por dezasseis seres avançados, todos quantos, num momento ou noutro, vivenciaram a vida terrena, alguns deles bastante recentemente, outros há milhares de anos. Utilizando a sua capacidade clarividente numa ocasião, seis desses seres mostraram-se subitamente a Mark, sem qualquer aviso. Estavam trajados com as vestes e cores que usaram em tempos enquanto estiveram na Terra. O Mark disse-nos que esse acontecimento súbito quase lhe pregou um susto de morte. Estava em casa e tropeçou numa cadeira em meio ao pânico de fugir de casa.

Mas desde que passou a conhecê-los e praticamente a viver com eles, são agora como uma família amável — só que eles estão numa fase mais elevada da vida enquanto o Mark e a Irene vivem no plano terreno. Os mentores mais elevados guardam e vigiam os membros terrenos como se fossem crianças sob os seus cuidados especiais. Às vezes exercem poderes incríveis de assistência de que apenas os mais próximos dos Probert têm algum conhecimento. Ninguém pode usar o Mark como um canal para a Terra sem a permissão expressa deles.

O chefe do grupo é um ser avançado de excecional sabedoria e bondade chamado o "Yada Di Shi-Ite". A palavra Yada significa "sumo sacerdote". Ele viveu numa civilização muito antiga na Terra chamada "Yu" ou "Yuga", há mais de 500 000 anos, localizada na região das Montanhas dos Himalaias. Outro membro do grupo é Ramon Natalli, que foi astrónomo em Roma, Itália, no século XVII, e foi amigo de Galileu. Outro membro ainda é o Antigo Filósofo Chinês Lao Tsé. Outros incluem um Marajá e indivíduos que foram professores, médicos e santos. Há também várias mulheres interessantes no grupo. Três dos dezasseis membros do círculo ainda não se revelaram, mas foi dito a Mark que o farão no momento certo.

O próprio Mark Probert é um indivíduo interessante e bastante simpático. É de estatura média e decididamente para o magro. Possui o rosto mais expressivo, o rosto mais "móvel" que alguma vez vimos. As emoções retratam-se nele instantaneamente como numa tela. Certos atores de Hollywood que ele conhece instaram-no a usar essa capacidade no campo cinematográfico, mas ele recusou devido à sua incrível relação com o Círculo Interior. Adora pintar, quer a óleo quer a aguarela, e esse é o seu passatempo mais querido. A sua capacidade nessa linha é notável, já que nunca teve uma aula de pintura na sua vida. Utilizou essa

capacidade para pintar os retratos de vários membros do Círculo Interior.

O Mark e a esposa são ambos excelente companhia. Ele é espirituoso, divertido, gosta de uma boa gargalhada e é inteiramente despretensioso. Há quem afirme que o Mark é o próprio Círculo Interior subconscientemente. Nada diverte mais o Mark do que isso. A ideia de que, de alguma forma, ele, Mark, seja em si mesmo a soma total de toda a sabedoria cósmica e experiência dos seus grandes mestres provoca-lhe gargalhadas sonoras. Todos nós demos boas gargalhadas com isto e concordámos com o Mark que, se for esse o caso, o mundo ignorou certamente o seu maior cidadão!

Nos nossos esforços de investigação, tivemos o privilégio de estar com Mark e Irene muitas vezes enquanto estes seres avançados do Círculo Interior se expressavam através do Mark. Às vezes, Mark senta-se à sua máquina de escrever e simplesmente digita o "ditado" dos seus mestres como um estenógrafo, o qual ouve tão claramente como se estivessem a falar na sala.

Ditou-lhes dois livros inteiros dessa maneira, e esperam ditar mais dois. Como nota aparte, poderíamos acrescentar que por vezes usam palavras desconhecidas que o Mark não conhece, caso em que ele regista as palavras foneticamente e mais tarde as verifica com a ajuda de um dicionário de bom tamanho. O conhecimento que os seus mentores revelam sobre palavras inglesas e os seus significados é simplesmente extraordinário.

O seu propósito declarado é educar os seres humanos, ajudar a elevar a humanidade da sua ignorância para um maior conhecimento cósmico, e demonstrar a realidade e a viabilidade de contactos úteis com esferas mais elevadas de vida. A

capacidade do Mark não é utilizada para problemas pessoais ou coisas triviais.

Noutras ocasiões, a forma de comunicação é diferente. O Mark Probert adormece, e os membros do círculo interior usam a sua voz como se fosse a deles. Nesse caso, controlam inclusivamente os seus gestos. Não há nada de "assustador" nem de ofensivo nisso, de forma alguma. É sempre feito à luz do dia ou numa sala totalmente iluminada. Toda a situação apresenta uma naturalidade incrível. Parece que se está a conversar diretamente com membros do Círculo Interior (que é exatamente o que se está a fazer).

Descobrimos, para nosso espanto, que conseguem falar sobre qualquer assunto de interesse humano de forma brilhante. Conseguem manter o nível com qualquer grupo de cientistas, astrónomos, filósofos, metafísicos, médicos, professores ou funcionários governamentais da Terra — e conseguem mostrar-lhes erros ocultos insuspeitos nas suas teorias e práticas e ajudá-los de uma forma gentil. Achamos uma pena que grupos universitários, sociedades de engenharia, investigadores astronómicos, grupos filosóficos e metafísicos não se desdobrem neste contacto incrível e útil com seres superiores. Temos a certeza de que o Círculo Interior faria a sua parte — com uma condição: os motivos e o interesse devem ser construtivos e educativos, não destrutivos. O Círculo Interior dá, por vezes, palestras perante grupos merecedores — com um período de perguntas e respostas no final.

Esses seres do Círculo Interior vivem evidentemente num plano de consciência mais elevado do que o nosso, onde podem observar e estudar o que quiserem nesta Terra. Ao mesmo tempo, têm acesso a informações infindáveis sobre planos de existência ainda mais elevados. Explicaram-nos que é possível aos homens sintonizarem-se com reinos de vida tão avançados que esses

reinos têm pouca relação com a vida terrena. Seres muito avançados que nunca experienciaram a vida terrena não estão particularmente interessados no homem terreno que, para eles, está ainda praticamente num estágio de desenvolvimento semelhante ao de uma formiga quando comparado com o deles.

Por outras palavras, o Círculo Interior informou-nos de que o homem terreno pode sintonizar-se tão alto no espaço exterior que não receba muita ajuda prática, ou sintonizar-se tão baixo que a informação recebida se revele inútil. Devemos aprender a contactar os grupos que estão interessados em nós, que sentem alguma responsabilidade para connosco e que estão em posição de nos ajudar.

Todos os membros do Círculo Interior participaram na vida terrena num momento ou noutro e, portanto, ainda sentem um interesse vivo em ajudar o homem terreno a progredir da sua prisão tridimensional. A atividade do Mark Probert foi planeada com isso em vista e com o total consentimento do próprio Mark Probert — caso contrário, não seria possível.

O que nos causou uma enorme impressão foi o seguinte: eles, do Círculo Interior, nunca são ditatoriais em nada do que dizem ou fazem. Embora pareçam possuir uma perspetiva, conhecimento e sabedoria cósmicos infindáveis, nunca dizem: "Faz isto" ou "Faz aquilo". Nem nunca dizem: "Esta é a Verdade, a Verdade absoluta, é pegar ou largar." Tudo o que dizem é: "Este é o nosso ponto de vista, mas se não o conseguir aceitar, tem direito ao seu próprio ponto de vista." De uma forma ou de outra, sempre esperámos que os grandes seres avançados fossem assim, e não ficámos desapontados.

Acreditamos que os nossos leitores estarão interessados numa experiência particular que tivemos. Os Probert tinham vindo à nossa casa em San Diego, e estávamos todos sentados e a

conversar na nossa sala de estar. De repente, o Mark fez uma pausa e disse, de forma natural: ‘‘Ramon Natalli (o astrónomo e cientista) está aqui.” Antes que nos déssemos conta, com a ajuda do Mark, estávamos todos envolvidos numa conversa incrivelmente natural com essa grande inteligência.

Enquanto engenheiro, eu estava muito interessado na instalação em Riverside, Califórnia, onde a energia universal estava a ser utilizada para evitar o congelamento de um laranjal. Perguntei ao nosso cientista invisível se ele estava familiarizado com ela. Ele respondeu: “Não, mas por favor aguarde apenas um momento.” Esperámos. Passados escassos minutos, ele regressou sabendo tudo sobre a instalação! Discutimo-la em grande detalhe — mas algo me estava a incomodar. Como teria ele sido capaz de inspecionar uma instalação técnica a 110 milhas de distância, descobrir tudo sobre ela e regressar em cerca de dois minutos do tempo terreno?

Finalmente, ganhei coragem suficiente para perguntar ao nosso visitante. A resposta que deu impressionou-nos, e jamais a esqueceremos. Ele disse simplesmente: “Eu não tive de ir a lado nenhum. Não há aqui nem ali. Não há lugar para onde ir, ou de onde vir, exceto a Mente!”

Depois de nos familiarizarmos com o Círculo Interior e de pressentirmos algo da sua integridade, do seu ponto de vista cósmico e da sua bondade, vimo-nos ansiosos por lhes fazer uma série de perguntas sobre discos voadores. A perspetiva de clarificar alguns dos fenómenos dos discos voadores e de verificar outros dados de comunicação (C.E.O.) sobre eles através do ponto de vista dessas inteligências deixava-nos realmente intrigados. No entanto, decidimos avançar lentamente.

Não sabíamos como o Círculo Interior reagiria a isso. Enquanto estávamos no México, tínhamos lido um livro

publicado recentemente que nos perturbara. Ele referia-se a discos voadores, à nova era que aí vem, e permitia-se algumas previsões bastante perturbadoras. Decidimos, antes de abordar o tema dos discos voadores, descobrir se o Círculo Interior estaria disposto a ajudar a clarificar alguns dos pontos perturbadores desse livro. Convencemos o Mark e a Irene a perguntar ao Círculo Interior se eles fariam um esforço nesse sentido. Eles expressaram graciosamente a sua disposição para responder a perguntas relacionadas com esse livro. Acreditem ou não, amigos, foi assim que surgiu uma análise literária intermundos, ou inter-frequências, ou interdimensional.

Previamente, preparámos um resumo dos pontos principais do livro. Um após outro, lemos esses pontos ao Círculo Interior, com o Mark a atuar enquanto telefone cósmico. Um a um, os membros do Círculo Interior comentaram esses aspetos. Gravámos a análise completa no nosso gravador de fita. Sentámo-nos estarrecidos com a compreensão imediata de questões complicadas que revelaram, a sua análise penetrante, instantânea e sem preconceitos, e as respostas diretas que deram — nunca autoritárias, sempre lógicas, carinhosas e sempre com a atitude: "Não nos tomem como autoridade final. É assim que nós vemos as coisas, mas têm o direito de discordar". Todos sentimos um alívio do medo que o livro tinha subtilmente gerado em nós, e seremos sempre gratos pela clarificação de pensamento que nos chegou desta forma estranha.

Curiosamente, os próprios membros do Círculo Interior pareceram tanto divertidos como gratos pela nossa análise literária intermundos. Partimos sem saber quem tinha gostado mais, se nós se eles. Isso encorajou-nos a pedir-lhes, com a ajuda da Irene Probert, que por favor considerassem responder a algumas perguntas diretas sobre discos voadores. A resposta foi que, embora sentissem já ter respondido a muitas perguntas sobre

os “discos”, como lhes chamavam, através do seu trabalho com o Meade Layne, teriam, não obstante, todo o prazer em responder às nossas perguntas numa determinada data. Isso deu-nos a oportunidade que procurávamos, e não perdemos tempo a preparar as perguntas. Ao fazê-lo, tínhamo-lo a si — o leitor — em mente. Fizemos o nosso melhor para incluir as perguntas que achávamos que seriam do seu maior interesse, bem como do nosso.

O capítulo que se segue dar-vos-á as perguntas diretas sobre discos voadores e as respostas diretas tal como foram recebidas do Círculo Interior. Queremos que os nossos leitores partilhem connosco uma amostra da comunicação direta que tivemos com essas elevadas inteligências desta forma invulgar, para que todos possam julgar por si próprios a qualidade da informação assim recebida.

Por favor, notem que não fazemos quaisquer alegações de que o Círculo Interior represente a autoridade máxima em tais matérias. Eles próprios não quereriam que fizéssemos tal afirmação. No entanto, na nossa opinião, estes seres têm uma perspetiva cósmica tremenda e vale a pena ouvi-los. Talvez, se formos suficientemente de mente aberta, consigamos aprender muito com eles. Nesta era, temos de romper com o antigo e desenvolver novas fontes de informação cósmica!

O CÍRCULO INTERIOR RESPONDE A PERGUNTAS SOBRE ‘DISCOS VOADORES’

Este capítulo apresenta um exemplo de C.E.O. ou comunicação com o espaço exterior, ou seja, informação obtida através da comunicação com seres que existem numa fase de vida diferente da nossa fase tridimensional. Conforme explicado no capítulo anterior, com a assistência do Mark Probert a atuar como

o "telefone cósmico" desta comunicação bidirecional, dirigimos ao Círculo Interior uma série de perguntas sobre discos voadores. Tanto as perguntas como as respostas são apresentadas abaixo. Algumas delas são dadas praticamente de forma literal. Outras foram editadas e condensadas por uma questão de clareza e para nos mantermos dentro das limitações de espaço deste livro.

Em alguns casos em que a nossa pergunta evidentemente não foi claramente compreendida, ou nós não compreendemos claramente a resposta — o assunto foi esclarecido através de perguntas feitas em ocasiões subsequentes. A pontuação, os *itálicos*, a disposição e, claro, as notas são nossas. Em todos os casos, fizemos um esforço diligente para preservar a substância e o significado das suas respostas, tanto quanto as compreendemos. Algumas das perguntas referem-se mais às condições críticas que a nossa civilização enfrenta atualmente do que aos próprios discos voadores.

P. 1. Será verdade que os chamados discos voadores ou naves espaciais estão a vir à Terra neste momento? Ainda existem muitos céticos que dizem que não passam de balões, armas secretas, estrelas, inversões térmicas, ilusões, etc.

R. 1. É verdade, sim. De pouco serve envidar mais esforços para convencer quem quer que seja. Quanto àqueles que ainda se encontram na margem da crença, é melhor deixar que fiquem por aí mesmo. Não será verdade que a vida vos diz respeito individualmente? Pouco vos deve importar se outra pessoa segue ou não o mesmo caminho convosco.

P. 2. Há quem diga que as naves espaciais vêm há muitos milhares de anos e que os nossos antepassados tiveram conhecimento da sua existência. Isso será verdade?

R. 2. No período inicial dos assuntos da Terra, quando o homem começava a dar sinais de pensamento, seres do espaço

vieram à Terra e instruíram o homem sobre várias coisas secretas, não só em relação ao sistema planetário, mas também em relação à sua própria vida interior. Alguns dos maiores ensinamentos que o homem recebeu foram-lhe trazidos por esses seres do espaço, a fim de que várias civilizações pudessem avançar mais rapidamente.

Ao longo de enormes períodos de tempo, os seres das naves espaciais têm feito visitas periódicas à Terra. Todas as raças de homens os viram. Há quinhentos mil anos, eram bem conhecidos dos habitantes de Yu, a civilização dos Himalaias. Vinham para realizar um determinado trabalho e, quando esse trabalho estava concluído, partiam durante um período para ver até que ponto os seus esforços resultavam. Eles vieram inclusive aos vossos índios americanos, ensinaram-lhes muito e levaram-nos a dar pequenos passeios nas suas naves.

(Nota: O Yada Di Shi-Ite, o chefe do Círculo Interior, viveu outrora na civilização Yu acima referida — daí a referência).

P. 3. Será verdade que os nossos antepassados tinham naves espaciais próprias na antiguidade?

R. 3. O homem teve naves espaciais na Terra com que se podiam deslocar ao redor da Terra noutras civilizações e tempos. Mas essas naves não eram interplanetárias. Não dispunham de uma técnica que permitisse sair das forças gravitacionais da Terra.

P. 4. Os governos da Terra possuirão informações extensas sobre naves espaciais e estarão a ocultar essas informações do povo?

R. 4. Possuem, sim. Estão assustados. São tão "instruídos" que estão assustados. Pouca instrução torna a pessoa supersticiosa, e instrução em demasia torna-a duas vezes mais supersticiosa! E por isso eles temem.

P. 5. Homens da Terra terão contactado recentemente naves espaciais em forma física e conversaram com o povo do espaço em forma física?

R. 5. Sim, isso foi feito muitas vezes.

P. 6. Homens da Terra terão entrado recentemente em naves espaciais e dado passeios?

R. 6. Entraram, sim, até um certo limite.

P. 7. Existirá algum governo interplanetário no nosso sistema solar?

R. 7. Sem dúvida alguma. Existe o que se chama uma hierarquia em todo o sistema solar — em todas as galáxias e universos-ilha. Certos grupos de indivíduos são designados para determinados planetas e até para sistemas solares. Depois, existem outros seres maiores que vigiam uma galáxia inteira.

(Nota: Neste ponto da entrevista, um de nós não conseguiu conter-se e exclamou: "que grande emprego!". Isso provocou considerável diversão. Descobrimos que as inteligências com quem estávamos a falar eram calorosas, amáveis, pacientes e muito "humanas". Eles gostam tanto de uma piada como até de calão americano — embora por vezes o significado do calão tenha de lhes ser explicado).

P. 8. As naves espaciais que se encontram agora na atmosfera da Terra estão sob o comando de tal governo interplanetário?

R. 8. Estão, sim.

(Nota: Nalguns contactos, a hierarquia dos planetas é referida como os Guardiões, — Guardiões planetários. Em investigações subsequentes, descobrimos que nenhuma nave

espacial, mesmo uma nave visitante ou de turismo, pode entrar na atmosfera da Terra ou aterrar na Terra sem a permissão dos Guardiões. Isso afastou qualquer receio que tivéssemos anteriormente de naves hostis aterrarem na Terra).

P. 9. De onde vêm as naves espaciais e o povo do espaço? Há quem diga que venham de Vénus ou de outros planetas do nosso sistema. Há quem diga que venham de sistemas solares distantes. Há quem diga que venham do espaço exterior ou das regiões etéricas.

R. 9. Os ocupantes destas naves espaciais são aquilo a que se chama exatamente seres do espaço. Podemos dizer, e com verdade, que eles "vêm de" um ou mais dos vossos corpos no espaço ou planetas como Vénus, Marte ou Úrano, ou qualquer outro, e também podemos dizer que "vêm de" galáxias ou universos-ilha a muitos milhares de milhões de anos-luz da vossa Terra — medindo o tempo como vós o medis.

Mas esses seres do espaço não têm consciência desses gigantescos números de anos-luz de distância — não têm consciência disso em absoluto. Milhares de milhões de milhas não significam nada para esses seres. Eles sabem o que vós pensais sobre essas matérias, e que estes são os vossos conceitos de tempo e espaço. Mas estes conceitos não existem para eles. Estes seres do espaço podem ir a qualquer lugar, visitar todos os corpos onde quer que sintam ser necessário ir. Neste sentido, podemos dizer que "vêm de" um planeta, se assim o desejardes.

P. 10. Mas as Naves dos Guardiões serão originárias de algum planeta específico?

R. 10. Não. A sua origem não é planetária. Reitero o que nós próprios já dissemos muitas vezes antes. Estes seres são seres do espaço. Se gostais da palavra etérico e a conseguis compreender, ela significa a mesma coisa de qualquer jeito. Eles vivem noutras

densidades ou noutras frequências, noutras dimensões de tempo, noutras leis da matéria em movimento — nada mais do que isso.

Isto é difícil de compreender para o homem na Terra, muito difícil. O que ides dizer àqueles que não são versados no que se chama "dimensões de tempo?" Ides dizer o mesmo que o vosso grande Einstein disse ao homem da rua a respeito da relatividade. O que foi que ele disse? Nada! É a coisa mais maravilhosamente informativa que se pode dizer a quem não está informado. Simplesmente nada!

(Nota: Isto foi dito num tom humorístico. Na verdade, poucos grupos de seres avançados, que seja do nosso conhecimento, trabalharam tanto ou fizeram mais para ajudar o homem da Terra a compreender realmente o espaço exterior, as naves espaciais e os seres do espaço do que os membros do Círculo Interior).

P. 11. Os planetas fora do nosso sistema serão habitados?

R. 11. Entre os vossos visitantes do céu, existem alguns que vêm de planetas e outros que vêm do espaço. O espaço não é a coisa vácua que há muito se considera. O universo fervilha de vida de muitos tipos. Alguns planetas têm habitantes muito parecidos convosco, mas noutros eles diferem muito em tamanho, peso, densidade e outras características. Há gigantes e pigmeus e todos os tamanhos intermédios.

P. 12. Como será possível que seres como nós vivam noutros planetas do nosso sistema solar? Como será isso possível dadas as diferentes condições de gravidade, oxigénio, pressão, etc.?

R. 12. Os vossos instrumentos astronómicos científicos são altamente limitados e nem sempre dão informações fiáveis. Alguns dos vossos planetas não têm o equilíbrio de oxigénio de

que necessitais ou a ionosfera necessária para dar o mesmo tipo de proteção. O homem da Terra acharia difícil viver nesses planetas por várias razões. Não obstante, alguns deles são habitados por seres com corpos semelhantes aos vossos. Eles nasceram nesses ambientes e, portanto, estão adaptados a essas condições. Da mesma forma, eles teriam dificuldade em viver na vossa Terra.

Vénus não é tão quente como muitas pessoas pensam. Tem uma grande faixa de substância ao seu redor que o protege de grande parte da radiação solar. Marte não é um lugar infeliz para se viver. Há vida vegetal e vida animal lá, além da vida humana. A Lua, pelo menos uma grande parte dela, é inabitável pela mesma razão que os vossos grandes desertos são inabitáveis. O lado que vedes é deserto. Mas no outro lado da Lua há pessoas que a usam como uma base para vir do espaço para la e de lá para a Terra.

P. 13. Pode, por favor, falar-nos um pouco sobre estes seres do espaço? Viveram na Terra em tempos e são mais avançados do que nós?

R. 13. Muitos deles nunca viveram na Terra, mas nasceram e vivem nas suas próprias dimensões de tempo. Tecnicamente falando, muitos destes seres estão avançados em relação ao que vós sois. Filosoficamente falando, estão de facto muitos passos à vossa frente, pois as guerras e os assassinatos não prevalecem.

P. 14. De que modo se comparará o nosso planeta aos outros?

R. 14. A Terra é um local muito bonito visto do espaço. De facto, comparada com os outros planetas, é como um belo oásis no vasto mar do espaço.

(Nota: Ver próximo Capítulo).

P. 15. Estarão algumas pessoas do espaço realmente na nossa Terra agora?

R. 15. As pessoas do espaço podem misturar-se e misturam-se com as vossas pessoas na Terra. Conseguem inclusive comer as vossas terríveis comidas sem resultados terríveis, pois sabem como libertar o organismo delas sem tomar um purgante que vós iríeis buscar à farmácia mais próxima. Como vedes, tenho andado a ouvir a vossa rádio!

P. 16. Nós também não seremos pessoas do espaço?

R. 16. Vós próprios sois pessoas do espaço num sentido muito definido dessa palavra. Originastes de uma dimensão ou frequência mais elevada e estais no processo de acordar e regressar para lá. Quando reaprenderdes a controlar a matéria, sereis capazes, mais uma vez, de vos moverdes para dentro e para fora das várias frequências ou "períodos de tempo". É difícil fazer-vos sentir isto agora, e é algo de que vos deveis aproximar lentamente.

P. 17a. Poderia, por favor, explicar a natureza das viagens espaciais? Foi-nos dito que têm várias fases diferentes?

(Nota: A P. 17 foi, por uma questão de clareza, dividida em várias partes).

R. 17a. Viagem no espaço-tempo. Entre as naves e não apenas o vosso sol, mas todos os sóis no espaço, existem grandes campos de energia. Quando estes seres do espaço se começam a mover naquilo a que chamais espaço-tempo (o tipo de viagem em milhas por hora num mundo tridimensional como o nosso), é nessa energia solar que eles trabalham. Eles sintonizam-se com a frequência de certas faixas de energia. Não é exatamente como um campo magnético. É substância num grande índice de movimento. Eles contactam e controlam certas faixas de luz ou

radiação provenientes do sol. Isto faz com que as naves pareçam brilhar. Produz cores que podem percorrer toda a gama do espetro. As naves não são quentes nem por fora nem por dentro; de facto, são muito confortáveis por dentro.

P. 17b. Apenas para que o registo fique claro, essas naves espaciais vindas de outras frequências têm de se converter para a nossa frequência ao entrarem na nossa atmosfera, caso contrário não as vemos, não é? Está correto?

R. 17b. É isso mesmo. Elas podem estar na vossa atmosfera sem que as vejam, se assim o desejarem.

P. 17c. Quando alteram a sua frequência vibratória, isso pode retirá-las do nosso alcance tanto da visão como do tato. Estará isso correto?

R. 17c. Está correto. E da proximidade também. No momento em que saem daquilo a que chamais a vossa frequência, no momento em que fazem isto, poderiam estar em Vénus, ou perto de lá, por teletransporte. Praticamente instantâneo. Ora, os vossos cientistas vão passar a saber mais sobre isto com o decorrer do tempo. O homem que mais perto chegou disso foi o vosso falecido grande homem Einstein.

P. 18. Poderá o corpo de um homem da Terra suportar uma viagem dessas (viagem espacial distante para frequências mais elevadas)?

R. 18. Lembrai-vos de que o vosso corpo é essencialmente um corpo de água. Ao levar alguém da vossa Terra para outro corpo no espaço, o corpo dessa pessoa tem de ser alterado. Terá de ser alterado antes de poder entrar noutra frequência. Terá de ser “re-quimicalizado”. Terá de haver uma "polarização” da substância atómica que constitui cada célula do corpo.

P. 19. Isso será difícil de fazer para as pessoas do espaço?

R. 19. Não, porque as pessoas do espaço sabem como manipular a matéria. Isto seria impossível atualmente para o próprio homem da Terra fazer sozinho. Mas eles poderiam fazê-lo por ele, se ele quisesse. O sangue do homem da Terra congelaria se o seu corpo fosse levado para o espaço exterior de uma frequência diferente. Mas com uma nova polarização do corpo, isto não aconteceria. Eles teriam de cuidar das vossas estruturas físicas. As coisas são diferentes, tão diferentes, nestas dimensões superiores ou frequências mais elevadas. Por exemplo, existe um estado maior daquilo que se chama pureza de forma. A maior parte do que se poderia chamar a escória ou os venenos do sistema é eliminada.

P. 20. E quanto a coisas que caem do céu?

R. 20. No vosso país, na Califórnia, não há muito tempo e não muito longe desta cidade (San Diego), enormes blocos de gelo caíram e esmagaram alguns dos vossos carros nas ruas. As autoridades, para manter as coisas calmas, disseram que este gelo vinha de aviões que estavam a ser descongelados (risos). Certamente que eles deviam estar congelados em gelo, porque alguns dos blocos pesavam mais de 250 libras!

Meus amigos, de onde veio realmente este gelo? De um corpo no espaço, de Marte, de Vénus? Caiu dos polos de Vénus? Não. Meus amigos, veio daquilo a que incorretamente chamais espaço "vazio". Se o espaço se abrisse realmente, todos os tipos de coisas sairiam dele — este espaço no qual estou agora a acenar com a mão.

(Acena divertidamente com a mão de Mark Probert no ar).

Buracos no espaço — significando simplesmente outras frequências — nos quais existem outros mundos que contêm muitas das coisas que tendes aqui e muitas outras coisas que não tendes aqui. *(Nota: O incidente do gelo acima mencionado*

ocorreu em Long Beach, Califórnia, há alguns anos, e surpreendentemente era bem conhecido do Círculo Interior).

P. 21. O gelo terá vindo de outra frequência, então?

R. 21. Correto. Ocorreu uma condição naquele momento, naquela secção específica sobre a cidade, que foi algo semelhante à condição que precede um terramoto. Isso causou uma fenda no espaço e uma perturbação na frequência, através da qual o gelo caiu para a vossa frequência.

P. 22. E quanto à estranha substância branca que tem sido observada no ar ou presa em árvores e fios, que se desintegra gradualmente quando segurada na mão? Alguns chamam-lhe "cabelo de anjo" e têm-na associado aos discos voadores.

R. 22. As naves espaciais do espaço exterior são, por vezes, detetadas pelas vossas máquinas de radar sob certas condições. Para evitar essa deteção, libertam chuvas desta substância. Na minha própria língua, chamamos a esta substância "luckney" (grafia fonética). É uma espécie de escudo de radar.

P. 23. Deseja que isto seja impresso?

(Nota: Esta pergunta foi seguida por uma pausa definitiva, enquanto os membros do Círculo Interior conferenciam. Depois veio a resposta).

R. 23. Não!

(Nota: É apenas porque a permissão total foi dada mais tarde que esta informação está a ser incluída).

P. 24. Quantas ou aproximadamente que quantidade de naves espaciais se encontrarão agora na nossa atmosfera?

R. 24. Na alta atmosfera da Terra tendes entre cinco e dez milhões de naves espaciais.

(Nota: Compreendemos perfeitamente que isto possa surgir como um grande choque para muitas pessoas, mas foi coordenado com muitas outras fontes de C.E.O. Comentaremos as razões para esta enorme concentração de naves espaciais no último capítulo).

P. 25. Poderia, por favor, traçar-nos resumidamente uma ideia do tamanho das naves espaciais? É uma imagem muito confusa para nós.

R. 25. Variam imenso, desde os pequenos discos que são utilizados como olhos eletrónicos, até às enormes naves-mãe. Meus amigos, pode soar a fantasia, mas sabe-se que algumas das grandes naves têm cinco milhas ou mais de diâmetro.

(Nota: Isto pode significar que o seu comprimento é muitas vezes superior a isto. Informações posteriores deram a entender que poderiam ser de tamanho planetário).

P. 26. Muita gente desta Terra pensa que as pessoas do espaço estabeleceram certas bases físicas ou planetas físicos artificiais a partir dos quais operam as suas naves perto da Terra. Poderia comentar?

R. 26. Existem, evidentemente, naves gigantes que podem atuar como bases e enviar naves mais pequenas. Não necessitam de bases "físicas". Um peixe na água não necessita de mais água para "levantar voo".

P. 27. Há muitas referências veladas no nosso mundo de hoje relativamente à probabilidade de o nosso mundo passar por uma "inversão polar" ou mudança do eixo de rotação. Isso é provável?

R. 27. Uma "inversão" não irá ocorrer. Há uma mudança, evidentemente, nos polos magnéticos, e uma mudança muito significativa. Poderá parecer um pouco perigoso, mas essa "inversão" não vai ocorrer. As coisas mudaram um pouco. Mudam sempre. A mudança é que o sol está a emitir mais energia cósmica para a Terra; está a passar mais pela ionosfera agora. Com isto quero dizer maiores quantidades, e além disso num estado mais puro do que antes.

Isso está a fazer com que muito calor seja libertado na subcrosta da Terra. Isso está a fazer com que as calotas polares derretam rapidamente, de modo que não tereis outra era de gelo, mas sim grandes inundações que varrerão a Terra. Também tereis grandes tempestades, mas nenhuma era de gelo — nenhuma "inversão".

(Nota: Disto pareceria que é possível confundir mudanças nos polos magnéticos com a probabilidade de uma inversão axial. Compreendemos que isto entre em conflito com os pontos de vista de outros, mas sentimo-nos impelidos a publicar as visões do Círculo Interior tal como foram recebidas. O Círculo Interior rejeita sempre o conhecimento absoluto e apresenta apenas as suas visões).

P. 28. Qual será o maior perigo imediato que o povo da Terra enfrenta?

R. 28. O vosso maior perigo mundial é o poder atómico e o seu uso experimental nestes tempos. Essa é a maior preocupação do mundo — mais do que o mundo ainda suspeita. Não importa onde o homem possa estar na Terra, isso afetá-lo-á independentemente de tudo. Se não for travado imediatamente, a Terra vai sofrer um efeito grande e duradouro no seu povo.

Resultarão amplas alterações genéticas. A forma humana será drasticamente alterada, e não propriamente para melhor. A vida

vegetal e toda a vida na Terra serão afetadas. As experiências subaquáticas são ainda piores do que as outras. Se o homem da Terra algum dia tiver de recorrer ao mar para a sua alimentação, será incapaz de o fazer. Hoje, os vossos homens de ciência que continuam com isto estão loucos da cabeça. Eles pensam que por fazerem testes para ver se há muita radiação, e não encontrando muita, pensam que está tudo bem. Não se detêm a pensar no efeito do "pouco" que conseguem encontrar.

O pouco que encontram, se esse pouco não foi colocado lá pela natureza — uma condição natural - então é uma condição desequilibrada. Estão a brincar como crianças com um brinquedo. Depois de terminadas as experiências, o que é que descobriram? O que é que provaram com esta coisa? Sabeis? Os efeitos não vão surgir depressa — mas sim lentamente. Virão lentamente — como um ladrão na noite.

(Nota: O Círculo Interior fala a sério nos seus avisos diretos sobre os perigos que enfrentamos com a energia atómica. Também afirmam que existem outros diferenciais de energia, muito menos perigosos, que deveríamos procurar).

P. 29. E quanto às chamadas "bolas de fogo"? Algumas são bolas de fogo verdes.

R. 29. Os Guardiões estão a fazer tudo o que podem sob a lei cósmica para ajudar os homens da Terra. Enviam estas grandes bolas de luz para a atmosfera para ajudar a neutralizar as radiações atómicas perigosas. Elas reúnem a radiação e convertem-na em formas menos perigosas para o corpo humano.

(Nota: Se isto for verdade — e alguns investigadores experientes consideram há anos o Círculo Interior honrado e fiável — é certamente um comentário sobre a nossa civilização. Que imagem — os nossos cientistas a envenenar a nossa Terra —

e os homens do espaço, os nossos irmãos mais velhos, a neutralizar o veneno!)

P. 30. Será por isso que as naves espaciais vieram à Terra em tais quantidades?

R. 30. Não gostamos de vir falar-vos de condições desafortunadas. No entanto, temos de o fazer. Não podeis enterrar as vossas cabeças na areia. Primordialmente, eles vêm para vos avisar para terdes cuidado, mas não apenas isso. O tempo para avisos está a encurtar-se. Estais a envenenar a vossa atmosfera. O vosso povo não será capaz de viver na Terra se continuardes com isso. Transformareis a vossa bela Terra em desolação.

(Nota: Embora se dê aqui grande ênfase ao perigo da radiação atómica, note-se a frase "mas não apenas isto". Ver o último capítulo para mais discussão sobre a razão de eles estarem aqui).

P. 31. Quer dizer que existe a possibilidade de o homem se destruir a si próprio da Terra?

R. 31. O homem pode definitivamente destruir-se a si próprio da Terra. Ele procura fazer isso agora. Tem um desejo masoquista inconsciente de destruição — e assim poderá ser! Como o tempo não importa muito no esquema cósmico das coisas, se o homem se quiser destruir fisicamente da Terra por um período de tempo, esse é o seu direito. Esta pode ser uma experiência necessária, mas ele acabará por voltar novamente e tentar de novo, pois a isso é obrigado.

(Nota: Isto está um pouco condensado, mas a insinuação parecia ser a de que, se o homem se apagar da Terra, voltará à Terra repetidamente até aprender finalmente a lição de que a destruição não compensa).

P. 32. O homem estará autorizado a destruir a própria Terra?

R. 32. Não! A principal preocupação daqueles do espaço não é que o homem se possa destruir-se a si próprio da Terra. O que eles não querem que aconteça são mutações súbitas ou alterações químicas na estrutura física da Terra devido às radiações destas bombas!

Lembrai-vos de que a radiação cósmica do próprio sol vem altamente diluída à medida que passa pela ionosfera, de modo que apenas uma parte suportável passa. Ao libertardes estas bombas, introduzis energia pura na vossa atmosfera sem nada para a diluir ou para a decompor em substâncias mais ou menos inofensivas. O planeta Terra é uma escola, uma escola muito necessária. O homem não vai destruir a Terra.

P. 33. Numa emergência extrema, essas naves espaciais retirariam algumas das pessoas da Terra — levando-as para outro lugar?

R. 33. Correto. Seria voluntário. Aqueles que não quisessem ir poderiam ficar.

P. 34. Haverá alguma coisa que nós, humanos, possamos fazer — coisas que devêssemos estar a fazer e não estamos?

R. 34. Há, evidentemente, muitas coisas que não estais a fazer. Há também muitas coisas que não sabeis fazer, e não estou em posição de vos dizer agora. Muitos grandes mestres vos mostraram o caminho.

Meus amigos, sabeis viver dia após dia? Centrar os vossos pensamentos naquilo que estais a fazer? Esquecer o que os outros

estão a fazer? Desempenhar o vosso próprio papel da melhor forma que conseguirdes? Fazei o melhor que puderes. Aprendei a meditação. Aprendei o controlo emocional. É muito importante. Aprendei o desapego — para serdes o "sonhador" e não o sonho. Vivei a vossa vida ao máximo com AMOR. Não podeis fazer mais.

A NOSSA BELA TERRA

Não é algo que infunde temor reverente falar com pessoas noutras dimensões de vida? Pensai bem no que é atravessar o véu das frequências e dizer "Olá" a alguém que vive numa frequência diferente. Não importa quem fosse essa pessoa, seria uma experiência emocionante. Mas imaginai que a pessoa com quem faláveis estava num "lugar" no universo e tinha uma mentalidade capaz de saber muitas coisas que as pessoas nesta Terra nunca conseguiram descobrir — pelo menos não na nossa geração. Que oportunidade seria essa para fazer perguntas e descobrir algumas coisas!

E, no entanto, essa é a posição em que realmente nos sentimos estar quando falávamos com os membros do Círculo Interior com a assistência do nosso amigo Mark Probert. Queríamos saber mais sobre o nosso planeta Terra e como se comparava com os outros planetas do nosso sistema solar.

Na entrevista anterior com o Círculo Interior descobrimos um pouco, mas mais tarde tivemos o privilégio de descobrir algo mais. Sentimos que os nossos leitores estarão interessados. Portanto, resumamos tudo e deitemos um olhar sobre a nossa

Terra através dos olhos daqueles que conseguem fazer o que nós não conseguimos — a saber, visualizá-la e aos outros planetas a partir do espaço exterior. Eis o que dizem.

O Yada Di Shi-Ite: "A Terra é um local muito bonito visto do espaço. De facto, comparada com os outros planetas, é como um belo oásis no vasto mar do espaço. Os Guardiões sabem que a vossa Terra é o maior, o mais belo local no sistema solar. É o corpo mais habitável no vosso sistema solar".

O Astrónomo Ramon Natalli: "Observando a Terra através desses enormes astroecrãs em Vénus, descobre-se que ela é uma joia de muitas cores — com uma cauda relativamente curta, semelhante à de um cometa, que se arrasta na direção do sol. Da minha observação dela, diria que é o planeta mais bonito de todo o sistema solar. As cores devidas à mudança das estações variam consideravelmente. Há verdes pálidos, verdes de selva escura, vermelhos e amarelos. Os vastos oceanos, exceto quando o sol brilha num ângulo oblíquo sobre eles, são de um azul-ardósia escuro. Devido ao facto de haver mais água do que terra, la cor predominante tende naturalmente a ser o azul-ardósia escuro. Em terra, a cor principal é o verde — essa é a cor proeminente".*

Desde que recebemos esta informação, temos perguntado a muitos dos nossos amigos terrenos por que razão será que o homem da Terra, a quem parece ter sido atribuído o local de habitação mais belo de todo o sistema solar, parece tão pouco grato pela generosidade do seu Criador e persiste em tal destrutividade? A resposta de um deles parece digna de nota: "Bem, talvez as pessoas do espaço sintam que as crianças delinquentes e os deficientes mentais necessitam, de alguma forma, das melhores instalações educativas!"

*Ver *Mystic Magazine*, janeiro de 1956, para mais informações do Círculo Interior sobre os planetas.

EXCERTOS DE SESSÕES

O SIGNIFICADO DO NATAL, A NATUREZA DO CRISTO, CLAREZA DE MENTE

Por Yada di Shi'ite

Digo-vos, ninguém, nenhuma pessoa pode salvar outra. Grandes Mestres desceram através dos tempos, não para salvar o homem, mas para o iluminar! Para que ele se possa salvar a si mesmo. Para que possa encontrar o seu próprio Caminho na Luz.

Na vossa Bíblia cristã há uma afirmação feita quando o homem, Jesus, está na cruz entre dois ladrões. Um desses ladrões volta-se para ele e pergunta: — isto não é textual:

"Ó grande Mestre, o que irá ser de mim? Tenho medo de morrer. Tenho medo de perder a minha vida. O que me irá acontecer?"

E diz-se que o grande Mestre se voltou e disse: "Não temas, porque te digo que hoje estarás comigo no paraíso."

É uma promessa bonita, meus amigos, maravilhosa; mas não foi isso que ele disse. Escutai com atenção, por favor, ao que foi dito: "Digo-te hoje, estarás comigo no paraíso." Não, "Digo-te, hoje estarás comigo no paraíso."

Deixem-me colocar — aquilo a que chamam em inglês — a vírgula no devido lugar. *Digo-te hoje, vírgula, estarás comigo no paraíso.* Isto dá ao ladrão a oportunidade de conquistar a sua própria natureza de Cristo. Isto significa que o Mestre não disse: "Vou pegar-te pelos cabelos e levar-te para o paraíso, quer queiras quer não!"

Ele não fez nenhuma promessa de que esse homem, Jesus, era maior do que o ladrão. O homem, Jesus, não reconheceu o ladrão nesse homem.

Ele simplesmente reconheceu que este homem tinha vivido num estado de ignorância, de trevas, de não saber — mas que, com o tempo, passaria a conhecer, e se elevaria acima da mente de ladrão, e atingiria a mente de Cristo, que é a clareza de entendimento. Tendes Cristo, Cristificado, *Christos*, Natal. Todos significam o mesmo: clareza de mente, limpidez cristalina no entendimento; e quando encontrais isso, encontrais a vossa libertação da Roda da vida material.

Isto não significa que não possais experienciar a vida material de novo; mas agora, nas vossas experiências no mundo material, sabereis o que ela é. Isso significa que não tereis de morrer a morte comum, a morte da ignorância que leva o homem morrer. Elevar-vos-eis acima disso porque tendes sabedoria, não porque sejais santos.

A SABEDORIA DAR-VOS-Á TUDO

A santidade não vos dará nada. A sabedoria dar-vos-á tudo, porque é o encontro da vossa natureza de Cristo. Isso faz de vós um Mestre da existência verdadeiro e consciente. Então podeis voltar. Podeis aparecer. Não tereis de nascer de uma mulher de novo. Não tereis de seguir o doloroso caminho biológico; pois no momento em que entrais no mundo (através do nascimento físico), isso cria um grande trauma. Sim, o nascimento é a primeira dor, tanto para a mãe como para a entidade que entra no mundo da matéria.

Agora sereis capazes de criar instantaneamente uma forma, um verdadeiro ser humano — ah, ah, é bom, não é? — uma forma humana. A forma humana é muito interessante e temos medo de a perder; mas tivestes medo de a obter quando viestes para aqui?

Pedistes para vir para aqui? Alguns de vós dirão: “Não, Deus criou-me. Eu não tive escolha.”

Isso é empurrar a responsabilidade do vosso ser para um ser que não vós próprios. Assumi a responsabilidade! Despertai para a vida! Tornai-vos conscientes! E então não tereis mistérios com que lidar.

Pedistes para vir para aqui. Em certos aspetos, sois uma materialização. Verdadeiramente, sois em essência um ser do espaço. A Terra é uma nave espacial. Mas fostes vós que a criastes. Vós, conscientemente, fizestes, criastes, trouxestes à existência o Mundo da Matéria; e até que vós — e isso inclui-me a mim — aceiteis a responsabilidade por ele, não podereis escapar dele enquanto vós próprios, individualmente, não o honrardes. Começais por vos amar a vós próprios. Só então podeis amar verdadeiramente outra pessoa.

O que quero dizer com amar-vos a vós próprios? Compreender-vos a vós mesmos, não cruzar os braços. Compreender. Meus amigos, o mundo está cheio de mal-entendidos. Que utilidade têm estses seres que vêm à vossa Terra para vos salvar? Tenho escutado, e através dos olhos deste homem (Mark Probert) tenho lido muitas histórias de povos que vêm do espaço exterior para aqui, e essas pessoas que escreveram esses livros disseram que eles vêm, alguns a uns curtos 28 000 000 de milhas de Vénus, 35 de Marte — e isso quando estão em conjunção com a vossa Terra. Outros vieram de grandes e distantes Sistemas Galácticos. Para quê? Para vos ditar mais leis? Para vos dar mais ética? Não estareis por aqui, mesmo por aqui, cheios de ética? Mais leis, neste exato momento?

Mas quem as cumpre? Falamos delas enquanto nos assassinamos uns aos outros. É amável, bonito, não é? Não, os irmãos do espaço não vieram para salvar o homem. Por favor,

notai que só em casos raros se mostram em contacto direto, e têm contacto direto com os povos da Terra. É raro. Não é assim, meus amigos?

É raro. Porquê? Porque sabem que a maioria da humanidade não está pronta; e que nós, os seres humanos, ou tentaremos matá-los ou nos prostraremos diante deles. (Riso do público ao lembrarem-se das religiões de "prostração" do mundo, os muçulmanos, os budistas tibetanos, etc.)

A MALDIÇÃO DOS SISTEMAS SACERDOTAIS

Nascemos, não em pecado, mas no medo! No medo, meus amigos. O Sistema sacerdotal levou o homem a acreditar que nasceu em pecado. Ah, meus amigos, vós estais vivos, e viver significa experienciar. Como ireis manter uma experiência sem cometer um erro? Porque entrastes numa condição que não compreendeis. Portanto, isso significa que tendes de ter experiências para que possais compreender o mundo no qual entrastes, e ter de viver com ele de forma mais inteligente. Não estais a pecar. Estais a experienciar.

E se aprendermos, pelo menos aprendamos a amar a vida. Os nossos medos deixar-nos-ão e aprenderemos grandes coisas, grandes coisas. Meus amigos, não se trata apenas do fenómeno de Seres do Espaço virem aqui — aquilo a que chamais Discos. Esse é apenas um pequeno fenómeno face ao mais vasto. Deixem que lhes pergunte, por favor. Alguns de vós talvez tenham ouvido falar da variedade de coisas que caem na vossa Terra. Não será assim? Dos céus têm caído chuvas de sangue, chuvas de fuligem, chuvas de carne, com pelo. Grandes pedaços de carne já caíram do céu.

CHARLES FORT REVISITADO, COM HUMOR

Houve queda de chuvas de toda a sorte das substâncias mais estranhas, e no entanto, grande parte dessa matéria — matéria? — aquilo a que chamais matéria? (Olha com ar interrogativo para George Van Tassel, que se encontra por perto na plataforma de palestras em Giant Rock, e Van concorda: "Matéria". O público ri.)

Isso significa que qualquer coisa (mais riso) foi despejada — e eu digo despejada, é um excelente termo — na vossa Terra. De onde? Podereis acreditar que os povos do Espaço que vêm de Vénus, talvez por terem alguns pedaços de carne passada, não sabem o que fazer com eles? (Mais riso) No vosso mundo, cada povo nas casas — aquilo a que chamais lares — tem o que chamais pequenos baldes onde põe o lixo. Eles não têm baldes de lixo; por isso fazem pequenos pacotes e viajam 28 milhões de milhas para os despejar aqui. (Mais riso) É bonito, não é? É inteligente.

Também em Marte, eles têm casas com chaminés com muita fuligem nelas. Não sabem o que fazer com ela. Levemo-la para a Terra. (Mais riso) Aquelas gentes na Terra são pecadoras. Ninguém se importa — todo o vasto universo não quer saber delas. Despejemo-la sobre elas. (Mais riso)

Parece também que o Ser a quem o cristão chama Deus tem uma coisinha de que se quer ver igualmente livre. É conhecido como o homem Satanás; mas ele não era Satanás na altura, era Lúcifer, o grande anjo da Luz. Mas ele andou a criar divisões no céu. Os Deuses não gostaram disto. Armado em esperto. Diz-se que Deus ficou com ciúmes da popularidade que ele granjeou entre os anjos.

RACIOCINEMOS JUNTOS

Isso é assustador. Soa a sacrilégio, mas, meus amigos, não estou a ser sacrílego. Estou a tentar tornar claro para vós, usando

pequenas histórias, o que se está a passar! E o nosso raciocínio sobre o que se está a passar. O homem é um ser que raciocina — ou assim se diz. É isso que nos torna — eu sou um ser humano — é o que nos torna diferentes dos animais ou de qualquer outra coisa. Somos seres que pensam. Experimentemos isso por um bocadinho, sim? Então Ele empacotou Lúcifer e atirou-o abaixo — por aquilo a que chamais rampa? Rampa? Sim, a rampa (Riso) para a Terra; e o homem insensato viu esse pacote. É conhecido como a Caixa de Pandora. Ah, ah ah. (Riso) Ele abriu-o e de lá saiu o Rapaz do Fato Vermelho. (Mais riso da parte do público) E Ele disse:

"Daqui em diante, ides ver-vos em apuros!"

Mas a vida é uma espécie de lâmina de dois gumes. Quanto mais Satanás complicava as coisas para os humanos, mais os humanos complicavam as coisas para Satanás. Por isso, nem mesmo Satanás consegue sair do inferno. (Riso) Quereis que Lúcifer volte para o céu? Então esqueçam-no. A melhor maneira de se verem livres de qualquer coisa é esquecê-la. Pensem nisso, meus amigos. Voltemo-nos para o homem a quem chamaram Hitler. Se toda a gente o tivesse ignorado, não poderia ter havido nenhuma guerra. Mas não, fizeram-lhe publicidade. Ah, sim! Hitler fez isto! Hitler está a fazer aquilo! Hitler está a fazer tudo! E o homem inclina-se a seguir qualquer pessoa que pareça que vai ser um líder, e quanto mais publicidade essa pessoa recebe, mais seguidores obtém.

Se tendes alguém de quem não gostais, não mantenham essa pessoa na vossa consciência com o vosso ódio. Não a imortalizem com os vossos sentimentos de animosidade. Esqueçam-na! E ela irá embora! Morrerá por falta do vosso brilho do sol. Vós mantendes esses indivíduos no centro das atenções com os vossos pensamentos, no centro das atenções da vossa própria consciência.

Como podereis esquecer melhor o vosso inimigo? Amando-o. Simples, não é? Ama-o e ele não te poderá magoar. Não creio, não acredito realmente que preciseis que venha uma alma do outro mundo dizer-vos estas coisas. Creio que as conheceis, mas gostais de as ouvir repetidas. É tudo. Vós conheceis as coisas...

(Transcrito da fita da palestra do Yada na Convenção do Espaço de George Van Tassel em Giant Rock, Califórnia, 30 de maio de 1959. Palestra de duas horas.)

CONSEGUI O VOSSO ENTENDIMENTO

PARA VER A UNIDADE DAS COISAS

Por Lao Tse (Jan Fev 82)

O Sábio Chinês Numa Reunião em San Diego Em 1948

«Como estão? Eu sou Lao Tse. Sinto-me muito afortunado por ter atraído um grupo tão grande de pessoas que desejam saber um pouco mais sobre a vida e sobre o que se segue à chamada morte. Creio que, se todos tivéssemos uma melhor compreensão — se pudéssemos ser levados a ver a unidade das coisas —, não ficaríamos angustiados por os nossos queridos amigos passarem de um plano para o seguinte. Isso acontece apenas porque não conseguimos ver a atividade a decorrer nos dois planos simultaneamente. Agora, se tiverdes algo de interesse para falar, gostaria de saber o que seja.»

«Tereis aí uma impressão do grande sofrimento que testemunhamos aqui sem podermos fazer grande coisa a respeito?», perguntou o Dr. Cosmon. «Parece que não conseguimos ter uma perspetiva correta sobre isso deste lado.»

«É minha convicção», respondeu Lao Tse, «que desde o início do surgimento do homem na Terra e da aceitação do seu

corpo químico, que ele perdeu o conhecimento de si próprio. Ele sabia e sabe como lidar com o ser etérico, mas não sabe como lidar com o corpo químico. Por lhe faltar esse conhecimento, ele cai e tem falhado em alimentá-lo adequadamente com o tipo de produtos alimentares que gerariam aquilo a que chamais saúde nas células do corpo.»

«Não se refere, então, à influência mental na produção de saúde», observou o Dr. Cosmon.

«Não inteiramente. A única influência mental aí existente é a falta de conhecimento. Se o corpo for alimentado com o tipo de produtos químicos que contribuem para a constituição de um corpo saudável e se receber os devidos cuidados, os sofrimentos não existirão. Mas o estado de sofrimento é provocado através do desejo inadequado — para satisfazer o sistema nervoso. Essa é a maldição do homem. Ele perdeu-se na selva — na selva do desejo. O seu erro alimentar não só corrompe o seu corpo físico, como ele lhe adiciona o pensamento errado; e, assim, os seus nervos são afetados por todas as direções. Ele não aprendeu a controlar as suas emoções; consequentemente, mesmo quando come o alimento adequado, este envenenará o seu sistema devido à falta de controlo das suas emoções.

O doutor sabe que os melhores alimentos podem ser introduzidos no sistema, o melhor estilo de vida geral para o indivíduo; e isso não lhe trará benefício nenhum se lhe faltar o controlo das suas emoções. E também sabe que, mais cedo ou mais tarde, as suas emoções vão voltar-se contra si e liquidá-lo.»

COMEI ALIMENTOS NATURAIS

«Gostaria de saber se tem algo de específico para nos dar sobre a questão da alimentação», disse o Dr. Cosmon. «Gostaria de saber se estou errado ao pensar que, se eu seguir o apelo da

Natureza, comendo o que é saboroso, e tal como vem da Natureza, sem cozinhar, continuarei a manter-me em boa forma.»

«Todos os vegetais dão vida», respondeu Lao Tse, «desde que não façais o que tantos fazem hoje em dia — ferver os vegetais e depois deitar fora a água com os valiosos minerais.»

«Defende o consumo de alimentos crus?», perguntou Meade Layne.

«Sim, em grande medida. Há algumas pessoas para as quais isso não é bom, mas para a maioria das pessoas é. Alguns conseguem tornar-se fortes com qualquer dieta. A carne, como é óbvio, não é boa para introduzir no sistema; porque imediatamente após a morte do animal o apodrecimento instala-se. As células morrem, e células mortas não são coisas boas para introduzir no sistema.»

«Mas conhecemos algumas pessoas que prosperam com uma dieta de carne», observou Layne.

«Sim, é verdade», concordou Lao Tse, «mas isso não deverá sugerir que a mente estabelece as leis para si mesma? Não podemos dar uma regra para as pessoas em massa; só podemos lidar com o indivíduo. Depende muito da sua capacidade mental, de como encara a vida, etc. Se o médico, ao examinar um paciente, também lhe examinasse a mente, conhecesse as suas perspetivas e as suas reações às coisas, poderia então decidir qual era o problema.»

«Acha que o costume moderno de dar alimentos sólidos a um bebé de seis semanas é sensato?», perguntou a Sra. F.

«Aqui deparamo-nos novamente com um indivíduo, mesmo que seja um bebé. Se os pais da criança forem de natureza calma e não forem excessivamente emocionais, e a criança nascer

saudável, e esses alimentos forem tão puros quanto se possa conseguir, não creio que façam mal ao corpo.»

«Ouvi falar de médicos que aconselham vegetais, estufado de borrego, ervilhas, pêssegos, e por aí fora, para bebés minúsculos com apenas algumas semanas de idade», disse a Sra. F.

«Os tempos mudam», observou Lao Tse. «As coisas não são como eram ontem. A raça avança em mente; por isso, o corpo acompanha o processo.»

«Quando uma pessoa experimenta uma longa sucessão de vários remédios e dietas», disse Layne, «e entre dez ou mais encontra finalmente uma que produz bons resultados — diria que é uma questão de a mente provocar isto?»

«Diria, sim», respondeu Lao Tse.

«Mas isso não deixa qualquer margem de atuação para os médicos», objetou Layne.

«Se o médico for pelo menos um pouco psiquiatra, compreenderá a razão pela qual alguns dos alimentos são bons para a pessoa e outros não», respondeu Lao Tse.

UMA BASE PARA A TERAPIA DA COR

«Também pode conhecer a mente do paciente através da sugestão da cor. Algumas cores provocam doenças, e alguns alimentos também. Algumas palavras ditas podem provocar doenças, e certos sons podem fazer o mesmo.»

«Existiria alguma correlação entre alimentos e cores, de modo a que se pudesse prescrever uma determinada dieta?», perguntou Layne.

«Ao testar os vários alimentos e vegetais, poder-se-ia descobrir por que razão uma cor é prejudicial — isso poderia possivelmente remontar a alguma experiência antiga na vida.

As cores tanto podem produzir doenças como curá-las. Olhai para os chamados loucos nos vossos asilos; hoje ouço dizer que estais a usar a música e a cor como cura para certas dificuldades.

(Aqui Lao Tse refere-se possivelmente ao trabalho pioneiro de Cecil Stokes nos hospitais de Los Angeles logo após a Segunda Guerra Mundial. Não houve resposta encorajadora da classe médica.)

Portanto, se a cor e a música têm tal efeito sobre o indivíduo, certamente outras cores e sons reverterão esse efeito. No devido tempo, surgirão médicos do som e da cor e muito se aprenderá; e, em resultado, a medicina deixará de ser necessária para curar certos tipos de doenças, além da loucura.»

«Tenho uma pergunta de um dos nossos assinantes em Culver City, Califórnia», disse Layne, «com referência ao incidente em que trouxe até nós, há algum tempo, um homem que tinha cometido um crime particularmente horrível, um crime que envolvia perversão sexual.»

«Isso requer uma série de estudos», respondeu Lao Tse, «um dos quais remonta à primeira manifestação do homem aqui, quando ele era um só, tanto masculino como feminino. Também deve levar em consideração que a laringe tem uma ligação muito definida com os órgãos sexuais. Estas pessoas são lamentavelmente incompreendidas, lamentavelmente desprezadas e maltratadas, o que é muito infeliz; mas é apenas mais um caso de falta de entendimento do homem; e até que ele compreenda, esses (homossexuais) sofrerão. Como se pode ver, é um assunto longo.»

«Pode dizer-nos se, neste caso específico, esta perversão terá sido uma herança de uma vida anterior?», perguntou Layne.

«Sim, era, até certo ponto. Possivelmente, uma entidade masculina que deixa o plano terrestre por um curto período de tempo tem o desejo de experienciar a consciência feminina, mas por vezes não entra no corpo feminino, não constrói para si as tensões de um corpo feminino, mas fica com o corpo masculino com um desejo feminino, o que, como é óbvio, produz o caos. Escreveremos sobre outro caso de uma entidade com corpo masculino e desejo feminino no pequeno livro que estamos a escrever (*The Magic Bag*). É difícil discuti-lo aqui.»

PRATICAR A REGRA DE OURO

«Sim, compreendemos», respondeu Meade, «mas percebe, certamente, que apenas desejamos saber destas coisas para sabermos como tratar tais casos com bondade.»

«Sim, sem dúvida.»

«Lao Tse, aqui está a fotografia de si mesmo no controlo do Mark que vai ser publicada na primeira edição de 1949 da revista 'Fate'; o que pensa dela?», perguntou a Irene Probert. «O Mark ficou espantado quando a viu. Ele disse: 'Irra, pareço velho. Pareço mais velho do que Deus!'»

«Podemos não ser mais velhos do que Deus», riu Lao Tse, «mas somos tão velhos quanto Ele. Tantos, quando começam a perceber que são criadores em si mesmos, parecem sentir uma espécie de vergonha por expressarem essa ideia; parecem sentir que isso não deveria ser assim — 'Deveria haver algo para eu admirar'. Isto é muito bonito e idealista, mas não vos leva a lado nenhum.»

«Sim, Lao Tse, mas é um consolo frio saber que temos estes poderes intrínsecos», disse Layne, «e contudo sermos incapazes de usar a menor parte deles.»

«Regressando ao tempo em que o homem abandonou a divindade consciente para experimentar aquilo que é inteiramente estranho ao Criador, haverá alguma surpresa em que, ao entrar na vida física, ele se tenha perdido?», disse Lao Tse. «Essa é uma fase do problema do tempo — para que o homem possa novamente compreender a grandeza da qual faz parte. Não vos é possível acreditar que, se pelo menos um dos que vêm alcançou a capacidade de fazer coisas maravilhosas, os restantes de vós possuam a mesma capacidade?»

«Acreditamos nisso, em teoria — mas continuamos incapazes de utilizar esse poder latente», queixou-se Meade.

«Consigo ver no passado, no tempo e no meu próprio país, a China, as condições deploráveis em que o meu povo tinha caído. É, e era, muito evidente que ele (o poder divino do Homem) não pode ser posto em ação porque aquilo que não é compreendido e assimilado não pode ser posto em ação. A mente tem de alcançar uma espécie de despertar.»

(16h30, 30 de out. de 1948. O controlador cessa, para ser substituído por outro membro do Círculo Interior.)

«. . .SEMPRE ACOMPANHADO POR UMA PRESENÇA INVISÍVEL»

Charles Lingford, do Círculo Interior, Discute as Responsabilidades do Guia (Jan Fev 83) BSRF N.º 8-D, 14 de março de 1948

O grupo, reunido na casa do Mark e Irene Probert, em San Diego, Califórnia, fala sobre a ajuda e orientação dadas ao médium, Mark Probert, em transe profundo, à medida que um Controlador assume o comando.

«Em certo sentido, todos vós tendes razão. Cada um de nós, mesmo aqueles que não têm apetência para esta forma de

mediunidade, é guiado e ajudado. Todos vós tendes os vossos ajudantes invisíveis», disse Charles Lingford. «Creio ser possível, Meade, que saibas algo sobre o caso — de que ninguém fica jamais sem uma presença invisível a qualquer hora ou minuto do dia ou da noite —, porque nenhum de vós que ainda se encontra na Terra sabe quando vai fazer a passagem; e mesmo nós que agimos como vossos guias e ajudantes nem sempre o sabemos até que o momento esteja quase a chegar.»

«O que quer dizer exatamente com 'sempre acompanhado por uma presença invisível'?», perguntou Meade Layne.

«Exatamente isso. Quero dizer que eu próprio tenho estado com este rapaz (Mark) há muito, muito tempo — quase desde a sua infância.»

«No entanto, disse o próprio que nem sempre está com ele», observou Meade.

«Isso é verdade; mas, como vês, existem laços de ligação. Vamos tornar-nos um pouco científicos aqui, talvez. O teu amigo, e meu amigo também, com quem me encontrei há algum tempo aqui, e que posteriormente escreveu um livro muito valioso sobre o saber Huna (Max Freedom Long), fala daquilo a que os Kahunas chamavam o 'cordão-aka' que, por assim dizer, é uma espécie de força fluídica *(magnética)*; e quando nós — refiro-me a este rapaz e a mim — estamos separados, caso algo corresse mal, eu saberia disso instantaneamente e far-me-ia presente.»

«Isso equivalerá àquilo a que chamamos sintonia?»

«Exatamente», respondeu Lingford.

«Quer dizer que uma personalidade está sempre presente connosco?»

«Sim, mas não quero dizer com isto que essa personalidade ande a passear convosco de cada vez que se levantam e se

movem, mas ela está constantemente ligada. Essa ligação nunca se quebra. A vossa Bíblia alude a algo semelhante quando diz que até a queda de um pardal é registada.»

«Esses amigos — de que modo tentarão eles ajudar-nos, aconselhar-nos, proteger-nos? Demonstram um interesse ativo?», indagou Meade.

«De acordo com o adiantamento do indivíduo», respondeu Lingford, «a forma como ele pensa, quais as suas características naturais — esse indivíduo é ajudado por diversas maneiras — por vezes por uma voz falada por nós que ele consegue ouvir; por vezes apenas por impressão, por controlo mental. Por vezes, o indivíduo pode ser excessivamente obstinado e terá de se lhe falar através de efeitos sonoros. Isso vai assustá-lo o suficiente para o despertar para o que está a fazer de errado.»

O ASSUNTO ATRAI AS PERSONALIDADES

«Esses guardiões mudam?», perguntou Vi Brinkley.

«Sim, depende em grande parte daquilo que o indivíduo deseja fazer — o que vive na Terra, quero dizer —, de quais sejam os seus desejos. Por exemplo, se alguém começa com o desejo de ser uma espécie de músico ou escritor, imediatamente, se fizer alguma tentativa séria nessa linha, os seus ajudantes começam a chegar — novos ajudantes —, e se ele abandonar isso e tentar outra coisa e fizer um esforço sério nesse sentido, receberá novos ajudantes. A coisa, a atividade ou interesse, atrai as personalidades. Em certo sentido também é daí que vem a velha ideia de que 'o semelhante atrai o semelhante'.»

«Que é que ganham os ajudantes? Qual será a lei que rege?»

«Há uma lei que tem estado mais ou menos sem efeito no vosso plano terreno e que é a exigência da natureza de que o homem ajude o seu semelhante. Ele pode ignorá-la enquanto se

encontra no corpo físico, mas terá certamente de a seguir quando passar para este lado. É a Lei do Serviço.»

«Até que ponto poderá a pessoa deste lado ser influenciada?», perguntou a Sra. Brinkley.

«De muitas maneiras», respondeu Lingford. «Eles podem influenciar para o bem, ou podem influenciá-la para o mal, dependendo mais uma vez daquilo que o indivíduo procurar. Se ele persistir em caminhos perversos, atrairá entidades para junto de si até descer para a morte.»

«Então a proteção de alguém reside em manter os seus pensamentos elevados», observou a Sra. Brinkley.

«Exatamente, e é por isso que não podemos impor-nos nem impor a nossa atenção a um indivíduo por um período de tempo muito prolongado. Se virmos que estamos a falhar, simplesmente retiramo-nos.»

FAZER DEPÓSITOS NO BANCO ESPIRITUAL PRÓPRIO

«Isso será considerado, para vós, um investimento?», perguntou Meade.

«De certa forma, sim. Achamo-lo muito útil para nós porque, como vês, todos vós que estais no corpo físico já estivestes onde eu estou agora; e todos vós estareis aqui deste lado nalgum momento de novo, e todos estareis de volta à Terra novamente.»

«Pode dar-nos algumas das leis do renascimento?»

«Isso levar-nos-á a dois campos: primeiro, ao assunto muito profundo e longo da Teosofia e do Carma, e também à ciência natureza. O homem quer e a sua vontade sofre ação, seja no meu plano ou no teu.»

«Lembra-se apenas da vida imediatamente anterior àquela onde se encontra agora?», perguntou a Sra. Townes.

«Isso depende daquilo que aprendeste aqui. Se não entraste no funcionamento interno da vida, não saberás mais sobre as tuas vidas anteriores do que sabes agora. A Bíblia diz 'Batei e abrir-se-vos-á; buscai e achareis.' É estranho como frases simples como essa têm sido deixadas passar e ignoradas.»

«Não será uma falta de perceção?», indagou a Sra. Brinkley.

«É; isso é verdade — nenhuma consciencialização definida da verdade que reside por trás delas.»

«Haverá algo que possamos fazer para desenvolver essa perceção nas pessoas?», perguntou a Sra. Hewitt.

«Nas outras pessoas, não. Em si mesma, sim. Não deveis ajudar as pessoas em geral com o vosso conhecimento; deveis apenas ajudar-vos a vós próprios. A lei está presente. Uma vez adquirido aquilo a que se pode chamar um estilo de vida bom e compreensível, então podereis transmiti-lo aos vossos vizinhos e deixá-los considerar o que ele vale; mas mais do que isso não podeis fazer. Verificareis que sempre que tentais colocar a vossa vontade contra a de outrem, ele ou ela se sente ofendido. Sente que estais a fazer uma imposição, como se estivésseis a criticar a capacidade deles de pensarem por si próprios.»

«A memória da vida terrena continua?», perguntou Meade.

«Não. A pergunta era se nos lembramos de vidas anteriores à vida que vivemos aqui antes desta?»

«Essa memória é contingente?»

«Não no tipo de vida, mas no que sabes, no que estudaste e no que tentaste descobrir sobre a vida; então, se avançaste o suficiente, saberás sobre as vidas anteriores — muitas delas.»

«Onde se achará localizado o registo dessas vidas anteriores?», perguntou a Sra. Hewitt.

«Não está no corpo», respondeu Lingford. «Encontra-se na Mente Cósmica, e essa Mente Cósmica é aquilo que vós pareceis pensar que é a mente subconsciente que se lembra.»

«E quanto à alma, Lingford, como funciona ela em relação aos registos?»

«Enquanto a alma mantém o contacto com a Mente Cósmica, tem conhecimento de muitas coisas. Se a alma, como lhe chamais, perder o contacto com essa Mente Cósmica, então o corpo começa a registar como um gira-discos de agulha encravada — repete, repete, repete — percebes? E sem nexo nem razão.»

«O espírito contém o registo completo?»

«O espírito contém, porque está em constante contacto.»

«Quanta inteligência possuem as formas-pensamento?», perguntou Vi Brinkley.

«Apenas a que lhe é incutida a partir do pensamento individual que as produz. O homem produziu-se a si próprio na Terra e assim continua a produzir tudo o resto.»

«Quer dizer que ele se cristalizou aqui?», perguntou a Sra. Hewitt.

«Exatamente», respondeu Lingford. «O verdadeiro propósito é voltar para o vosso — aquilo a que a Bíblia chama o vosso Pai Celestial — por outras palavras, encontrar o vosso Eu Superior.»

PARA AQUELES QUE PRECISAM DE UM DEUS PESSOAL

«No vosso lado da vida, há pessoas que ainda procuram Deus?»

«Sem dúvida, existem tipos de mente que insistem em ter um Deus pessoal que têm a certeza de que vão ver quando passarem para este lado, e sentar-se à sua direita ou esquerda. Ora, a mente

é uma peça de maquinaria muito peculiar — quando digo mente quero dizer o cérebro, neste caso. Quando eles vêm para este lado com ideias como essas, é bastante provável que tenham alguém que lhes apareça como Deus, a fim de os deixar felizes e contentes até terem aprendido o contrário. Não há nada na natureza que leve o homem a temer, exceto o próprio homem.»

«Disseram-nos que ainda há monges a viver em mosteiros aí», disse Meade.

«É verdade — e é o mesmo com os católicos e todos os outros ensinamentos — eles têm mosteiros enormes e igrejas de todos os tipos para as pessoas frequentarem. Como vês, a natureza exige, e a exigência é sempre satisfeita.»

«Nunca voltamos como animais, pois não?», perguntou a Sra. Plumb.

«Não, o homem apenas progride», respondeu Lingford. (Teria ele recebido instruções para não entrar no assunto do Caminho da Mão Esquerda? Ou essa lição ter-se-á "perdido no correio" do mundo Astral? R.H.C.)

«Os animais e os insetos também progridem?»

«Existem algumas formas de vida que nem sequer são aquilo que supondes que sejam, mas apenas energia animada.»

«As formas mais elevadas de animais — aparecem neste plano? Por exemplo, a identidade de um cão, tratar-se-á do mesmo cão?»

«Com certeza que sim. Como vês, um cão, um cavalo e todos os animais domésticos que passaram muitos anos com o homem reaparecem frequentemente após a sua separação do corpo. Os animais têm perceção de si próprios, embora vós pareçais pensar que os animais não têm capacidade de raciocinar. Eles têm-na.

Eles têm muita perceção de si próprios, e essa perceção é uma das coisas que leva a que o homem tenha consciência após a morte.»

«Fale-nos sobre o mundo de pesadelo dos insetos nas selvas e dos monstros marinhos. De onde vêm eles e para onde vão?», perguntou Meade.

«A natureza está sempre a fazer experiências, sempre a projetar. O que vos parece ser um Horror, para si próprio é tudo menos um horror. Quando essa energia deseja criar algo novo, projeta-o mais ou menos para o lugar onde vai viver, de modo a que seja capaz de aí existir. Por exemplo, não encontrais a natureza a produzir um urso-polar na Índia.»

«Mas esses 'horrores' desenvolvem-se em formas mais elevadas?», perguntou Harriet Foster.

«Sim, com o tempo todas as coisas mudam. Isso é tudo o que há na vida; a única coisa permanente, realmente permanente, é a mudança constante e eterna.»

(Adequando a ação à palavra, Charles Lingford parte, para dar lugar a outro Controlador. Março de 1948)

Existem quatro classes de animais domésticos que representam o auge da evolução no mundo animal. Naturalmente, são aqueles que estão mais próximos do homem, o que representa o grande passo seguinte para eles: gatos, cães, cavalos e elefantes. Qualquer animal que progrida até ao ponto de responder ao seu nome separou-se da sua alma grupal e está a caminho da individualidade. Se não estiver numa das quatro categorias acima referidas, é bastante provável que faça várias encarnações rápidas como animal de estimação doméstico na mesma família humana até que a individualidade seja alcançada, fixada. Depois, essa alma de "jardim de infância" espera nalgum Nirvana interplanar e intemporal pela próxima Ronda em que poderá encarnar como

humano nalguma sociedade primitiva da Idade da Pedra num planeta adequado, sob a proteção de uma Mónada, uma Centelha Divina do Criador. Assim como usamos os animais para os nossos fins, egoístas ou não, também o Criador nos usa a nós, humanos, para fazer avançar a evolução do Terceiro Reino, o reino animal.

Diz-se que, após a Inversão Polar e outras grandes alterações planetárias que conduzem à Era de Aquário, muitas das formas animais mais primitivas desaparecerão por completo, especialmente os animais carnívoros, os comedores de carne ávidos de sangue. Assim, a redução do seu número por caçadores humanos, até ao eventual desaparecimento de uma espécie, também serve o propósito do Criador.

O DANO MORTAL PARA AS GERAÇÕES VINDOURAS
Por Yada di Shi'ite (Maio-Junho 83) 6 de junho de 1957

«O maior malefício da bomba atómica já foi efetuado. Tudo o que falta, em comparação com uma guerra real, é o efeito da onda de choque. As vossas cidades acham-se estruturalmente intactas; e também não houve a perda direta e imediata de um grande número de vidas. Mas esses factos afortunados cegam-vos para a verdadeira catástrofe de maior dimensão: os efeitos genéticos e os efeitos nos corpos daqueles que vivem agora.

Não desejo continuar a repetir tais afirmações. Não as repetirei mais. Digo aqui, de uma vez por todas, que estais confrontados com o perigo mais grave, a ameaça mais iminente para a raça humana e para o planeta Terra que alguma vez existiu. Tudo o que as vossas experiências nucleares deixaram de fora foram os efeitos físicos do calor e da concussão. O dano verdadeiro e mortal para os vivos e para as gerações vindouras ainda não foi compreendido.

Sobre essa questão de desaparecimentos misteriosos, dos quais há uma grande quantidade — sim, certamente existem "raptores cósmicos," como lhes chamais. Durante milhares de anos, visitantes do espaço e de vários corpos celestes têm levado pessoas, objetos de todos os tipos, animais e, mais recentemente, aviões e os seus ocupantes.

Deveis também ter em mente que alguns desaparecimentos estão ligados ao fenómeno conhecido como a distorção do espaço. Foi-vos dito e ensinado que o espaço é o nada. Esta "coisa" a que chamais espaço é uma espécie de substância, e é mais de 100 000 vezes mais densa do que qualquer um dos chamados sólidos do vosso plano terreno. Existem camadas sobre camadas de densidades diferentes, e o que se poderia chamar "fendas" entre elas. Uma distorção pode ser imaginada como uma espécie de dobra na matéria espacial. Tais dobras dão entrada a novos mundos espaciais com características e densidades diferentes. A pessoa ou objeto apanhado desaparecerá das vossas perceções. Os seres do espaço tiram partido das distorções espaciais, e a pessoa ou pessoas apanhadas nelas podem surgir em plena consciência num período histórico diferente — ou num ambiente físico diferente, mas correspondente.

Qualquer pessoa apanhada em distorções do espaço ou do espaço-tempo sofrerá habitualmente de amnésia, ou talvez fique mentalmente perturbada, visto que o espaço distorcido está associado a campos gravíticos e/ou magnéticos. A teleportação está frequentemente ligada a distorções espaciais; a matéria torna-se energia e a energia reaparece noutro local como matéria.

OS ÉTERES DE MÁXIMA IMPORTÂNCIA E TUDO ABRANGENTES

Toda a vida do vosso mundo físico é alimentada a partir do Éter Baixo; o Éter Alto não é afetado por isso. A vossa Terra é

um “núcleo”, como se fosse feita de esferas concêntricas de densidades crescentes dos Éteres.

Um imenso desenvolvimento do conhecimento técnico sobre a distorção do espaço e do tempo, e sobre os Éteres, está a abrir-se lentamente diante de vós. Tenho em mente a fotografia Delawarr *(ou mais precisamente, a Câmara Radiónica De La Warr)* do passado e do futuro ou de moldes e padrões etéricos. Tudo aquilo de que mal dei uma pista será expresso em termos científicos e empregue de formas com que nunca sonhastes. As distorções espaciais e as frequências tornar-se-ão conhecidas e usadas. Aprendereis a teleportar os vossos próprios corpos — a “marcar o vosso próprio número para Londres” de forma segura e instantânea.

Com tais possibilidades diante de vós, voltareis a vossa ciência para a produção de débeis, idiotas, deformidades inacreditáveis, e até para um planeta inabitável! O mal já feito ultrapassou o ponto de não retorno. O que reside mais além, vós o descobrireis, mas não podeis desfazer o mal que foi feito. Não, não; não podeis voltar atrás.»

Isto foi dito em 1957, 14 anos após a Experiência de Filadélfia de distorção espacial de um navio contratorpedeiro de escolta do Estaleiro Naval para Norfolk, Virgínia, e de volta, tão bem documentada no livro de William Moore com esse mesmo título. Sem dúvida que o Yada di Shi’ite foi um observador atento do evento a partir da posição privilegiada que ocupa no Éter Alto, e ele sem dúvida acompanhou a investigação e o desenvolvimento do conceito em que a Marinha transferiu o vaso de guerra para uma das empresas da era espacial aqui na Califórnia. Ficção científica, é assim que o assunto é tratado em *Thin Air*, o livro de bolso da Dell por George Simpson e Neal Burger, publicado em 1978 — se conseguirdes encontrar uma cópia não confiscada da história supersecreta. E, como é óbvio, milhões e milhões de

espetadores da série de televisão *Star Trek* estão familiarizados com o Raio de Transporte instantâneo por distorção espacial ali dramatizado. Será que um certo grupo de elite de cientistas e individualidades oficiais se está a transportar de Washington ou Langley, Virgínia, para, digamos, Pine Gap, a instalação supersecreta da Força Aérea no centro da Austrália, perto de Alice Springs?

DEPOIS OS MILITARES ASSUMEM O CONTROLO

No capítulo final, "Viagem no Tempo", do seu fascinante livro *How To Build A Flying Saucer and Other Proposals In Speculative Engineering*, T.B. Pawlicki faz uma extrapolação sobre a Experiência de Filadélfia: «O desenvolvimento industrial da viagem no tempo será, pois, integrado nos sistemas que nos são familiares, sem mais alterações do que aquelas que a tecnologia impõe para o seu funcionamento. A viagem no tempo começa com o testemunho de visionários proféticos que são descartados como loucos. (Bill Moore falou com um membro da tripulação que diz que Einstein estava ali no cais, no Estaleiro Naval, quando a Experiência de Filadélfia ocorreu.) Mas assim que uns poucos excêntricos solitários produzem uma prova convincente de que a viagem no tempo é realmente possível, os centros de reflexão começam a organizar-se por todo o mundo para fazer investigação, de forma completamente desconhecida do público em geral. Depois os militares assumem o controlo, e nada mais se ouve durante uma geração. Depois de todos os erros e despesas serem suportados pelos contribuintes, a maquinaria é entregue à Pan Am e à Aeroflot para ser operada com lucro.

COMPRAI UMA PASSAGEM PARA SÍRIO

A viagem no tempo será vendida ao público quando as viagens puderem ser organizadas em pacotes como as excursões da agência Cook. Seria impolítico abalar a fé na realidade

estabelecida ao abrir linhas temporais alternativas; o transporte comercial estará limitado à linha temporal atual, e todos os outros canais estarão reservados para exploração e controlo militar. Comprareis o vosso bilhete para umas férias num planeta no Sistema de Sírio de forma muito semelhante àquela com que ides a uma agência de viagens para uma viagem ao Havai. As partidas são programadas por janelas harmónicas através do hiperespaço, tal como os navios à vela esperam pelo vento e pela maré. Todos os lugares são em classe turística porque o trânsito é instantâneo. Assim que as amarras são soltas, raios de radiação convergem para um foco na nave estelar e esta desmaterializa-se enquanto acelera em linha reta para cima até à velocidade da luz. Ninguém joga xadrez holográfico para passar o tempo em rota, porque a rematerialização no porto estelar se segue imediatamente após a descolagem. Após a acostagem, os passageiros saem. A tripulação ruma a lupanares exóticos, a carga é descarregada e os oficiais preparam os documentos da nave para a viagem de regresso.

O regresso da nave estelar ao porto da Terra poderia ser programado para qualquer momento antes ou depois da partida original; mas haveria problemas contínuos se os turistas voltassem a casa antes de partirem; e se ficassem fora mais do que um mês, os seus empregadores queixar-se-iam. Duas semanas é mesmo o tempo de que toda a gente precisa para concluir o trabalho de escritório entre carregamentos. O único limite para o tempo que os viajantes passam no planeta de Sírio é a quantidade de dinheiro que levam consigo. O único problema que desafia a solução é a negociação da tabela salarial com o Sindicato Interplanetário dos Pilotos Espaciais para o tempo trabalhado no hiperespaço.»

(*How To Build A Flying Saucer*, por T.B. Pawlicki, publicado em 1981 da Prentice Hall, Inc., Englewood Cliffs, Nova Jérsia 07632)

Que perspetiva emocionante os desenvolvimentos de alta tecnologia da Era de Aquário nos reservam. O trabalho de base já foi lançado nestes momentos finais da Era de Peixes. Podemos desfrutar e desfrutaremos dos frutos do nosso trabalho SE conseguirmos impedir que os maníacos militares em Washington, Moscovo e Pequim concretizem o seu desejo de morte através de uma guerra nuclear total. Apenas alguém de dentro nos poderia dar os detalhes dessa linha de ação suicida que começou com a ativação daquela primeira pilha atómica sob as bancadas de público do campo de futebol americano da Universidade de Chicago, a 2 de dezembro de 1942. Recordámos o 40.º aniversário dessa ocasião memorável e ameaçadora na nossa revista de janeiro-fevereiro. Um dos físicos atómicos não identificados presentes e que assistiu ao estabelecimento dessa reação em cadeia foi o falecido George Kistiakowsky, cujo canto do cisne foi publicado na edição de dezembro de 1982 do *Bulletin of the Atomic Scientists*.

UM PRESIDENTE CONFESSA JOGOS POLÍTICOS SUJOS (Jan-Fev 76)

A investigação contínua por parte do Congresso sobre a obra do Mestre do Engano, J. Edgar Hoover, revela que todos os presidentes fizeram uso do FBI para os seus próprios fins políticos; assim, a responsabilidade final pelos crimes políticos dos Serviços de Informação recai sobre o Comandante-Chefe na Casa Branca.

A revisão do trabalho de Hoover e do seu Gabinete Federal recuou até à década de 1930. O que os investigadores procuravam era uma diretiva clara para Hoover, que o autorizasse a ele e aos seus agentes a violar as leis do país. Os líderes da nação eram demasiado astutos para colocar algo assim por escrito! Tudo o que foi descoberto e revelado até agora é que o Secretário de Estado Cordell Hull autorizou Hoover a investigar possíveis atividades subversivas neste país por parte de comunistas e fascistas.

Isso aconteceu em setembro de 1936, de acordo com um memorando de Hoover encontrado nos seus arquivos após a sua misteriosa e súbita morte. Havia também um memorando de Hoover sobre uma reunião anterior com o Presidente Roosevelt na Casa Branca, a 24 de agosto de 1936, referindo que Roosevelt «estava desejoso de discutir atividades nos Estados Unidos, particularmente o fascismo e o comunismo»; mas pouco mais havia para indicar que instruções específicas, a existirem, foram dadas pelo Presidente ao Diretor do Gabinete, tais como a recolha de ficheiros de dados sobre os inimigos políticos do Presidente e talvez até a neutralização dos mesmos como opositores.

Mas mesmo isto ajuda a esclarecer as dúvidas nas nossas mentes sobre o que Roosevelt queria dizer quando comunicou numa sessão do Mark Probert em San Diego, a 30 de novembro de 1950, cinco anos após a sua morte e ainda no purgatório.

«Minhas senhoras e meus senhores, não sei se poderei manter o controlo do corpo deste homem por muito tempo, mas farei o meu melhor. Sou o vosso antigo Presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt. Tive a honra de falar um pouco através de uma médium no leste; o nome da senhora era Margaret Lewis. Falei ali com um homem, o Dr. J. Gilbert Wright, um químico reformado (autor de parte do BSRF 12-A, *Two Inventors Return*,) e disse-lhe que eu precisava de outro médium através do qual

falar, um que eu pudesse usar de forma mais eficiente do que a usava a ela. Precisava deste outro porque tinha algo de importância a dizer ao povo do meu país.

Sentimo-nos muito honrados por o ter aqui», disse Harriet Foster, a ajudante do Sr. Layne.

«Obrigado, mas temo que seja uma honra bastante duvidosa de se ter. Nos meus anos de mandato fui muito, muito amado pela grande maioria do povo. Agora, embora aprecie profundamente todos os pensamentos gentis que nutrem a meu respeito, ao mesmo tempo eu sabia que havia muitas coisas que tinha de fazer que teriam desagradado profundamente àqueles que me amavam, se tivessem sabido. A política é um jogo muito sujo. Agora estou a tentar libertar-me das muitas coisas infelizes que tive de fazer.

Vim falar-vos do grave perigo que se abateu sobre o mundo sob a forma de outra guerra (o conflito da Coreia), e tudo porque as coisas certas, as coisas que pedi para que fossem feitas, não foram feitas.

Estaline tem a mente de um camponês, e teve de se lhe fazer as vontades. Eu sabia que, se não fizesse isso, teríamos tido de combater a Rússia juntamente com a Alemanha e o Japão. Chama-se a isso — a palavra usada creio ser — apaziguamento. Poderemos negar que ocasionalmente recuar seja a melhor parte da valentia? Poderemos? Não! Então, não será também, por vezes, a melhor parte da valentia usar o poder do apaziguamento? Mas não, aqueles que dirigem o país hoje em Washington estão sob a orientação direta da hierarquia católica.

O CONFLITO INTERMINÁVEL ENTRE O CATOLICISMO E O COMUNISMO

Tentei alinhar no jogo com o Papa, através de Farley; mas depois, quando percebi que não conseguia, essa foi a causa da

rutura entre Farley e mim. Esta guerra reside muito profundamente nas mãos da hierarquia católica romana. O Papa sabe que, se não tratar de garantir que a Rússia seja esmagada — que o comunismo seja esmagado —, o declínio do catolicismo instalar-se-á muito, muito rapidamente.

O Círculo Interior deste homem deu-me a oportunidade de vos falar. Trago-vos estes factos: o comunismo, bem como o catolicismo, têm de ser destruídos. Estou a falar de forma muito direta, e isso pode causar "uma série de problemas" para o jovem através do qual falo. As probabilidades disso dependem em grande parte de vós que estais aqui sentados e de quanto falardes.

Amigos, é ou deveria ser evidente para todos vós que a hierarquia católica tem o mundo sob o seu domínio. Digo-vos que esses padres que foram condenados são culpados aos olhos dos comunistas (o Cardeal Mindzenty, por exemplo). Estão a fazer o que pensam ser o correto. O caminho para Roma faz-se através do confessionário. Não desejo que nenhum de vós se sinta insultado ou magoado se, por acaso, pertencer a essa organização.

Mas não há esperança para uma verdadeira democracia — uma verdadeira liberdade na qual o medo não exista — até que estas duas fações sejam derrubadas. Muitos de vós que não conhecem o poder secreto interno da Igreja Católica duvidarão de mim, duvidarão seriamente de mim.»

ASSASSINATO POLÍTICO NA PRIMAVERA DE 1949

«Forrestal. O que aconteceu com ele? Ele morreu. . . », observou Layne.

«Mas não por escolha própria, não acha?», perguntou outro participante na sessão.

«Esse homem foi vítima de política suja. Há mais do que uma maneira de assassinar um indivíduo», respondeu Roosevelt.

«Acha que o nosso Secretário de Estado, Dean Acheson, está a ser perseguido da mesma forma?», perguntou Harriet.

«Francamente, acho que sim», respondeu Roosevelt. «Tenho muito a dizer-vos, mas não posso ficar mais tempo agora», e Roosevelt cedeu o controlo do corpo de Mark.

Forrestal aparentemente morreu de uma queda de um andar superior do hospital naval em Washington D.C. A implicação era de que esse católico americano de origem irlandesa de Wall Street, o nosso primeiro Secretário de Defesa, se tinha suicidado.

A implicação das observações de Roosevelt era de que a hierarquia católica saudou o início das hostilidades na Coreia — se é que na verdade não as provocou! Isto está agora a tornar-se claro, pelo menos para o público americano, em janeiro de 1975, numa dramatização televisiva do confronto entre o Presidente Truman e o General Douglas MacArthur. Como é óbvio, a Igreja nunca é mencionada no drama televisivo, mas MacArthur estava obstinado em empurrar o conflito da Coreia península acima até ao território continental da China e em envolver igualmente a Rússia, usando armas atómicas para os eliminar. É óbvio agora que esse grande general concordava inteiramente com a política da Igreja no que diz respeito ao ódio eterno que nutre pelo comunismo.

O Presidente Truman ficou horrorizado, escusado será dizer. Não tinha qualquer intenção de assumir o fardo cármico de ter libertado o Holocausto da Terceira Guerra Mundial sobre o mundo e disse isto a MacArthur várias vezes. O General manteve-se inabalável na sua determinação de salvar o mundo para o falso Cristo, por isso, Truman acabou por ter de o demitir.

Atualmente, o conflito contínuo entre a Igreja e o comunismo é claro para todos verem em Angola, África, à medida que os católicos portugueses abandonam mais um enorme pedaço do

Sacro Império Romano. Antes disso, foi o de Marrocos católico espanhol. Antes disso, a Indochina católica francesa, precedida pelo Congo católico belga, e antes disso, a Argélia católica francesa; por isso, o império religioso continua mesmo a encolher, como o Papa receava.

QUAL SERÁ A VERDADEIRA NATUREZA DO MAGNETISMO?

Algumas Respostas por Lao Tse (Maio-Junho 69) Do Círculo Interior

Tendo em conta os artigos que antecederam este, uma entrevista com um Elemental da Terra que vive em rocha etérica, o artigo sobre a gravidade — ela própria uma manifestação de energias etéricas —, e sobre a radiónica e a radiestesia — dois meios de fazer medições úteis de certas vibrações étéricas —, seria apropriado apresentar outra perspetiva das forças etéricas.

Esta perspetiva provém de uma pessoa que está livre do túmulo dos cinco sentidos. Goza da posição privilegiada de ser capaz de observar as energias etéricas a partir de dentro, em vez de a partir de fora.

Estas observações foram feitas em resposta a perguntas de Meade Layne, durante uma sessão com Mark Probert a 3 de janeiro de 1948, e constam de BSRA 8-B. Lingford estava no controlo de Mark quando a pergunta acima sobre o magnetismo foi feita, mas Lao Tse substituiu-o para responder a Meade.

«Tendes de me desculpar por afastar o vosso amigo americano, mas creio que posso fazer um trabalho melhor.

(P) Há uma interação de energia entre a chamada Terra material e a Terra astral.

(P). Sim, uma é muito mais refinada do que a outra.

(P). Não, não há maneira de detetar o éter com os vossos instrumentos atuais. O magnetismo é um fluxo entre a minha Terra e a Terra material; o vosso éter age como um transportador ou veículo; é um fenómeno do éter mais subtil ou da Terra etérica.

(P). Sim, os sensitivos conseguem ver o campo magnético, com muita frequência.

(P). Sim, temos, por exemplo, um cobre verdadeiro; consiste nas emanações do cobre no vosso plano. É o lento regresso do cobre à sua fonte. Ele surgiu de uma espécie de condensação de cobre etérico (ou seja, no cobre de matéria densa), e regressa ao estado etérico por emanações. Como o enferrujar do ferro, através do qual o ferro regressa ao éter de onde veio. Existe uma troca de energia de trás para a frente.

(P). Sim, todo o cobre é basicamente o mesmo, caso contrário não se poderia manifestar além do plano físico. Sim, esse cobre de emanação existe em, com e através do cobre denso do vosso plano.

(P). Sim, poderia ser o mesmo para o vidro.»

«Se tivermos uma lente de vidro com uma certa forma», perguntou Meade, «isso afeta o vidro de emanação, de modo a que este também tenha a forma de uma lente?»

«Não, não afeta», respondeu Lao Tse. «Não, a emanação não é afetada pela manipulação da matéria densa. Sim, a emanação é disforme.

(P). Não, na lente da câmara não há nenhuma lente de vidro etérico, a menos que uma fosse moldada ali por alguma entidade.

(P). Sim, isso é feito por vezes, mas tais experiências continuariam apenas se houvesse alguém do vosso lado a tentar provar alguma teoria ou ideia — e então o mais provável seria que essa manipulação da matéria fosse projetada e vós, no vosso plano, a pudésseis ver.»

OS ÁTOMOS ASTRAIS SÃO DIFERENTES

«Até que ponto é a estrutura da matéria etérica independente da matéria densa?», perguntou Meade. «Suponhamos que pegáveis num pedaço do vosso enxofre de emanação e o mantínheis de forma a que um fio físico que transportasse a nossa corrente elétrica passasse através dele. Haveria algum efeito no fluxo da corrente?»

«De nada vos serviria», respondeu Lao Tse. «A diferença na densidade atómica tornaria tal efeito impossível. O fio passaria através do pedaço de enxofre etérico, mas não haveria contacto, não seria de forma alguma afetado. A única maneira de qualquer um dos vossos aparelhos físicos ser afetado a partir do nosso lado é por uma materialização parcial.

(P). Sim, as diferenças de potencial entre condensadores podem ser afetadas se estiver presente uma pessoa mediúnica. Em tais casos, as materializações podem aparecer num campo magnético ou elétrico.»

Em resposta a uma pergunta sobre efeitos de PC (Psicocinese), na queda de dados, etc., Lao Tse continuou: «O vosso efeito de PC depende do treino do sistema muscular para obedecer à vontade de forma automática ao lançar os dados.»

«Quer dizer, Lao Tse, que um efeito de PC pode ser obtido quando os dados são lançados por uma máquina?»

«Sim, provado que sim.»

«Que tipo de energia é esta?», perguntou Meade.

«É uma energia magnética, o campo magnético é afetado.

(P). Sim, até certo ponto depende da presença do organismo físico da pessoa.»

«Poderia, a partir do seu lado, afetar a queda dos dados dessa maneira?»

«Não sei. Nunca experimentei isso», respondeu Lao Tse. «Não será estranho que, com todas as comunicações que vós tendes tido, com os instrumentos ao vosso dispor, depositeis mais fé numa peça de maquinaria do que nas pessoas? Nenhum homem tem a mínima fé no seu semelhante —mínima que seja.»

«A PC é observável até cerca de 10 pés», disse Meade. «Nós não compreendemos a natureza da força ou energia.»

«Teria de observar a máquina», disse Lao Tse.

«Não é a máquina. O observador deseja um determinado número.»

«Dão-me licença por uns minutos? Para voltar a esse dispositivo mecânico que estais a usar», disse Lao Tse, «mesmo ao regular uma máquina para realizar qualquer ação mecânica, a energia da mente está envolvida; estais a trabalhar num campo magnético. Perguntais-vos por que razão isto não se coaduna com a passagem de um fio de cobre através de um pedaço de enxofre astral.

Numa situação, estais a tentar fazer contacto direto sem gradação do fluxo da força magnética; na outra, estais a dar livre curso à gradação do fluxo etérico. Qualquer um dos vossos objetos físicos pode ser movido por direcionamento mental, desde que haja as condições certas e as pessoas certas. Isto assemelha-se ao efeito de PC; o ectoplasma não tem nada a ver com o assunto.

(P). Quando os dados são lançados à mão, a mente prepara a reação muscular, mas com um lançamento mecânico há um controlo do campo magnético. No primeiro caso, os músculos sentem exatamente a quantidade de força a utilizar para o lançamento desejado.

(P). Não, não é necessário estar na proximidade da máquina; podereis estar aqui e a máquina em Los Angeles. Muito depende do indivíduo, da sua capacidade de controlar e direcionar a força do pensamento. A telepatia utiliza a mesma força; ela é e funciona como um campo magnético.

O turbilhão atómico da eletricidade é muito mais lento do que o da força mental, ou fluxo da mente — é mais fácil para este último viajar. A passagem do pensamento é mais rápida do que a da eletricidade.

(P). Sim, a energia mental, como toda a energia, pode ser medida — tem as suas próprias unidades de grandeza.

(P). Sim, uma pessoa pode interferir no lançamento de dados de outra mentalmente, especialmente se souber como controlar a energia do pensamento. A mais forte das duas forças prevalece. Isto é verdade em toda a vida.

(P). Só podemos direcionar energia para o vosso plano na medida em que sejamos capazes de descer a escala até ao nível da construção material.

(P). Sim, a diferença de potencial entre placas carregadas pode ser afetada por nós, desde que tenhais um médium presente, ou alguém que seja de alguma forma sensitivo. Obtereis materialização espontânea no campo magnético.

Mas não podeis escapar ao uso de um médium ou sensitivo.»

«FAZER OS PROBLEMAS IREM EMBORA»

(Transcrição de observações improvisadas pelo sábio chinês, Lao Tse, num local não identificado durante uma das viagens rodoviárias dos Probert em 1954. Esta data de 23 de setembro. A fita recomeça a meio de uma frase.)

. . . existem muitos problemas. Ir a toda a parte, à procura de respostas sobre o que fazer para fazer o problema ir embora. Mas depois de o problema ir embora, o que vai o homem fazer, ah? Nada. Não tem nada para fazer. Isso, por si só, é um problema. Pois ele está de volta ao ponto de onde começou.

Como podemos dizer que um problema é melhor ou pior do que outro problema? Depende, seguramente, de como olhamos para ele. O homem, receio, está a tentar perseguir a vida em demasia, em vez de viver sem exercer pressão sobre a vida. Vós exerceis pressão sobre a vida e a vida exerce pressão sobre vós!

O meu nome, Lao Tse, significa "rapaz velho". Significa que nasci homem velho. Como gostaríeis de ter nascido homem velho? Esta é a história que me diz respeito, "homem velho".

Depois há a história relativa ao homem nascido de uma virgem, chamado Jesus Cristo. Depois há muitas histórias relativas a muitos avatares nascidos ao longo dos tempos de forma mística. Cada Instrutor ou Mestre místico nasceu de uma virgem. Isto significa a história eterna daquele que nasce em sabedoria. O que o nascimento místico realmente significa nada tem a ver com a virgindade do corpo da mãe. Mas sim que nasce em sabedoria, ou entendimento. E depois, se fores mais fundo na história, verificarás que é a história do homem e de toda a matéria nascer a partir do sexo.

Contudo, eu não estava demasiado interessado nesse tipo de ensinamentos na minha vida na Terra. Mas procurei encontrar alguma resposta para uma forma equilibrada de viver enquanto tivesse de viver no corpo físico.

Quando somos confrontados com a necessidade de fazer algo, a abordagem mais lógica é fazê-lo da forma mais confortável, e lidar com isso é a forma mais confortável que conheço. O Tao, em si, é simplesmente uma história do Caminho, mostrando a forma mais fácil e mais contente de viver, exercendo menos pressão sobre o vosso ser. Pensais que podeis pedir mais do que isso?

Não. O homem, por não compreender a sua natureza, ou a natureza do seu semelhante, está a fazer uma grande quantidade de leis supérfluas. Pelo menos, elas revelam-se supérfluas com o passar do tempo.

Deixem-me levar-vos de volta a um tempo no meu país, na minha pequena cidade, onde havia uma grande quantidade de furtos de carteiras. Por isso, a lei foi finalmente aprovada no sentido de que qualquer pessoa apanhada a furtar carteiras iria para a prisão por pelo menos 30 dias. Isso soa a castigo muito leve. E assim pareceu demonstrar-se, por ser leve demais; pois os furtos de carteiras continuaram.

Então decidiram que seriam alguns anos em vez de 30 dias ou um mês. Mas isto não melhorou em nada a situação, as carteiras continuaram a ser furtadas.

CORTEM-LHES AS MÃOS

Decidiram então um método drástico, que consistia em cortar as mãos daqueles que fossem apanhados a furtar carteiras. Agora, imaginar-se-ia que a lei demonstraria que o homem estava a chegar a algum lado. Mas esta foi uma observação falsa, como se provou em pouco tempo.

Pois, para os primeiros culpados que foram apanhados a furtar carteiras, ordenou-se que a execução ocorresse numa grande praça pública. Assim, colocaram-se cartazes uns dias antes

da execução, informando as horas a que seria, e toda a gente na cidade foi convidada também. Por isso, toda a gente veio.

A praça estava cheia até àquilo a que chamais capa — capacidade. Bem, a estes carteiristas — pessoas — cortaram-lhes as mãos. Depois, após a execução, toda a gente se foi embora.

No dia seguinte, relatou-se que houve mais carteiras furtadas nesse dia do que em qualquer outro dia, porque foram criadas as condições que convidavam a que isso acontecesse. (risada) O homem, portanto, derrota-se a si mesmo ao fazer leis. Não tenta viver de acordo com as leis naturais da vida.

Ele quer acrescentar-lhe algo. É muito parecido com o género feminino, e nenhum que eu conheça esteve alguma vez contente com o seu rosto, por mais belo que seja. Querem melhorá-lo. Voltando aos antigos povos egípcios, as suas mulheres faziam as sobrancelhas com a forma de hoje e usavam tinta — verniz nas unhas e faziam para a boca a tinta, e o rosto. Também punham hena no cabelo. Os homens também recorreram à hena no cabelo.

Ora, hoje em dia, quando um homem mexe no cabelo desta forma, é considerado em parte feminino, por alguma razão estranha. Assim, o homem está sempre a procurar melhorar-se, e com muita frequência desprova-se ao fazê-lo. Meus amigos, não é verdade que, quando sorrimos naturalmente, é bonito, eh?

Mas quando não o sentimos por dentro, quando não é natural, é uma careta. Fica mesmo muito mal.

Por isso, passei a acreditar que a melhor, mais feliz e mais segura maneira de viver é não estar preocupado com o tumulto aqui fora, mas sim o homem desenvolver um sentido de equilíbrio e desapego a partir de dentro. Então, isto aqui fora não vos consegue tocar.

Agora, desejais dizer-me algo, por favor?

(A Irene Probert lê uma pergunta escrita: «Lao Tse, (nome não claro na fita) deixou uma nota aqui para mim; ele disse: "por favor, comente sobre a masculinidade e a feminilidade e as suas implicações." Gostaria de dizer algo?»)

Não, isso é demasiado para mim. Preferia, neste momento, ir à pesca. (Riso dos participantes)

Meus amigos, nos meus pensamentos sobre ir à pesca, estou simplesmente a pescar um maior entendimento na vida, e isso é tudo. Continuo a minha busca, embora me encontre na vida Astral há um grande período de tempo. Não há fim para a busca do homem; mas não tendes de colocar toda a vossa busca aqui fora; pois, se o fizerdes, verificareis que a vossa vida será muito vazia.

Mas quando vos desenvolveis por dentro e tendes um entendimento do que é a natureza disto aqui fora, então podeis ir para este mundo sem ser prejudicados por ele.

DORMINHOCOS, DESPERTAI!

Mas quando somos dorminhocos e não conhecemos a natureza do "aqui fora", ao caminharmos para dentro dele caminhamos para uma grande armadilha de problemas. A masculinidade e a feminilidade são um problema sobre o qual a vossa Bíblia cristã tentou fazer algo, mas fez uma embrulhada muito triste — ao contar às pessoas — em vez da verdade — algo que é menos do que uma história da carochinha.

Menosprezando primeiro a mulher, colocando-a numa posição muito constrangedora, o que se revelaria constrangedor, e depreciativo, e degradante por muitos séculos vindouros.

Mas preferia que outra pessoa, outro dos meus colegas do Círculo Interior prosseguisse a conversa sobre isso.

Queria a honra de entrar neste lar, a qual não tinha há muito tempo.

(«Obrigada», de um dos participantes.)

Também conhecer-vos e explicar-vos um pouco sobre os meus pensamentos sobre a vida.

Não há de todo um grande problema em viver. Esta é a grande ilusão da qual o homem está a tentar libertar-se na sua luta.

Após tantas reencarnações ou incorporações, ele começa a perceber que o truque de tudo isto é não fazer nada! Antes disso, ele está numa pressa louca de fazer tudo e mais alguma coisa; e, na sua busca de fazer tanto, perde-se. Porque nenhuma destas ações exteriores se revela alguma vez satisfatória. Com esse ponto de vista pessimista expresso, deixar-vos-ei. Ah, ah.

Boa noite.

«ELES VÊM E VÃO, A PARTIR DO APARENTE NADA DO ESPAÇO»

Do Jornal Round Robin de agosto de 1948, na casa de Mark e Irene Probert, San Diego, Califórnia. Mark em transe e sob controlo:

«Boa tarde. Eu sou o Raja Natcha. Há muitas coisas sobre as quais desejais falar esta tarde. Talvez eu seja capaz de responder a algumas das vossas perguntas. Relativamente aos fenómenos do céu (os Discos Voadores), tentarei falar um pouco sobre isso.

Sabe-se, ao longo dos tempos, que tais fenómenos têm ocorrido, não só no vosso céu, mas também no solo, nos mares — barcos marítimos muito misteriosos, bem como objetos voadores; muitos fenómenos peculiares na terra, tais como animais de aspeto estranho e bizarro.

Eles vêm e vão. Algum dia, os vossos homens de ciência descobrirão que, neste aparente nada a que chamais éter, o ar,

existe uma abundância de algo; é apenas uma questão de se ser capaz de afastar as cortinas. Embora eu diga "apenas", não quero que acrediteis que é uma coisa simples.

Na maioria dos casos, trata-se de um afastamento espontâneo da cortina, projetando as forças de um mundo para outro. Se temos de compreender que todo o nosso mundo físico, tal como o vedes, é composto por átomos, não será lógico supor que existem construções num mundo invisível? Trata-se apenas, também, de uma questão de frequência vibratória no que diz respeito aos olhos, à velocidade da vibração e à capacidade do olho para captar essa vibração.

Ora, Dr. Layne, não creio que nenhum de nós tencione mudar nem um pouco as nossas afirmações sobre os fenómenos do céu. Estes não provêm, contudo, daquilo a que chamamos o mundo do ego desencarnado, não. Existem muitos planos de consciência; existem muitas taxas variadas de vibrações, de substância — e, como Ramon Natalli disse uma vez —, tudo é substância; tudo faz parte da vida física; não há um fim verdadeiro para a substância. Gradações, isso é tudo. Posso dizer mais?

«Compreendemos a teoria que tem estado a explicar», respondeu Meade Layne. «Compreendemos também que disse, anteriormente, que estas naves espaciais são construídas por aquilo a que chamamos povos etéreos, em níveis etéricos de substância — naves experimentais, ao longo da história, enviadas para a nossa atmosfera antes do colapso de uma civilização. Está aproximadamente correto?»

«Está», respondeu Natcha, «e continuamos a sustentar que é verdade. Muitas das vossas organizações místicas têm contacto com tais seres. Grande parte do material de povos antigos é devolvido a povos futuros, através destas organizações, que recebem a informação do povo etérico, mantendo assim um

registo contínuo de todos os assuntos mundiais ao longo da história do mundo físico.»

«Temos muitos alegados dados relativos às regiões astrais», disse Meade, «mas muito poucos sobre as regiões que estamos agora a discutir. Correspondem elas de alguma forma aos Lokas na filosofia oriental?»

UMA MUDANÇA DE VIBRAÇÃO É UMA MUDANÇA DE LOCALIZAÇÃO

«Sim, correspondem. Só há uma maneira que eu conheço de descrever a diferença entre o meu mundo e o mundo etérico: taxas de vibração; isso é tudo.»

«Então o mundo etérico não é alcançado a partir deste plano físico por uma pessoa no momento da morte?», perguntou Meade.

«Não», respondeu o Raja.

«Estes Etéreos nascem no nosso mundo?»

«Nascem, vivem e morrem no seu próprio mundo.»

«Eles têm habitualmente contacto com o nosso plano?»

«Os avançados, sim. Mas, tal como no vosso plano físico aqui, apenas aqueles que procuram conhecimento sobre o assunto.»

«Dizem-nos que a própria Terra é considerada como um Loka, que este Loka se estende até aos limites exteriores da atmosfera, que o segundo Loka se estende até Arcturus, e que se nomeiam até cinco ou seis situados mais além. Tem algum comentário sobre este ensinamento?», perguntou Meade.

«Isto, tal como afirmaste, é verdade, como eu disse», respondeu o Raja Natcha. «De que outra forma poderíeis vós nesta Terra saber estas coisas, a menos que estas coisas existissem? E de que outra forma poderiam ser ensinadas senão

através dos canais das organizações místicas? Cada plano de consciência possui as suas Ordens Místicas, e cada plano transmite o conhecimento de si mesmo aos outros.»

«O público está cético. No entanto, procura uma explicação para o fenómeno dos Discos Voadores. Há alguma forma em que essa explicação possa ser dada que seja inteligível?»

«Compreendo perfeitamente que o problema é difícil», respondeu o Raja. «Contudo, não creio que seja importante que o público em geral compreenda a situação de todo (1948), mas sim que os vossos homens instruídos o façam. Há uma forma possível de abordagem ao público recorrendo a explicações tais como os mundos de quarta, quinta e sexta dimensões. Eles não vão compreender isso, nem quaisquer outros termos que possais usar. Mas haverá alguns, e talvez até um número razoável, que pelo menos se esforçarão por obter uma imagem mental do que está realmente a acontecer. Mas quanto às pessoas em geral, minhas senhoras e meus senhores, não, não ides conseguir que aceitem isto.»

«Temos estado a considerar o termo Quarta Dimensão. As pessoas já o ouviram e vão pensar que o compreendem. Mas a ideia de que estas coisas se materializam não é familiar para a maioria das pessoas e é difícil de explicar.»

«Se estes são seres etéricos, por que não usam naves espaciais etéricas?», interveio um participante na sessão.

«O que pensa que eles estão a fazer? É precisamente isso que estão a fazer», respondeu o Raja. «Mas eles baixaram a vibração da construção (Disco Voador) ao ponto de ela ser visível ao olho físico. Mas como explicar isto, como diz, até aos vossos homens de ciência? Eu acredito que um verdadeiro cientista já tem algum conhecimento de tais coisas.»

«Creio que muitos deles o fazem», observou Meade.

PADRÕES DE PENSAMENTO, A QUINTA DIMENSÃO

«Está bem, então», disse o Raja. «Não acha que é bastante fútil e uma certa perda de tempo precioso tentar transmiti-lo aos outros? Porque, na verdade, eles ainda não estão acordados! As suas mentes ainda não foram capazes de chegar a esse padrão de pensamento.»

«O problema é que, se estas aparições continuarem», disse Meade, «é provável que tenhamos algo próximo do pânico. Poderá até precipitar uma guerra devido ao medo de um ataque por parte de alguma potência estrangeira, ou uma histeria pública. Parece que se deveria contar algum tipo de história ao público — mesmo uma mentira plausível.»

«Uma mentira seria, sem dúvida, melhor», disse o Raja.

«Fico contente por ter esse apoio moral, senhor», disse Meade.

«Ora, possivelmente poderíeis escapar à guerra, caso surgisse tal perigo por causa destas coisas, se os cientistas das várias nações convocassem uma pequena reunião, uma conversa amigável, esquecendo que vêm de nações diferentes e lembrando-se apenas de que o assunto é a coisa importante. Mas suponho que isso esteja fora de questão — embora me atreva a dizer que conseguiríeis trazer os cientistas russos para uma conversa amigável —, mas provavelmente não sem o consentimento dos governantes que os controlam rigidamente.»

«O verdadeiro problema cabe às autoridades militares e da força aérea, a quem está confiada a defesa nacional», disse Meade. «É duvidoso que alguma delas se aperceba da verdadeira situação. Se tivessem a verdade, não se atreveriam a contá-la.

Nem, por outro lado, conseguem pensar noutra história para impingir ao público.»

(Lembramo-nos de que nesta altura, agosto de 1948, o falecido Ray Palmer já tinha lançado o primeiro número da revista *Fate*. Este trazia a história de Ken Arnold sobre a investigação do protótipo de todos os avistamentos de discos, o incidente de Maury Island - Puget Sound em junho de 1947. Arnold, estupefacto com todas as implicações do que tinha acontecido — e do que lhe estava a acontecer a ele! —, pediu ajuda aos militares. Nessa altura, o OSS (Office of Strategic Services) dos tempos de guerra, organizado sob a direção de um católico devoto, o General "Wild Bill" Donovan, para se dedicar à espionagem e sabotagem dos nossos inimigos estrangeiros, estava a ser reorganizado na CIA (Central Intelligence Agency) para também conduzir espionagem e sabotagem de "inimigos" internos, aqui mesmo no país.

Uma das figuras centrais nessa reorganização de 1947-48 foi Douglas Dillon, um banqueiro de Wall Street que representava os interesses de Morgan e Rockefeller. Assim, nesta altura, Arnold contactou a Informação Militar em Hamilton Field. Um capitão e um tenente da Força Aérea vieram no seu bombardeiro bimotor, escutaram os detalhes do avistamento, provocaram Arnold e os outros com descrições vívidas e fotografias de avistamentos de Discos Voadores noutras partes do país, e depois pareceram perder todo o interesse no caso, embora tenham aceitado a contragosto uma caixa com fragmentos de Disco Voador antes de partirem. No voo de regresso a Hamilton, o bombardeiro incendiou-se em pleno voo, despenhou-se e os dois oficiais da Informação Militar morreram.

Depois, o companheiro de Arnold na investigação de Maury Island, o capitão Smith, piloto de linha aérea, contactou a Informação Militar em McChord Field. Acabou por chegar um

Major Sander. Ele era tão hábil que deve ter sido um dos melhores graduados da Escola de Guerra Psicopolítica do Exército. Ele praticamente hipnotizou Arnold e Smith para que acreditassem que o incidente de Maury Island era uma farsa gigantesca.

No entanto, foi extremamente cuidadoso ao levar consigo todos os fragmentos de Disco Voador, as provas físicas deles, quando partiu, não lhes deixando nenhum. Eis a prova do encobrimento governamental num dos primeiros e melhores avistamentos de Discos Voadores registados! Isto confirma a estimativa que Meade Layne fazia da situação em 1948 (na página anterior) e mostra que os Serviços de Informação estavam preparados, em termos de relações públicas, para lidar com o fenómeno dos Discos Voadores antes de este se tornar de conhecimento geral em 1947.)

«É muito lamentável que tão poucos deles sejam capazes de pensar em termos como os que estamos aqui a usar», disse o Raja. «Lamento imenso não poder resolver tal problema, mas duvido que Deus o conseguisse... Receio não poder dizer mais nada, exceto assegurar-vos que o que dissemos no passado sobre estes fenómenos se mantém e nós continuamos a sustentá-lo.»

«Foi-nos dito, Raja, que estas naves fazem a sua aparição pouco antes do colapso de uma civilização ou de uma cultura. Isso é verdade relativamente à sua atual aparição?»

«Não tenho muita certeza se devo responder a essa pergunta porque... bem, suponho que não fará mal a este grupo.»

«Não fará mal», respondeu Meade.

«A vossa civilização está no seu auge. Estou a falar da civilização em geral, não apenas deste país. Acima de tudo o resto, surgiram as vossas mentes tempestuosas — a agitação das

emoções mundiais; e estas não podem deixar de ter um efeito tremendo nos elementos terrestres, e de trazer alguns desastres terríveis sobre o mundo. Por favor, queiram desculpar-me. Sinto um cansaço considerável no rapaz.»

A FAIXA DE "MAGA-GRAVIDADE" DA FORÇA ÚNICA
Por Yada di Shi'ite Com controlo de qualidade de conteúdo por Meade Layne e Riley Crabb

«As marcas nos moldes de gesso dos sapatos do venusiano são uma linguagem simbólica. No centro do sapato "A" (pé direito) encontram-se duas linhas que se cruzam e convergem no desenho oval que é um Disco (Disco Voador). Isto representa o facto de que se, e apenas quando, as forças magnéticas da Terra forem CRUZADAS, elas podem ser dotadas de poder suficiente para serem usadas como uma força motriz.

A própria Terra gera apenas uma quantidade insignificante de magnetismo. Mas quando estas linhas são cruzadas, alinham-se com dois outros planetas, Marte e Vénus — que é o que os dois pequenos círculos no lado esquerdo e direito das linhas cruzadas representam; sendo o que está abaixo a Terra. Vénus, Marte e a Terra extraem as suas correntes magnéticas do Sol.

No calcanhar do mesmo sapato está a antiga Suástica, indicando que os dos tempos mais antigos sabiam que las forças magnéticas do Sol, Vénus, Marte e Terra se moviam de oeste para leste entre estes quatro corpos.»

Mas o Yada não disse em que direção a Cruz Gamada estava a girar. Seguindo Schauberger, supomos que esteja a girar no sentido dos ponteiros do relógio, concentrando um centro de força para o trabalho que tem de ser feito.

«O círculo na extremidade do sapato com uma linha a passar pelo seu centro é o Sol. As linhas curvas de cada lado de ambos os sapatos retratam o facto de que, quando as linhas de força magnética são cruzadas, criam um caminho no qual a gravidade é completamente nula e sem efeito. Como todas as forças livres viajam numa linha curva, é bastante simples compreender como, ao fazer convergir estas linhas umas sobre as outras, a sua força individual seria ampliada; e, ao mesmo tempo, um vácuo quase completo seria criado na órbita de movimento que outrora mantinham.»

Aqui temos uma alusão às explosões no céu que têm mistificado a humanidade há séculos, vácuos na atmosfera da Terra causados por Discos Voadores a mudarem de órbita. A baixas altitudes, as nossas aeronaves, ao voarem para dentro deles, desapareceram na 4.ª Dimensão.

«Todas as forças são na realidade apenas uma força», continuou o Yada, «e esta é eletrónica. As diferenças aparentes surgem da natureza do trabalho a que a força do Yada di Shi'ite está confiada. A gravidade, por exemplo, origina-se de vastos campos de matéria invisível, uma polegada cúbica da qual pesa milhares de milhões de toneladas, e algures ao longo da sua faixa curva transformar-se-á em luz; pois as suas partes são constituídas principalmente por eletrões livres que procuram unir-se a um átomo que perdeu um dos seus corpos satélites ou eletrões. A gravidade é "magnetismo negativo" até que o seu fluxo entre em contacto com la Terra e outros corpos no espaço, e então estabelece uma ação de empurra-puxa, positivo-negativa, entre os polos de todos esses corpos.

Se a gravidade não fosse de natureza eletrónica, aquilo a que hoje chamais rádio, televisão, radar e afins seria completamente impossível; pois tudo isto realiza o seu trabalho em diferentes

graus daquilo que se pode chamar a faixa de “maga-gravedade” do sistema solar (magnético-gravítica).»

O texto anterior foi transcrito por Mark Probert a partir de ditado clariaudiente de Yada di Shi’ite, a 1 de dezembro de 1952.

À esquerda está o esboço de Alice Wells sobre o piloto do Disco venusiano que deixou as suas pegadas instrutivas no chão do deserto, perto da sua máquina aterrada. Ela viu-o através de binóculos de alguma distância, juntamente com outros membros do grupo de investigação de OVNIs de George Adamski, incluindo o antropólogo George Hunt Williamson. Ele trazia consigo o gesso de Paris com o qual os moldes de gesso das pegadas puderam ser feitos, a 23 de novembro de 1952.

«A história (do contacto) é, no essencial, verdadeira», disse o Yada. «O Disco realmente aterrou e o Sr. Adamski realmente manteve uma conversa com o operador da referida nave. Mas o Irmão Adamski estava tão entusiasmado que não se lembra claramente de tudo o que foi dito. Esta nave específica era do planeta Vénus. Gostaríamos de vos lembrar, contudo, que o calor intenso nesse corpo celeste, devido à sua proximidade do Sol e a uma atmosfera carregada de dióxido de carbono, torna altamente improvável ou impossível que seres com a mesma estrutura orgânica que o homem da Terra pudessem habitar na sua superfície.

Esses seres de Vénus vivem no Éter deste planeta.» Esta comunicação do Yada serviu para confirmar a notícia seguinte sobre o contacto, que apareceu na edição de 24 de novembro de 1952 do jornal *Gazette* de Phoenix, Arizona, e nos foi enviada aos Associados como boletim especial 12-A-52. Eis a história de Meade Layne sobre o incidente:

«Intervenientes: Dr. George Hunt Williamson, 25 anos, Prescott; Sra. Williamson, técnica médica. A. C. Bailey,

funcionário dos caminhos de ferro; Sra. Bailey; Alice Wells e Lucy McGinnis de Valley Center, Califórnia; Sr. George Adamski do mesmo local. O grupo tinha-se deslocado de carro até um ponto a cerca de 10 milhas a leste de Desert Center para um almoço de piquenique.

Às 13h30, foi visto um grande objeto em forma de charuto, pairando imóvel, deslocando-se depois para leste a grande velocidade. Desapareceu e depois regressou. Adamski montou o seu telescópio num ponto mais vantajoso, a cerca de 14 milhas do resto do grupo. Cerca de duas horas mais tarde, um Disco aterrou a cerca de um quarto de milha do Sr. Adamski; ele tirou várias fotografias com a sua máquina Kodak. Com cerca de 20 pés de diâmetro, translúcido, acabamento prateado, janelas redondas, 3 rolamentos de esferas ou rolos por baixo. O Disco pairava a 3-4 pés do chão.

CONTACTO COM UM E.T.

Adamski viu então uma pessoa a fazer-lhe sinais a partir de uma elevação próxima. Esta pessoa foi vista pelo resto do grupo à distância, através de binóculos (este pormenor não consta do relato do *Gazette*). “O homem falava um pouco de inglês e também algo que parecia chinês”, disse Adamski. “Aparecia ter cerca de 23 anos, rosto redondo, tez avermelhada, olhos cinza-esverdeados, cabelo loiro comprido, sapatos avermelhados semelhantes a chinelos, calças atadas nos tornozelos, casaco castanho.”

Adamski disse ter perguntado: “Esta é a sua nave?” O visitante acena com a cabeça. “Qual é o seu propósito aqui?” Pantomima com os braços para significar nuvens em forma de cogumelo e preocupação com essas nuvens. O visitante recusou permitir que Adamski entrasse no Disco. Referiu-se ao objeto em forma de charuto como uma nave-mãe; disse que ela navegava a

cerca de 500 milhas de altitude; disse que vinha da nave-mãe. Disse que vinha de um planeta, mas não disse qual. Disse que a nave-mãe podia ser alcançada numa questão de segundos. Recusou permitir "quaisquer fotografias de pessoas neste momento". Tocou levemente com as palmas das mãos nas de Adamski (o *Gazette* diz que apertaram as mãos), depois subiu para o Disco e descolou. Adamski notou um "jovem rapaz ou jovem mulher a espreitar por uma das janelas redondas".

O visitante indicou repetidamente que as suas pegadas tinham algum significado e o Dr. Williamson tirou moldes delas. Apareceram em solo duro onde os passos de Adamski não deixaram qualquer pegada (não consta da história do *Gazette*). Todos os sete membros do grupo concordam quanto à presença da nave em forma de charuto, do Disco, do Visitante, das pegadas, e todos os seis têm confiança no relato do Sr. Adamski sobre a conversa.»

O nosso Diretor-Fundador, Meade Layne, detestava o termo popular Disco Voador e não o usava nos seus escritos. As fotografias que Adamski tirou nesse dia no deserto não eram boas. Obtiveram-se melhores quando a nave regressou e voou baixo e devagar sobre a sua casa em Palomar Gardens, a 13 de dezembro de 1952. No livro *Flying Saucers Have Landed*, de Desmond Leslie e George Adamski, publicado pelo British Book Centre, Nova Iorque, 1953, Adamski diz que um bombardeiro B-36 da Força Aérea descreveu círculos no ar enquanto a nave venusiana estava aterrada ali no deserto. Oficiais da Força Aérea que visitaram George Van Tassel em Giant Rock mais tarde, disseram-lhe que lhes tinham sido mostradas imagens em movimento do evento, captadas a partir do bombardeiro que circulava.

A velha máquina fotográfica de Adamski usava películas cortadas. Ele tinha vários chassis com ele no encontro no deserto.

O piloto venusiano pediu um deles e levou-o consigo. Foi devolvido, atirado por uma das janelas redondas, quando a nave voou sobre a casa de Alice Wells em Palomar Gardens, no sopé do Monte Palomar. O grande telescópio fica lá em cima, no topo.

TÃO PERTO DO FIM DA ERA

«Não importa que informação seja dada agora ao homem», disseram eles, «visto que o fim da era está tão próximo.»

O Sr. Layne estava preocupado com a veracidade do mundo das cavernas sob os nossos pés, tal como descrito por Richard Shaver nos artigos da revista *Amazing Stories*, e com a realidade física dos Deros de Shaver, os descendentes degenerados de escravos e trabalhadores atlantes que foram para o subsolo há milhares de anos. Shaver afirmava ter visitado pessoalmente as cavernas. Meade ficou impressionado com a resposta que veio através do médium.

«A história do Sr. Shaver sobre as suas experiências pessoais, embora fantástica, é substancialmente verdadeira...

Sim, os Deros existem. Sim, têm corpos físicos muito semelhantes aos vossos. Sim, habitam regiões subterrâneas. Sim, as máquinas existem. Os Deros são descendentes degenerados de atlantes.

As cavernas estão amplamente distribuídas, mas existem focos e posso nomeá-los. A Floresta Negra, as regiões alpinas, a América Central, a Coreia, a Sibéria, o Irão e, especialmente, San Sebastián (estância na costa norte de Espanha) e regiões próximas.

A situação é esta. Os Deros são quase desprovidos de mente, degenerados: por isso são uma presa fácil para as entidades astrais. Todo este problema acumulado tem origem nestas últimas. As máquinas são agora criações concluídas, como

formas-pensamento no Astral. Estas formas estão a ser projetadas sobre os Deros com a ideia de que estes possam ser controlados ao ponto de construírem as máquinas em matéria densa. Ou de transmitirem a visão da máquina às pessoas da Terra até que alguém construa um modelo funcional. Tal construção seria um desastre. Não presteis atenção às visões e não presteis atenção aos Deros. Invocai os poderes do Bem.

Os Deros constituem um elo com as forças maléficas do Astral. Se lhes prestardes atenção de alguma forma, reforçareis esse laço.»

«PODER ALÉM DOS VOSSOS SONHOS MAIS AUDAZES»

Por Yada Di Shi'ite De uma sessão com Probert em 1952 e também em "Psychic Self-Defense, Part III, The Dweller On the Threshold"

«Vós estais a viver na consciência e eu também. É uma criação do Mundo Único, uma manifestação d'Ele; e muitas coisas vêm a ter lugar nos Seus fenómenos sem fim. Com isto quero dizer que um médium ou um sensitivo pode fazer com que se estabeleça uma sintonia com uma forma-pensamento criada por outrem, ou criada por si mesmo.

E depois uma certa parte da vossa mente, a vossa mente pensante, fechar-se-á e não vos dirá que essa forma-pensamento é uma criação vossa. Esta criação pode atacar-vos!

Podeis criar uma forma-pensamento tão sólida que podeis fazer dela um servo; ou podeis transformá-la num diabo e ela atacar-vos-á. (E o servo pode tornar-se num diabo! Remetei-vos à

história do Golem, páginas 5-6. Os cabalistas judeus do século XVI sabiam isto perfeitamente.)

Vós estais, tantos de vós, interessados no sexo. Podeis criar uma forma-pensamento que vos pode atacar sexualmente. Podeis também invocar um ser desencarnado e manter relações sexuais com ele.

Não podereis possivelmente dizer as verdades internas disto às massas gerais, pois elas abusariam delas. O poder do homem, ou da mulher, como criador está além dos vossos atuais sonhos mais audazes. Podeis contactar e conversar com os sonhos dos chamados mortos; pois não há mortos exceto aqueles que recusam aprender.

Vós entrais no estado de sono — o vosso corpo adormecido pode comunicar com seres no meu mundo — nos reinos mais elevados. Eles podem mover-se ou entrar também numa forma de sono, e irem para o vosso mundo e comunicarem convosco; e podem fazê-lo conscientemente; ou vós podeis fazê-lo conscientemente. É melhor que todos vós o façais conscientemente...»

A FORÇA MOTRIZ POR DETRÁS DA BSRA

A esta altura, alguns de vós que ledes estas páginas estarão a perguntar-se qual é a fonte de inspiração que nos leva a reunir este tipo de material fantástico. Quem coloca estes livros e folhetos nas nossas mãos, ilumina a nossa imaginação e ajuda a dar forma e propósito a esta palestra, «Naves Espaciais Vindas de Além do Sol»?

Chamamos à nossa força motriz invisível o Círculo Interior. Trata-se de um grupo de dezasseis homens e mulheres, todos eles antigos habitantes da Terra física, alguns dos quais voltarão a

encarnar. O canal dedicado à transmissão de informações para os que vivem aqui é Mark Probert. A sua mediunidade de transe começou a manifestar-se e a desenvolver-se por volta da época em que o nosso fundador e director, Meade Layne, organizava a Borderland Sciences Research Associates, em San Diego, Califórnia, em 1946.

Na noite de 28 de Novembro de 1951, um pequeno grupo de pessoas reuniu-se no apartamento de Mark e Irene Probert, em San Diego. Entre os presentes encontravam-se Meade Layne, então director da BSRA; Francis Ohm, homem de negócios; o Dr. J. K. Christie e C. J. Sherburne, engenheiros electrónicos; F. E. Rogers, editor e publicador; Harriet Foster, secretária; e Mark e Irene Probert.

Tratava-se de uma reunião especial, durante a qual se esperava obter mais informações acerca dos Discos Voadores, da sua origem, dos seus meios de propulsão e das razões da sua presença em redor da Terra naquela época. Mark entrou em transe e o dirigente do Círculo Interior, o Yada de Shi'ite, assumiu o controlo.

— Amigos, ao longo de eras sem conta, civilizações surgiram e desapareceram. Grandes mestres vieram até ao Homem, implorando-lhe que abandonasse os seus caminhos egoístas, mas sem resultado. O Homem desta civilização não é diferente do Homem de há 500.000 anos — quando o Yada viveu numa antiga civilização dos Himalaias. É sempre o mesmo interesse próprio: eu, eu, eu. Esta situação provocou a destruição de outras civilizações e fará o mesmo convosco. Não conseguis senti-lo no vento?

— Esta questão da Coreia é apenas um dos muitos rastilhos que conduzem ao principal barril de explosivos. Isto tem de acontecer para que possa existir paz na Terra no futuro. O mundo

está repleto de tumores malignos e, se não forem extirpados, continuarão a consumir tudo até que a vossa civilização morra de lenta decomposição. Em qualquer direção que olheis — no mundo científico, religioso ou filosófico — encontrais a mesma coisa: «Eu, o líder, digo-vos isto e vós deveis obedecer.»

— Agora desejais saber algo acerca dos Discos e de outras coisas estranhas observadas nos vossos céus. Acreditai em mim: não desejo alarmar ninguém. Não gosto de vos trazer este tipo de pensamento. Mas será necessário? Não está tudo isso claramente diante dos vossos olhos? Sim, sei que estais interessados em fazer o que puderdes para ajudar, e existe grande necessidade de pessoas assim.

— Permiti que fale primeiro do Mestre que chamais Jesus, o Cristo. Foi um grande homem, um grande Avatar, pertencente a uma das mais secretas ordens do Egipto e da Índia. Ele sabia que o Homem foi, outrora, um ser espacial antes de construir pontos no espaço para neles se deslocar. Jesus disse: «Na casa de meu Pai há muitas moradas», referindo-se tanto aos corpos existentes no espaço como ao próprio espaço — aos corpos planetários, não apenas do vosso sistema solar, mas também de outros. Por mais poderosos que sejam os vossos telescópios, nunca encontrareis o fim desses mundos.

A PRISÃO DA TERRA: A LUA

— Agora falarei diretamente. Muitos destes corpos do vosso sistema solar foram ocupados pelo Homem em diferentes épocas. A Lua não é um lugar muito importante e raramente é utilizada, exceto para um tipo de trabalho extremamente secreto. Marte — a parte central de Marte — sim! O interior de Marte foi utilizado muitas vezes por seres humanos provenientes de corpos planetários situados para além do vosso sistema solar. E continua a ser utilizado neste momento.

— Estes Discos que observais nos vossos céus não provêm destes planetas materiais, embora naves semelhantes tenham vindo de planetas materiais. É extremamente difícil explicar, em termos compreensíveis para as vossas leis da física, como uma aeronave material poderia deslocar-se a velocidades tão elevadas entre corpos planetários, porque alguns dos vossos mais distintos físicos acreditam que a matéria, ao atingir a velocidade da luz, se transformaria em luz.

Mas isso não é verdade. Basta libertar-se da pressão da gravidade terrestre e afastar-se dos campos magnéticos da Terra para poder viajar a velocidades de milhões de milhas por hora sem qualquer efeito nocivo.

— Quer dizer que um avião constituído por matéria, tal como a entendemos, poderia atingir essa velocidade? — perguntou Meade Layne.

— Sim, exatamente — respondeu o Yada.

— Pode dar-nos alguma ideia do tipo de propulsão utilizado?

— Existem forças entre quaisquer dois corpos no espaço que poderíeis chamar magnetismo. O espaço à vossa volta assemelha-se muito a um óleo espesso. Dois corpos nunca entram verdadeiramente em contacto, mas influenciam-se mutuamente através desta substância oleosa ou gelatinosa chamada Éteres. Captar esse fluxo de energia — entrar naquilo a que chamais «o feixe» — significa seguir essas linhas de energia existentes entre quaisquer dois corpos no espaço. Alguns acreditam que o magnetismo terrestre não é muito forte, mas isso não corresponde à verdade. Tudo o que é necessário é um instrumento suficientemente sensível para detetar essas elevadas taxas de movimento energético.

— Como seria protegida a nossa aeronave? — perguntou F. E. Rogers.

— A superfície exterior da nave poderia ser construída de tal modo que, através de um método de repulsão, qualquer outro corpo se manteria afastado, sem perigo de colisão — respondeu o Yada.

— Há alguma verdade nos relatos de aterragem de grandes naves espaciais?

— Na Austrália — respondeu o Yada — e também nos Andes, na América do Sul, existe um planalto onde estes Discos têm aterrado ocasionalmente. Alguns deles são demasiado grandes para pousar em qualquer dos vossos modernos aeroportos.

— As bolas de fogo observadas nos vossos céus não provêm de Marte nem de qualquer outro corpo, mas são fenómenos etéricos espaciais.

(Em resposta a uma pergunta.)

— Sim, os Eterianos têm alguma relação com elas. Na maioria dos casos, são enviadas para absorver as radiações atómicas presentes na vossa atmosfera. Sim, deveis sentir gratidão por elas. Existem também certas esferas luminosas nos éteres projetadas pelos Eterianos que atuam como olhos fotográficos.

Conseguem registar linhas de força e a estrutura interna completa das vossas aeronaves; assim, os Eterianos podem ver exatamente como elas são construídas. Algumas dessas bolas fotográficas explodem ou desintegram-se, mas entretanto transmitem para determinados pontos do espaço tudo aquilo que registaram. As bolas de fogo observadas ultimamente e que se comportam como meteoros foram enviadas para absorver as radiações resultantes das vossas explosões atómicas.

— Tem conhecimento das alegadas aterragens na Austrália e na Escócia? — perguntou Meade.

O Yada pediu licença por um momento e falou à parte, na língua Yu da sua época himalaia, com alguém do seu lado do Véu, antes de responder.

— Existe atualmente um certo trabalho secreto em curso entre os Eterianos e determinadas altas autoridades terrestres. Compreendeis, suponho, que não utilizo a palavra «altas» no sentido habitual. Refiro-me àqueles que pertencem a algumas das Ordens Secretas da Terra. Este trabalho relaciona-se com a grande possibilidade de destruição da Terra. Várias milhas abaixo da crosta terrestre decorre um processo de dissolução muito sério, mais rápido do que nunca.

— Existem também longas discussões acerca da utilização da energia atómica contra os éteres. Não porque os Eterianos receiem que vos destruais fisicamente, mas porque isso provocaria a rutura das pressões etéricas da Terra — e é extremamente grave perturbar essas tensões.

É algo sobre o qual podeis refletir durante a noite, se conseguirdes dormir! Estes homens aterraram na Austrália, num campo secreto de aterragem. Não estiveram apenas na Escócia; estiveram também com altas autoridades em Inglaterra e com alguns dos vossos homens e mulheres de posição elevada — refiro-me às Ordens Secretas.

— Alguns desses homens e mulheres são funcionários governamentais?

— Não muitos, mas alguns pertencem a essas Ordens. Sim, estes Visitantes têm uma aparência muito humana; mas isso não significa que provenham de qualquer planeta material. Vêm dos duplos etéricos dos planetas. Pode dizer-se que se materializam

como seres humanos, semelhantes aos vossos, embora mais saudáveis. O vosso corpo encontra-se sob o comando direto da vossa mente. Compreendereis isso depois de o deixardes para trás. Sim, este contacto existe há muito tempo — desde o início do mundo.

— O mundo eteriano atuou sempre como guardião do seu irmão material. Sim, muito antes da Atlântida e muito antes da minha civilização de Yu, que precedeu a Atlântida.

VIAGENS INTERPLANETÁRIAS PREDITAS

— ... esta guerra da Coreia poderá aparentemente terminar, mas, na realidade, representa apenas o início de uma conflagração maior. E o que se preparam os vossos povos para fazer? Para abandonar este planeta. Não mais tarde do que 1965, viajareis de planeta para planeta. Aos vossos cientistas não foi permitido revelar-vos a existência de vida noutros planetas. Tem decorrido um esforço extremamente concentrado para alcançar a Lua, e isso já é possível.

(Se o Yada se referia aqui ao fabrico bem-sucedido de veículos interplanetários utilizáveis por seres humanos, pelos Estados Unidos e/ou pela Rússia, em 1951, esse facto continuava a ser um segredo muito bem guardado em 1966. Não voltou a mencionar o assunto durante esta sessão mediúnica de 1951. — R.H.C.)

— A hierarquia católica romana tem conhecimento desta comunicação com os Eterianos? — perguntou Francis Ohm.

— Sim, mas faz tudo o que está ao seu alcance para a ocultar do povo. Na hierarquia católica combate-se um Poder maligno que procura escravizar a humanidade. A guerra do Armagedão aproxima-se. Será um conflito direto entre forças «negras» e

forças «brancas». Essa guerra será uma guerra espacial, capaz talvez de despedaçar uma grande parte do sistema solar.

Muitos descobrirão que pertencem ao lado Branco ou ao lado Negro; tomarão consciência disso e pegarão em armas. Recordai que o Homem, ao deslocar-se de planeta para planeta, deu origem ao que chamais diferentes raças nesses diferentes mundos. Essas raças foram reunidas aqui porque os grandes Guardiões da Terra esperavam que alcançassem entendimento entre si. Mas não o conseguiram.

— Haverá perturbações sísmicas? — perguntou Meade.

— O Japão encontra-se entre os primeiros da lista para uma destruição quase completa por terramotos e maremotos, talvez dentro de pouco tempo — talvez em menos de dois anos. Sim, a razão reside no karma coletivo do povo. Sim, também na estrutura vulcânica e na deterioração que mencionei muito abaixo da crosta terrestre. Mas estamos a generalizar demasiado. O Sol sofrerá em breve uma enorme erupção; no próximo ano surgirão manchas solares gigantescas, entre as maiores observadas na história da humanidade.

— Não parece existir qualquer probabilidade imediata de terramotos na Coreia, mas Formosa está destinada a sofrer um. Qualquer local ao longo da grande falha permanece em constante perigo de destruição. Naturalmente, os distúrbios que atingirem as ilhas japonesas afetarão também esta costa, possivelmente com um forte maremoto ao longo de toda a costa do Pacífico.

— Não existe perigo de a falha de San Andreas voltar a abrir-se, exceto em caso de um grande terramoto japonês. Todas as falhas ao longo da linha serão provavelmente ativadas. Talvez isto não aconteça já e fiqueis desapontados. Gostaria de vos proporcionar um grande terramoto para vos agradar.

— Como sabeis, não gostamos de fazer previsões, porque, afinal, a mente humana governa os chamados atos da Natureza. E possui o poder — e só ela o possui — para mudar a sua maneira de pensar. Assim, o Homem é o mais imprevisível de... como direi?... todas as criaturas de Deus.

«A mente humana governa os chamados atos da Natureza», disse o Yada há quinze anos. Desde então, milhões de homens e mulheres devem ter desviado os seus sentimentos da guerra para a paz. Caso contrário, como explicar o facto de a guerra da Coreia não se ter transformado numa Terceira Guerra Mundial? E, no momento em que estas linhas são escritas, as ilhas japonesas continuam a sofrer apenas a sua quota habitual de terramotos e maremotos.

ATAQUES SEXUAIS PSÍQUICOS

Prof. Luntz

"As inibições connosco (no plano astral) não reagem tão mal como convosco; pois não temos um corpo químico sobre o qual elas possam reagir. No entanto, quero dizer algo esta noite que pode ser chocante para alguns de vós. Tem sido ensinado pela maioria dos instrutores espiritualistas e pelos seus seguidores que, quando alguém passa para fora do corpo físico, essa pessoa pode ter desejo de tudo o resto que a prende à terra, exceto sexo. Agora escutem, meus amigos, e considerem bem o que tenho a dizer: aquele que passa para o outro lado pode regressar e coabitar com um indivíduo vivo. Não ouviram falar de ataques sexuais psíquicos?"

"Sim, mas eu pensava que eram apenas formas-pensamento", disse Kathy Kent.

"Nem sempre, minha querida. Agora, deixem-me voltar ao que podem estar a pensar. Há alguns meses, uma senhora madura veio ter connosco e contou-nos esta história: uma amiga dela, uma senhora, estivera sob a tutela de um instrutor ocultista e tinha-se apaixonado por este homem. Ora, meus queridos amigos, esta senhora em questão não era uma rapariga jovem – tinha sido casada e tinha dois filhos, por isso não era algo levianamente romântico. Verão mais tarde a razão para eu fazer esta observação. O homem, o instrutor, tinha há muito tempo renunciado ao uso da força sexual fisicamente. Ele tentou, a bem da sua aluna, descer do pedestal em que ela o tinha colocado — mas de nada serviu. Por isso, ele partiu e regressou a sua casa noutra cidade.

A queixas de estar a ser atacada sexualmente de forma psíquica. O que fazer por ela? Pois a sua alegação era a de que o seu instrutor se estava a projetar e a atacá-la. Ora, amigos, com toda a seriedade, nós, os do Círculo Interno, sabemos que isso não pode ser feito. Sabem porquê? Pela simples razão de que o corpo psíquico, quando projetado, está ligado ao corpo físico pelo cordão Aka, ou cordão de prata, e qualquer sensação que ocorra no corpo psíquico será sentida no corpo físico, fazendo com que a Psique regresse instantaneamente antes que tal coisa pudesse acontecer. Não pode ser feito. No entanto, alguém que esteja completamente separado do corpo físico pode fazê-lo, pois não há outro corpo para assumir o estado de consciência quanto ao que se está a passar."

"Eles têm desejo no vosso plano?", perguntou Katherine. "Sim, minha querida, exatamente igual! Para voltar à senhora em questão, o meu colega, Arakashi, que estava a ouvir a história, disse a esta senhora exatamente o que eu vos disse. 'O que se há de fazer por ela?', perguntou ela. Arakashi disse-lhe que a senhora tinha construído uma forma-pensamento deste homem, e esta

estava a atacá-la — a sua própria criação. Amigos, deixem-me dizer-vos que uma forma-pensamento é algo tangível com que se tem de lidar! Ele sugeriu que a senhora dissesse a esta sua amiga para fazer três tratamentos de hipnose com pós-sugestão. Isso iria quebrá-la. No entanto, ele disse: ela não o fará — o que se veio a verificar."

AS ORAÇÕES PODEM SER ATENDIDAS

"Agora, meus amigos, estas são coisas sérias. Quando o homem está a lidar com a sua força interior, se não for capaz de a manusear, é dinamite. Mesmo assim, com todos os perigos que temos pela frente na busca do conhecimento da vida, não tenham medo. Sigam em frente, procurem, escavem, descubram! Lembrem-se de que, quando o estão a fazer, estão a criar; também podem destruir. Aquele que não sabe como destruir a forma-pensamento não a deve construir. Para fazer isto, invertem a vossa ação, desviando o vosso estado de consciência e ordenando-lhe que se vá; pois ordenaram-lhe que viesse. É muito parecido com a história de Aladino e da sua lâmpada maravilhosa. Não deixem o génio sair da garrafa a menos que o consigam colocar lá dentro outra vez! Podem afastar de vós qualquer força se derem uma ordem suficientemente forte — se assim o desejarem – em nome do Cristo."

O médium, Mark Probert, tem 39 anos de idade, um "não profissional" que não recebe remuneração pelos seus serviços. É artista, mas empregado comercialmente, não pertence a nenhuma igreja ou outra organização, opõe-se a quase todos os aspetos da religidade ortodoxo, teve pouca escolaridade formal mas é de mente alerta e boas capacidades naturais. É bem conhecido do atual autor, que tem total confiança na sua sinceridade e integridade.

Tem sido mais ou menos psíquico ou mediúnico ao longo da sua vida e, durante os últimos anos, desenvolveu uma tendência notável para a xenoglossia: falava fluentemente em muitas línguas enquanto estava em transe, mas quase nunca em inglês. No seu estado normal, apenas conhece o inglês. Não há registo de que tenha ouvido qualquer língua estrangeira ser usada, exceto as raras expressões casuais que possam chegar aos ouvidos de qualquer pessoa. Após as sessões terem sido organizadas, considerou-se possível eliminar a maior parte da comunicação em língua estrangeira, exceto pela intrusão de línguas asiáticas, e praticamente todas as notas aqui registadas foram dadas em inglês.

As sessões são altamente informais, com muitas alterações no grupo de assistentes. São realizadas ou em plena luz ou com uma única e pequena lâmpada elétrica sombreada. Movimentos da mesa e a escrita na tábua ouija são facilmente obtidos, mas não foi feita qualquer tentativa de trabalhar com estes: os fenómenos consistem apenas em mediunidade mental. Via de regra, Mark P. passa fácil e rapidamente sob controlo, e habitualmente está consciente, de forma ténue e intermitente, do que se está a passar. Sente frequentemente que está de pé ao lado do seu corpo, e é assim descrito pelos Controlos e pelos assistentes que são clarividentes.

As sessões nunca funcionaram como "círculos de mensagens", nem foram dedicadas a "provas" de sobrevivência ou identidade. O objetivo era originalmente duplo: obter informação útil e prática, e prestar assistência a pessoas angustiadas e "presas à terra" dos planos astrais. Este último objetivo diminuiu de importância, em grande parte porque os guias e controlos demonstraram pouco interesse nele. É um trabalho que é desesperadamente necessário, mas que requer total cooperação de "ambos os lados".

Estas notas serão, portanto, de interesse apenas para aqueles que consideram a comunicação com espíritos como um facto estabelecido. Parte do material já teve uma circulação limitada em forma de carta, ou foi publicado em boletins (*the Round Robin* e *Flying Rolls*)... Embora as sessões tenham tido muitos momentos impressionantes, talvez o seu aspeto mais notável seja a naturalidade da conversa, a completa integração das personalidades dos comunicantes e os numerosos vislumbres lançados sobre as condições do outro mundo. A literatura sobre sessões é, obviamente, abundante e existe uma quantidade enorme de alegados dados; no entanto, sentimos que as presentes notas podem ser úteis para estudantes críticos que já aceitaram os factos básicos da sobrevivência e da comunicação.

O reconhecimento e os agradecimentos são devidos ao Sr. Jack Tate, a cujo interesse e iniciativa as sessões se devem em grande parte; a Irene Probert, que nos facultou o uso da sua casa, e acima de tudo a Mark Probert, que dedicou o seu tempo e dons notáveis a este trabalho sem qualquer tipo de compensação.

AS SESSÕES -

Quando a tomada de notas começou, em setembro de 1946, não havia intenção de fazer um registo permanente; os memorandos são, por isso, sumários e incompletos.

O Controlo Lingford afirma que faleceu em Nova Iorque (Estado ou cidade?) há cerca de 40 anos. Ele "conhece o médium há muitos anos". A origem desta relação não foi esclarecida até à data desta redação (14-02-47).

Na sessão de 22-09-46, estavam presentes pessoas, além do médium, Mark Probert (4 homens, 2 mulheres). O Controlo Lingford começou a falar sobre os Ballards, do movimento "I AM".

"Ballard não compreendia o verdadeiro poder dos mantras... ele estava parcialmente desequilibrado na altura da sua morte... Os Ballards obtiveram quase todo o seu conhecimento oculto a partir de livros. Naturalmente que obtiveram fenómenos genuínos depois de começarem, mas não tinham poderes ocultos particulares que fossem seus..."

"As pessoas sem auras dividem-se em duas classes... a existência destas pessoas, que são frequentemente espíritos materializados do nosso lado da vida, explica alguns casos de desaparecimento misterioso. Elas frequentemente desmaterializam-se e regressam ao astral.

(Pergunta) Sim, há um fenómeno natural a que se poderia chamar um 'turbilhão atómico': se uma pessoa for apanhada num deles, desaparecerá.

(P. Se os espíritos no astral são capazes de se ferir uns aos outros?)"

(a) Bem, eles exercem força uns contra os outros às vezes. Se uma pessoa direcionar um golpe a outra, e se esta última tiver medo ou acreditar que será ferida, sofrerá alguns efeitos negativos... O medo e toda a emoção abrem a aura, e é então que os espíritos obsessores podem entrar.

(O Controlador Lingford retirou-se temporariamente. Uma entidade que dava o nome de Rev. Charles Batford assumiu o controlo. Reivindicava ter vivido em Northamptonshire por volta de 1706. Estava muito preocupado com os boatos de outra guerra,

não parecia ter a mente muito clara. Foi seguido por um controlo que se anunciou como Sigmund Freud.

Isso pode ter sido causado pela presença de um psicanalista entre os assistentes. Toda a aparência e comportamento do médium sofreram uma alteração notável — voz, gestos, uma barba imaginária que o médium continuava a acariciar, o ar grave e professoral e os sotaques cultos, embora um pouco rudes.)

"Qual é o significado disto? Isto é certamente um assunto extraordinário!

(Explicações por M.L.) Sim, sim, compreendo suficientemente bem o que está a dizer, mas é muito extraordinário na mesma. Não havia lugar na minha filosofia para coisas como esta... (memorando em falta)

Sei que as minhas teorias atraíram muita discussão; se tivesse de fazer o meu trabalho de novo, colocaria menos ênfase no sexo (...)

(P. sobre Jung). Bem, não é habitual um psicólogo elogiar outro, mas penso que não alterará em nada as coisas dizer que Jung tem uma grande mente.

(M.L. Mas o mundo inteiro ouviu-o).

'Freud': Sim, sim — eu tinha medo disso!"

THE HOME foi por algum tempo um visitante regular nestas sessões. Reivindicava ter conhecido e ter sido empregado por Theodore Roosevelt na expedição de caça deste último em África — "Grande Pai Branco, vidro no gelo" (óculos nos olhos). Começava sempre por saltar (o médium) para cima e para baixo, batendo num tambor imaginário, balançando-se para a frente e para trás — cheio de vitalidade animal, a personificação de uma vida vigorosa...

(P. O que faz?)

"Oh, caçar, caçar na selva mas não matar. Deste lado dizem não matar, caçar apenas por diversão. Comer muito, ter esposa boa e gorda, ter duas, três esposas — com certeza!

O Pigmeu recebeu aparentemente permissão para assumir o controlo por um curto período de tempo para aliviar tensões e revitalizar o grupo. Mais tarde desapareceu das sessões, tendo encontrado instrutores que o inspiraram com a ideia de aprender coisas novas e "crescer".

Adenda: As notas mostram que Lingford disse: "Ballard conheceu uma destas pessoas sem auras que se materializam neste plano (terra)".

Lingford também descreveu a sua casa, dizendo em substância:

"Bem, eu tenho a minha própria casa, é num vale e tenho uma bela vista de um lago. Ocupo o meu tempo com um pouco de trabalho artístico e música, e tenho muitos livros. Sim, vivo sozinho. Se gosto? Pode apostar que sim!"

Domingo, 29 de Setembro de 1947.

Cinco pessoas presentes, além do médium! O pigmeu apareceu por alguns minutos, sendo depois seguido por uma entidade angustiada e incoerente que parecia estar a sofrer grandes dores. Perguntas e informações de sessões posteriores revelaram que se tratava de um soldado que tinha morrido num campo de concentração; os seus lábios tinham sido terrivelmente queimados e esta era a causa do seu sofrimento atual. Foram feitos esforços para o convencer do seu novo estado, e de que poderia ajudar-se a si próprio rompendo as ligações e memórias terrestres. O controlador Lingford, prosseguindo, observou:

"Vós, as pessoas no plano terrestre, podeis fazer mais bem, às vezes, a tais pessoas do que nós aqui, porque elas ainda estão em tão estreito contacto com o vosso nível de existência — mais próximas de vós do que de nós."

Questionado sobre a xenoglossia de Mark P., Lingford disse:

"Isso deve-se provavelmente ao facto de ele ter tido uma série de encarnações sucessivas e muito próximas em diferentes nações e raças...

O ódio de Mark pelo Catolicismo deve-se ao facto de ter sido luterano e ter sido morto pela Inquisição, ou, pelo menos, por católicos."

(P. por M.L. Como consegue obter dados como esses?)

"Bem, podem ser obtidos a partir dos registos astrais, claro, mas há tantas formas, em ambos os lados da vida, de aprender as coisas, que é difícil de explicar. Poderíamos dizer que o desejo de aprender algo cria uma espécie de resposta telepática ou clarividente, ou extrai de alguma forma do conhecimento e da vida universais.

Os nomes são frequentemente esquecidos simplesmente porque não são usados."

(P. Disse-nos que vem aqui, a esta sala, de um pequeno vale com casas e uma estrada. Suponha que mudávamos esta sessão para um local a 100 milhas de distância; continuaria a vir ter connosco a partir do mesmo local no vale?)

"Sim, a distância não faria qualquer diferença; é muito difícil de explicar."

(P. Bem, deixando o médium e a nós próprios de fora, o seu vale corresponde de alguma forma em espaço a esta sala, vizinhança ou cidade?)

"Não, parece corresponder a qualquer lugar — não consigo explicar. Faz-me pensar numa esponja cheia de água.

Existem o que chamamos estações de passagem para cuidar de companheiros como aquele homem queimado, mas às vezes vós podeis ajudá-los mais do que nós. Eles conseguem ouvir-vos e compreender-vos melhor..."

Sessão de 4 de Outubro de 1946

Presentes: Mark P. (médium); Irene P. (esposa do médium); "H.H.", com cerca de 40 anos, sexo masculino, investigador experiente, anteriormente ele próprio um sensitivo psíquico. Meade Layne (M.L.).

(A identidade de um investigador "H.H." pode ser verificada junto de Meade Layne sempre que houver um bom motivo para a consulta.)

Local: Casa de M.L. Hora: 14:00. Plena Luz.

Nota: A sala em que esta sessão se realizou foi frequentemente utilizada para várias formas de exercícios "ocultos", e a sala e a casa são consideradas pelos sensitivos como estando altamente "carregadas". A sessão foi algo tumultuosa e poucas notas puderam ser tomadas, embora tenham sido redigidas na sua forma atual imediatamente a seguir.

Não foi feita qualquer tentativa de colocar estas notas num formato de relatório adequado; permanecem como memorandos de itens mais ou menos desconexos. (A palavra "controlador" significa a entidade que utiliza o corpo do médium).

"H.H." atrasou-se a chegar e o médium estava um pouco tenso; demorou mais tempo do que o habitual para entrar sob controlo, cerca de 3/4 de hora. Manteve-se uma conversa normal.

Depois, um comunicante tomou posse e começou a falar com uma voz muito fraca, em alemão. Queria saber quem tinha dado ao médium um pedaço de pão seco (correto). Este comunicante estava muito fraco e confuso mentalmente.

Após alguns minutos disto, o Guia "Lingford" assumiu o controlo, com uma voz forte e firme, explicou que a entidade era um alemão recentemente morto num acidente de elétrico em Los Angeles, e que ele estava "num estado muito mau"...

"Deixei-o entrar e tentar falar, porque frequentemente isso ajuda um espírito nessa condição mais do que qualquer outra coisa. Ajuda a acordá-los." O médium permaneceu quieto.

(a)

Pergunta (H.H.): também está a ter problemas, Lingford?

Resposta: Sim. As condições parecem diferentes.

(Mark P. regressou brevemente à consciência normal e seguiu-se alguma conversa sobre as condições). Mark P., H.H. e "Lingford" concordaram que o local estava tenso e "carregado". "Lingford" observou também (tendo reassumido o controlo) que os locais novos costumam causar dificuldades ao início.

(b)

"Lingford": "Seria uma boa coisa se o M.L. usasse mantrans antes de se reunirem num novo local...

(Uma pergunta). Sim. Esses estariam bem. Não sei nada sobre a Ordem, mas esses Nomes ajudariam a ajustar as condições."

(c)

"Desejo também que faça passes antes da sessão. Passes para cima e para baixo e horizontais em redor de Mark e de H.H.

(ilustrando através do 'acenar de braços' do médium) e caminhe em redor de cada membro do vosso grupo e faça os passes."

"H.H." queixa-se de fortes sensações de puxar no seu lado esquerdo; especialmente nos músculos do pescoço; ele pergunta a "Lingford" se isto não pode ser aliviado. O controlador responde resumidamente, parece estar muito ocupado. Diz que "Kendrick" (Jeremiah Kendrick, outro Guia e, por vezes, controlador) está ali a ajudá-lo. Fala com dificuldade. A condição continua e torna-se mais pronunciada.

O braço esquerdo de "H.H." passa para fora do seu controlo consciente, começa a agitar-se descontroladamente; ele parece entrar, parcial e intermitentemente, num estado de transe. Falar com ele de forma ríspida e alta fá-lo regressar, mas apenas por alguns momentos. A condição continua.

Por esta altura, "Lingford" explica a M.L. que a raiz do problema reside na condição mental do médium. "Gostaria que não desse a este médium livros que tratem do Tibete..."

(M.L. tinha dado a Mark P. um livro sobre o Tibete, por Ilion, chamado *Darkness Over Tibet* [Escuridão sobre o Tibete], no qual há muita descrição de uma Loja da Irmandade Negra e das suas operações mágicas).

"O que aconteceu foi isto: o livro horrorizou o médium, porque despertou memórias subconscientes de uma encarnação passada no Tibete, na qual ele pertenceu a esta Ordem...

Não deve concentrar a sua atenção no médium — em nenhum (c) médium. Isso cria um canal. As forças no controlo fluirão diretamente por esse canal e fixar-se-ão em si..... Não se concentre em nada, com o seu olhar ou com a sua mente...

(Além da questão de um "canal", podemos recordar que a concentração é o primeiro passo para a hipnose induzida pelo

próprio sujeito. Sob as condições anormais de sensibilidade psíquica e da sala de sessões, o mais pequeno grau de concentração pode abrir a porta à invasão.

As observações de "Lingford" acima estão ligadas aos seus esforços para quebrar uma ligação estreita entre Mark P. e "H.H.".

"H.H." oscila entre a consciência normal e a perda dela. Ele declara que a Ordem Tibetana ainda está muito viva e tem os seus seguidores entre os chineses de São Francisco. Diz que esta informação lhe está a ser transmitida.)

"Lingford" diz: "Sim, esta influência é má — tudo muito mau... Faça passes sobre H.H..... Kendrick está ali ao lado dele a tentar cortar este fluxo..."

(M.L. e Irene P. fazem ambos passes sobre e em redor de H.H., que experimenta algum alívio. Ele regressa à consciência normal, mas os músculos do seu lado esquerdo e da perna esquerda estão nodosos, como que por uma forte cãibra.

"H.H." pergunta ao controlador "Lingford" se ele e Mark P. estiveram associados numa vida passada). "Lingford" responde: "Ambos pertenceram a esta Loja numa determinada altura, mas não ao mesmo tempo".

(Neste ponto, as condições pioraram subitamente, e tanto Mark P. como H.H. começaram a fazer as vénias e gesticulações de um ritual de oração. "Lingford" intervém através de Mark P. para dizer "salpiquem água". Irene P. traz um copo de água, mas coloca-o sobre a mesa. Mark P. regressa ao normal, mas H.H. continua a imitar o ritual de oração. M.L. recorre a passes, mantram e ao isolamento em círculo. Este ou algum outro fator parece eficaz e H.H. regressa ao normal.

H.H. descreveu então o que tinha visto: um grande círculo de monges ou outros adoradores, todos a passar pelas fórmulas e

movimentos de oração; diz que isto parecia lançar uma espécie de feitiço sobre ele, de modo que era incapaz de resistir a fazer exatamente a mesma coisa.

H.H. fica momentaneamente convencido de que esteve no Tibete, mas "Lingford" [assumindo o controlo de Mark P.] explica que o que ele e Mark (d) P. viram consistia em formas-pensamento. Estas existiam na memória subconsciente de ambos, e estas memórias tinham sido despertadas pelo livro referido. [H.H. também tinha lido este livro].

Vale a pena notar que as descrições dadas tanto por H.H. como por Mark P., após regressarem ao normal, do círculo de monges (e) em adoração, coincidem muito de perto. Há uma conversa considerável entre os dois, à medida que verificam mutuamente os detalhes.

"Lingford" retomou então o controlo de Mark P. e aconselhou a que a sessão terminasse. Questionado sobre a conveniência de uma sessão no próximo domingo à noite, respondeu que "avisaria o médium com tempo abundante". Disse a H.H. que este último, que estava prestes a partir para o Leste, regressaria à Califórnia em dois a três meses [muito mais cedo do que H.H. espera regressar]. [A previsão não se cumpriu, 18-02-47].

Um controlador inteiramente novo falou então através de Mark P. Descreveu-se a si próprio como um "ajudante dos Ajudantes", e disse que nunca comunicava exceto em emergências, e que a presente ocasião parecia ser uma delas.

(Pergunta) "Se não se importar, não - 8 - lhe darei o meu nome desta vez. Sim, é melhor interromper esta sessão...

(Este controlador continua a falar durante algum tempo, de forma lenta e cuidadosa, com maneirismos e voz diferentes de

Lingford ou de Mark P. H.H. vê ou esta entidade ou algum ser superior que está a comunicar através dele; H.H. descreve-o — falando em meio-transe — como aparecendo apenas como um "ovoide de luz". H.H. está convencido de que algum ser de planos superiores interveio.)

O novo controlador também observou que "tanto Lingford como Kendrick estão muito incomodados com o que aconteceu". Ele recebe garantias de que nenhum dano foi feito, pelo que é aparente deste lado, e que muito foi aprendido.

Adenda: Sessão de 6 de Outubro de 1946.

Presentes: Mark P., médium; Irene P. (esposa); Gil Updyke; Meade Layne.

O primeiro comunicante revelou ser um tal "Karansky" (grafia fonética). Declarou que era um maestro de orquestra russo (comparável a um líder da Filarmónica aqui), que foi morto no bombardeamento de Estalinegrado. Disse que passava a maior parte do seu tempo com os seus parentes sobreviventes na Rússia, tentando ajudá-los — "tentando impressioná-los".

"Estou a tentar impressioná-los com a ideia de que não deve haver mais guerra... Não haverá guerra se as nações se unirem e raciocinarem umas com as outras.... se abandonarem a ideia de que um pedaço de terra vale mais do que uma vida humana..

Se não o fizerem, haverá guerra dentro de dois anos..

A Rússia está numa má posição... bloqueada pela Inglaterra, e também por alguns elementos aqui nos Estados Unidos... também na Rússia existem homens desta craveira.. Se estes elementos não puderem ser contidos, (a) haverá guerra em dois anos....

(b)

Houve muito mais experimentação na Rússia no que toca a estudos psíquicos do que qualquer pessoa imagina...

Pertenço a um grupo... tínhamos um pacto firme, de nos reunirmos deste lado da vida..

O nosso plano é alcançar todos os sensitivos por todo o mundo e, através deles, tentar alcançar cientistas e também homens em posições elevadas, para transmitir a ideia de paz.. de que a ganância deve terminar... e que a opressão do povo deve chegar ao fim....

(bb)

Esta última está a desenvolver-se nos E.U.A. mais rapidamente do que imaginais.

A menos que o mundo laboral se agarre firmemente aos seus objetivos, será totalmente esmagado e acabará por ficar num estado pior do que nunca... mas os líderes sindicais também procuram um grande poder, e isto deve ser travado.

Este Kendrick que tem estado a ajudar este médium é um bom homem, mas já devia estar a ultrapassar as suas ideias monásticas a esta altura.

Lingford é um tipo de pessoa muito imprevisível, mas é capaz, é muito lido.

Este é Kendrick. Ki-yat-ta, Ki-yat-ta'. Isso significa saudações. Sobre o médium falar tanto à noite... a situação é que (c) certas entidades superiores usam o seu corpo para experimentação... Ele é retirado, não está consciente em nenhum plano.... Isto não o prejudica no corpo, mas cansa-lhe a mente... Vamos ver o que pode ser feito (d) para o impedir... A aura foi rasgada, e isso torna o acesso fácil.

Este é Lingford. Jack vai conseguir passar bem... Acho que o avião dele está no Texas agora (22:00, domingo, 7 de Outubro). Aterrou algures no Panhandle — é assim que lhe chamam?.... O grupo com Karansky está a tentar estabelecer contacto com cientistas."

Um pequeno mas curioso incidente ocorreu no final desta sessão. O médium estava na consciência normal, e as quatro pessoas presentes estavam a falar sobre os vários nomes aplicados ao Eu Superior. Ao mencionar o AUMAKUA polinésio, M.L. entoou o nome fortemente, especialmente a sílaba AUM. Passados escassos momentos, uma entidade poderosa foi sentida por todos, e o sensitivo e dois assistentes viram uma luz brilhante aparecer perto de M.L. e depois atravessar a sala; estava a cerca de 18 polegadas do chão. Mark P. ficou com a impressão de que poderia ter sido apenas a parte inferior da vestimenta de algum ser.

Algum comunicante fez então repetidos esforços para controlar o médium, mas as condições estavam demasiado perturbadas. Alguma explicação poderá talvez ser obtida mais tarde.

San Diego, Califórnia, 10 de Outubro de 1946.

Médium: Mark Probert.

Comunicante: "Ramakalo"

(Perguntas, na sua maioria, omitidas. Presentes, além do médium: A.R. Boese e Meade Layne.)

(Relativamente à "nave espacial" observada na noite do dia 9)

(controlador não registado)

"Esta nave vem do oeste da Lua. Não sei dizer a quantas milhas, mas muitíssimas. É um pássaro mecânico. Observem a Lua esta noite, eles podem tentar estabelecer contacto...

Não posso dizer que a nave vá aparecer à mesma hora que ontem à noite; o cálculo do tempo é demasiado difícil, requer matemática muito avançada.

Estas pessoas têm estado a tentar contactar a Terra há muitos anos... A Terra está agora a emitir um forte raio ou coluna de luz, e isto torna mais fácil a aproximação a partir de outros planetas.

Sim, estas pessoas vêm em paz... são muito mais avançadas do que vós... Os seus corpos são semelhantes aos vossos, mas muito mais leves.

Estas pessoas gostariam de efetuar uma aterragem, mas têm medo da receção que terão. Sabem que não serão compreendidas.

Devem tentar ter um grupo de cientistas. O assunto deve ser mantido em segredo do público por agora. Não digam nada aos vossos cientistas sobre o lado psíquico deste assunto (porque isso os prejudicaria contra ele)*.

Um grupo de cientistas deve organizar-se para se encontrar com estas pessoas num local isolado.... Estas pessoas estão ansiosíssimas por cooperar convosco....

O novo telescópio (Palomar?)* irá espantar os cientistas...

Muito virá através de psíquicos nos próximos seis meses...

Devem trabalhar silenciosamente nisto..

Comunicante "Lingford":

Não sei muito sobre este assunto da nave espacial, mas causou um grande alvoroço. Soa-me plausível. Vou tentar descobrir de onde vem a nave.

Comunicante "Kendrick":

Sim, a nave foi vista por um bom número de pessoas, mas muito poucas delas tomaram nota da sua estranheza (estavam a observar os meteoritos, na sua maioria)*.

Comunicante desconhecido: Haverá um grande incêndio na Nova Escócia (nenhuma data fornecida)*. Nota: Os parênteses marcados com * são de M.L.

Domingo, 13 de Outubro de 1946

Reunião em casa de um amigo de M.P.

Presentes: Mark P., Irene P., Gil Updyke, M.L.

O primeiro comunicante foi uma criança; uma menina falecida há cerca de três dias, muito angustiada, a chorar, queria a sua "mamã". Irene P. e Mark P. conheciam bem a criança.

Lingford, substituindo, disse que as crianças ficavam muito angustiadas ao início, mas tinham os melhores cuidados e logo superavam isso.

Lingford fala de ver os meteoritos como uma exibição maravilhosa. Diz que as pessoas desencarnadas frequentemente veem objetos da terra através dos nossos olhos... e que muitas dores de cabeça são causadas por isso, sem o conhecimento de médicos ou de quem quer que seja — especialmente se a dor for no topo dos globos oculares.

Lingford: A pessoa que tentou materializar-se no encerramento da última sessão foi Kay Ting, um monge tibetano, da I.B. [Irmandade Branca]. Que ele talvez fale connosco mais tarde. Que cometeu um erro ao tentar materializar-se naquela altura.

Quando KAY TING aparece, mais tarde, ele confirma; diz que tentará materializar-se totalmente se a sala for deixada completamente às escuras, na próxima sessão. K.T. fala das Ordens Negras do Tibete — as guerras na China devem-se principalmente às suas atividades — são poderosas e muito enganadoras, aparecendo até como Anjos de Luz e enganando muitos recém-chegados ao astral — a verdadeira vida cristã (não a formalidade e a pretensão) é a melhor vida, no geral — K.T. está há 450 anos no lado astral.

Rama-Ka-Lao (Ramakalo) controla. Levanta-se.. faz uma vénia. Fala sobre Kareeta ("nave espacial")... Ela regressará no próximo ano, a esta área, um ano a contar do dia 9 de Outubro que acabou de passar. Talvez um ano exato, à mesma hora.

(Ele diz que ela regressará com toda a probabilidade — essa é a sua impressão e crença. Deveríamos notificar todos os astrónomos e todas as pessoas que usem telescópios para estarem atentos a ela. A K. é mais de duas vezes maior do que o nosso novo avião gigante... Mas é de peso muito leve.

As pessoas do planeta K. ultrapassaram as comunicações sem fios; usam feixes de luz... Fizeram muitos esforços para nos contactar por comunicações sem fios... Os sinais foram recebidos aqui, mas não foram compreendidos quanto ao significado e ponto de origem... os cientistas não se preocupariam com tal problema; não existiam dados suficientes para os interessar... as pessoas de K. abandonaram em grande parte a tentativa...

Está a ser desenvolvido na Terra um aparelho para comunicação por meio de raios de luz coloridos e, quando isto estiver feito, a comunicação será possível. K. pode ser alcançada por RADAR se puder ser localizada; de outro modo, apenas por feixe de Radar para o planeta... Os dois motores elétricos usados

para a operação das asas são mais poderosos do que quaisquer motores semelhantes usados na Terra — muito mais poderosos.

Sessão de 14 de Outubro de 1946.

San Diego, Califórnia.

Esta sessão muito breve caracterizou-se pelo controlo de uma entidade que gravemente anunciou ser Sir Isaac Newton.

"O que eu sabia sobre a teoria da gravitação não é nada comparado com o que sei agora.

A gravidade é uma força que é criada no peso compacto de qualquer objeto, através de forças elétricas e magnéticas. Quando a estrutura atómica se altera, a atração da gravidade altera-se também.

A telepatia é uma forma de energia. É uma operação de quarta dimensão, é uma forma de energia semelhante àquela que obtemos nos espaços exteriores da gravidade da Terra. Não é afetada por qualquer coisa física."

(As respostas nos dois últimos parágrafos foram provocadas por perguntas relativas à natureza da gravidade e sobre se a "energia" da telepatia se conformava à lei do inverso dos quadrados. O comunicante obviamente nunca tinha ouvido falar desta lei e ficou confuso com uma ou duas palavras em latim usadas por M.L.)

(O precedente é o primeiro caso claramente definido de personificação na presente série de sessões. Um comunicante posterior referiu-se ao acima exposto como uma personificação por uma entidade espiritual. Lingford, contudo, cerca de dois meses mais tarde, afirmou que foi uma personificação pelo subconsciente do médium. A habilidade e o conhecimento

verdadeiramente superior destas entidades esquizofrénicas enganarão frequentemente, de forma temporária, até os observadores mais experientes. Um bom exemplo de personificação será encontrado na sessão de 28 de Fevereiro de 1947. Nesse caso, o comunicante anunciou que se encontrava "no espaço intermédio entre o consciente e o subconsciente" e que era o imortal, a semente e o âmago da personalidade. Os seus poderes eram certamente muito superiores aos da consciência normal do médium, mas o questionamento tornou claro que o seu conhecimento real não excedia o provável conhecimento subconsciente do médium. Ele não era o "Eu Superior" e declarou explicitamente que não era um espírito desencarnado..... pelo que "personificação" deve aqui ser entendida num sentido muito modificado.)

Um segundo e anónimo comunicante assumiu então o controlo e começou a falar sobre um alegado corpo planetário. "Este corpo existe realmente e está apenas a cerca de 10 000 milhas da Terra, mas está na vibração da quarta dimensão e os vossos instrumentos não o conseguem detetar. Pode ser detetado por instrumentos especialmente concebidos que utilizem vibrações de luz.... Muitos objetos explodem ao passar de uma dimensão para outra, especialmente se entrarem na atmosfera da Terra ao fazê-lo."

Sessão de Domingo à noite, 20 de Outubro de 1946

Em casa de Mark Probert

Presentes: Mark P., Gil Updyke, Dick

Primeiro Comunicante - Lingford.

Conversa casual. Perguntou pela "jovem senhora" cuja mão ele estivera a segurar (ou seja, Joan I.).

M.L. tentou introduzir o assunto da última carta de J.T., relativa à morte por suicídio de E.C.McD., com a ideia de possivelmente ajudar este último. Imediatamente surgiu outro controlador, mas não E.C.McD. Esta personalidade chamava-se Alice, apelido não obtido. Alice estava a soluçar e a chorar, dizendo que "não queria morrer". Apurou-se que tinha sido um suicídio por envenenamento. Lingford disse mais tarde que ela tinha vivido algures perto de Ft. Worth, Texas, e que era uma "mulher alta". Alice falou apenas algumas palavras, estava muito angustiada.

Lingford falou então sobre B.H., disse que os assuntos deste último estavam muito desorganizados e incertos, embora estivesse de volta à Califórnia em breve. Continuou dizendo que a aura de H.H. tinha sido danificada numa data anterior, e que estava muito preocupado com H.H. Elogiou H.H. como personalidade e como investigador, disse que gostava de o ter presente, mas acrescentou que temia por ele; que seria realmente mais seguro se H.H. não tivesse nada a ver, diretamente, com o trabalho psíquico. Tem que H.H. seja novamente sujeito a obsessão, talvez a uma crise enquanto estiver num local público, e que possa fazer mal a outra pessoa ou a si próprio.

Ao ser questionado sobre se os guias de H.H. não o poderiam proteger, Lingford responde que, "os guias dele não fizeram muito por ele no outro dia, em sua casa". Disse que "Kendrick estava lá e fez o que pôde, mas não foi muito". "As entidades

correm para a aura dele." Lingford estava muito preocupado com H.H. e disse: "parece-me que ele tem um guia chamado Fornd (For-nay)."

RAMA KA LAO (Ramakalo) assumiu o controlo; disse que a "kareeta" não era de Marte e não era um foguetão .... disse que a entidade "Sir Isaac Newton" era um personificador. Isto refere-se a comunicantes numa breve sessão realizada durante a semana (quanto a "Sir I.N.") e a uma comunicação de um tal "Maloney" através de uma Menina M. (uma de três filhas mediúnicas de uma família local), quanto aos pontos de "Marte" e do "foguetão". Todos estes tinham sido altamente suspeitos por M.L. e pelo médium, Mark P. A entidade "Sir I.N." era inteligente e filosófica, mas não conhecia latim nem matemática elementar. Ramakalo retirou-se, disse que voltaria mas não o fez. Tem sido impossível até agora obter informações quanto ao ponto de origem da "Kareeta". O Irmão Kay Ling não se manifestou.

Esta sessão inteira foi um pouco sem vida, e grande parte da conversa foi um eco de ideias expressas por M.P. e M.L. em conversas anteriores. O PIGMEU regressou; disse que ainda tinham curandeiros mas também tinham melhores instrutores agora, conseguiam ver os resultados do trabalho do curandeiro e não queriam nada com ele; que os pigmeus viviam em aldeias na selva densa, caçavam, tinham muitas esposas, não matavam, eram muito alegres e animados.

Domingo, 3 de Novembro.

Lingford foi a Filadélfia; disse que a criança tinha nascido; era uma menina; estava preocupado com Irene, aparentemente; não desejava falar muito; não disse muito sobre a filha.

O comunicante anónimo veio como anteriormente — repetiu que K. vinha realmente de cerca de 10 000 milhas a oeste da Lua, conforme a posição na noite da chuva de meteoros. Continua a insistir que este "planeta" não está na nossa taxa de vibração, e que K. poderia passar de uma taxa para outra e materializar-se aqui, tal como tudo o resto neste plano está enraizado nos planos invisíveis como fonte. Repete que matéria e espírito são uma só coisa, que tudo é material, no sentido amplo dessa palavra.

Lingford continua preocupado com Jack T. e com o seu psiquismo.

Um comunicante compara a terra e o astral a uma bola coberta por uma taça, em rotação (de ambos?). (O conceito de que as bandas de oitavas de radiação ou vibração se repetem — "partem-se sob a luz".)

O anónimo está no outro lado há 900 anos — não consegue recordar-se de nada sobre a vida na terra, mas irá investigar — "Acho que poderei ter algum material muito interessante para vós."

O comunicante anónimo prevê desastres terríveis para a Costa do Pacífico. O caráter deste comunicante é duvidoso. Lingford não o aprova.

(O Dr. e a Sra. Cozman estiveram nesta sessão, também um tal Keough, Gil Updyke, George _____, e um outro _ M.P. ... M.L. A conversa telefónica na terça-feira mostrou que a criança ainda não tinha nascido, mas que o parto parecia iminente na noite de domingo. Aparentemente, Lingford relatou como facto o que parecia certamente ter tido lugar por altura do seu relato.

Domingo, 17 de Novembro.

Presentes: Mark P., Jimmie..... Gil Updyke, Dr. e Sra. Cosman, Sr. e Sra. Barkus, NML.

Kerinsky ou Kerensky, maestro de orquestra russo morto no bombardeamento de Leninegrado. Angustiado e excitado, prevê uma guerra com a Rússia, diz que a Rússia tem uma nova arma mais terrível do que a bomba atómica, que a guerra destruirá a civilização, etc.

Uma rapariga ou jovem mulher chamada Ruth, a chorar, incoerente, morta num acidente de avião. Lingford diz que ela está assim há várias semanas e poderá continuar por muito tempo.

Lingford, Ramakalao e um comunicante anónimo que está daquele lado há "muito tempo". Este último não sabe o seu nome, não se consegue lembrar da vida na terra, da nacionalidade ou da raça. Diz que usa uma túnica e um turbante, passa o seu tempo a estudar, acredita que todos devem reencarnar por lei natural. Fala muito da relação do som com a luz, diz que a luz é uma "oitava mais elevada" do som — que ondas sonoras contínuas e rápidas produzirão uma "fricção no éter" que produzirá luz.... aumentar o tom ou a frequência ajuda para isso; que o som é muito mais do que a vibração do ar, é um poder elemental, uma energia criativa. A ciência descobrirá esta relação do som com a luz, se é que já não é conhecida.

(Isto parece ligar-se ao "partem-se sob a luz" de outro comunicante).

A principal característica desta sessão foi um comunicante anónimo que declarou ser um Adepto que ainda possuía um corpo terrestre, que tinha deixado o seu corpo em transe, na Índia, e estava a assistir a uma reunião de Adeptos no Astral — que estavam a fazer experiências para ver quão bem o médium podia ser controlado por um Adepto que ainda vivia na terra; que, se o

método funcionasse, poderia ser de grande utilidade para espalhar o conhecimento de factos ocultos, etc.

Domingo à noite, Rua 26, Nº 93, San Diego. Presentes: Mark Probert, médium; Dr. Cozman, Meade Layne e três outros, um homem e duas mulheres.

Aparentemente, dois ou mais comunicantes em sucessão tomaram o controlo físico do médium, mas foram incapazes de falar.

Um A.O., não conhecido anteriormente, tomou o controlo começando com uma espécie de cântico ritualístico ou litúrgico que durou talvez um minuto, muito impressionante. Anunciou então que vinha de uma grande reunião de Adeptos e Iniciados, algures "a norte de Lhasa". As perguntas suscitaram as seguintes declarações:

Que o propósito desta reunião era a Iniciação de recém-chegados à Ordem; que a Ordem era grande e poderosa, mas que o nome não podia ser fornecido nesta altura; que tais reuniões eram realizadas duas vezes em cinco anos; que as reuniões tinham lugar no plano denso (físico), e que os membros do "outro lado" estavam presentes em corpos materializados (na reunião). Ao ser-lhe perguntado se podia dar o seu próprio nome, disse que tinha de fazer averiguações e que voltaria. Cumpriu esta promessa e regressou passados cerca de quinze ou vinte minutos. Outros comunicantes apareceram durante este intervalo, mas, por uma questão de continuidade, estas notas prosseguirão com o mesmo comunicante e farão referência mais tarde aos do período intermédio.

Este comunicante regressou então, declarando que o seu nome era Lo Sun Yat. Em resposta a perguntas: A reunião estava a ser realizada numa enorme caverna. Havia reuniões mais pequenas de tempos a tempos. Ele próprio não vivia agora num

corpo denso. Ele e outros do seu lado não viviam no "astral", mas em níveis mais elevados.

P. Sim, os planos mais elevados eram também mundos de objetos físicos, muitos deles duplicados dos nossos, embora de graus de matéria grandemente refinados.

P. Sim, os objetos nesse mundo estavam sujeitos à vontade; podiam ser feitos desaparecer ou aparecer. Mas não se prestava muita atenção a este mundo pseudo-objetivo; a atenção estava, na sua maior parte, voltada para o interior, para o mundo do pensamento.

Este controlo mental de objetos ou aparências era teoricamente possível em todos os planos de consciência. Isto era porque os objetos não tinham uma existência independente, ou existência *per se*.

P. Relativamente à *ding an sich* (a coisa em si). A *ding-an-sich* não existia. Todos os objetos eram construções mentais. No entanto, poder-se-ia dizer que tais construções eram o produto conjunto da mente percetora, ou mente do observador, e de uma mente cósmica. Se o comunicante foi corretamente entendido, assumiu a posição de que a *ding-an-sich* poderia dizer-se que existia se fosse concebida nesse sentido, de uma energia produtiva cósmica a operar através de e como focos individualizados de consciência. A posição kantiana sobre esta questão estava errada; la posição do idealismo berkeleyano estava mais próxima da verdade; *esse* é igual a *percipi*.

Entendeu-se que o comunicante assumia a posição de que a coisa em si poderia existir se se acreditasse que existia; isto é, como uma construção mental. As qualidades dos objetos, ou aparências, surgiam do funcionamento da energia cósmica através de focos individuais de consciência. A coisa em si não pertencia à

ordem das aparências, e a sua existência era de ordem mental, como inferência e crença.

O comunicante afirmou que não havia debate sobre esta questão no seu nível de existência; eles procuravam o conhecimento continuamente, mas não havia desejo de discutir sobre nada. Afirmou que era possível atingir os estados mais elevados de consciência enquanto se vivia num corpo denso. Que cada encarnação deveria melhorar a personalidade, até que a entidade em evolução alcançasse o Devachan.

P. Além do Devachan? O sentido de Eu, mas não de Eu sou. A consciência, a perceção não se perdia, mas o sentido de individuação perdia-se. Ele não acreditava na absorção completa da individualidade pela vida ou alma Cósmica, mas apenas na perda de todo o sentido de separação.

Na juventude, enquanto os fogos da vida ardiam ferozmente no corpo, era errado negar-lhes expressão. Mas o grande objetivo de toda a vida era a busca do conhecimento.

Não havia distinção entre matéria e mente, ou espírito. Nunca houve qualquer fuga da matéria — embora a matéria assumisse formas muito ténues e propriedades peculiares.

A doutrina do Eu Superior (e de outros eus) estava correta, mas não devia ser tomada como significando uma divisão real do Eu unitário, que era todo um. A virtude da invocação do Eu Superior residia no facto de ser uma forma subtil e poderosa de sugestão a si mesmo. O Eu unitário desdobrava-se em resposta a ela. O Eu Superior ou eu não consciente era secreto e astuto. Todos os poderes que o homem possui em todos os planos residem preenchidos no Eu unitário.

Uma pergunta foi colocada por um assistente, relativa à possibilidade de se juntar novamente à sua esposa que era

falecida, ou se ela poderia reencarnar antes de ele próprio deixar esta vida. A resposta foi que, se a esposa desejasse juntar-se a ele, não reencarnaria até que se tivessem encontrado um ao outro nos planos astrais (o mais elevados).

Pergunta do Dr. Cosman sobre o uso das enormes trompas tibetanas. Resposta: Não, não se faz uso das trompas nesta reunião, mas usam-se tambores. A batida do tambor tem um efeito peculiar em desintegrar a estrutura molecular da matéria.

Toda a conversa com Lo Sun Yat ocupou pelo menos meia hora; o comunicante usou expressões técnicas filosóficas e metafísicas, e exibiu um conhecimento e uma perspicácia bastante além do alcance do médium, que carece de formação filosófica e não leu livros filosóficos ou metafísicos.

A personalidade do comunicante estava totalmente integrada, a linguagem precisa e frequentemente eloquente; não há razão aparente para o identificar com a mente de qualquer pessoa presente. O comunicante parecia estar familiarizado com pontos filosóficos levantados pelo atual autor e ficou sem resposta apenas num único caso, quando foi feita referência a Amakua, que é a designação polinésia ou Huna para o Eu Superior. A Yechidah hebraica foi por ele compreendida.

O controlador e guia: Lingford descreveu-se a si próprio como um antigo residente de Nova Iorque; que morreu ali há cerca de quarenta anos. Vive sozinho "e gosta"; tem uma casa pequena, muitos livros, instrumentos musicais. Outros comunicantes descrevem-no como sendo estudioso, amplamente lido, bastante autossuficiente.

P. "Não, embora eu atue mais ou menos como um guia para este rapaz (o médium), não estou em contacto constante com ele. Mas se ele se meter em algum problema ou aflição, eu sei disso e venho ver o que posso fazer. Tive dificuldades em obter o

controlo esta noite porque o médium não tem realizado sessões regulares e eu perco o jeito... Além disso, não fumo um cigarro há quatro semanas. Podemos fazê-los aqui deste lado, mas não são lá muito bons..." (Lingford, através do médium, costuma fumar un cigarro enquanto está no controlo).

"Tentei várias vezes fazer com que este rapaz lesse *The Dance of Life* [A Dança da Vida], (Havelock Ellis), gostava que tentassem fazer com que ele o lêsse; contém coisas que ele deveria saber. Leio o vosso *Round Robin* por cima do ombro dele às vezes."

P. "Aquele tipo que entrou (tentou controlar o médium) não foi capaz de falar, por isso pu-lo lá fora."

P. Talvez nos pudesse dizer o que ele queria dizer? (Após um intervalo): "Ele queria dizer que J.T. está doente, algum tipo de problema de estômago. Não me citem sobre isso; eu próprio não sei."

P. "Bem, se há algum tipo de desastre iminente, eu não sei sobre isso; vivo calmamente sozinho; se a raça humana se quer explodir do mapa, isso não me vai perturbar muito."

"Vou fazer-vos uma lista de livros que aparecerão no vosso plano... As pessoas aqui passam uma grande quantidade de tempo, algumas delas, a tentar fazer passar livros e música para o vosso plano." (Esta promessa, se cumprida, dar-nos-ia algo único nos registos psíquicos).

O Pigmeu (fazendo saltar o médium para cima e para baixo, balançando o seu corpo, batendo ritmos de tambor imaginários).

"Sim, divertir — divertir — mas aprender coisa nova. Ter instrutor agora, aprender coisa nova. Aprender que a vida não é só caçar, comer, ter mulheres. Não! Vida significa aprender, vida significa crescer. Instrutor diz que eu homem pequeno, não

precisa continuar pequeno! Aprender, crescer. Aprender coisa nova. O que passa com rapaz? Eu vir aqui, duas, três vezes, nenhuma reunião. Bem, adeus."

(Este pigmeu afirma que conheceu ou foi empregado por Theodore Roosevelt na expedição africana deste último — "Pai Branco com vidro no gelo" [óculos nos olhos]. Ele e a sua tribo ainda caçam nas selvas do astral, mas não matam animais. Ele é a personificação da vida e vitalidade animal, e parece ser admitido devido ao seu efeito sobre os assistentes em relaxar a tensão e alterar as condições).

Sessão da noite de Domingo, 22 de Dezembro de 1946.
Presentes: Mark Probert (médium); Dr. e Sra. Cozman; Gil Opdyke; Meade Layne.

O médium passou sob controlo muito rapidamente e começou a falar com uma voz alterada e com um sotaque muito carregado.

"Este rapaz não me queria deixar entrar, continuava a lutar contra mim. P. Não, ele estava pronto, com certeza, mas tinha medo que eu não fosse capaz de falar." (Mark P. disse mais tarde que isto era verdade.) "Bem, eu sou Harry Lauder. Esta é uma experiência extremamente invulgar — nunca fiz isto antes.

(P). Sim, estou deste lado há um certo número de anos. Não sei quantos. Parece-me que morri nos anos 20, algures. O tempo é vastamente diferente deste lado — como se pode saber sobre datas?

(P) Sim, acho a vida aqui muito boa, muito agradável. Passo uma grande quantidade de tempo a deambular por Londres — mas aquilo é um lugar maldito agora! A guerra fez uma confusão de Londres!"

P. Encontrou o seu filho?

"O meu filho? (longa pausa) Não me lembro do meu filho. Eu tive um filho? Que tipo de coisa é esta? Consigo lembrar-me de outras coisas, como posso esquecer-me da minha própria carne e sangue?"

(Este comunicante não se consegue lembrar nem do seu filho nem da sua esposa. Está grandemente angustiado e continua a voltar ao assunto. Finalmente diz que vai sair do corpo do médium, que John McCormick está ali e quer tentar cantar.

Uma personalidade diferente, dando o nome de John M., toma o controlo, fala um pouco, diz que a sua voz foi gravada desde a sua morte por médiuns em Londres, desiste da ideia de tentar cantar devido ao físico frágil do médium. Ele deixa o médium, e Harry Lauder regressa, vastamente interessado na experiência, mas angustiado por causa do seu filho e da sua esposa.)

Um comunicante que apareceu uma vez antes nestas sessões tomou o controlo. Até agora tem-se recusado a dar o seu nome. Na sua aparição anterior, há cerca de três meses, previu um grande desastre natural no Pacífico Ocidental. Referiu-se agora a esta previsão e ao recente sismo e maremoto japonês como cumprindo-a.

P. (Pode dar-nos alguma ideia da forma como a informação de eventos futuros chega até si?).

R. A terra emite vibrações. Uma alteração, um desastre, tem a sua própria taxa de vibração. Aqueles de nós que sabem como, conseguem detetar esta alteração. É uma espécie de pré-ação. É como o pensamento antes da palavra.

P. Viu o desastre japonês por si próprio?

R. Sim, grande parte dele. Não, não tenho de olhar através dos olhos de uma pessoa no vosso plano. Grande violência da

Natureza ou pelo homem, como o amor, como o ódio, faz com que o Véu se torne fino; então conseguimos ver através dele.

P. Prevê outros problemas?

R. Do Oriente vem um grande problema. Da Índia. Revolta e luta sangrentas. Bem pode acontecer que matem ou expulsem todos os homens brancos. Uma luta pavorosa. Tudo depende, para o futuro, da atitude da Inglaterra.

P. A Inglaterra poderá pedir ajuda aos E.U.A., mas penso que os E.U.A. ajudarão apenas como pacificadores.

O tibetano LO SUN YAT toma o controlo. É o filósofo da última reunião. De acordo com o comunicante Lingford, ele estava quase pronto para receber a iniciação na altura da sua morte, e agora tem feito grandes progressos:

"Saudações! Eu sou Lo Sun Yat. Digam-me, que conversa é esta que oiço aqui de desastres iminentes?" (A substância do último comunicante é-lhe repetida.) "É verdade que o problema da Índia levará a uma grande e sangrenta confusão. Tenho uma vantagem sobre o vosso amigo Lingford: consigo obter a informação que desejam sem deixar o corpo do médium. Faço-o por uma espécie de projeção de mim mesmo."

(Inquérito sobre um certo Adepto.) "Ele é um homem frágil, de olhos azuis? Penso que ele é muito abastado. Vejo uma grande casa branca. Parece pintada de fresco.....

A tendência geral das observações subsequentes por este controlador indica que o Adepto referido é 'genuíno' e um homem de boa vontade. Se for um homem de boa vontade, não importa a que Loja particular pertence. Era evidente que Lo Sun Yat não tinha contactos pessoais com o Adepto, mas acreditava que ele era 'daqueles que estão bem'."

Lo Sun Yat falou então de amnésia e possessão. Mais do que um caso de amnésia temporária deve-se à possessão por um espírito. Algum dia os vossos cientistas descobrirão isto e conceberão um meio para o prevenir ou remediar. Referiu-se ao problema das pessoas sem auras. "Os espíritos que aparecem no vosso plano em corpos materializados pelo seu próprio poder não podem permanecer aqui continuamente; têm de cruzar e voltar a cruzar as fronteiras. Se morrerem no vosso plano, o corpo simplesmente desaparece. Mas é uma visão desagradável."

(A impressão ganha aqui foi de que o desaparecimento de tal corpo era uma espécie de liquefação rápida.)

"Estas pessoas levam uma vida normal na maioria dos aspetos enquanto estão no vosso plano, mas não podem ter filhos. Desejo falar dos dois tipos. Há pessoas boas que regressam aqui em corpos materializados para ajudarem aqueles que lhes são queridos, ou com quem têm grandes dívidas de gratidão. Ou para ajudar, digamos, um artista ou um cientista.

O outro tipo é mau. Passaram muito tempo a aprender a materializar corpos, e regressam para propósitos de ódio e vingança. Não se enganem — muitos assassínios são cometidos desta forma — por estes espíritos materializados.

As pessoas que estão muito doentes não têm auras. As pessoas que parecem estar de boa saúde normal e não têm aura, estão, no entanto, muito doentes."

(Eu queria fazer a distinção entre auras astrais e etéricas, mas o comunicante passou demasiado rapidamente para outros assuntos.)

Lo Sun Yat afirmou ainda, em efeito: "Eu próprio não tenho conhecimento de nenhuma Loja no Monte Shasta. Nunca vi

quaisquer sinais de tal Loja. Não, não digo positivamente que não exista."

"Relativamente a este Doreal. As suas alegações não são verdadeiras. Certamente, ele tem um grande número de seguidores. Lembram-se de duas pessoas que tinham uma multidão de seguidores, até de milhões, cujas alegações eram falsas?" (Os Ballards) "Eles reuniram o conhecimento de muitas escolas ocultas, lançaram este conhecimento sobre o povo com malícia — e para ganho próprio. Contudo, bem sabiam o que estavam a fazer. Levarão milhares de anos para reparar esta dívida cármica. Tanto Ballard como a sua esposa sabiam o que estavam a fazer. Tinham conhecimento oculto, claro, mas as suas alegações e propósitos eram falsos e egoístas. Dinheiro! Tudo foi sacrificado por dinheiro, por ganho. Contemplai os frutos deste sacrifício."

"A Loja da Baixa Califórnia ou centro oculto existe verdadeiramente, mas não é um centro do bem."

"A Bruxa de Bell! Sim, nós temos o livro relativo a este assunto, deste lado. Não examinei este problema em primeira mão. Diria que a raiz de tão grandes males se encontra no ódio de uma entidade desencarnada. Deve ter havido uma espécie de foco de ódios. O ódio e a violência por si mesmos podem assombrar um lugar. Eles espreitam e escondem-se ali. Depois surge a pessoa certa ou o grupo de pessoas certo; as suas vibrações estão ajustadas, recetivas. As forças latentes são libertadas em manifestação. Então algum Ego malicioso, cheio de ódio, emprega-as. Grande é então o seu poder. Hei de analisar melhor este assunto."

(Isto substancia o ensinamento oculto de que um sistema de tensões ou pressões pode ser estabelecido no éter, num determinado lugar; e que uma mentalidade ajustada a eles os

receberá — tal como um instrumento, um eletroscópio ou radiorecetor, responde dentro de um determinado campo e não noutro lugar. M.L.).

O controlador e guia, Lingford. Conversa longa e casual....

"Sobre os Elementais.... Oh, sim, estes seres existem, com certeza. Espíritos da terra, do ar, do fogo, da água. Os pequenos espíritos semelhantes a fadas são maravilhosos. São perfeitamente formados, como os humanos, mas podemos segurar um em tamanho real na palma da mão. Vêmo-los em redor das flores. Sim, têm uma espécie de procriação, mas parece ser uma procriação etérica.

É verdade que toda a matéria do plano da terra pode ser penetrada por nós. (P). Suponho que, em teoria, a terra poderia ser penetrada — mas este não é um tipo de atividade normal para nós — penso que um espírito hesitaria muito tempo antes de tentar penetrar as partes sólidas do globo.... Sobre os Elementais, apanham-me num assunto de que tenho pouco conhecimento em primeira mão, mas li sobre eles em livros que temos que foram escritos aqui deste lado. Mas já vi as criaturas fadas de que falei. São fascinantíssimas e belas — especialmente as fêmeas."

(M.L. começou a perguntar a opinião de Lingford sobre umas propostas "Conversas de Quinta-feira").... "Sim, eu sei. Ouvi-vos falar sobre isso ao telefone.... É uma boa ideia.

Sim, gosto de fazer um pouco de pintura. Tento ajudar o Mark às vezes. Às vezes acerto uma pincelada ou duas por minha conta. Acho que conseguiria pintar através dele, no escuro — gostava de tentar isso um dia destes."

- **Adenda -**

John McCormick a falar: "Bem, eu expulsei o Harry Lauder — depois ele expulsou-me a mim." (Considerável gracejo entre

estes dois, de acordo com o médium, que ouve intermitentemente em ambos os planos)

Harry Lauder a falar: "Gostava que me dissesse como acontece esta coisa estranha. Eu entro nesta sala, vejo-o, vejo este rapaz, caminho até ele — depois, de repente, aqui estou eu a falar através dele. Não compreendo isto."

Lingford tornou-se muito à vontade no corpo de Mark P.: "Isto é realmente a maior maravilha de todas, Meade! Sinto este corpo, o meu rosto, as minhas mãos (quero dizer as do Mark, claro). Ouço-me a mim próprio falar. Consigo ver-te. O meu controlo dos músculos melhora a cada momento. Hei de ser capaz de acender o meu próprio cigarro uma noite destas, sem qualquer ajuda. Isto é um grande prodígio para mim."

Lo Sun Yat: "O conhecimento que os Ballards tinham de assuntos ocultos vinha de livros..... Eles conseguiam certos efeitos psíquicos, claro, às vezes. Sim, compreendo que pergunta sobre estas várias Ordens e Adeptos por motivos corretos, de forma alguma por curiosidade ociosa. Se eu não acreditasse nisso, não lhe daria a informação."

Lingford: "Receio ter feito o Mark cometer aquele erro no retrato. Aproximei-me um pouco demais dele. Vou ajudá-lo a corrigi-lo." (Mesmo antes da sessão, Mark P. tinha estado a trabalhar num retrato, tinha conseguido fazer o olho notavelmente bem, depois arruinou o efeito com uma pincelada errada, ficando muito perturbado com isso).

Domingo, 29 de Dezembro de 1946.

Rua 19, Nº 931, San Diego.

Presentes: Mark Probert (médium), Irene P. (esposa), Dr. Cozman e esposa; Gil Opdyke; Margaret Layne, Elizabeth Brown; e Meade Layne.

Várias tentativas foram obviamente feitas para controlar o médium, mas passou quase uma hora antes que as boas comunicações começassem.

Harry Lauder (comunicante na última sessão) falou brevemente, mas passou a maior parte do seu tempo a ouvir uma sinfonia que estava a tocar suavemente na rádio, e a bater o tempo com o braço do médium. (Dado que outro comunicante, Lo Sun Yat, anunciou mais tarde que conseguia ouvir todos os sons da terra melhor quando não estava no corpo do médium, parece provável que Lauder simplesmente estivesse a desfrutar da experiência inédita. Ele tinha demonstrado grande interesse por ela numa ocasião anterior).

Lo Sun Yat assumiu então o controlador, começando como habitualmente com movimentos vigorosos de girar uma roda de orações, anunciando depois o seu nome. (P). "Sim, de facto, os músicos do vosso plano continuam o seu trabalho aqui. Mas há oitavas de som percetíveis para nós, com as quais nunca sonharam. Notas muito agudas. Alguns de vós conseguem ouvir alguns destes sons, se escutarem com atenção quando estiverem completamente relaxados."

(P) "Sim, os sons aqui também dependem da existência de um meio semelhante à vossa atmosfera, mas muito mais rarefeito."

(P) "Sim, os músicos aqui tentam fazer passar as suas composições para os músicos da terra."

(P) (Este médium tem estado a falar imenso em várias línguas durante o sono.) "Sim, vários espíritos desejam fazer experiências

com o controlo do organismo, mas são cuidadosos agora para não lhe causarem qualquer dano." (P) "O estado de consciência do médium a maior parte do tempo, enquanto isto se desenrola, é o que antes lhe descrevi como o estado do Eu — consciência, mas não consciência de si mesmo."

(P) "Sim, é possível para o médium estar acordado e ativo no astral durante esses períodos. Têm alguma pergunta?"

Foi feita uma tentativa de colocar algumas perguntas de natureza científica. O comunicante foi questionado sobre se poderia indicar a distância do Sol à Terra tal como é conhecida pelos cientistas do seu lado da vida (distância média solar). O comunicante indicou uma distância de 22 500 000 milhas. Mas declarou-se despreparado para responder a perguntas desta natureza; disse que estaria pronto na próxima vez. O comunicante deixou o corpo por algum tempo, mas disse que escutaria quaisquer perguntas formuladas.

M.L. explicou então, detalhadamente, a substância de um relatório ultimamente recebido de Edward John, relativo a uma área no Condado de Mendocino, Califórnia, onde John alegava que os Espíritos da Natureza eram visíveis sem clarividência, bem como espíritos indígenas e certas manifestações de seres elementais de vários graus.

Lo Sun Yat regressou prontamente, agitando os braços do Médium. "Sim, de facto, há momentos e locais onde estas condições existem... Não tenho conhecimento deste caso particular, mas os factos relatados podem perfeitamente ser inteiramente genuínos. .... Não, não precisa de ter medo de investigar. Vá lá com boa intenção. Pode contar com uma medida de proteção deste lado, mas não deve depender disso. O homem deve aprender a encontrar e a enfrentar estas coisas através dos seus próprios poderes."

O problema do tempo decorrido, recentemente levantado por Vincent Gaddis, foi então exposto por M.L. Uma pessoa que pratique a projeção astral deixará o seu corpo denso, atravessará a sala (por exemplo) e baterá na parede ou num gongo, regressando depois ao seu corpo denso. Assim que regressa à consciência normal, ouve o som, mas não antes.

Lo Sun Yat respondeu em substância: "Não há tempo decorrido. Se, enquanto está no astral, bate num objeto material, nenhum som é produzido. Mas há uma alucinação tardia do som, devido à forma como tal coisa acontece no vosso plano, e a pessoa experiencia essa alucinação ao acordar no seu corpo denso."

(P) "Mas certamente que os sons são produzidos no plano astral — originam-se lá e são ouvidos lá. Suponha que a pessoa projetada bate no duplo etérico da parede ou do gongo. Assumir-se-ia, de qualquer forma, que é isso que acontece."

R. "O som etérico, em tal caso, pode ou não ser ouvido pela pessoa que o faz, no momento. Este som não pode ser ouvido no vosso plano. Mas, ao regressar ao corpo denso, a memória do som, se tiver sido ouvido, ou a crença de que o som foi produzido, causa uma alucinação de som ouvido pelo corpo densificado."

(Nota: O questionamento neste caso é reconhecidamente muito fraco. M.L. não tinha os dados frescos na memória e por isso não prosseguiu com o assunto. As respostas não cobrirão todos os pontos levantados por Vincent Gaddis, mas são aqui anotadas como possivelmente úteis.)

Comunicante Lingford: "Este é o Lingford. Cigarro, por favor. Este médium tem estado a beber café em demasia." (P) "Um pouco de café não faz mal, mas não em quantidade. É muito mau para os rins... Apresente-me, por favor, a estas jovens..."

Seguiu-se muita conversa informal e amigável. "Sim, estive aqui a ouvir esse chinês e as vossas perguntas. Ainda bem que não tive de responder a tais perguntas. Oh, eu chamo-lhe chinês; claro que ele é um homem muito instruído, uma inteligência muito fina. Sei que ele é tibetano, mas para mim é um chinês na mesma." A conversa mudou gradualmente para o assunto do ataque astral e psíquico, que sob as circunstâncias teve de ser abordado com reserva.

(P) "Está familiarizado com o termo *congressus subtilis*?" "Não, o que significa exatamente — traduza-o." "Bem, a tradução óbvia: união subtil, ataque sexual, geralmente por uma pessoa num corpo astral ou etérico, talvez projetado a partir do corpo denso. Os ocultistas acreditam que isto acontece, mas o assunto não é bem compreendido."

R. "Certamente, tais ataques são possíveis e acontecem. Pode haver, frequentemente há, um grau de materialização do corpo do atacante. Esta materialização pode não ser visível, mas pode ser sentida. Toda a experiência de ataque no corpo denso pode ser sentida. Mas, por regra, a pessoa atacada é largamente responsável — ou porque teme grandemente tal acontecimento, ou então porque o deseja, talvez apenas o deseje subconscientemente. Isso abre o caminho para um atacante com um desejo poderoso e especialmente se ele tiver algum conhecimento de como controlar o corpo etérico para esse propósito.

Mas tais ataques são mais fáceis para as pessoas deste lado; não há muitos do vosso lado que sejam suficientemente proficientes na projeção astral.... Sim, os ataques astrais ou psíquicos podem ser quase involuntários, ou melhor, não planeados, mas apenas o resultado de um forte e contínuo desejo e imaginação."

(P) "Tem alguma ideia de por que tivemos tanta dificuldade em começar esta noite? Foi por causa das nossas visitas, ou de alguma organização errada aqui?"

R. "Não, não foi isso. A esposa dele foi a causa disso. Ela esteve afastada dele cerca de oito semanas."

O médium, Mark P., há alguns meses teve um sonho ou uma experiência astral na qual encontrou um indivíduo muito ameaçador, de pé em frente a um grande portal escuro. Recentemente, após isto, viu na casa de um conhecido, um artista, uma pintura deste mesmo homem, embora com uma vestimenta diferente, de pé em frente ao mesmo portal. Esta pintura era uma cópia de uma outra imagem. Este original ainda não foi localizado.

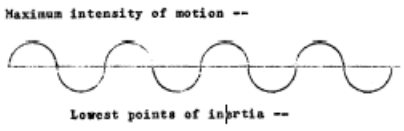
Lo Sun Yat afirmou que a experiência teve lugar no astral, e que o homem era um membro da Ordem Negra, que estava interessado em Mark P. devido aos seus poderes psíquicos, e que queria enredá-lo com as forças das trevas. Disse também que a pintura vista por Mark P. era uma representação real deste mago negro. Consensualizando que estas afirmações estão corretas, temos um caso interessante de um objeto material a formar uma ligação entre uma pessoa viva aqui e um "mago negro". Este último, além disso, foi dito tanto por Lo Sun Yat como por Lingford como estando ainda a viver no corpo denso. Esta ligação provavelmente não foi acidental, e a história da pintura e do seu original, se descobrível, poderá ser uma ilustração interessante dos métodos sinuosos por vezes empregados nestas matérias.

O ÉTER DO ESPAÇO E O VÁCUO DO TEMPO

Por Ramon Natalli, membro do Círculo Interno de Mark Probert

Ao tentar expressar os meus pensamentos relativamente ao espaço ou ao que por vezes é designado como os éteres, deve esperar-se que eu sofra muitos imprevistos, e nem todos se deverão apenas ao *modus operandi* em fazer chegar estes pensamentos ao vosso mundo através do meu médium, Mark Probert, mas também porque o uso de palavras para explicar o que deveria e apenas pode ser adequadamente expresso em símbolos matemáticos é uma abordagem inteiramente nova para mim. Contudo, como bem sabeis, "Não arriscar é perder antes de se começar", por isso vou começar; mas lembremo-nos de que estamos a trabalhar com pouco mais do que teorias, e assim não ficaremos demasiado desanimados quando depararmos com um dos "becos sem saída" de que este tipo de trabalho está repleto.

É minha opinião, senhor, que não temos de postular um estado homogéneo ao considerarmos o problema do espaço e a teoria de campos cada vez mais densos. Se assumíssemos que as partículas que constituem tais campos se movem em linha reta, a teoria homogénea seria sustentável, mas este não é o caso. Tudo o que qualquer partícula é, é "luz", ou o que por vezes se chama um "fotão". E a luz move-se no que hoje chamais "quanta", e o *quanta* é produzido no que pode ser designado como um padrão de "onda" ou de ondulação que contém cristas e vales muito definidos, e se quisermos de todo imaginar tais ondas, elas assemelhar-se-iam ao que a palavra onda implica que deveriam parecer, assim:



Por cada movimento sucessivo que as partículas fazem no arco descendente, elas perdem um grau de energia cinética e, por conseguinte, sofrem um estado crescente de inércia. Estes vários estados ou tipos de movimento permitem que um número infinito

destes pontos vibratórios funcione uns dentro dos outros sem que nenhum deles interfira ou, de alguma forma, infrinja os outros.

Esta queda em estados de inércia cada vez mais profundos faz com que as partículas libertem bandas cada vez mais curtas de energia cinética da massa central para os seus corpos satélites, fazendo assim com que esses corpos caiam para o interior da massa central ou núcleos à taxa de calor. O mundo dos sonhos não tem de ser um mundo de desejos frustrados e inibições, tal como não o é o mundo "exterior". Devemos simplesmente compreender que estamos onde a nossa Mente está — Mente é lugar, e lugar não é senão outra palavra para espaço.

O pensamento cria energia nesse espaço da mente. Esta energia mental é trabalhada em padrões ou desenhos geométricos definidos, que não são, por si mesmos, nem complicados nem simples. Estas duas últimas palavras são palavras sensoriais e pertencem ao corpo, o qual é, em si, um padrão geométrico.

O sistema nervoso, então, com o cérebro a atuar como estação recetora, capta estas linhas de força e, dentro do seu âmbito condicionalmente limitado como instrumento de medição, cria a partir delas uma miríade de formas e contornos que se tornaram conhecidos por nomes tão familiares como mineral, planta, peixe, ave e homem. Esta mesmíssima ação ocorre ao longo de todo o esquema chamado consciência.

No que foi exposto acima, usei a palavra "pensamento" como sendo o processo de criação de energia. Gostaria de esclarecer, contudo, que a estrutura de tecido material chamada cérebro não pensa. O cérebro não é senão o instrumento mecânico sobre o qual incidem as supracitadas linhas de força, comunicando ao Eu-Mente que alguma forma de movimento foi efetuada.

O Eu-Mente também nada sabe sobre o que se chama pensar ou raciocinar, nem sobre fazer inferências. Estas são também

palavras de sentido ou de sentimento, e pertencem à máquina física que foi condicionada a responder a linhas de força de formas específicas, dependendo do seu ambiente. De facto, o Eu-Mente não tem existência *per se* à parte da sua criação de símbolos. Mas no momento em que cria uma linha de movimento, torna-se automaticamente o corpo chamado espaço no qual o movimento nasce, e o movimento dá à luz a impressão chamada tempo.

O corpo, estando limitado na sua capacidade de responder exatamente da mesma maneira a um determinado estímulo para lá de um determinado período de tempo, encontra-se, a seu tempo, a rejeitar as linhas de força que causaram esse estímulo através do simples processo de não as registar. Ao mesmo tempo, contudo, está a aceitar novas linhas. Este tipo de ação, então, é o que confere ao Eu-corpo a impressão de mudança. A mudança implica movimento, o movimento implica espaço, o espaço implica inércia zero, e a inércia zero implica o simples facto de que o órgão sensorial chamado corpo cessou de registar o movimento no seu quadro de tempo.

Em Nome da Luz, sou o vosso Irmão, Ramon Natalli.

NATALLI SOBRE O VÁCUO DO TEMPO

(O material acima foi ditado por via clariaudiente a Mark Probert por Natalli para este folheto sobre "O Éter do Espaço". O que se segue foi transmitido através de mediunidade de transe em março de 1952 e aborda os problemas do espaço e da densidade a partir de um ângulo algo diferente. É, contudo, altamente relevante para o nosso material atual e é incluído aqui por essa razão. Natalli a falar através de Probert.)

Vou dizer algo que pode não ser totalmente compreendido. Embora tenhamos várias densidades, continua a ser uma questão difícil de equacionar, porque se suporá, por parte dos vossos cientistas, que, em última análise, a densidade seria tão grande que o meio apenas poderia ser descrito como homogéneo. Desenvolvi recentemente uma teoria, parte da qual, pelo menos, poderá ser do vosso conhecimento.

Se olharmos para as densidades como fundindo-se lentamente, chegamos a uma densidade que será, para todos os efeitos, homogénea. Mas não é realmente o caso. Baseando-nos na teoria quântica, cada estado é periódico — um comportamento periódico dos átomos. Este estado periódico só pode acontecer (ser concebido) se se pensar desta maneira: a ação do átomo em cada grau de densidade não é uma condição estável, mas sim uma condição que aparece e desaparece — uma espécie de piscar de olhos, por assim dizer, numa sequência legítima.

Em cada segundo que passa ou noutra fração de tempo, há uma forma diferente de movimento. Um fenómeno de ação que ocorra numa densidade fará com que outra forma de ação ocorra noutra densidade. É esta ação que tem lugar em diferentes dimensões que cria o que chamais forma.

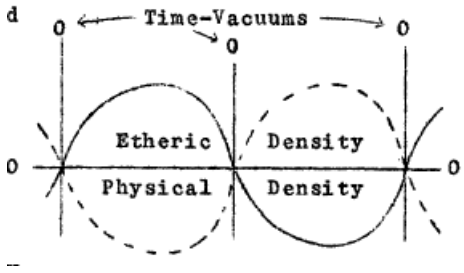
Agora, perguntamo-nos onde está o átomo na fração de tempo em que não está em ação. Existe um vácuo do tempo entre os estados periódicos de movimento. Quando uma ação ocorre no mundo atómico aqui nesta densidade, cria outra forma de ação noutra densidade. Aqui temos a causa e o efeito em jogo, transpondo o abismo do intervalo de tempo. Isto só pode ser um vácuo do tempo. Existe uma corrente de força a passar entre as duas densidades. Devido ao facto de nunca podermos chegar a um estado de pura nulidade, a este campo que chamamos intervalo de tempo podemos chamar um jogo que decorre entre ambos (notas defeituosas) . . um jogo ou intercâmbio entre o protão e o neutrão.

Eles trocam energias até que haja uma espécie de absorção de um deles. Perguntamo-nos o que aconteceu a esse e como a absorção ocorre novamente. Ambos estão a emitir energias, e as de um são captadas por corpos.

Tendes neste intercâmbio uma desintegração completa do corpo atómico, e este verte-se através deste vácuo do tempo para outra dimensão, onde, ao formar uma estrutura atómica nessa dimensão, se move a uma taxa de velocidade diferente. Possivelmente perdeu alguns dos seus corpos eletrónicos nesta nova dimensão, e possivelmente adicionou novos, criando assim uma substância que fabricará forma de um tipo diferente. O átomo nesta nova dimensão criará uma estrutura semelhante a uma teia com outros átomos que fará um sólido para essa dimensão.

O vosso vácuo do tempo reside no intercâmbio de um neutrão e de um protão no qual um destes absorveu a energia do outro. Nesse momento, tendes um vácuo do tempo. Mas é tão fragmentário no seu período de tempo que não há ainda forma que eu conheça de o medir.

As frações de tempo não são realmente como as percebemos. O movimento é tão rápido que não conseguimos fazer qualquer estimativa. Mas há uma pausa neste campo de tempo que é uma nulidade completa. Isto é basicamente uma ação de calor, e pode ser pensado, de acordo com uma dimensão de tempo, como um campo magnético ou eletromagnético, de acordo com o intervalo de tempo intermédio. Podemos dizer, em qualquer dos casos, que é magnético ou elétrico ou eletromagnético, ou que é calor puro, dependendo em grande parte do seu uso numa dimensão de tempo particular. Um ponto de passagem que é desprovido de estrutura atómica. O átomo verte-se para outra dimensão de tempo, através do campo de tempo. Isto é o espaço-tempo, ou um vácuo do Espaço entre o núcleo e o eletrão.



Na divisão da matéria em frações, deve-se continuar a dividir e parece que se chega ao fim da matéria apenas na vossa dimensão de tempo; pois restam ainda frações infinitas a serem divididas noutras dimensões. As mentes científicas têm, desde há séculos, tentado calcular através da matemática (que parece ser a única via) como destruir a matéria (ou energia, ou substância) completamente. Isso pode ser feito, mas apenas na vossa dimensão de matéria ou tempo.

No átomo do vosso mundo físico, o núcleo é ele próprio constituído por outros átomos com corpos eletrónicos.

Na série de emanações, alfa, beta, gama, etc., o raio gama é o mais potente. É a essência da energia cinética pura. Este move-se, ou as partículas desta onda movem-se, num movimento vibratório denteado — num movimento em dente de serra. Isto confere à onda o seu elevado poder de penetração. A matéria, ao formar estruturas, cria uma teia ou rede. Trata-se de uma teia de energia entre os átomos. A radiação do raio gama no vosso plano destrói esta teia de energia. Ela não atinge os nós ou os átomos em si mesmos. Isto causa confusão no mundo dos átomos.

Os nós sofrem uma forma de fissão. Isto ocorre também nos organismos físicos, como em algumas formas de cancro. A psique opera através do corpo como a eletricidade opera através de uma máquina. A sua ação É eletricidade. Existem muitos tipos de eletricidade. Existe aquela que é magnética e aquela que é não magnética. Até ao momento, sabeis muito pouco sobre estes tipos. Os indivíduos submetidos a tratamento elétrico deveriam ser

tipificados quanto às frequências elétricas. Isto pode ser feito muito facilmente por meio de isótopos.

Tais conceitos podem parecer absurdos para o leigo, mas, escusado será dizer, estão longe de o ser, e são conquistas intelectuais de ordem elevada. O resultado, contudo, é a física com a metafísica numa fusão inseparável.

Estas observações tocam obviamente apenas a superfície de um assunto imenso, e o seu objetivo é apenas alertar alguns dos nossos leitores contra certas afirmações de um cientismo presunçoso. Para citar Eddington novamente, "A velocidade através do éter não tem significado, mas o próprio éter está tão em evidência como sempre esteve, no nosso atual esquema do mundo."

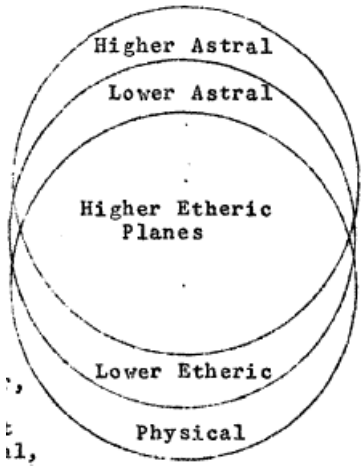
O nosso folheto, *The Ethership Mystery and Its Solution* [O Mistério da Nave Etérica e a Sua Solução] (BSRA Nº 4, 40 páginas, $1.00), debruça-se sobre a tese de que existe uma série de éteres particulados de densidade e subtileza crescentes e, logicamente, além dos nossos espetros de perceção sensorial. Os vastos interespaços do átomo não são a nulidade, mas são sucessivamente ocupados, por assim dizer. Ou, melhor ainda, o espaço equivale a matéria extremamente densa. Ou, uma vez mais, o espaço, tal como o tempo, é um estado da matéria em quarta dimensão.

Objetos e eventos de outras dimensões tornam-se percetíveis quando as suas taxas de energia são convertidas para o nosso nível, e entre estes planos de vibração existe um comércio, conversão e intercâmbio contínuos. Seres humanos e humanoides, e inúmeras outras coisas vivas, e objetos visíveis e invisíveis passam de um lado para o outro. Neste facto maravilhoso, mas ainda assim comum, reside o segredo da Visitação — o ir e vir

visível dos Guardiões Etéricos e das suas multiformes embarcações.

Como palavra final para este folheto sobre o "Éter do Espaço", recomendamos um exame cuidadoso e isento de preconceitos das secções ditadas pelo astrónomo e matemático Ramon Natalli. Se receberão muita atenção é, de facto, duvidoso, mas ele apresentou-as no verdadeiro espírito da ciência, e nós, pelo menos, fazemos o gesto de as oferecer aos nossos leitores.

A INTERPENETRAÇÃO DOS PLANOS



"Considerados fisicamente, estes 'planos' distinguem-se por taxas variadas de vibração; considerados espiritualmente, são estados variados de consciência", disse Natalli, numa data posterior, a Meade, relativamente ao diagrama de círculos sobrepostos à direita.

"A substância, tal como os homens da terra a conhecem, assume a tangibilidade adequada à consciência terrena no etérico inferior, e é a partir desta região que os vossos fenómenos celestes surgem à vista, bem como os vossos fenómenos psíquicos. Na morte, a permanência do homem no etérico inferior é de duração muito curta. Mas ele não entra no etérico superior; passa diretamente através dele, sem qualquer consciência do mesmo, para o astral inferior. Mais tarde, e dependendo da sua atividade

mental, entra nas esferas superiores do astral. Para estabelecer qualquer contacto que não seja mental, ele deve fazê-lo através e por meio do etérico inferior."

SOM E CALOR — DOIS ESSENCIAIS PARA TODOS OS FENÓMENOS

Do BSRA Nº 10-H, pelo Professor H.L. Twining, Associado da BSR, através de Mark Probert, 14 de Abril de 1950.

"Estou realmente muito entusiasmado por ter a oportunidade de falar contigo novamente, Meade. É uma coisa maravilhosa ser capaz de transpor o abismo. Desejo manifestar a minha gratidão ao Mark, tanto pelo trabalho que continua a realizar, como por me dar a oportunidade de falar através dele. Quando era jovem, estudei muito estas matérias.

Experienciei muitos contactos com médiuns em diferentes partes do país e perguntava-me e voltava-me a perguntar como eram feitas estas coisas, que tipo de situação se estava realmente a passar. Agora encontro-me deste lado da vida e a tentar comunicar contigo. O que posso eu agora dizer que vá iluminar a busca incessante?

Falaste da alteração de temperatura numa sala de sessões — talvez saibas que, para tudo o que fazes, há uma alteração de temperatura, a qual ocorre ou por todo o corpo ou em partes dele. A corrente sanguínea, na sua atividade de correr pelas veias, produz uma eletricidade por fricção, e esta eletricidade por fricção projeta um campo eletrónico para fora do corpo físico. Sabias disso?

Em todo o movimento há um campo eletrónico produzido e, quando esta matéria emanação é projetada para fora do corpo, pode ser utilizada por nós, meramente alterando o seu

movimento, reduzindo-o de um movimento elevado que gera calor, para um baixo que gera uma brisa fria.

É uma forma de água, ou partículas de hidrogénio-oxigénio. O corpo físico, escusado será dizer, é quase todo água — e quando operas a partir do meu plano de consciência e trazes o teu corpo astral para a consciência de vós que estais ainda num corpo físico, sentis um frio e uma humidade provenientes de nós. Isto deve-se ao facto de o corpo astral ser 98% oxigénio e hidrogénio."

"O corpo astral é 98% oxigénio e hidrogénio?", perguntou Meade Layne.

"Sim. Esta é a razão para essa sensação fria e húmida. E encontra-se numa taxa baixa de movimento. Ora, este não é necessariamente o corpo no qual vivemos constantemente aqui, mas é aquele que vos conseguimos fazer sentir, mesmo que não nos possais ver. As temperaturas devem-se quase inteiramente à fricção de uma qualidade alta ou baixa. Um átomo de matéria que se move na vossa atmosfera tem o seu próprio campo magnético, e este é produzido pela fricção — a velocidade de movimento do átomo na vossa atmosfera. Sem fricção, não haveria campo eletrónico. . .

Poderás ter observado o facto de que, na maioria das salas de sessões, o som deve ser produzido para se obterem os melhores resultados. É sobre o movimento molecular chamado som que nós conseguimos produzir vários tipos de fenómenos físicos. Estas são as coisas que devem ser estudadas se ides aprender mais sobre como estabelecer contactos com o nosso lado da vida — o calor e o som — eles são a tónica de todos os fenómenos psíquicos."

DOIS INVENTORES REGRESSAM

POR

J. Gilbert E. Wright

Excertos de uma carta de J. Gilbert E. Wright, Schenectady, ao Editor da *Round Robin*. O Sr. Wright é um químico de investigação ao serviço da *General Electric Company*; possui grande experiência em investigações psíquicas e é autor de muitos artigos e relatórios. É também o inventor da singular "massa saltitona" (*bouncing putty*) referida abaixo.

"J.G.E.W. para... Não me consigo afastar da ’massa saltitona’. Ela possui muitas das propriedades do ectoplasma semimaterializado.

(1) Flui, (2) recebe impressões nítidas, (3) adquire e retém uma forte carga estática, (4) é elástica, (5) tem propriedades acústicas invulgares, (6) apesar da sua suavidade, estilhaça-se como vidro quando atingida por um martelo e, moldada em bola e colocada sobre um vibrador de dentista (60 ciclos), salta indefinidamente sem perder a forma.

No que diz respeito à publicação, o nome de ’(a médium inglesa referida no texto seguinte) não pode ser usado senão após a expiração do seu contrato com a Sra.’ (A. M-B., uma mulher muito rica)... Talvez a minha curiosidade se prenda maioritariamente com o que os Controles M.P. pensam da história e se podem contribuir com algo para o trabalho iniciado,

evidentemente, por Edison e Steinmetz. Não procuro recompensa pessoal. Se o conteúdo deste relatório puder ser útil a outros, que assim seja."

Vosso... etc. J.G.E.W.

A HISTÓRIA DO SR. WRIGHT

No verão de 1940, em Lake Hopatcong, N. J. (Acampamento Espiritista de Frank Hecker - Águia Branca), Edison é descrito por um clarividente como estando de pé ao meu lado. Não acredito. Eu tinha visto Edison, conhecia alguns dos seus associados, mas nunca tinha falado com o próprio homem.

No verão seguinte, em Chesterfield, um dos guias de Clifford Bias diz que eu irei trabalhar numa invenção para tornar possível a comunicação com o mundo espiritual sem recorrer a um médium vivo. Não acredito.

Durante a mesma visita a Chesterfield, Steinmetz materializa-se para mim através da faculdade mediúnica da Sra. Mary Langley Beattie. Ele disse: "Quero entrar em contacto com o meu próprio povo." Havia o mesmo andar altivo característico, a barba saliente, o charuto longo e fino, a gibosidade nas costas. Ele trazia a bandeira americana. Esta foi a minha primeira visita a Chesterfield. Eu era um desconhecido. O Sr. Jewett Clark, o assistente do gabinete, que complementava as observações dos espíritos com informações recebidas de forma paranormal por parte dos guias dentro do gabinete, disse: "Ele quer entrar em contacto com o seu próprio povo."

"Isso é a bandeira americana?", perguntei.

"Sim, não consegue ver?", respondeu Steinmetz, e segurou-a pelos cantos opostos de modo a que ficasse visível para todos.

"O que é que ele quer?", perguntei ao Sr. Clark.

"Ele quer entrar em contacto com o seu próprio povo."

"O que quer ele dizer com isso?", perguntei. O seguinte veio então do Sr. Clark, sem interrupção ou confirmação da minha parte:

"Conheceria um Alexanderson? Um Dr. Alexanderson? É da *General Electric*? Schenectady? Este homem não era alemão? Não estava ligado à vida pública? Não era judeu? Ele insiste que sempre foi conhecido como 'C.P.' Está correto?"

"Sim, a tudo", respondi, "exceto que tenho a certeza de que ele não era judeu." Estava enganado, de facto.

"Ele parece querer entrar em contacto com o seu próprio povo."

"O que quer ele dizer com 'o seu próprio povo'. Os seus antigos associados? Os seus familiares? O povo alemão? O judaico? Se, na verdade, ele fosse judeu, o que duvido."

"Não sei."

Na manhã seguinte, fui ter com o Sr. Clark e pedi uma sessão. Ele é um médium mental. Disse-lhe: "A propósito da sessão de ontem à noite e da aparição de Steinmetz, tenho a sensação de que ele não conseguiu exprimir tudo o que queria dizer. Sinto, em particular, que a bandeira tinha um significado que nos escapou. Agora, deixe-me falar-lhe da minha relação com Steinmetz. Não o conhecia muito bem.

Claro que era uma figura familiar nos escritórios e laboratórios da *General Electric Company* e, durante imensos anos, vi-o quase diariamente. Estive presente umas seis vezes, talvez, em pequenos grupos que ele presidia e julgo ter-lhe apertado a mão uma vez. Não me senti atraído pela sua personalidade e tenho a certeza de que ele não veio ter comigo por qualquer motivo pessoal, mas sim porque eu representava a

General Electric para ele e estava envolvido em trabalho de defesa, ou porque queria, através de mim, entrar em contacto com outros. Pode complementar o que recebeu ontem à noite?"

"Vou tentar. Ele parece querer entrar em contacto com o seu próprio povo."

"Não sei o que isso significa."

"Acho que são os seus antigos associados e fico com a impressão de que eram quatro."

"O Dr. Alexanderson seria um deles?" (O pioneiro nas comunicações de rádio e inventor do 'Alternador Alexanderson'. Aquele cujo filho foi raptado. Conheço-o.)

"Certamente. Tem a certeza de que ele não era judeu?"

"Agora que me pressiona, parece-me recordar que havia algo de judeu nele."

"Ele não tinha uma cifra própria?"

"Não exatamente uma cifra, mas ele mantinha os seus cadernos de notas numa estenografia de sua própria invenção. Eu tenho uma cópia da chave."

"A razão pela qual menciono isto é porque vejo um caderno de notas e vejo escrita em redor das margens de uma das páginas, e alguns dos caracteres tenho a certeza de que se assemelham à escrita judaica. Ele assina 'C.P.' Ele parece querer chamar a atenção para este caderno de notas, indicando que contém informação que pode ser valiosa em ligação com a Defesa Nacional. Ele insiste que sempre foi conhecido como 'C.P.' Está correto?"

"Sim."

"David significaria algo para si?"

"Não."

"Recebo agora o nome Roger ou Rodney. Isso significaria algo para si?"

"Não."

"Lamento, é tudo o que consigo obter." Ele recusou-se a aceitar qualquer pagamento.

No dia seguinte, tive uma sessão com a Sra. Mary Murphy Lydy (atualmente falecida). A senhora obtém as vozes dos espíritos em plena luz do dia! Suponho que não haja maior milagre no mundo de hoje. Qualquer homem de ciência que não esteja disposto a curvar a cabeça em humildade após ter sido testemunha disto, já não é um cientista, não, nem sequer um homem.

As minhas testemunhas foram: a Sra. Juliette Pressing, coeditora do *'The Psychic Observer'*, e a Sra. Grace Schafer, escritora, poeta e pintora. A sala estava tão bem iluminada como uma varanda solarenga; além disso, a médium encontrava-se sob uma lâmpada de 150 watts. Parecia ter cerca de sessenta e cinco anos na altura da nossa visita, caminhava coxa e, como tinha as pernas ligadas, imagino que sofresse de varizes.

Ficou de pé e apoiou o braço nas costas de uma cadeira de cozinha e, com o indicador e o polegar esquerdos, segurou a trombeta de alumínio pela extremidade larga. As vozes eram audíveis não apenas para quem estava sentado na sessão, mas para todos os presentes na sala. Isto parece inacreditável, mas é assim. A única outra médium que consegue produzir este fenómeno, que seja do meu conhecimento, é a Sra. Sophia Williams de Chicago, a médium que Hamlin Garland utilizou na sua busca pelas cruzes enterradas. O meu irmão surgiu em primeiro lugar. Pedi então por

Steinmetz e imediatamente uma voz anunciou que era ’C.P.’. Seguiu-se então a seguinte conversa:

"Tenho a ideia, Dr. Steinmetz, de que quando se materializou para mim no domingo à noite, a sua mensagem estava incompleta. Está correto?"

"Sim. Quero entrar em contacto com o meu próprio povo."

"Quero entrar em contacto com Arthur H. Compton, C-O-M-P-T-O-N." Este último foi soletrado de forma lenta, alta e deliberada.

"Tem alguma mensagem para ele?"

"Não. Diga-lhe que continuo a prosseguir o trabalho. Ele compreenderá." Foi tudo.

Foi então, e só então, que despertei subitamente para o significado das observações do Sr. Clark. O "David" era William David Coolidge e o "Rodney" era Willis Rodney Whitney, os meus próprios superiores no laboratório de investigação da *General Electric Company*. Eles eram conhecidos pelos seus íntimos, respetivamente, pelos seus segundos nomes. Steinmetz certamente teria chamado o Dr. Whitney de "Rodney" e o Dr. Coolidge de "David", tal como costumava chamar Alexanderson de "Alec".

O Dr. Whitney era, naquela altura, vice-presidente responsável pela investigação e o Dr. Coolidge era diretor do laboratório. Ele é mais conhecido pela sua invenção do ‘Tubo de Raios-X de Coolidge’. Ambos os homens estão agora reformados, tal como eu também estou reformado. O Dr. Arthur H. Compton, claro, é o famoso vencedor do Prémio Nobel, a autoridade em radiação cósmica, e esteve profundamente envolvido no desenvolvimento da bomba atómica. Nesta altura, ele era diretor do Laboratório Físico Ryerson na Universidade de Chicago.

Escrevi um relato completo das sessões precedentes ao Dr. Compton. Eis a sua resposta:

A Universidade de Chicago, Laboratório Físico Ryerson, 13 de outubro de 1941.

"Caro Sr. Wright: Obrigado pela sua carta de 28 de setembro relativamente ao Dr. Steinmetz. Na forma em que a mensagem chega, devo dizer que não me diz nada. No entanto, irei ver se é possível dar seguimento ao assunto por aqui. Se algo se desenvolver, avisá-lo-ei. Muito atenciosamente, Arthur H. Compton."

Esta carta significava para mim que, se a mensagem tivesse vindo noutra forma, poderia ter sido inteligível. Além disso, significava que o Dr. Compton estava em contacto com médiuns ou com um médium através do qual seria possível 'dar seguimento ao assunto' e, finalmente, demonstrava uma disposição para me dar a conhecer o resultado caso obtivesse alguma corroboração. Poucas semanas depois, o Dr. Compton deu uma palestra perante a equipa de investigação da *General Electric Company*. Aproximei-me dele após a palestra, apresentei-me e perguntei se tinha algo a relatar.

Ele confessou que tinha estado a ter sessões com a Sra. Sophia Williams, que tinha tentado agendar uma sessão com ela antes de vir para Schenectady, mas não tinha tido sucesso devido às suas atividades para o Conselho Nacional de Investigação de Defesa. Encontrei-me com ele novamente cerca de dois meses mais tarde no *Tudor Room* do *Hotel Commodore*, em Nova Iorque.

Nessa reunião, ele confessou-me os seus lamentos por, até à data, ter sido incapaz de ter mais sessões com a Sra. Williams pois, "Sr. Wright", disse ele, "não tenho a menor dúvida de que

Steinmetz regressou para nos ajudar no nosso trabalho de guerra." Palavras corajosas vindas de um homem eminente!

Poucos meses depois disto, estive presente numa sessão de Materialização em Nova Iorque, sendo a médium a Sra. Bertie Lilly Candler.

"Folha de Prata", o seu guia ameríndio, disse-me: "Gilbert, Edison e Steinmetz estão de pé atrás de ti. Sabes que vais fazer uma invenção em breve?" Respondi que ficava contente por ouvi-lo, pois esse era o meu ganha-pão, pensando que ela se referia ao meu trabalho regular.

Passei depois um tempo considerável no Museu de Schenectady a examinar o que restava dos cadernos de notas de Steinmetz. Descobri que a maior parte deles tinha sido vendida a colecionadores privados. Não vi nada que se assemelhasse ao desenho visto por clarividência pelo Sr. Jewett Clark.

Surgiu então no *"The New York Spiritualist Leader"* um artigo que me irritou bastante. Dizia o seguinte:

"Numa sessão de trombeta ontem à noite, sendo o médium Alexander de Chard, Edison manifestou-se e afirmou que continuava interessado num dispositivo para tornar possível a comunicação entre os dois mundos sem fazer uso de um instrumento vivo. Em vida, ele estivera interessado em tal possibilidade. Disse agora que tinha transmitido com sucesso as suas ideias na mente de Gilbert Wright, do Laboratório de Investigação da *General Electric Company*, que teria o dispositivo aperfeiçoado no prazo de três meses."

Escrevi imediatamente à Sra. Marge Hall, a editora, desmentindo que houvesse qualquer verdade na afirmação acima e pedi que o meu desmentido fosse tornado público. E assim foi. No entanto, mal a minha carta seguiu pelo correio, comecei a

questionar-me se teria sido inteiramente sincero. Eu não tinha estado a trabalhar num dispositivo desse género; de facto, por motivos filosóficos, sempre tinha considerado tal possibilidade como um disparate e que a busca por um meio físico de comunicação era uma procura sem esperança. Tinha, no entanto, escrito duas cartas sobre o assunto, uma à Sra. Gwendolyn Kelley Hack, a notável escritora, viajante e investigadora psíquica, autora de *"Psychic Mysteries at MllePimo Castle"* e *"Venetian Voices"*, e a outra ao Sr. Frank Hoge, dos Laboratórios de Investigação da *Bell Telephone*, nas quais eu dizia que os únicos pontos de partida viáveis eram, a meu ver, ou o Contador Geiger, que exigiria o controlo de apenas um eletrão, ou o Radiómetro de Crookes.

No verão seguinte, encontrava-me no Acampamento Espiritista de Ephrata, Pa., e tive uma sessão com Hugh Gordon Burroughs, o famoso médium de voz. Nessa sessão, Steinmetz anunciou-se:

Disse eu: "É precisamente o homem com quem eu queria falar. Provavelmente sabe que escrevi a Compton?"

"Sim."

"Embora tenha tentado diligentemente, não consigo encontrar os seus cadernos de notas. Tenho razões para acreditar que foram vendidos através de venda privada."

"Os cadernos de notas não são tão importantes agora. Pensamos que conseguimos transmitir o que queremos sem eles." Note-se o ’nos’.

"O Dr. Compton tem estado à espera de receber uma mensagem sua através daquela médium..."

"Em Chicago, quer dizer?"

"Sim, não me consigo lembrar do nome dela de momento."

"Nem eu. Isso é estranho." (A Sra. Sophia Williams, claro.)

"Falando em ‘transmitir ideias na mente’, fiquei muito aborrecido com aquela mensagem falsa que pretendia ter vindo através de de Chard em Nova Iorque, no sentido de que o Sr. Edison me tinha transmitido com sucesso a ideia para fazer uma invenção pela qual nós, no nosso plano, seríamos capazes de comunicar com o vosso sem o uso de um instrumento vivo."

"Meu caro Senhor, folgo em que mencione isso, pois essa não foi uma mensagem falsa! Proteste o quanto quiser, temos estado a transmitir ideias na sua mente há já algum tempo. O Sr. Edison está aqui agora e vai falar consigo."

"Aqui é o Sr. Edison. Tal como o Dr. Steinmetz disse, temos estado a transmitir ideias na sua mente há já algum tempo. Descobrimos que o senhor é o único homem na *General Electric Company* em cuja mente conseguimos influenciar." Aqui interrompi:

"Pensei que talvez o Gei..."

"O Contador Geiger..." (Ele tirou-me a palavra da boca). "Nós... pensámos nisso e também no radiómetro." (Eu não o tinha mencionado). "Temos outra ideia em mente agora..."

"Com o Contador Geiger poder-se-ia usar o código Morse."

"Não queremos o código Morse. Queremos um dispositivo como um altifalante que fique pendurado na parede."

"Como me posso preparar melhor para receber as suas instruções?"

"Não tentando; mas deve manter um lápis e um bloco de notas à cabeceira da sua cama."

"Mas voltando à mensagem de de Chard, foi prometido que teríamos o instrumento perante o público dentro de três meses."

"Subestimámos o tempo. Será mais para o final da guerra."

"Oh, Senhor! Isso significa dez anos!"

"Não, Senhor! Fora do registo oficial, a guerra não durará dez anos!"

— Mas, Sr. Edison, tem a certeza de que o senhor e o Dr. Steinmetz estarão a conceder um benefício à Humanidade com um instrumento desse género? Já temos o Inferno que baste por cá. Deus nos valha se todos os demónios do plano Astral romperem a barreira!

— Não romperão. Trate do seu lado. Nós trataremos do nosso.

(Este é o discurso típico de Edison).

Tive então uma sessão com o Sr. McBride Panton para clarividência. Não havia qualquer possibilidade de conluio com Burroughs, visto que Panton estava a almoçar noutro edifício enquanto a sessão com Burroughs decorria. Eliminei toda a matéria irrelevante.

"... Sou agora levado para o meio-oeste — para Chicago. Está lá alguém com quem o senhor está a tentar uma experiência (Compton?). Vejo uma placa com cerca de trinta centímetros quadrados. É cor de chocolate. (Selénio?). Sou agora levado para o mundo dos metais — Tungsténio? — Urânio? Sou travado no Urânio. (Alguma ligação com o contador Geiger?

O urânio é usado para demonstrar o efeito). Regresso novamente a Leste. Conheceria Edison e Steinmetz? (Não dou resposta.) Parece que eles, o senhor e este homem em Chicago estão a tentar uma experiência juntos. Vem-me à mente Hamlin Garland (Ele utilizou a faculdade mediúnica de Sophia Williams.)

Não consigo obter o nome deste homem (Compton?). Isto parece inacreditável, mas fico com a impressão de que todos vós estais a tentar inventar um dispositivo para tornar possível a comunicação com o outro lado sem fazer uso de uma pessoa como eu." (Notará que o terreno mudou. Recorde-se que a minha interpretação da visita de Steinmetz e das observações do Sr. Clark era a de que Steinmetz tinha regressado para nos ajudar nos nossos esforços de guerra. Esta foi também a interpretação de Compton. Steinmetz negou posteriormente, através de outra médium, que alguma vez tivesse mencionado a guerra.

Disse que, desde o seu primeiro contacto comigo, tinha em mente apenas a questão deste dispositivo. A interpretação do ‘esforço de guerra’ tinha surgido nas nossas próprias mentes. Isto mostra a importância de nos mantermos colados ao texto e de não deixarmos que a nossa imaginação nos domine. Foi a bandeira americana que me desorientou.)

"... Estou agora de volta a Steinmetz e Edison. Eles abandonaram a ideia do radiómetro. (Eu não tinha mencionado nada relativo a este assunto ao médium, e não seria de esperar que um psíquico estivesse familiarizado com tais matérias. De facto, toda a sessão esteve repleta de termos técnicos.) Abandonaram também a ideia do Contador Geiger.

Favorecem agora um método químico (eu sou químico). Segundo percebo, a comunicação ocorrerá enquanto a reação estiver a decorrer. Há aqui uma influência francesa e possivelmente um pouco de italiana, mas tenho de recuar muito no tempo." (Presumo que se trate de Basílio Valentim, o alquimista e meu guia.) "Estará Faraday envolvido nisto? Ele está vivo, não está?" "Não", respondi, "Faraday morreu em 1867."

"Porque haveria ele de estar nisto?", perguntou. "Bem", respondi, "se eu fosse Steinmetz e Edison, Faraday seria o primeiro homem a quem eu pediria assistência."

Houve alguma outra matéria que tratava das minhas relações com "Margery" Crandon, a quem eu conhecia bem, mas dado que não é relevante, deixo-a sem registo.

A sequência seguinte começa em setembro de 1942, quando me cruzo novamente com o caminho de Compton. Eu tinha adquirido um livro a Adrian Wynnoble, do *Psychic Book Center*, em Nova Iorque. Ao regressar a casa, encontrei inseridas entre as folhas algumas páginas de texto dactilografado com um aditamento manuscrito. Mas antes de passar a relatar o conteúdo, permita-me afirmar que continua a ser um mistério como essas páginas foram ali parar.

O proprietário, um homem de confiança, nega qualquer conhecimento delas, e apenas podemos assumir que um potencial cliente, ao folhear o conteúdo do livro, usou essas páginas como marcador e, inadvertidamente, as deixou esquecidas.

O texto dactilografado é o relato de como o Dr. Mark Richardson de Boston, amigo de uma vida inteira dos Crandon e participante nas sessões bissemanais no número 10 da *Lime Street* ao longo de um período de quase quinze anos, foi sobressaltado por repetidos golpes no seu apartamento na *Commonwealth Avenue*, na noite da morte de "Margery". Ele estava sozinho. Os batimentos eram mais fortes numa porta que dava para uma escada de incêndio, pela qual nenhum intruso se poderia eclipsar facilmente sem ser detetado.

Uma abertura súbita desta porta, após uma série de golpes, não revelou ninguém. O velho cavalheiro, que na altura rondava os oitenta anos (entretanto falecido), ficou tão assustado que manteve a luz acesa a noite inteira.

O Dr. Richardson era meu conhecido. Tinha-o conhecido cerca de dezassete anos antes em casa dos Crandon, mas raramente o vira durante o intervalo de tempo.

O documento prosseguia afirmando que, numa sessão com uma médium inglesa hospedada num hotel de Nova Iorque, "Margery" surgiu e confessou que tinha sido a responsável pelos batimentos, manifestando grande divertimento por ele, logo ele que tinha tantos anos de experiência na sala de sessões, se ter assustado com tais manifestações.

Foi tudo. O documento não estava assinado. Um ano mais tarde, consegui discutir o assunto com o Dr. Richardson. Ele não conseguiu lançar qualquer luz sobre o caso. O assunto dos batimentos e a sua relação com esta médium eram conhecidos apenas pela sua família direta. A caligrafia não lhe era familiar.

Tomei a iniciativa de escrever a esta médium, declarando que eu era um homem de longa experiência em assuntos psíquicos, que tinha conhecido bem tanto o Dr. como a Sra. Crandon e que ficaria altamente grato se ela me concedesse o privilégio de uma sessão.

Recebi uma resposta ligeiramente indignada, no sentido de que ela não era uma médium pública, não cobrava honorários, e trabalhava para um grupo sem cuja permissão nenhuma sessão poderia ser concedida. Perguntava ainda como eu tinha chegado a saber da sua existência, pois as suas atividades e as do grupo tinham sido mantidas em segredo.

Não respondi a esta carta. Pela minha parte, o incidente parecia encerrado. Passou cerca de uma semana e recebi outra carta dela.

(O Sr. Wright dá então pormenores biográficos relativos a esta médium inglesa, uma mulher culta com dotes artísticos.

Tinha sido trazida para este país por uma mulher americana rica, e encontrava-se sob contrato e sob uma supervisão bastante rígida por parte de um grupo de investigadores americanos, incluindo um físico famoso e um distinto psiquiatra e médico. Foi também observada por um psiquiatra da *Johns Hopkins*, o falecido Adolph Meyer, durante mais de seis semanas. Ele submeteu-a à máquina da verdade, ao eletroencefalograma, examinou a condutividade da sua pele, etc. ("Tudo isto me parece meras futilidades de doutoramento. Pilhas de relatórios dactilografados, com certeza, mas nada publicado", diz o Sr. Wright)).

Ela é predominantemente uma médium de transe e nada sabe de outras formas de mediunidade. Ficou horrorizada quando lhe contei algumas das minhas experiências e mostrou-se, francamente, bastante incrédula. Nunca tinha ouvido falar de ’voz direta’, ’aportes’ (*apports*), ’materializações’, ’escrita em ardósia’ e assim por diante.

Ela é maravilhosa do ponto de vista do fornecimento de provas de sobrevivência. Situa-se provavelmente na mesma classe da Sra. Gladys Osborne Leonard de Londres ou do nosso Arthur Ford. É excecionalmente boa em ’correspondências cruzadas’ e ’referências cruzadas’, mas é vastamente inferior ao vosso Mark Probert, conforme vim a saber mais tarde.

O meu contacto com esta médium é importante por duas coisas apenas. (1) Há fortes indícios de que os invisíveis desejavam aproximar-me de Compton e (2) Steinmetz é reportado por Kian Chu, o controle, como estando presente. Segue-se a nossa conversa:

Kian Chu: — Sabia que tem um ajudante alemão? J.G.E.W.: — Não.

Kian Chu: — Não gosta disso, pois não?

J.G.E.W.: — Não.

Kian Chu: — Não se deve sentir assim. Sabe quem ele é?

J.G.E.W.: — Troquei algumas palavras com o Barão von Schrenck-Notzing.

Kian Chu: — Não, não é ele. O nome dele começa por ’S’. É corcunda. É pequeno. Já tenho o nome, é Steinmetz. Faz escrita automática?

J.G.E.W.: — No. Já tentei, mas não tenho talento.

Kian Chu: — Devia ter. Tentou a escrita automática uma noite com o seu amigo Owen. (O Rev. Owen R. Washburn de Brattleboro, Vt.) (Correto! O facto de eu ter um amigo chamado Owen e de, na sua presença, ter tentado a escrita automática era desconhecido da médium.) — Este homem, Steinmetz, manifestou-se e escreveu para si. O senhor não acreditou (correto), mas o seu amigo Owen acreditou. Quero que diga ao seu amigo que o senhor estava enganado e ele, correto.

Tive agora uma sessão com Arthur Ford em Nova Iorque. Fletcher, o seu guia, relatando, diz: "Lodge está aqui e um homem corcunda. Ele é um ajudante, mas não um guia."

A sequência seguinte relaciona-se com o desenvolvimento ou, antes, com a ’descoberta’ da minha ’massa saltitona’. Esta foi amplamente divulgada na imprensa diária, na *’Life’* e no ecrã pela *’Pathé News’*.

O material é tão macio como a plasticina: mais macio, pois fluirá como melaço se for deixado em cima da mesa; mas se for moldado em bola e atirado ao chão, saltará como borracha, só que muito mais alto. Na verdade, o ressalto corresponde a 85% da distância a partir da qual é deixado cair. Adquire e retém facilmente uma forte carga estática e uma das variedades possui propriedades acústicas espantosas. Quando colocada perto do

ouvido e percutida, ressoa como um tambor. É interessante percuti-la com a unha enquanto se escuta com um estetoscópio. Um ligeiro toque soa como o golpe de uma marreta.

Ora, cientificamente, este comportamento significa que o material é muito sensível a vibrações de alta frequência. Reflete-as, ao passo que as baixas frequências são absorvidas. Os sons de percussão, isto é, os batimentos, são uma das formas mais fáceis que o mundo espiritual tem para comunicar connosco; daí o uso do pandeiro nos primórdios do movimento. Um batimento é mais audível numa peça de pergaminho esticada do que numa parede ou numa mesa, por exemplo.

Ocorreu-me que eu poderia projetar um instrumento muito sensível para batimentos de espíritos, utilizando a minha massa saltitona e outros recursos. Eu tinha um tambor índio. Propus-me pegar nele, colocar um pedaço de massa saltitona sobre o mesmo, espetar ali um palito verticalmente e ter a extremidade superior untada com tinta luminosa. Desta forma, um ’espírito batedor’, ao tocar no pergaminho, faria com que a vibração fosse transmitida à massa que, por sua vez, faria com que o fósforo luminoso oscilasse para a frente e para trás, tornando a vibração visível bem como audível para o observador.

Levei então para casa uma amostra da massa do laboratório, coloquei-a sobre o tambor e inseri o fósforo com a extremidade luminosa voltada para cima. Coloquei depois tudo perto da parede do meu quarto, onde costumava ouvir batimentos, e apaguei a luz. Não obtive quaisquer resultados, mas lá está, eu não sou um médium físico e tive dificuldade em manter o fósforo na posição vertical. Devia ter sido sustentado por um laço de arame.

Ora, uma semana antes disto, tinha notado na secção de livros do *"The New York Times"* uma crítica a um livro de um engenheiro e arquiteto intitulado: *"Our Invisible Friends"*. O

autor era um tal Maurice Allen, e era saudado como uma segunda Sra. Curran.

Atribuía-se-lhe a produção de escrita automática e dizia-se que o conteúdo rivalizava com Patience Worth. Diga-se de passagem que não rivaliza. Obtive o livro no *Psychic Book Center* e, francamente, fiquei desapontado. O autor possui dotes mediúnicos até certo ponto, mas é evidente que as mensagens são coloridas a partir de alguma fonte. Achei o livro de leitura enfadonha e ia a menos de meio quando a experiência acima descrita foi tentada. Nessa noite, ao deitar-me, estendi o braço a partir do livro. Este abriu-se em direção ao último quarto e deparei-me com esta passagem que pretendia provir de Thomas A. Edison:

"É necessária uma invenção... Um fogão, um maço envernizado, uma endalência, um pedaço de massa amalucada e um pau... Uma pequena porção de pergaminho."

Ora, este livro tinha saído inquestionavelmente das prensas antes de eu descobrir a minha ’massa saltitona’ e muito antes de esta ser apresentada ao público. Os meus colegas referem-se-lhe habitualmente como ’a massa louca’ ou ’a massa amalucada’, de tal modo as suas propriedades são paradoxais. O ’pau’ corresponde razoavelmente ao ’fósforo’.

Poder-se-ia hesitar um pouco em equiparar ‘um tambor de pergaminho’ a uma ‘pequena porção de pergaminho’, mas o escriba avisa-nos da existência de interferências. O ‘maço envernizado’ é, sem dúvida, um condensador. ’Fogão’ significa a aplicação de calor. ’Endalência’ não a conseguimos encontrar em nenhum dicionário, literário, médico ou técnico.

É difícil para mim acreditar que a mente possa comunicar com a mente a não ser por meio de um organismo vivo, apesar do facto, como vimos, de tanto Steinmetz como Edison terem dado a

entender que eu irei inventar, com a ajuda deles, precisamente um ‘médium mecânico’. Era para ter sido ’em três meses’ e depois ’mais para o final da guerra’, pelo que já está há muito fora de prazo.

Tive agora uma sessão com Goldie Guernsey em Schenectady. Edison anuncia-se. Pergunto se a passagem no livro de Maurice Allen era destinada aos meus olhos. Ele responde enfaticamente que sim e acrescenta que foi ele que me deu a ’massa saltitona’, quer eu saiba quer não! Pergunto-lhe a rir se ele quer o nome dele na patente com o meu. "Talvez, como os advogados de patentes, ele não acredite muito em patentes ‘divididas’, pois, de acordo com o direito de patentes, dois inventores não podem partilhar uma ideia entre si?" "Talvez devesse constar lá apenas o nome dele?"

Ele não responde a estas picardias. Pergunto-lhe então se a minha interpretação da mensagem de Maurice Allen está correta. "’Fogão’ significa a aplicação de calor?" "Significa." "Um ’maço envernizado’ é um condensador?" "É." "O que significa ‘endalência’?" "Significa a junção de extremidades — ’fim’ e ‘começo’." Suspeito aqui daquilo a que os psicólogos chamam associações por semelhança fonética. Goldie oferece evidentemente tanta interferência como o próprio Maurice Allen.

Talvez o ato de escrever isto ajude. Não acredito em telepatia nem em leitura de mentes. O pensamento é uma atividade da mente. É evocado a partir da mente e não lhe pode ser transmitido. Creio que isto é boa Filosofia. É bom Personalismo e Existencialismo, de qualquer forma. Toda a chamada evidência a favor da telepatia e do seu oposto, a leitura de mentes, pode ser explicada em termos de clarissapiência. Depois de contar um milhão e meio de cartas, Rhine está a começar a ceder. Salientei-lhe há uns anos que as suas experiências não provavam a telepatia. Os espíritos concordam, segundo constato.

O famoso guia de Ray Burns, o Dr. Aylesworth, tem dito frequentemente: ‘Não pretendemos ser leitores de mentes.’ Os espíritos só podem julgar o que se passa nas nossas mentes pelo que dizemos, pelo que fazemos ou pelo que escrevemos. Portanto, esta plena expressão dos meus pensamentos pode ser útil a Steinmetz ou a Edison, se algum deles estiver a olhar por cima do meu ombro.

Vou depois a Ephrata com o Mons. L. A. Huguemont. Numa sessão privada com Bertha Eckroad, Steinmetz manifesta-se, e do mesmo modo numa sessão privada com Elizabeth Fabian. Em nenhuma das sessões é dito algo de significativo, mas são feitas referências veladas ao ’dispositivo’. Depois, numa sessão com Edith Greene, estando presentes Grace Schafer, o Dr. Julien Ortiz e L. A. Huguemont, Edison manifesta-se e Steinmetz é reportado como estando presente. Edison refere-se espontaneamente à ’massa saltitona’ e diz que esta deve ser usada.

Temos agora uma aventura.

O Sr. Huguemont e eu estamos a caminhar juntos pelo recinto. Ouvimos uma voz atrás de nós:

— Estão ali o Sr. Wright e o Mons. Huguemont agora!

Voltamo-nos. Um homem baixo e esquivo, com olhos brilhantes e inteligentes, aproximava-se de nós.

— Os senhores são o Sr. Wright e o Sr. Huguemont?

— Eu sou o Sr. Wright e este é o Sr. Huguemont —, respondi. Ele pareceu sem saber o que dizer a seguir e depois...

(O recém-chegado apresentou-se, explicou que vinha justamente de uma sessão com o Sr. Ford, onde lhe tinha sido dito que o Sr. Wright e o Sr. Huguemont estavam no recinto e que ele os devia encontrar. O Sr. Wright assegurou-lhe que ele e o Sr. Huguemont eram pessoas responsáveis ao serviço da *General*

Electric. O recém-chegado prosseguiu então dizendo "de forma um pouco envergonhada":)

— Achará difícil de acreditar nisto, mas durante o último ano tenho estado em contacto com Steinmetz, que tem estado a transmitir-me a ideia com vista a desenvolver um dispositivo pelo qual possamos comunicar com o mundo espiritual sem fazer uso de um instrumento vivo.

— Não fico nem um pouco surpreendido —, respondi. — Ele anda atrás de mim com o mesmo objetivo em vista há sete anos; Edison também. Sentemo-nos e contar-lhe-ei a minha história em primeiro lugar. — Esbocei então brevemente o conteúdo das páginas precedentes, enfatizando o papel que a minha ’massa saltitona’ supostamente deveria desempenhar.

— Meu Deus! ’Massa saltitona’! —, disse o recém-chegado, que se tinha apresentado como Harry C. Gardner, um inspetor na fábrica de Elmira, N.Y., da *The Remington-Rand Company*. — Quando me estava a preparar para vir para fora, o meu filho embrulhou uma camisa extra para mim num jornal. Quando a enfiei na minha mala, notei um artigo que me saltou à vista. Dizia: "BORRACHA DE SILICONE E MASSA SALTITONA". Rasguei-o e meti-o no bolso lateral. Pareceu-me que poderia interessar-me. Aqui está ele. Ainda não o li.

O Sr. Gardner passou depois a explicar como tinha construído uma ‘caixa de som’ que poderia ser usada para dispensar a trombeta nas sessões habituais de trombeta. Era uma caixa com cerca de dezoito centímetros por dezoito, por trinta e cinco, forrada com material insonorizado, tendo um orifício num dos lados suficientemente grande para permitir a passagem de um cabo de vassoura e um microfone num canto afastado.

O microfone estava ligado a um ’altifalante’ que poderia ser colocado noutra sala a alguma distância. A ‘caixa de som’ era

colocada perto do médium na sala escura e ligada ao ‘altifalante’ numa plataforma no auditório. As vozes dos participantes na sessão podiam ser ouvidas, mas não claramente, ao passo que as vozes dos espíritos eram altas, claras e bem articuladas, mostrando que a laringe ectoplásmica se tinha formado e estava a funcionar dentro da caixa.

Tive de tirar as ilusões ao Sr. Gardner quanto à originalidade da ideia. Um dispositivo desse género foi construído há muitos anos pelo Dr. B. K. Thorogood, diretor do *The Franklin Technical Institute*, em Boston, para provar a natureza independente da voz de ’Walter’ na mediunidade de ’Margery’. A caixa de Thorogood, contudo, era muito mais elaborada e isenta da objeção óbvia que seria levantada por todos os céticos, a saber, o orifício no lado.

A caixa de Thorogood consistia numa caixa soldada a cobre, de cerca de 30 x 30 centímetros, onde era colocado o microfone. Dez centímetros sólidos de enchimento insonorizado envolviam esta caixa, que por sua vez era colocada numa caixa de aço soldado. Seguiam-se outros vinte ou vinte e cinco centímetros de material insonorizado e, como revestimento exterior, uma caixa de madeira.

Abria-se como um cofre-forte, isto é, as superfícies contíguas da caixa e da porta eram entalhadas como o é um cofre-forte. O conjunto assemelhava-se a um caixote de embalagem com cerca de 90 x 90 x 90 centímetros e pesava 150 libras. É impensável que qualquer som pudesse penetrar da sala para a câmara do microfone; mas, pondo de parte as conjeturas, a experiência foi tentada. Por mais alto que se gritasse, nenhum som saía do altifalante três pisos abaixo, ao passo que, na presença de ’Margery’, a voz de ‘Walter’ era perfeitamente audível. Como penetrava o ectoplasma até ao microfone? Apenas podemos supor que se infiltrava entre as superfícies contíguas da porta e da caixa.

A caixa, já agora, estava trancada por uma fechadura Yale durante a experiência; a chave, no bolso de Thorogood.

O Sr. Gardner explicou que Steinmetz parecia estar ciente das imperfeições do projeto atual, mas tinha dado a entender que 'isto era apenas um começo'; mais estava para vir.

Como eu partia no dia seguinte, combinámos uma sessão logo de manhã com Ernest Holden. Nessa sessão, Edison manifestou-se e Steinmetz foi reportado como estando presente. Edison deu a entender que deveríamos trabalhar juntos, eu fornecendo o conhecimento químico e Gardner o mecânico e elétrico, e foi feita uma afirmação de que a massa saltitona deveria ser usada. Na altura, não tínhamos a menor ideia de que maneira ela deveria ser utilizada.

Gardner e eu encontrámo-nos pouco depois em Nova Iorque para uma sessão memorável com Mary Olson. O meu guia, Basílio Valentim, manifestou-se e disse que estava a assistir Steinmetz e Edison. Steinmetz manifestou-se e disse que certamente a massa saltitona deveria ser usada. Perguntei se o facto de ela adquirir e reter uma forte carga elétrica era importante. Ele respondeu afirmativamente e acrescentou que 'eles necessitam absolutamente dessa carga elétrica'. Disse que estavam a ter dificuldades em encontrar um 'revestimento' adequado. Isto era intrigante, mas senti o impulso de fazer a seguinte declaração.

Disse que tinha descoberto que, se impregnasse gaze com o material, este não escorria. — Sim —, disse Steinmetz —, vi-o fazer a experiência. Muito inteligente. Mas a gaze não é exatamente o ideal. — Isto, contudo, deu-me uma pista. Ele repetiu que a massa saltitona deveria ser usada e que iria influenciar a minha mente. Edison manifestou-se a seguir e, dirigindo-se ao Sr. Gardner, disse: — Acho que lhe poderá

interessar ver o desenho técnico do dispositivo em que eu estava a trabalhar antes de passar para este lado. — Ambos exclamámos que nada nos daria mais prazer; mas onde, no mundo, haveríamos de o encontrar?

— Poderá tentar com Ralph Fascht (isto foi soletrado) do número 165 da *Pinehurst Avenue*, em Nova Iorque, ou com Bill Gunther da *Consolidated Edison Company*. Os escritórios dele ficam no *Empire State Building*. Incidentalmente, ele está interessado em Fotografia Espiritual, ou talvez, o melhor de tudo, com Edith Ellis, no número 152 da *West 58th Street*. — Nunca soube de indicações tão específicas dadas através de mediunidade. A Sra. Gwendolyn Hack, que estava presente, fez as notas.

Levei a Sra. Hack a almoçar e Gardner telefonou a Edith Ellis. Ela disse que estava a analisar uma peça com um ator-empresário, que estaria prestes a sair, mas que lhe concederia três minutos. Na verdade, quando se encontraram, ela concedeu-lhe três quartos de hora.

O Sr. Gardner descobriu que ela era uma mulher muito idosa. Não se fica com essa impressão pela sua fotografia na capa dos livros de Wilfrid Brandon. Ela explicou que não sabia muito sobre Espiritualismo e que conhecia poucos espiritistas, sendo o Espiritualismo uma atividade secundária para si; o seu verdadeiro trabalho era a escrita de peças e de argumentos cinematográficos.

Uma ou duas vezes durante a conversa, ela entrou em transe e o seu controle, Wilfrid Brandon, assumiu o comando. Ela ou Wilfrid, por vezes é difícil dizer qual dos dois, disse ao Sr. Gardner que ele estava interessado na Maçonaria e que pensava em juntar-se à ordem (correto) e que o faria em breve. Quando ele a trouxe, finalmente, ao propósito da sua visita, ela admitiu que sabia tudo sobre o desenho de Edison. "Não era um desenho

técnico", mas disse que estava na posse do Comandante Wÿnne, de Brooklyn. "Ele não se devia preocupar.

Ela conseguiria o desenho para ele." Harry deixou-a com a convicção de que ela era perfeitamente sincera e de que tinha toda a intenção de lhe conseguir o desenho, mas, como ele me disse: "Gilbert, uma coisa é fazer uma promessa dessas e outra bem diferente é cumpri-la. Que garantia temos de que o Comandante o vá entregar?" Passaram-se meses e ele não teve notícias de Edith Ellis, até que recebeu uma carta a pedir desculpa pelo seu silêncio, o qual fora causado pela morte do marido e pela resolução dos seus assuntos. Ela anexou uma carta de apresentação para o Comandante Wÿnne com um pedido para que este entregasse o desenho a Harry C. Gardner. O Sr. Gardner foi a Brooklyn e viu o Comandante, que lhe entregou o desenho ou, mais corretamente, um decalque, visto que o original se tinha perdido.

Assim, o Sr. Gardner e eu estamos agora na posse daquele que é, possivelmente, o único desenho existente da ideia de Edison. Digo isto com confiança, pois estou agora em contacto com a Menina Mary Childs Nerney, a quem foi atribuída pelos executores do património de Edison a tarefa de selecionar os bens de Edison com vista à publicação de um livro sobre o trabalho do inventor no reino do psíquico. Será uma escolha para 'Livro Científico do Mês'. Aparentemente, as suas notas eram escassas e, até ao momento, ela não encontrou qualquer referência ao desenho em questão.

Agora, o historial. Pouco depois da morte de Edison, formou-se uma sociedade para investigar coisas ocultas do ponto de vista físico. Chamaram-se a si próprios: *The Society for Etheric Research* (A Sociedade para a Investigação Etérica) e foi constituída sob as leis de Delaware. Os membros originais foram: Comandante Wÿnne. Ralph Fash (não Fascht, como soletrado por

Edison. Ele faleceu há algum tempo; um facto aparentemente desconhecido por Edison). Bill Gunther e Edith Ellis. Ela já era psíquica nessa altura!

Eles não chegaram a lado nenhum. O dispositivo de Edison não funcionou. Consiste numa caixa cúbica na qual é colocado um microfone. No topo da caixa há um orifício do qual se eleva uma trombeta de alumínio. As dimensões da caixa são 10 x 10 x 10 centímetros e a trombeta tem cerca de 45 centímetros de altura. A extremidade larga tem um plugue de madeira inserido e uma antena desce pelo meio do plugue até metade da trombeta. O exterior da trombeta e a antena estão ligados a dois terminais respetivos do microfone. A trombeta está cheia de permanganato de potássio, quer em solução quer em forma de cristais não é especificado. É claro o que Edison tinha em mente.

A parede de alumínio e o fio interior formam os polos opostos de uma bateria ou célula primária — sendo o permanganato de potássio um forte agente oxidante e constitui o eletrólito. As imaginadas ondas etéricas que deveriam acionar o microfone seriam assim amplificadas pela ação eletrolítica da bateria. "Portanto, a comunicação estaria a ocorrer enquanto a reação estivesse a decorrer." Recorde-se a observação de Panton. Pareceria ser um eco do que esteve outrora na mente do inventor. Oh, estes registos Akáshicos! Note-se também que, na sessão com Olson, Basílio Valentim diz que está a ajudar. Panton diz: "Há agora uma influência estrangeira, francesa e talvez um pouco de italiana, mas tenho de recuar muito." Basílio Valentim floresceu por volta de 1260, tanto quanto sabemos, e os seus primeiros livros foram publicados em francês.

Fala o Comandante Wÿnne: — Embora o dispositivo de Edison não tenha funcionado, aqui está algo que funcionou! — E entregou ao Sr. Gardner uma patente original belga, escrita em francês e concedida a um rapaz belga de quinze anos chamado

Henri E.G.B. Vandermeulen. O Sr. Gardner não sabe francês e agora talvez possamos ver por que razão o Mons. Huguemont foi atraído para isto, bem como eu. Segue-se a tradução do M. Huguemont:

A Sra. Hack tem uma sessão solene com Mary Olson. Steinmetz manifesta-se e pede-lhe para me dizer que continuam preocupados com o ’revestimento’.

Entretanto, o Sr. Gardner, em Elmira, Williamsport e noutros locais, tem sessões com médiuns privados e públicos, e são feitas ’referências cruzadas’ ao ’revestimento’.

Tenho uma sessão de voz com Dorothy Maxwell em Freeville, N.Y. Edison manifesta-se e refere-se novamente ao ’revestimento’, mas não diz nada de construtivo. Tenho a sensação de que ele está à minha espera. Os espíritos não parecem capazes de tomar a iniciativa. Fiquei muito impressionado com uma observação feita pelo Dr. Aylesworth, o guia de Ray Burns, da última vez que estive em Ephrata.

— Lembre-se —, disse ele, — o nosso pensamento é condicionado pelo seu. — Entendo isto no sentido de que eles não podem construir exceto sobre fundações lançadas por nós. Se fizermos algum pensamento original, então eles podem ajudar-nos, mas se nos recusarmos a pensar, eles nada podem fazer a esse respeito. Talvez a relação seja semelhante à da flor e da raiz. Há uma interdependência mútua. A flor não pode florescer a menos que a raiz forneça fósforo, mas se a raiz fizer a sua parte, a flor pode transmitir a energia que recebe do sol.

Seja como for, por esta altura, ’por diversão’, introduzi pó de ferro finamente reduzido na massa saltitona. Desta forma, obtive um composto que (1) era magnético, (2) adquiria e retinha uma poderosa carga estática e (3) continuava a manter as suas

propriedades acústicas excecionais. A médium nada sabia sobre isto.

O Sr. Gardner e eu temos uma sessão com três médiuns em Albany, N.Y. — Margaret Lewis, Elizabeth Fabian e Bernard Rodin, estando os dois primeiros em transe. Steinmetz manifesta-se e menciona novamente a massa saltitona, mas parece um pouco deprimido porque não consegue pensar em qual deve ser o passo seguinte.

Tenho uma sessão com Margaret Lewis a sós, na qual ele se mostra um pouco mais esperançoso.

O Sr. Leon Huguemont e eu temos uma sessão de materialização com Arthur Taylor em Albany. A primeira forma materializada é a de Steinmetz. Ele fala com volubilidade sobre a massa e mostra-se entusiasta. Embora não diga nada de definido, parece estar 'no bom caminho'. Não o ajudo a sair do impasse.

O Sr. Gardner e eu temos uma sessão com Margaret Lewis. Finalmente Steinmetz sabe o que quer! Sou instruído a adicionar ao composto tanto ferro finamente reduzido quanto este suporte, para o tornar magnético sem sacrificar nenhuma das propriedades acústicas ou a capacidade de adquirir e reter uma carga estática! Devemos revestir todo o interior da caixa com ele. Surge então a questão de como vamos evitar que o topo e os lados escorram para o fundo. Que tipo de 'revestimento' devemos usar? Finalmente o segredo é revelado! Sugiro a minha velha gaze, fixando-a aqui e ali com tacha de estofador.

Mas Steinmetz parece pensar que deveríamos usar gaze fina de cobre. Somos então instruídos, mais à frente, a envolver toda a caixa com tecido de vidro. Eu sei para que serve isso. O ectoplasma não consegue passar através do vidro, portanto o vidro é usado para evitar a dissipação da energia enquanto esta se está a concentrar numa laringe dentro da caixa. Um bocal de telefone

deve ser inserido no orifício para fornecer orientação para o pseudópode à medida que este emerge do plexo solar do médium. O tecido de vidro deve ser amarrado com cordel, como se amarra um embrulho.

No encontro seguinte com Margaret estamos preparados, mas apenas em parte. Temos a massa saltitona preenchida com ferro no fundo e colocamos alguma no topo, mas os lados estão despidos, exceto por uma camada de feltro. A caixa está envolvida por tecido de vidro e o bocal está no lugar. Gritamos para o bocal, sussurramos ou assobiamos. Nada, absolutamente nada sai do altifalante. Margaret tenta, Leon tenta, e um Sr. Louis Rask — um engenheiro cético da *General Electric* — tenta; não vale a pena; o altifalante está 'morto'.

Temos então uma sessão. A caixa é colocada em frente de Margaret. Ela não tem trombeta. O seu guia, o Dr. Cushman, fala connosco; Steinmetz manifesta-se e expressa a sua satisfação; a minha esposa vem e muitos outros. Rask fica muito impressionado.

No dia seguinte, sendo domingo, decidimos usá-la no serviço de culto da noite. Margaret sentou-se no gabinete, nas traseiras do salão, com a caixa de som numa pequena mesa à sua frente, ao nível do plexo solar. O altifalante estava na plataforma à vista de todos e com luz total. Sendo as cortinas do gabinete de um material preto fino, admitiam alguma luz da sala. Ela não tinha trombeta e partilhava o espaço confinado com um membro cético da assistência. A experiência foi repetida com Elizabeth Fabian como médium. Em ambos os casos, foram dadas mensagens e ouvidas pela assistência e, num dos casos, uma mulher disse ter recebido uma mensagem particularmente verídica. O Dr. Cushman, o Dr. Steinmetz e a minha esposa manifestaram-se. A 'Emily' de Elizabeth foi particularmente convincente. Não estará

na altura de acabar com a conversa tola a respeito de Jimmy Laughton!

A nossa experiência seguinte, cerca de um mês mais tarde, foi de certa forma mais impressionante; por outro lado, menos. O Sr. Gardner não tinha executado, por falta de tempo, as sugestões de Steinmetz nem as minhas. Os lados interiores continuavam a ser de feltro, mas ele tinha impregnado o material com massa saltitona. O resultado foi que a massa saltitona tinha perdido as suas propriedades acústicas.

Quando falávamos para o bocal, as nossas vozes eram até certo ponto audíveis no altifalante — um pouco distorcidas, mas ainda audíveis. A sessão realizou-se no quarto da casa de Margaret Lewis: número 55 da *State Road*, Rensselaer, N.Y. O Sr. Gardner sentou-se na sala escurecida sozinho com Margaret e sem trombeta. Iona Brandt, a médium de materialização, e eu sentámo-nos na sala ao lado com o altifalante sobre uma mesa à nossa frente, com luz total.

Steinmetz manifestou-se com o seu discurso e modos característicos. Colocámos depois Margaret numa cadeira, a meio caminho dentro do armário da roupa. À frente dela colocámos a caixa apoiada numa pequena mesa circular, daquelas que se usam para plantas. À volta do seu pescoço enrolámos um pano preto e estendemo-lo sobre a caixa. Ela estava agora sentada como um homem numa cadeira de barbeiro à espera de um corte de cabelo. O altifalante estava sobre o toucador. Tínhamos uma luz vermelha suficientemente brilhante para que o seu rosto ficasse bem visível.

Nós os três sentámo-nos na cama virados para ela. Margaret entrou em transe e imediatamente Steinmetz falou connosco a partir do altifalante. Foi seguido pela minha esposa, Naomi, pela filha da médium, Norma, pela filha do Sr. Gardner, pelo Dr. Cushman e por mais dois. Os discursos foram curtos e não

particularmente informativos, mas eram todos marcadamente diferentes. A voz de Steinmetz era indubitavelmente a dele. Posso dizer isto com convicção. As vozes da ’caixa de som’ são muito mais características dos seus donos do que tudo o que Margaret consegue alcançar com a sua trombeta.

O passo seguinte estava claramente indicado. Devemos trabalhar no sentido de que Margaret ou qualquer outro médium de voz se possa sentar atrás da secretária da plataforma onde repousa a ’caixa de som’ com luz total. O altifalante pode ser colocado em qualquer lugar. Um pano preto será estendido sobre os ombros do médium e sobre a caixa. Mas dir-me-á: "Para quê toda esta parafernália? Mary Murphy Lydy conseguia produzir a ‘voz direta’ às claras. Sophia Williams consegue com a ajuda de um amplificador; Jack Kelly também. Fez muito pouco progresso para tanto alarido." Isso é verdade. Estou apenas demasiado dolorosamente consciente disso. A história deste caso é típica. Vezes sem conta, durante o século passado, um inventor assegura-nos de que, com a ajuda de espíritos bem conhecidos, vai projetar uma máquina para comunicação com o mundo espiritual. Ele apresenta todo o tipo de provas semelhantes às anteriores. Vai ser alcançado ‘daqui a uns meses’ ou ’mesmo no próximo ano’.

O trabalho experimental segue um curso semelhante ao meu. Despende-se muito tempo e dinheiro, mas nada é alcançado. Passaram mais dois anos, mas nada mais foi realizado. Há dois verões, no Acampamento Espiritista de Freeville, Steinmetz, através de Arthur Ford, diz: "Foi tão longe quanto é provável que vá com a ’caixa de som’. Soltou um Frankenstein. A menos que o mundo seja espiritualizado, será destruído." Ocasionalmente, continua a aparecer uma cenoura à frente do meu nariz.

Em dezembro de 1947, recebo uma carta de um desconhecido. É um tal Joseph O. Johnson e é supervisor de caso do Departamento de Educação Vocacional e de Adultos do Estado

do Wisconsin. Diz-me que teve uma sessão com Goldie Guernsey, na qual Steinmetz se manifestou e preferiu alguns conselhos sobre a construção de alguns dos seus dispositivos protéticos, nomeadamente membros artificiais. O meu nome e endereço são fornecidos e dizem-lhe que sou o inventor da ‘massa saltitona’. "Ele deve escrever-me e obter amostras. O material deve ser colocado entre as articulações." Esta é uma excelente ideia, já agora. Deve dar ao paciente mais controlo sobre o dispositivo. Movimentos rápidos levariam todas as partes articuladas consigo como se fossem um único membro; relaxando, elas cairiam no lugar. Respondo ao Sr. Johnson e forneço amostras, mas não tive mais notícias.

Outra cenoura! Tenho agora uma ’cera saltitona’, pelo que um ’revestimento’ já não é necessário.

Apesar do facto de Steinmetz, comunicando através de Ford, declarar o seu desinteresse no dispositivo, ele continua a encorajar Gardner através de outros médiuns. Nada de progressivo, contudo, surgiu nos últimos dois anos.

Talvez o meu ceticismo inerente seja o obstáculo. Nunca fui capaz de aceitar a ideia de que os vários planos acima do nosso não passam de atenuações sucessivas e que o eletrão no sétimo plano não passa do fantasma do fantasma do fantasma do fantasma do fantasma do fantasma da partícula que dispara através dos nossos tubos de vácuo.

Ainda assim, os espíritos continuam a dizer-nos que um dispositivo puramente físico para comunicação está mesmo a chegar e será um *fait accompli* dentro de pouco tempo, e confesso ter ficado muito impressionado com uma afirmação feita recentemente por N. Meade Layne, diretor do grupo de San Diego, de que ’uma das suas teorias favoritas era a de que a matéria era contínua através os vários planos’! Sendo assim, de

volta vêm os meus fantasmas do eletrão. Tenho demasiado respeito pelo Sr. Meade Layne para me rir. Ele pode ter razão. Tenho de deixar o assunto, de qualquer forma, para os homens mais jovens.

Tenho agora 66 anos e estou reformado. Não tenho instalações de laboratório. Confio que, quando conseguirmos o dispositivo mecânico, este se venha a revelar uma bênção, mas *"A hae ma doots"* (tenho as minhas dúvidas). Simplesmente não consigo imaginar o lar do futuro com um aparelho de televisão e rádio e um super-rádio para o plano Astral. Talvez Aldous Huxley pudesse fazer algo com a ideia. Em todo o caso, não sou tão intolerante que não gostasse de ver o Sr. Meade Layne perguntar aos controles de Mark Probert o que pensam de Steinmetz, de Edison e da massa saltitona.

J. Gilbert E. Wright

Nota de Vários dos controles de Mark Probert afirmaram que a comunicação por instrumentos de Meade Layne significava a criação de um médium mecânico; que tal aparelho deve reproduzir os mecanismos subtis e complexos, os produtos químicos, as forças e os 'comprimentos de onda' emanados pelo complexo mente-corpo do médium vivo. Eles acreditam que esta tarefa é quase impossível e, além disso, veem pouco sentido nela, visto que temos o 'aparelho' pronto a usar no próprio médium. É verdade que eles defendem a continuidade da matéria ao longo dos vários planos, mas isto não equivale a dizer que se possa construir uma ponte de éter mecânica ou química que faça o trabalho da entidade humana psicofísica. Além disso, a maioria dos comunicantes que se expressaram sobre isto acredita que o cético determinado, que se recusa a lidar com a abundante evidência que temos agora à mão, ficará igualmente impressionado com qualquer tipo de aparelho.

E se o que nos interessa é o conhecimento do lado astral, eles dizem-nos que podemos aprender no nosso próprio plano tudo o que é conhecido pelos invisíveis, se tão-somente aprendermos a controlar a consciência, a praticar a meditação e assim por diante — o que não me parece ser muito boa lógica ou senso comum. Mas noto que o cientista e matemático Harry Laverne Twining, membro do grupo de San Diego e recentemente falecido, continua interessado no problema (a julgar pelas suas 'comunicações') e parece acreditar que este pode ser resolvido. — Mas há muitos ângulos nesta questão.

O espetro do som, por exemplo, é considerado pelos comunicantes como sendo contínuo, tal como o da luz. Os sons deixam de ser audíveis, mas podem ser captados nos níveis astral e etérico, se desejado; e o som astral, o 'som do pensamento', pode até passar para um gravador de som, desde que haja um médium presente (onde reside a rasteira).

É com muito agrado que apresentamos esta investigação académica e minuciosa do Sr. Wright. Uma parte não pequena do seu valor reside na perspetiva que nos dá sobre o interesse ativo e sério demonstrado por, pelo menos, alguns cientistas e técnicos ilustres pelos problemas psíquicos e espiritistas, juntamente com o seu reconhecimento da mediunidade como um fenómeno genuíno e factual. É provável que, se a verdade fosse conhecida, esta aceitação (de variadas formas e graus) se revelasse muito mais ampla do que vulgarmente se crê.

Devemos lembrar-nos de que o cientista que vira a sua atenção para tais assuntos não tem absolutamente nada a ganhar, e muitas vezes muito a perder, ao dar a conhecer os seus interesses. A "Ciência", claro, não sendo uma pessoa, não tem absolutamente nada a 'dizer' sobre o espiritualismo ou a mediunidade, e nenhuma pessoa ou instituição individual tem o direito de agir

como porta-voz de dezenas de milhares de mentes com formação científica.

Tudo o que realmente temos são as opiniões pessoais e ocasionais de indivíduos; e estas correm tanto a favor como contra em toda a parte, num grande número de problemas de toda a espécie. Se o peso residir nos números, qualquer iniciado nos estudos psíquicos sabe que longas listas de nomes podem ser compiladas a partir do mundo das ciências, em apoio a todos os fenómenos do espiritualismo e da explicação espiritista dos mesmos. O argumento não é particularmente valioso, já que cada erro clamoroso da humanidade, nas ciências e noutros campos, teve um apoio generalizado e impressionante. E a ’prova’, se faz favor, é uma palavra proteica, ou uma palavra-omnibus ou palavra-valise; nove em cada dez vezes, mesmo na matemática e na lógica, pode-se empacotar numa mala dessas precisamente aquilo que pessoalmente se prefere carregar connosco.

APÊNDICE

A LUZ VIAJARÁ DE VERDADE?

EM QUE SENTIDO SE DEVERÁ ENTENDER A SUA PROPAGAÇÃO?

Mark Probert

…Prof. Luntz: (Q. A nossa física atual combina o movimento ondulatório com o antigo movimento molecular.)

Nós dizemos que a luz não viaja, mas que certas partículas mudam as suas taxas de movimento em certos momentos, e estas mudanças criam uma taxa vibratória que causa aquilo a que só posso chamar um reflexo. Não sei se me faço entender?

(Q. A luz é um estado contínuo nos éteres? Resposta: Sim, é.)

(Q. O que é a escuridão, então? Resposta: Um estado diferente de movimento molecular. Sim, coexistindo com a luz.)

(Q. E a ideia de dia e noite é meramente psicológica?)

É. Suponhamos que há uma molécula aqui — num momento a sua vibração é baixa; não cria luz. Depois, através da libertação de uma espécie de radiação, produz o que se chama calor. Existem dois tipos de calor — o branco e o preto.

(Q. Faz isso por si mesma, ou é controlada por outra coisa?)

Meu senhor, se eu tivesse um cérebro físico, ele rebentaria com essa pergunta. Receio que teria de dedicar algum pensamento ponderado a isso e conferenciar com o 'Círculo Interno'. Eu próprio não estou inteiramente seguro disso…

* * *

"Como podem pessoas de outros planetas com condições diferentes transferir-se para este planeta e ainda manifestar-se?"

"Por esses seres não serem provenientes dos planetas em si, mas serem seres espaciais. Essas aparentes engenhocas em que voam não são como muitos supõem. Elas não são de substância construída à mão, mas são construções mentais e depois teletransportadas — teletransportadas através do espaço. Parece, quando elas entram na atmosfera terrestre que eles ssejam de substância tridimensional, e é claro que elas devem aparecer dessa maneira para que vocês as vejam. Mas vocês acham que há algum material conhecido que pudesse suportar os atos que essas coisas mostram? Certamente que não. Mas eles são do mundo do éter e movem-se não apenas para a atmosfera da Terra, mas atravessam galáxias inteiras, e aparentemente no tempo.

“Mas se vocês pudessem segui-los do seu ponto original no espaço para outro, descobririam que eles são mais rápidos do que a luz. Diz-se que qualquer pessoa que se mova com a velocidade

da luz tenderia a tornar-se luz. Não creio que isso seja muito inteligente, porque as coisas são luz. Podemos chamar-lhes ‘luz congelada’. Esta mesa sobre a qual vou pressionar os ossos cansados aqui do rapaz — é luz. Se não fosse vocês não poderiam vê-la. Vocês podem dizer que é " luz refletida," e eu perguntar-lhes-ia o que é que está a refletir luz? Eu acredito que você estudou física? O que é luz refletida?

"Como uma bola a saltar no chão? Partículas de luz sobre a mesa?"

"Algumas dessas partículas de luz disparam e outras são absorvidas?"

"O que é que salta delas?"

"Você gostaria de tomar o meu lugar?" perguntou o Prof. Luntz, Mas a luz não viaja, entende. Esta é aparentemente uma afirmação diferente. O que é que se desloca?"

"É uma condição produzido pelo golpe de uma nota na substância éter?"

"Não há movimento real, mas assemelha-se bastante a partículas em mudança de vibração de cima a baixo que cria o que é luz, ninguém vê luz — tudo o que se vê é parte da ação da luz. Vejamos o sol e chegar o mais perto que pudermos, e fingir que estamos nos nossos corpos mentais em vez deste pedaço de cemento que nos prende à terra. À medida que nos aproximamos dele, veremos que ele não lança nenhuma luz.

Parecerá a uma distância grande, que correntes de luz saiam disparadas para o espaço, às vezes a milhões de quilómetros de distância. Bem, diz-se que o fogo deve lançar uma luz, mas o sol é algo que não está a queimar. Não há nada nesse corpo que esteja a queimar, nada. Trata-se, no entanto, de partículas num

determinado plano de movimento — frequências de movimento mais elevadas — taxas de vibração mais elevadas."

"Por que parecerá que se propaga?"

"Porque as partículas de que o sol é feito estão a mover-se a uma velocidade tão grande que causam excitação do éter. As partículas no que vocês chamam de espaço. Agora temos o chamado vácuo existente entre o Sol e a Terra, mas o que é um vácuo? Vocês veriam algo sem matéria nele? Pode parecer que sim, mas tudo o que aconteceu foi que o material mais grosseiro foi removido. A matéria que compõe os diferentes éteres ainda está muito presente. Ela é animada e, por sua vez, segue em frente até que a excitação atinja a atmosfera terrestre. Pelo menos essa é a imagem que colho disso. É o que me parece."

"O que chamamos de sol é o efeito das vibrações da terra a encontrar-se com com as do sol? Como uma lâmpada de arco onde eles se encontram? O positivo e o negativo?"

"Os vossos cientistas tiveram algo disso para descobrir. Algumas ideias e teorias. No passado, a terra era plana e todos se davam bem na terra plana. Levantavam-se pela manhã e iam para casa à noite do mesmo modo que agora. Durante milhares de anos — até agora.

“E naqueles tempos em que Galileu tentou mostrar àqueles belíssimos cavalheiros algo no seu pequeno copo mágico — o seu vidro do diabo conforme lhe chamavam — aqueles grandes mentes não olhariam através do seu vidro porque não queriam passar por mentirosos."

"Voltando às naves aliegínenas ou discos voadores — o senhor aqui que no domingo comentou sobre o seu estado de consciência — ele falou com o Mark e com o grupo e eu ouvi-o

fazer a afirmação de que os discos voadores têm uma suástica neles. Que tal isso?"

"E que o honrado Schicklegruber ainda está a viver na terra e ainda está a enviar esses discos voadores? Suponho que Hitler tenha sido o criador da suástica, não? É o mais antigo dos símbolos e Hitler estudou alguns dos ensinamentos internos, mas não tinha a mente equilibrada para o acompanhar e usou os seus poderes para se glorificar."

"A suástica dele foi invertida pelo que deveria ser má, não?" perguntou alguém.

"Mas esse senhor afirmou que era uma suástica destra e que toda a humanidade iria ver que Hitler era a segunda vinda de Cristo."

"Mas, e esse disco voador com a suástica? Há alguma verdade nisso?"

"Certamente," disse o Prof. Luntz, e se observado a qualquer momento, vocês descobrirão que eles têm uma leitura simbólica. Esse símbolo remonta aos tempos antigos. Todas as religiões, quando começaram, eram fontes de sabedoria e não tinham templos. Elas tiveram origem do extremo Oriente e, ao cruzarem o mundo, foram contaminadas pelos sacerdotes.

Neste caso, ganharam musgo de sacerdote — uma substância muito pegajosa na maioria dos casos, e não se destinava a render-se, nem se prestava à oração ou veneração em enormes templos e igrejas. Não era para os sacerdotes engordarem. Hoje, a maioria deles degenerou terrivelmente, e é por isso que agora estamos à procura da verdade, que eles ensinaram há tantos milhares de anos. Se tivermos a coragem e a tenacidade, penso que encontraremos o que queremos. Ajam de acordo com a necessidade do momento e tudo sairá pelo melhor."

* * *

CORA RICHMOND

"(...) Consequentemente, o mais diminuto átomo que permeia os universos, os elementos mais grosseiros nos solos ou combinações de solos, contêm em si os três elementos, vida, movimento e calor, e consequentemente os próprios elementos da própria Luz. Portanto, os mundos, depois de terem ocorrido os períodos de formação que produzem os requisitos da luz, devem primeiro existir como vida, depois como movimento, depois como calor, depois como eletricidade, antes que a função da luz possa existir perfeita, desenvolvida, e eles se tornem corpos luminosos separados e distintos.

"Os vários graus de atmosfera que os cercam e os diversos solos que existem na vossa terra, todas as manifestações da Natureza externa, devem ser o efeito de a vossa terra ser um corpo luminoso; deve ser o efeito dessa luminosidade; e a luz que vocês recebem como proveniente do sol deve ser o efeito da luminosidade, da eletricidade, do calor, do movimento e da vida que existem na vossa terra. A eletricidade, que é positiva e distinta em si mesma, pode ser comparada ao sol; e o contato, a reflexão, os processos de combinação desses dois elementos, produzem o que vocês chamam de dia, e a ausência dessa combinação cria o que vocês denominam de noite, quando uma porção da vossa terra é afastada do sol na sua revolução.

"Para ilustrarmos ainda mais esta ideia a respeito de a luz ser o resultado dessas três combinações de que falamos, afirmaremos que toda planta sofre primeiro os processos de decomposição, que são o resultado de um movimento sutil — que é o mesmo trabalho de que falamos como sendo realizado pelo Deus do Universo externo. Movimento e calor são produzidos e atraídos por isso;

depois a eletricidade, que é um meio, um meio de transporte, de disparar em direção à luz; então é suscetível de receber a luz.

"Até então, se você arrancassem o solo que cobre a planta, a fim de obter uma visão da maneira como essas funções realizam os seus objetivos finais, vocês a destruiriam e não a aperfeiçoariam; e quer vocês coloquem uma semente no solo, quer, através de meios artificiais, vocês acelerem as operações da Natureza, vocês sempre descobrirão que ela absorve certas essências antes que a planta seja capaz de atrair a si os raios de luz necessários para a sustentação e o aperfeiçoamento dos seus poderes individuais.

"Portanto, se isto for verdade no que diz respeito às plantas, podemos levá-los de volta através de todas as operações da Natureza, até às combinações de solos e minerais; através dos processos de combinações atmosféricas, unidos com a sua própria vida, movimento e calor intrínsecos; e estes, entrando em contato com a eletricidade, produzem a primeira tendência para a luz. Sendo o primeiro, pode desenvolver-se de maneira indistinta, mas ainda assim é luminoso. E simplesmente por a eletricidade se ter tornado um meio através das três combinações que a precederam; e o que se deve seguir de forma legítima como resultado é a luz.

"É-nos solicitado, também, nesta questão, que expressemos as nossas ideias sobre se a luz viaja. Respondemos que a luz, enquanto princípio e em resultado do calor, do movimento, da vida e da eletricidade, não viaja; pois cada átomo criado contém dentro de si os elementos da luz. Não é essencial que a luz viaje, pois sempre que qualquer partícula de matéria tiver passado pelos processos primitivos de desenvolvimento e refinamento, os elementos de luz nos átomos contíguos devem ser transmitidos uns aos outros, e só nesse sentido podem ser considerados como meio de propagação.

“Portanto, quando vocês dizem que a luz do Sol viaja até os diversos planetas que o rodeiam, vocês falam incorretamente, pelo seguinte facto: que a luz do Sol não viaja por forma alguma, mas que a substância luminosa, ou propriedades da luz sendo mais poderosos no sol, em consequência desse centro, refletem-se sobre átomos que contêm propriedades semelhantes, sobre atmosferas que circundam a vossa terra, e assim a luz é refletida e refratada. Diz-se também que a luz viaja em ângulos, por raios, o que consideramos não ser o caso.

“A aparência manifesta-se por tal forma devido ao facto de vocês não terem meios de obter ideias corretas sobre o assunto através dos vossos atuais processos científicos; mas a luz é circular ou espiral na sua formação. Todos os átomos se transformam em glóbulos, em resultado natural do movimento intrínseco que existe neles. Consequentemente, pode ser verdade e é correto afirmar aqui, no que diz respeito aos corpos que se geram a si mesmos, que pelo próprio facto de que os átomos ou princípios dos quais eles são compostos serem igualmente compostos de calor, movimento e vida, e a combinação dessas qualidades produzir sóis, mundos, e estrelas, quando essas qualidades atingirem o seu máximo, nada mais poderá ser adicionado ou retirado no que diz respeito ao volume, mas a purificação, a sublimação, a aplicação desses princípios mudará os graus de luz e os graus de perfeição, pelo que diz respeito ao globo.

“Por que, então, os cometas são luminosos, e por que as terras, os mundos e os sistemas são luminosos a uma distância tão grande do luminar central? Em proporção à densidade e magnitude da estrela, assim será o seu poder de reflexão. Consequentemente, aqueles que estão mais próximos e de maior dimensão refletem mais luz do que aqueles mais distantes e de

formação menos perfeita, pelo facto de conterem mais elementos ou combinações dos quais a luz é a função legítima.

"A vossa Terra, no seu período atual em que possui um satélite, a Lua, vocês dizem que se a luz é o resultado do movimento, da vida e da eletricidade, por que a Lua não distribui calor tão bem quanto luz? A lua surge como um objeto da vossa atmosfera, separada, é verdade, no que diz respeito à sua forma; mas essa combinação de movimento e calor com a eletricidade que não era necessária ou não poderia ser absorvida pela vossa terra, acha-se contida na lua; sendo o vosso corpo maior, absorve o calor e evita que ele liberte qualquer calor.

"Outros planetas que possuam mais satélites, maiores e mais perfeitos na sua formação, devem necessariamente ser planetas mais antigos e mais perfeitos, e, consequentemente, criar para si sistemas existentes por si só, que giram em torno deles, subservientes a eles, e que se tornam para eles como o vosso sistema solar para com o sistema em torno do qual vocês giram, e deve suster a mesma relação de dependência, no que diz respeito aos seus satélites, que existe entre vocês e a lua. Com toda a probabilidade, vocês não emitem luz ao sol, mas estão cientes de que estão em dívida para com o sol por ele ter sido trazido à superfície. Assim, se vocês não estão a emitir nenhum sustento ao sol, na mesma medida os satélites que giram em torno, em vez de emitirem, devem depender de vós para o seu sustento...

"A luz não viaja; está estacionária. Esta luz prevalece na atmosfera desta sala; os efeitos são visíveis ao vosso redor. Cada átomo nesta sala é iluminado por ela. Se a luz viajasse, todo poste, todo assento, todo banco seria tão iluminados de um lado como do outro; esse seria o caso se vocês não dependessem da atmosfera e das suas combinações. A luz não viaja por trás desses pilares. Porquê? Porque as substâncias mais grosseiras que os compõem separam as qualidades atmosféricas necessárias à

produção de luz e produzem, por assim dizer, um vácuo. Existe um certo grau de luz, porém, não a mesma intensidade.

Não diremos que haja escuridão por imperar uma medida menor de luz. A escuridão mais densa, aquela que se expande como um objeto vivo e em movimento diante da vossa visão, que vocês quase podem compreender, não é uma ausência total de luz. Existe uma atmosfera luminosa, algo que contém os elementos da vida, calor, movimento e eletricidade, e uma combinação adequada produzirá luz que seja visível aos vossos olhos.

"Afirmamos que a luz não viaja e pensamos ter ilustrado claramente as razões que nos assistem para acreditarmos nisso. Mas é habitual que astrónomos e filósofos digam que a luz de um planeta deste tipo deva viajar a uma velocidade tal para nos alcançar num determinado momento; e se uma estrela fosse, neste momento, apagada da existência, seria necessário um certo tempo para que a luz fosse excluída da nossa visão.

"Se vocês dependessem da luz desse planeta, haviam de perceber uma vaga instantânea; mas é o reflexo que o transporta de volta ao período de tempo necessário para que aquela luz chegasse até vós. O que será? Não é o planeta; não é a luz, mas o calor, o movimento, a atmosfera, tudo o que existe entre vós e esse planeta.

Da mesma forma que leva um certo tempo, uma fração de segundo, a que os objetos se imprimam na retina, também leva um certo tempo, a vigésima ou a milionésima parte de segundo, para qualquer objeto que contenha os elementos da luz, para transmitir essa luz, e um certo período de tempo para que essa luz se extinga.

Consequentemente, todos na criação são em si mesmo luminosos na medida em que não dependem da luz de outro corpo, exceto como meio de comunicação. E na medida em que

de facto não existem elementos iguais entre si, nem propriedades que contenham as mesmas combinações, então essas combinações existentes aperfeiçoam-se, na forma de luz."

In: *"LUZ"*.

* * *

MATÉRIA CORROBORATIVA

HERBERT NASON

"O SOL. - Vamos agora deixar o cometa, ou mundo infantil, seguir o seu caminho, e esforçar-nos por por corrigir algumas ideias erróneas que são mantidas por algumas das crianças mais sábias da Terra. Afirma-se que o Sol é um globo de fogo, cuja temperatura é tão grande que irradia um calor vivificante até o planeta mais distante pertencente à sua família, sendo esse planeta Netuno, conforme se supõe; mas há ainda um outro além de Netuno, que não foi descoberto, e que não o será até que os vossos telescópios sejam muito melhorados.

"Ora, o calor, ou o fogo, acha-se tanto sujeito ao controlo da lei quanto qualquer outro elemento; portanto, o estudante que fizer um estudo calórico poderá, através de um simples cálculo, provar que um globo do tamanho do Sol não poderia ser aquecido o suficiente para transmitir uma fração de calor a Saturno ou Urano, muito menos Netuno e o planeta além dele.

"Vocês perguntarão, pois: "O que é que produzirá o calor, se o sol não é uma bola de fogo?" Nós respondemos, dizendo que o calor não é uma causa; é um efeito. A causa é o movimento ou atrito, e é o atrito dos átomos dos quais a luz é composta sobre os

átomos na vossa atmosfera que gera calor na superfície da vossa terra.

"Vocês têm duas teorias da luz: a *atómica* e a *onda*. Ambas estão corretas. A luz é composta de matéria atenuada e viaja por ondas; a vossa atmosfera é igualmente composta, em grande parte por átomos; portanto, quando essas ondas de átomos colidem com a atmosfera, isso resulta no atrito e, em seguida, no calor. Se a vossa atmosfera estiver em estado de relativo repouso, ou estiver muito calma, o calor será maior, porque a atmosfera em estado de repouso oferece mais resistência às ondas de luz do que quando é movida por ventos fortes, que defletem parcialmente as ondas de luz.

"O sol é fortemente elétrico e magnético, tem uma atmosfera luminosa a muitos milhares de quilómetros de profundidade, como os vossos astrónomos bem sabem. Mas é um globo habitável, povoado de seres humanos tão adiantados em relação aos habitantes da Terra que não tentaremos fazer qualquer comparação comparação. Basta dizer que o que é verdade com respeito ao sol virá a ser verdade em relação à Terra nos tempos que virão.

"Mais uma vez, arriscamo-nos a dizer que, se o Sol fosse o corpo intensamente quente como os vossos astrónomos dizem que é, teria sido consumido, queimado, há milhões de anos -- facto que é reconhecido por alguns cientistas que se esforçam por compensá-lo assumindo que cometas e meteoros estão constantemente a cair nele, e assim a manter o fogo, pois eles sabem que sem um milagre, de acordo com o sentido teológico do termo, ele (o sol) poderia existir por apenas um breve tempo.

"Mas os cometas jamais caem no sol, pois essa não é a sua missão. Os meteoros fazem-no ocasionalmente, pois ocasionalmente caem na superfície da Terra, mas não com o

propósito suposto. Dos meteoros teremos mais a dizer mais adiante.

"São poucas as pessoas que desconhecem o facto de que, quanto mais se aproxima de um corpo aquecido mais o calor será sentido, pois essa é uma lei inabalável, uma lei da qual jamais se anula. Ora, se o sol é um corpo de fogo, a mesma lei deve valer no seu caso como dos outros corpos aquecidos; mas o contrário é que acontece, como é sabido no caso dos balonistas e alpinistas. O aeronauta que subir até a altura de três milhas, num dia muito quente, achará a temperatura desconfortavelmente fria, e se atingir a altura de cinco milhas, corre o risco de congelar.

"O alpinista, que deixa a planície ou vale abaixo revestido de relva e flores e a aproveitar o sol de verão, encontra neve e gelo a uma altura de cerca de doze mil pés, tendo a vegetação desaparecido quase por completo. Um pouco mais alto, neve perpétua e gelo cobrem os flancos da montanha; e mesmo nos trópicos o inverno reina perpetuamente nas montanhas mais altas, o que não poderia ser o caso se o sol fosse um globo de fogo, a menos que a irradiação de calor desse globo estivesse sob o controlo de uma lei diferente daquela que a experiência provou na vossa terra.

"Quando vocês considerarem a volocidade com que a luz viaja (quase duzentos mil quilómetros por segundo), vocês poderão facilmente imaginar a quantidade de atrito que seria causada e o calor gerado quando os seus átomos colidem com os átomos na vossa atmosfera, que tem cerca de cem milhas de espessura ou profundidade, mas se torna cada vez mais fina, ou cada vez menos densa, quanto mais distante estiver da crosta terrestre.

"Quanto mais fina ou rarefeita for a atmosfera, menor é a resistência oferecida às ondas de luz à medida que impulsionam

os átomos, o que explica facilmente o frio extremo experimentado numa escalada a certas alturas.

"Mais uma vez, podemos mencionar que, se fosse possível ao homem no corpo passar para a borda externa da sua atmosfera, ou um pouco além dela, ele não veria nenhum sol, nenhuma lua, nenhuma estrela; tudo seria escuro* -- o próprio degrume das trevas; e porquê? Porque os átomos de que são compostos os raios ou ondas de luz são fortemente magnéticos e elétricos, que produzem ou desenvolvem luz apenas quando encontram resistência.

"Que o estudante da natureza, com estas simples ilustrações e proposições diante dele, tente conciliar a ideia de que o sol é uma fornalha capaz de irradiar calor, em todas as direções, a biliões de quilómetros, e veja se as suas faculdades de raciocínio não se rebelarão.

"Os cientistas terão de tomar um novo ponto de partida, e abandonar velhas e despojadas teorias, pois enquanto não o fizerem não descobrirão a VERDADE."

In: 'MYSTERIES OF PRE-HISTORIC AGES' – 1880

**(Nota do Editor: Esta passagem suscita uma questão que por um lado poderia corroborar as incongruências verificadas nas filmagens na lua, pelos astronautas, que nos mostram uma ausência de estrelas visíveis; por outro lado levanta a dúvida quanto ao facto do telescópio situado no espaço conseguir ver e fotografar estrelas e constelações. Parece uma incongruência, a menos que aceitemos, como Luntz diz, que o aparente vácuo ainda é composto de átomos na forma de onda.)*